



Prove que me deseja,  
~~Mate-me~~ de prazer

# REND A-SE ~~Ao~~ KILLER BOY

Larissy M



Larissy M.

Essa é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, personagens, lugares ou fatos terá sido uma mera coincidência.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sobre quaisquer meios existentes sem prévia autorização da autora.

2ª edição – 2023

**Revisão:** Gramaticalizando – Assessoria Literária

**Ilustrações:** Carlos Miguel (primeiro beijo) e Helen Silva (cena da lavanderia)

# Sumário

[Capítulo 01](#)  
[Capítulo 02](#)  
[Capítulo 03](#)  
[Capítulo 04](#)  
[Capítulo 05](#)  
[Capítulo 06](#)  
[Capítulo 07](#)  
[Capítulo 08](#)  
[Capítulo 09](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)  
[Capítulo 25](#)  
[Capítulo 26](#)  
[Capítulo 27](#)  
[Capítulo 28](#)  
[Capítulo 29](#)  
[Capítulo 30](#)  
[Capítulo 31](#)  
[Capítulo 32](#)  
[Capítulo 33](#)  
[Capítulo 34](#)  
[Capítulo 35](#)  
[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Epílogo](#)

## SINOPSE

Cansada de se sentir protegida e de ser tratada como uma criança, Tiana Walton decide ir para uma faculdade distante de sua casa e de sua amorosa família. A jovem quer mostrar que cresceu, que pode se virar sozinha, no entanto, seu mundo se torna sombrio quando ela atrai a atenção de Jason Herris, um estudante recém-chegado que acabou de sair da prisão. Jason é sombrio, cruel e parece determinado a persegui-la.

Conforme Ana luta para escapar das garras de Jason e impressionar seus pais, sua curiosidade sobre o passado enigmático dele a consome cada vez mais.

Porém, tudo muda quando em uma viagem acadêmica, eles acabam perdidos em uma ilha, o que os força a lidar um com o outro em meio ao desconhecido. Jason é confrontado com a difícil missão de se manter longe de sua nova obsessão, mesmo que isso signifique partir o coração de Ana.

Ela será a chave que irá ajudá-lo a superar o pesadelo do seu passado escuro?

A única chave que fará seu coração bater novamente?

## Nota Da Autora

Oi, chuchuzinhas!

*Renda-se ao Killer Boy* é o livro que dá sequência à vida de uma das filhas de Lilly e Calebe, protagonistas de *Renda-se ao Bad Boy*, e foca na história de Tiana Walton. Embora a trama se desenrole no mesmo universo, você pode ler este livro sem ter lido o anterior. Porém, personagens do primeiro livro farão aparições, e você só entenderá quem são eles, lendo o primeiro livro.

Apesar de ser um Dark Romance, a jornada romântica dos personagens principais neste livro não será tão brutal quanto no anterior. No entanto, esteja alerta para os gatilhos, que são muitos.

Lembre-se de que tudo isso é ficção e que, em alguns capítulos, pode haver elementos e lugares imaginados (posso ter viajado um pouco), afinal, qual seria a graça de não poder escrever o que minha imaginação manda? Apenas relaxem e preparem-se para uma leitura envolvente, que fará você rir, chorar e usar bastante os dedos...

Se você gostar da história, não esqueça de avaliá-la e compartilhar sua opinião sincera sobre o que achou, pois isso é importante para mim.

Por último, siga-me nas redes sociais, para ficar por dentro de todas as novidades que virão.

**Instagram:** @autoralaryym

**Boa leitura** ☺



**POR FAVOR, NÃO PULE ESSA PÁGINA!**

Se esse é seu primeiro Dark Romance, não esqueça de pesquisar sobre o assunto antes de mergulhar de cabeça nesse mundo sombrio. Lembre-se, sua saúde mental é mais importante que sua curiosidade!

ESSE LIVRO CONTÉM GATILHOS QUE PODEM GERAR DESCONFORTO, NÃO LEIA SE FOR SENSÍVEL. NÃO INDICADO PARA MENORES DE 18 ANOS!

**GATILHOS:** violência física explícita, menções de estupro contra crianças, sexo com consentimento duvidoso, menções de incesto, chantagem, palavras de baixo calão e sexo explícito.

*Aos que nunca imaginaram que a escuridão pudesse habitar um coração. Descubra os labirintos da alma humana, onde o culpado pode ser vítima e o assassino pode ser herói. Que este romance os leve a questionar o inquestionável e a entender o inimaginável.*

*Preparem-se para se render a um homem que juraram jamais compreender.*





*“Ele é um vilão pelas leis do diabo*

*Ele é um assassino só por diversão*

*Ele é um dedo-duro e imprevisível*

*Ele não tem consciência, ele não tem nada. Ele é um cara mau com um coração podre. Pondo a razão de lado, não posso negar, eu amo aquele cara.”*

***Criminal – Britney Spears***

# Capítulo 01

*Tiana Walton*

Agacho-me entre os arbustos, e mesmo sentindo os galhos grudarem no grande moleto preto, tento fazer o mínimo de barulho possível. Sinto gotas de suor se formarem em minha testa enquanto ouço passos ecoarem pelas folhas secas no chão.

— Onde está você, pequena ladra? — Uma voz grave surge perto de mim, e me deito no chão, rastejando para trás de um pinheiro, devagar e silenciosamente, como uma cobra traiçoeira. — Eu sei que você está aqui em algum lugar... Posso sentir o cheiro do seu medo. — A voz continua a falar baixo, porém firme.

*Tenho certeza que pode.*

Um sorriso se forma em meus lábios enquanto lentamente me ergo e encosto na árvore, ajustando meus óculos sobre o nariz. Mas basta esse pequeno gesto, e um grito alto escapa de minha boca quando alguém segura meu tornozelo com força, fazendo-me cair no chão com tudo. Meus óculos voam para longe.

Droga.

— Achei você, ladrazinha! — Vejo o homem alto subir em minha direção, pronto para me atacar. Porém, rapidamente me impulsiono e o chuto para longe.

— Que bom, já estava ficando entediada de esperar... — Sorrio, levantando-me rapidamente. Ele avança de novo, e mesmo com tudo embaçado, devido à falta dos meus óculos, consigo esquivar-me de um novo golpe. — Parece que errou aí! — Pigarreio, zombando dele.

O homem rosna impaciente e a adrenalina percorre meu corpo. O sol se pondo no final da tarde só torna tudo ainda melhor. Fecho meus punhos e avanço para atacar meu oponente, mas ele segura minhas mãos com firmeza.

Ele poderia ter socado meu estômago, mas, em vez disso, me puxa para junto de seu corpo, deixando-me de costas para ele, enquanto aplica uma chave de pescoço não muito forte.

— Pelo amor de Deus, seus reflexos continuam uma merda! — Ele sorri próximo ao meu ouvido.

— Eu tinha tudo sob controle, só perdi os óculos... — tento justificar quando ele finalmente me solta e começa a me inspecionar.

— Claro que tinha. — Desliza os dedos pelo meu pescoço, notando um pequeno arranhão que, provavelmente, foi causado pela queda, e vejo a culpa refletir em seus olhos.

— Estou bem, tio Caion, é apenas um arranhão — digo, procurando tranquilizá-lo.

É sempre assim. Caion é meu padrinho, o primo favorito do meu pai, e o único que pode me ajudar no que desejo.

Quando eu tinha doze anos, pedi ao meu avô que pagasse aulas de luta para mim, pois

sempre tive vontade de aprender, mas meus pais jamais deixaram. A paranoia deles, de que eu quebraria uma perna ou o pescoço, me impedia de lutar. Meu avô tentou convencê-los que seria uma boa ideia, no entanto, eles não deram o braço a torcer.

Passei anos tentando praticar sozinha, mas era inútil. Então, tive que apelar para a única pessoa que não diria não se eu fizesse um pequeno drama sobre ser meu sonho e que eu só queria me proteger. Prometi que, se ele me treinasse em segredo, continuaria sendo meu tio preferido.

*Nada melhor do que a boa chantagem.*

— Merda, seu pai vai me cozinhar vivo! — resmunga tio Caion, caminhando entre as folhas. Ele pega meus óculos do chão e os entrega para mim. — Tem que aprender a se virar sem os óculos, Ana. Pensei que estaria com as lentes, se eu soubesse que não estava, não teria te dado uma rasteira.

Eu esqueci de colocá-las, estava com pressa para sair de casa.

— Assim como não quis me dar um soco no estômago? — Arqueio a sobrancelha, ajeitando meus óculos, vendo com mais clareza o homem bonito à minha frente.

Tio Caion tem seus quarenta e poucos anos, mas é um quarentão dos bonitos. Tia Layla, a mulher dele, é uma puta sortuda.

Sei que ele poderia ter me atingido com o golpe, faz parte do treinamento, mas ele insiste em continuar me ensinando apenas o básico do básico.

— Ainda não está pronta para isso. — Ele cruza os braços, mantendo os olhos fixos no arranhão em meu pescoço.

— Não estou pronta ou você que não quer me ensinar de verdade? Qual é, eu não quebro!

— Mas seus pais quebram, e vão quebrar minha cara se você não estiver inteira. Droga, onde eu estava com a cabeça?! Deixei-me ser manipulado por uma pirralha com olhos brilhantes e carinha de anjo. Eu sou uma fraude! — murmura, passando por mim, e sem parar ou olhar para trás, continua: — E devolva meu moletom antes do dia acabar, sua ladrazinha!

Reprimo uma risada e envolvo os braços ao redor do moletom que peguei com a tia Layla horas atrás, no intuito de fazê-lo vir até mim, mas logo volto a ficar séria.

Ele me deixou sozinha aqui novamente, sem me ensinar nada de produtivo. Respiro fundo e arrumo minha trança única, tentando tirar as folhas secas do meu cabelo.

*Tudo bem, Tiana Walton, tudo bem.*

Entro na grande casa do meu padrinho, vendo-o sair da sala com um celular na orelha, enquanto tia Layla brinca com o pequeno Nando, de cinco anos, no chão. Observo os dois com mais atenção. Nando tem os cabelos ruivos claros da mãe, mas claramente os olhos negros são dos Walton.

Aproximo-me deles, sentando de pernas cruzadas no chão e pegando uma peça de Lego para entregar na mão do pequeno Nando.

— Como foi? — tia Layla pergunta gentilmente.

— O de sempre. Tem sido o mesmo de sempre há quatro meses, é frustrante! — revelo, mostrando minha chateação.

— Ele só está preocupado e...

— Tudo bem, todos estão, não é mesmo? Afinal, tenho pessoas para cuidar de mim. — Não a deixo terminar. Dou um sorriso amargo enquanto coloco as mãos para trás.

— Não foi isso que eu quis dizer...

Ela parece... magoada?

— Desculpa, tia... — Ela não tem culpa de todos serem superprotetores. Na verdade, só estou bastante frustrada hoje.

— Tudo bem, lindinha.

Dou um sorriso simpático para ela, querendo dizer que eu sou tudo, menos “lindinha”. Deixo esse papel para as minhas irmãs. Ou minha mãe, que é a mulher mais linda que já conheci na vida.

Saio dos meus pensamentos ao ver o tio Caion voltando para a sala.

— Ana, você sabe que dia é hoje, não é? — ele pergunta com as mãos na cintura.

— Eu deveria? — questiono, tentando manter o tom divertido, e ele permanece me encarando seriamente.

— Você não falou com seus pais outra vez que vinha aqui, não é?

Meu sorriso desaparece ao lembrar na mesma hora do que eu estou realmente fugindo.

— Droga...

Num pulo, levanto-me, dou um beijo em Nando, me despeço de tia Layla e passo por meu tio. Beijo sua bochecha tão rapidamente que ele nem percebe quando começo a correr para fora.

— Ele mandou um motorista! — tio Caion grita atrás de mim.

— Eu vim de bicicleta! Não preciso de um motorista! — berro de volta, sabendo que ele deve estar querendo realmente me socar agora.

— Ei, pirralha, você está levando o meu casaco favorito! — O ignoro, correndo mais rápido até o muro onde minha bicicleta está encostada.

Meu pai acabará com ele por não me obrigar a entrar no carro do nosso motorista particular. O grande Calebe Walton é o melhor pai do mundo, sem dúvidas, mas prioriza a segurança acima de tudo, o que chega a ser insuportável às vezes. Eu não entendo o porquê dele ser tão superprotetor assim.

Pego minha bicicleta roxa com cestinha e monto nela, ignorando Rullios, o motorista, que está parado na frente da casa do meu padrinho, me esperando, olhando para mim com cara de quem vai levar uma grande bronca. Por um momento, até sinto pena dele, mas logo passa, pois sei que mamãe não deixará papai brigar com ele por isso.

Pedalo rapidamente, sentindo as primeiras gotas de chuva em minha cabeça, que logo começa a engrossar. Acelero mais, ignorando o carro de Rullios atrás de mim.

*É óbvio que ele me seguiria.*

Concentro-me na rua, limpando as gotas de chuva vez ou outra das lentes dos meus óculos.

Essa noite terá uma grande festa que eu nem queria, então fugi de casa para pensar melhor sobre meu futuro depois de hoje.

*Afinal, o que nos espera após os dezoito anos?*

## Capítulo 02

*Tiana Walton*

Paro em frente à grande casa toda branca, com dois coqueiros na frente, que mamãe obrigou papai a plantar anos atrás. Respiro fundo, desço da bicicleta e a empurro para os fundos, ainda sentindo a chuva em minha cabeça.

Deixo a bicicleta em um canto e, silenciosamente, tiro meus tênis molhados. Entro pela porta dos fundos na ponta dos pés. Alguns funcionários passam com caixas, comidas e bebidas a todo vapor. Devagar, entro na sala, e imediatamente sinto uma pontada no estômago ao ouvir a voz do meu pai. Rapidamente, me lanço na parede mais próxima que encontro, encostando-me nela.

— Leo, o que foi? — meu pai pergunta com a voz firme, mas preocupada ao mesmo tempo.

Inclino um pouco a cabeça, espreitando-o, e vejo meu pai de costas para mim, a poucos metros de distância, encarando meu irmão caçula, com os braços cruzados. Observo as suas costas largas sob o terno cinza que veste, notando claramente as tatuagens estampadas nas costas das mãos. Ele deve ter acabado de chegar do trabalho.

— Eu só não quero ir, tá legal? — o garoto com espinhas pontuando sua bonita pele um pouco mais clara que a da mamãe e cabelos encaracolados bem definidos, resmunga, sem olhar diretamente para o nosso pai.

Leo é o que menos se parece com o papai em termos de aparência, no entanto, eles são muito parecidos quando o assunto é ser fechado com pessoas que não são da família.

— Ah, mas você vai sim, garoto! Não pode passar o verão trancado no seu quarto como se não tivesse família! Sua mãe quer que você vá nessa viagem, e você irá! — papai diz com firmeza.

O garoto revira os olhos discretamente, virando-se para mim, flagrando-me escondida, e vejo sua sobrancelha arquear de forma sarcástica.

*Droga!*

Coloco um dedo nos lábios, pedindo silêncio, enquanto corro, molhada, pelas escadas, subindo os degraus às pressas. Ao passar pelo quarto das gêmeas, ouço uma música vindo de lá. *K-pop*.

Reviro os olhos, fazendo uma careta, e sigo para o fundo do corredor, ignorando a trilha de lama que minhas roupas estão deixando pela casa. Finalmente alcanço a porta do meu quarto, e a abro rapidamente, lutando para recuperar o fôlego após tanta correria.

— Se divertiu? — Prendo o ar ao passo que ergo a cabeça, encontrando minha mãe próxima à minha janela, observando a chuva lá fora.

— Oh, merda! A senhora quase me matou do coração! — Coloco a mão no peito, que

parece querer saltar pela boca.

— Quando vai parar de fazer isso? De mentir para nós? — mamãe pergunta, ainda olhando para fora.

Solto o ar e me recomponho, observando-a com mais atenção. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo baixo e ela veste um macacão na cor nude, que cobre os saltos altos e realça sua pele negra.

— Mamãe... — começo a me explicar, mas ela não me deixa continuar.

— Ana, querida... Por um lado, eu te entendo... mas, por outro — a mulher bonita se vira para mim e vejo mágoa em seus olhos, o que me faz encolher de culpa —, não entendo.

Fico parada no lugar e tiro uma mecha molhada do meu rosto.

— Eu sinto muito... — sopro, porque, apesar de querer aprender a lutar, eu odeio mentir para eles, e odeio mais ainda o fato de ela me conhecer tão bem a ponto de descobrir por si só o que eu realmente estava fazendo na casa do meu padrinho.

Mamãe me encara por longos segundos até chegar a mim, e como esperado, sinto seus braços me envolverem.

— Se não deixamos você praticar, é porque não queremos que se machuque, querida.

— Eu não sou mais uma garotinha, mamãe. Tenho que aprender a me defender sozinha. Na semana que vem já estou indo para a faculdade, vocês têm que aceitar que eu cresci! — solto, um pouco irritada, mas me arrependo imediatamente de ter falado assim com ela.

Todavia, para minha surpresa, ela apenas sorri e me dá um beijo no rosto.

— É claro que cresceu, meu amor! — Ela coloca um cacho do meu cabelo atrás da orelha e me olha com ternura. — E sobre a faculdade...

— Já está decidido! Vou para São Francisco. Não vou fazer faculdade onde você e o papai fizeram. Já conversamos sobre isso, mamãe... Por favor!

— Mas é muito longe... E quando eu sentir vontade de fazer isso... — Sinto sua mão nas minhas costelas e, de modo repentino, começo a rir.

— Oh, não! Pare! — peço entre as gargalhadas. Ela se afasta e eu me recomponho ao ver seus olhos cheios de água. — Por favor, não faça isso. Não torne tudo mais difícil... — Fungo, sentindo minhas próprias lágrimas descenderem quando a abraço.

— Eu amo vocês, talvez eu só não esteja pronta para vê-los irem embora — diz entre meus cabelos.

— Eu não vou embora, são apenas cinco horas de viagem de avião para São Francisco. E virei um final de semana sim e outro não. Eu só preciso que confiem em mim — falo, sentindo o cheiro do seu perfume de flores, que é tão forte quanto ela.

— Eu não confio é nas pessoas... — Sua voz soa dolorosa quando me aperta mais.

O som alto da porta se abrindo me faz afastar dela, e percebo Luna e Victoria entrando de uma vez.

— Mamãe, tia Karen chegou! — Luna anuncia com a voz baixa, e Vick me encara dos pés à cabeça, vendo meu estado molhado e semicerrando os olhos.

— Por que está com o casaco favorito do tio Caion? — minha irmã pergunta, e estou

prestes a dizer que não é da conta dela, quando tia Karen entra no quarto com uma grande maleta e várias sacolas nas mãos.

— Cadê a aniversariante?! — ela grita, animada, e mordo meus lábios. — Por que está usando as roupas do Caion?

— É isso que também quero saber! — Vick cruza os braços, claramente enciumada por não ser ela a usar o casaco.

— Amor! — A voz do papai soa no corredor, chamando por minha mãe, e eu balanço minha cabeça negativamente para ela, não querendo enfrentá-lo agora.

— Já vou! Na verdade, todas vamos. Venham, Luna e Vick, preciso da ajuda de vocês. Karen, deixe minha filha mais linda do que ela já é! — Mamãe abraça tia Karen e me beija rapidinho. — Não faz cara feia hoje, por favor... Seu avô veio só para te ver.

Ergo meus olhos brilhantes e a encaro enquanto ela sai sorridente.

— Ok, temos pouco tempo, vamos cuidar de você!

— Vovô está na cidade? — pergunto à tia Karen, que coloca as coisas sobre a cama e vem até mim, me levando ao banheiro.

Vovô Leonel ficou fora da Flórida por um ano inteiro, visto que ele e a vovó decidiram fazer um cruzeiro pelo mundo. Ele é uma das pessoas mais especiais para mim, até mais que o tio Caion, pois praticamente ajudou mamãe e papai a me criarem, e estou morrendo de saudades dele.

— Ah, sim, meu pai não perderia o seu aniversário de dezoito anos por nada!

Ela não fala mais nada enquanto me livro das minhas roupas e tomo um banho rápido. Ao finalizar, minha tia joga um roupão para mim, me puxando para uma cadeira e pondo em prática seu dom com a maquiagem.



— Tia, uau... — exclamo assim que termino de colocar as lentes de contato e me viro para o espelho.

Observo o vestido rosa tomara que caia com franjas no decote, que vai até os pés, dar-me um ar de mulher madura. Meus cabelos estão elegantemente presos em um coque frouxo, destacando as pequenas molas da franja na minha testa. A maquiagem é discreta, com apenas um toque de batom marrom-claro e um delineado sutil, com bastante rímel.

— Você está tão bonita... — tia Karen comenta, também olhando admirada para o espelho.

Mordo levemente as bochechas ao me observar melhor. Eu tinha mudado tanto desde o último verão... Meu corpo desenvolveu curvas em excesso, fazendo meus peitos pesarem muito pelo tanto que cresceram. Mamãe costuma dizer que é uma característica da sua origem brasileira, que as mulheres de sua família são todas encorpadas.

Não é que eu não goste do meu corpo, mas eu sempre tento cobrir tudo ao máximo, optando por usar jeans ou blusas com decotes mais fechados.

— Acho que estou pronta — murmuro. — Vamos acabar logo com isso.





Desço cada degrau lentamente, sentindo um leve frio na barriga ao avistar meu pai, que está elegantemente vestido com um terno preto, à minha espera no final da escada.

— Então, fugir de mim o dia todo foi a sua solução? — questiona baixo enquanto me oferece o braço, que aceito gentilmente.

— Parece que não, já que estou aqui, não é? — Dou um pequeno sorriso para ele, que prontamente retribui.

E, puta merda, não é apenas porque ele é meu pai, mas minha mãe acertou em cheio em todas as loterias possíveis. O ar de homem sério e a expressão carrancuda só o tornam mais atraente aos seus trinta e oito anos. Na realidade, meu pai é tudo, menos mau. Ele é carinhoso, um ótimo pai e um marido excepcional.

— Deveria ter me dito que você iria ao seu tio, Rullios teria te levado.

— Papai...

— Está tudo bem, conversamos sobre isso depois. Hoje é o seu aniversário, não vamos estragar o momento falando desse assunto — diz ao passo que caminhamos e cumprimentamos alguns convidados que estão espalhados pela sala.

Vejo Leo no sofá, vestindo um moletom preto e usando fones de ouvido enquanto ajuda Luna a amarrar os seus sapatos.

— Obrigada... — agradeço por ele não insistir no assunto.

— Você está linda, cada dia mais parecida com sua mãe quando tinha sua idade — meu pai comenta tranquilamente, pegando um drinque de um garçom e dando um gole em seguida.

— Grávida? — Dou uma risada, e ele engasga, soltando-me para tossir, o que me faz rir ainda mais enquanto o ajudo.

Eu sei que eles foram pais jovens, e não podia perder a piada.

— O senhor está bem? — indago ao ver seu rosto ficar vermelho. — Pai... você sabe que um dia será avô, não é? — continuo provocando.

— Por favor, chega de me torturar! — Ele tosse algumas vezes antes de se recompor, olhando para mim, e tento reprimir o sorriso. — Só que não seja agora, tudo bem? Que tal quando você chegar aos quarenta?

— Por mim, tudo bem! — digo, por fim, com um pequeno sorriso estampado nos lábios.

Meu pai sempre nos fez ficar longe de garotos, dizendo que eles não prestam, e eu nunca discordei dele.

*Garotos realmente não prestam...*

— Pare de incomodar a menina, Calebe! — Mamãe aparece ao nosso lado com a vovó Valéria, e minha mente só consegue pensar em uma coisa:

*Vovô Leonel!*

Olho ao redor, o procurando, e lá está ele, conversando com tio Caion em um canto afastado. Cumprimento vovó rapidamente e atravesso o espaço correndo, ignorando todos, até

me jogar em seus braços e o abraçar forte.

— Vovô!

— Oh, minha princesa! — ele diz, surpreso com meu abraço repentino, mas logo retribui.

— Senti saudades — falo, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu também, minha princesa, eu também...

— Tiana, filha, pode nos presentear com sua música hoje? — Mamãe aparece segurando meu violão verde-claro, decorado com figurinhas, e eu olho para o meu avô, que acena.

— Vá, querida. Estou mesmo com saudades de ouvi-la cantar — diz gentilmente.

Pego o violão e me dirijo para o pequeno palco improvisado no centro da sala, percebendo que mamãe, provavelmente, contratou a banda sabendo que eu não recusaria.

Tocar violão é um hobby que eu adoro. Sei que não sou uma Adele, mas consigo arranhar e acompanhar as notas. Sento-me no banco, olho para minha família e começo a tocar uma das minhas músicas favoritas: *93 Million Miles*, do Jason Mraz.

— Dedico esta música aos responsáveis por eu me tornar quem sou hoje — digo, concentrando-me nas cordas. — Papai e mamãe, esta é para vocês!

*“93 Million Miles  
People get ready, get ready  
‘Cause here it comes, it’s a light  
A beautiful light, over the horizon  
Into our eyes  
Oh, my, my how beautiful  
Oh, my beautiful mother  
She told me: Son, in life you’re gonna go far  
If you do it right, you’ll love where you are  
Just know, wherever you go  
You can always come home  
240 thousand miles from the Moon  
We’ve come a long way to belong here  
To share this view of the night  
A glorious night  
Over the horizon is another bright sky  
Oh, my, my how beautiful  
Oh, my irrefutable father  
He told me: Son, sometimes it may seem dark  
But the absence of the light is a necessary part  
Just know, you’re never alone  
You can always come back home  
Oh, oh, oh, oh  
Oh, oh, oh, oh  
You can always come back, back”<sup>[1]</sup>*

De vez em quando, olho para eles com um sorriso no rosto, e vejo mamãe abraçada com

meu pai, com lágrimas nos olhos.



A festa está até boa, apesar de papai quase querer enforcar tio Caion por não ter me forçado a voltar para casa com o motorista. Contudo, tudo fica sob controle quando mamãe aparece e o obriga a se acalmar.

Ganhei um anel lindo do vovô, que dançou comigo enquanto papai e mamãe dançavam ao nosso lado, apaixonados, trocando sussurros e sorrisos maliciosos. Na segunda rodada, papai se afastou dela, sorriu para o seu pai e me puxou para terminar a valsa comigo.

Depois que todos vão embora, vou para o meu quarto e me jogo na cama, ainda com o vestido e o sapato da festa, me sentindo um tanto estranha.

Será que sou mal-agradecida? Tenho pais maravilhosos, irmãos legais, uma família unida e feliz, mas por que me sinto deslocada? Por que essa necessidade de ficar longe?

No fundo, eu sei. Sei que preciso me encontrar e cuidar de mim mesma.

## Capítulo 03

*Tiana Walton*

### UMA SEMANA DEPOIS

Prendo a respiração assim que termino de tirar todas as malas do carro e encaro toda minha família me olhando da calçada.

— Mande notícias todos os dias, e nada de ficar acordada até tarde. Está levando as lentes reservas? — mamãe questiona incessantemente, ao lado do papai, que não disse uma palavra desde que saímos de casa.

Talvez ele ainda esteja chateado por eu ter falado que ficaria muito zangada se ele enviasse qualquer tipo de guarda-costas atrás de mim.

— Sim, senhora Walton — respondo com um sorriso, segurando as lágrimas para não chorar.

Odeio despedidas.

— Eu te amo! — Ela se aproxima e me abraça apertado demais.

— Mamãe, te amo também... — Me solta e caminho até as gêmeas.

Luna e Vick estão usando um macaquinho curto, idêntico, mas em cores diferentes: um é azul-claro e o outro é rosa. Seus cabelos curtos e cacheados encontram-se presos em rabos de cavalo apertados, o que as deixa bonitas e delicadas.

— Vou sentir saudades... — Luna é a primeira a falar, dando um passo à frente.

Tiro um pequeno estojo de maquiagem da bolsa e o entrego a ela, já que Luna adora as cores dessa paleta e eu quero deixá-la com uma lembrança.

Viro para Vick, que faz um bico engraçado. Ela é a mais marrenta e brigona, mas a amo mesmo assim. Rapidamente, tiro o moletom que estou usando e o estendo para ela.

— Tome, cuide para que o tio Caion não pegue de volta até eu retornar. — Seu rosto se ilumina, e ela reluta um pouco antes de finalmente sorrir e aceitar a roupa do nosso tio favorito.

Ao me voltar para o garoto calado, o abraço, mesmo sabendo que ele odeia contato com seres humanos.

— Eu sei a razão de você não quer ir à viagem com eles... Mas isso será nosso segredo — sussurro em seu ouvido, e Leo estremece um pouco.

Meus pais estão prestes a viajar para o Brasil, e Leo detesta nossa família brasileira, em particular a filha da prima de terceiro grau da mamãe, que quase quebrou a perna dele no verão passado, mas ninguém sabe disso. Leo é como eu, ninguém precisa saber das nossas vergonhas.

Ele força um sorriso e eu aperto sua bochecha.

Ao girar, vejo papai ali, com as mãos nos bolsos, tentando parecer forte.

— Eu prometo não voltar grávida. — Tento aliviar a tensão ao me aproximar, mas ele não sorri.

Aperto as mãos uma na outra, nervosa. Papai não quer que eu vá para a faculdade longe; é como se ele não confiasse em mim, e isso me deixa triste. Quero mostrar a eles que sou capaz, que posso fazê-los se orgulharem de mim, independentemente de onde eu esteja.

Ele tira algo do bolso e me entrega, parece um molho de chaves.

— Era para te dar no seu aniversário, mas acho que será melhor agora.

Pega minha mão e agora vejo claramente o chaveiro delicado, com uma pequena foto de todos nós e uma cobra com o rabo um pouco mais longo que o normal, que com certeza é um canivete.

— Obrigada, é muito fofo — digo, sincera.

Papai é milionário e poderia me dar qualquer coisa cara, mas ele sabe que me encanto com coisas simples e delicadas.

— E tem mais uma coisa. — Entrega-me um spray de pimenta, o que me arranca um sorriso sincero.

— Se tivesse me deixado aprender a lutar, eu não precisaria disso — alfineto, mordendo os lábios.

— Só me conte se algum maluco metido a bad boy quiser te importunar... Eu, com certeza, chegarei lá em menos de dez minut...

— Amor! — Mamãe limpa a garganta e vejo-a erguer uma sobrelanceira para ele.

Papai direciona seu olhar para ela e, num suspiro profundo, afasta meu cabelo dos ombros.

— Não precisa se preocupar, papai. Eu sei cuidar de mim mesma... Eu te amo! — Abraço-o com firmeza.

— Espero que saiba mesmo, meu amor. Eu também te amo — diz, retribuindo o gesto.

Mamãe se junta a nós no abraço, seguida por Luna, Vick e até mesmo Leo, formando um grande abraço em família.

— Amo todos vocês.

Enxugo meus olhos marejados e ajeito os óculos, agarrando finalmente minha mala e adentrando o aeroporto. Sem olhar para trás, dirijo-me em direção à área de embarque.

Este é o início da minha história.



Após cinco horas sentada dentro de um avião e mais uma hora em um táxi, chego ao meu destino, com o sol se pondo ao fundo.

Um frio na barriga me toma ao encarar a grande construção à minha frente, com várias pessoas indo e vindo. Observo os grupos de estudantes reunidos no jardim do campus, trocando

beijos e mãos bobas entre si, e faço uma careta.

*Ok, vamos nessa.*

Com uma mão seguro firme a alça da minha mochila, e com a outra puxo minha grande mala de rodinhas, entrando na universidade que será meu lar pelos próximos quatro anos.



A diretoria me fornece todas as instruções e me indica o caminho para meu alojamento, para onde me direciono.

Ao chegar ao meu dormitório, entro e me deparo com uma garota de cabelos loiros curtos e olhos azuis intensos sentada na cama do outro lado do quarto. Parece que estou vendo uma Barbie em pessoa.

— Olá... — cumprimento, tentando parecer gentil, mas a garota apenas dá de ombros.

— Oi — responde de forma seca, levanta-se da cama e sai do quarto sem me olhar.

— Oookay... — murmuro.

Olho ao redor e percebo a bagunça que é o lado dela; sua cama está cheia de roupas e o chão repleto de restos de comida e embalagens suspeitas. Torço o nariz e volto a me concentrar no meu próprio espaço.

O quarto é surpreendentemente amplo, considerando que se trata de uma faculdade menos renomada. A cama é de casal e tem lençóis limpinhos. É, pelo menos há um armário exclusivo para mim.

Não tenho motivos para reclamar, afinal, todos os Walton têm um fundo de reserva para frequentar faculdades de prestígio. Papai e mamãe sempre priorizaram a educação, mas eu não quis luxo. Eu desejava algo mais simples e humilde. Não quero ser hipócrita; amo a boa vida que meus pais me proporcionam, mas a faculdade me abrirá novos horizontes, e vou conseguir ser tão bem-sucedida quanto eles, porém, com meu próprio dinheiro.

Arrumo minhas coisas no armário e decido tomar um banho. No banheiro, visto meu pijama rapidamente. Estou cansada demais para explorar tudo hoje, então pego um dos lanches que sobrou da viagem e que tinha guardado na mochila. Mando uma mensagem para minha mãe, informando que estou bem e que já irei dormir.

Organizo meus livros, retiro meus óculos e os coloco na mesinha ao lado da cama. Não vejo se a garota loira retornou quando me deito na cama, apenas permito que o cansaço tome conta de mim.



Acordo animada, mesmo que minha colega de quarto tenha me acordado com o barulho alto da porta se fechando atrás dela. Dou um sorriso e corro para o banheiro, para me arrumar e começar meu primeiro dia de universitária.

Depois de pronta, desço as escadas que levam ao refeitório, revisando minha agenda, para

garantir que vou conseguir cumprir todas as tarefas que listei. Pego minha bandeja com ovos mexidos e suco de morango e começo a procurar uma mesa.

Avisto minha colega de quarto, que está vestida como líder de torcida, com uma minissaia rosa choque e um top da mesma cor, que ostenta o logo branco da universidade. Ela está acompanhada de várias outras garotas que parecem ter acabado de sair de uma passarela.

Dou um sorriso e um aceno amigável para ela, que responde com uma careta, torcendo o nariz, e assim que passo por ela, uma das amigas comenta:

— Mais uma riquinha quatro olhos pra coleção. — Minhas mãos se encolhem ao lado do meu corpo, comigo ficando um tanto sem jeito.

Continuo a andar, embora saiba que agora devo ser o assunto principal entre elas.

*Ótimo...*

Respiro fundo e escolho uma mesa vazia próxima ao bebedouro, sentando-me sozinha.

— É um saco, eu sei...

Viro na direção da voz e deparo-me com um rapaz magro me observando. Seus olhos azuis me analisam, e seu cabelo ruivo destaca-se contra a pele extremamente pálida.

— Como? — Pisco, confusa, enquanto o vejo sentar-se à minha frente.

— É um saco ser caloura, ou pior ainda, dividir o quarto com a Miss Simpatia — fala, virando-se na direção da loira bonita que está a quatro mesas de distância. — Vanessa Molina. Ela late muito, mas acredite em mim, não morde.

Ofereço um sorriso envergonhado, presumindo que ele deve ter testemunhado a vergonhosa cena em que fui totalmente ignorada por ela.

— Está tudo bem, em uma semana você já se acostuma com tudo isso... Ou até mesmo antes. — Ele toma um gole do seu leite. — Sou Erick! — se apresenta.

— Ah, oi, eu sou...

— Tiana Walton — completa, e o olho, surpresa. — Filha do grande magnata Calebe Walton e da empresária Lilly Walton. Sei tudo sobre você, gata.

Encolho um pouco, pois o verdadeiro motivo de ter vindo para uma cidade distante, foi escapar da fama dos meus pais, que sempre estão cercados por seguranças. Meu pai é dono das grandes empresas Walton e mamãe gerencia várias agências de modelos por todo país.

— Fica tranquila, não sou um stalker... Bem, na verdade, sou... — Sorri maliciosamente. — Mas você não faz meu tipo... Aquilo sim faz. — Ele vira a cabeça, e sigo seu olhar.

Em outra mesa, um grupo de garotos com roupas pretas chamam a atenção, e Erick direciona seu olhar diretamente para uma menina com saia de pregas e botas altas pretas, que está sentada com eles. No entanto, leva apenas alguns segundos para que eu desvie minha atenção para o garoto alto ao seu lado, e me pego observando-o.

Ele usa uma camisa branca e calça com vários bolsos. Meus olhos sobem por seus braços musculosos, notando algumas tatuagens, mas é a cauda de uma cobra que me chama a atenção; a cabeça do réptil, com certeza, termina em seu peito.

Mordisco os lábios enquanto observo seu cabelo negro cair sobre sua testa, o que o faz parecer um pouco mais jovial do que deve ser. Os diversos brincos em sua orelha balançam, lhe

deixando um tanto mais atraente. No entanto, quando chego aos seus olhos, percebo que estão fixos nos meus, flagrando-me, e prendo a respiração, ficando quase sem fôlego.

Ele sorri de maneira maliciosa, revelando dentes brancos e bem alinhados. Continua olhando para mim enquanto pega um canivete do bolso de sua calça e passa lentamente a lâmina ao longo da língua.

*Putá merda!*

Desvio rapidamente meus olhos, tentando controlar meus batimentos cardíacos.

— Jason Herris... Ele também é novo, chegou há três dias, e adivinha de onde? — Erick ainda está olhando para eles enquanto tento me recuperar. — Da cadeia... Ele foi acusado de matar duas pessoas. — Encaro o garoto ruivo à minha frente com curiosidade, e ele se inclina para mais perto de mim, sussurrando: — Dizem que ele matou os pais com apenas quinze anos a sangue frio, deixando-os sangrar até morte. E, pior, a mãe estava grávida.

Engulo em seco, ainda chocada com essa informação, e quase dou um pulo na cadeira quando alguém bate com força na nossa mesa, me assustando.

— Por acaso as duas bonecas perderam algo? — Sinto um choque percorrer meu corpo quando o mesmo garoto que estava me encarando, de repente, está bem ali, na minha frente.

Olhando melhor para ele, percebo que é assustadoramente mais bonito de perto.

— E-u... — tento formar uma frase, mas as palavras não saem.

— Estava apenas apresentando as pessoas para a senhorita Walton — Erick diz, também parecendo um pouco nervoso.

— Hum, e você gostou do que viu, bonequinha? — Franzo a testa, irritada com o modo como ele me chama.

— Já fiquei impressionada com coisas mais interessantes. E é Walton, senhor Herris.

Vejo Erick prender a respiração. Os amigos de Jason, que estão atrás dele, ficam sérios, e eu quase mordo minha língua por não ter conseguido ficar calada. Herris me olha por alguns segundos, e antes que eu perceba, puxa meus óculos do meu rosto, os colocando nele.

— Porra, aqui tem o quê? Dez quilos de grau? — Algumas pessoas começam a rir ao redor e eu só quero socar esse imbecil.

— Mas que droga... — Arrisco me levantar para pegar meus óculos, mas sua mão alcança meu ombro, fazendo-me sentar novamente de maneira abrupta.

Jason se inclina sobre a mesa, aproximando-se do meu rosto, e quase me engasgo quando ergue seu canivete, passando-o devagar em minha bochecha. Tento permanecer imóvel, apesar de sentir meu corpo tremer, ansiosa para sair correndo daqui.

— Você realmente parece uma bonequinha... E, sabe, eu adoro brincar com bonecas! — Minha respiração acelera quando ele puxa uma mecha do meu cabelo e a corta de maneira rápida e ágil. — Não me desafie, você não faz ideia de como estou com vontade de brincar de casinha, baby!

Ele levanta, amassando a mecha de cabelo em sua mão e falando:

— Vou levar isso de brinde, e, talvez, eu bata uma pensando em você... Hum, não, credo! Deixarei Jeremias fazer isso por mim — Herris se vira para seu amigo com moicano colorido, que sorri de maneira nojenta pra mim.



Jason tira meus óculos e joga-os para mim, e antes que caiam no chão, consigo pegá-los no ar.

— Nos vemos por aí, bonitinha — diz por cima do ombro, caminhando tranquilamente e me deixando fervendo de ódio.

— Filhos da puta! — Erick murmura, e eu seguro o pedaço da mecha de cabelo que sobrou, apertando-a com força. — Você está bem? — indaga, preocupado.

— Eu quero matá-lo ! — rosno, observando a figura alta e musculosa desaparecer do refeitório.

## Capítulo 04

*Tiana Walton*

Após sair do refeitório, ainda sentindo a pura adrenalina da raiva percorrer meu corpo, Erick tem a gentileza e a paciência de me mostrar todo o campus.

Horas depois, paramos em frente à minha sala e me deparo com uma lista ao lado da porta, indicando quem participará de uma expedição programada para Alcatraz<sup>[2]</sup> daqui a um mês.

— Você vai? — Erick pergunta, curioso.

— Ainda não decidi. — Encaro a lista por um tempo.

Porém, é claro que quero ir, pois finalmente poderei fazer uma viagem sozinha, sem nenhuma segurança na minha cola o tempo todo.

— Bem, eu preciso ir. Nos vemos na hora do almoço?

— Claro, Erick. Obrigada por tudo — agradeço, e ele apenas sorri antes de se afastar.

Adentro a ampla sala e subo alguns degraus, pronta para finalmente iniciar minha primeira aula.



O dia transcorreu tranquilamente. Graças a Deus, não tive que encontrar aquele idiota novamente durante o almoço. De fato, ele é muito bonito, mas quero mantê-lo bem longe de mim. Ele é encrenca, e nesse momento, tudo o que desejo é paz. Saber que ele tem um passado na prisão, independentemente de ser verdade ou não que tenha matado seus próprios pais, me faz desejar não cruzar com ele novamente.

Após concluir tudo o que precisava fazer, retorno ao meu dormitório, ansiosa para me livrar do jeans e da camisa sufocante, pois o calor está me matando.

Quando chego ao corredor dos dormitórios, abro a porta de uma vez.

— Ah, cacete! — solto um grito ao ver Vanessa se agarrando com alguém.

Acho que ela se assusta, pois a seguir escuto um barulho alto, já que ela se atrapalha toda e cai da cama junto com o cara que estava literalmente engolindo sua boca.

— Ai, merda, desculpa... Pensei que... — Paro de falar, sentindo minhas bochechas arderem.

— Então, essa é a sua nova colega de quarto “estranha”? — O dono da voz masculina ergue a cabeça, e é claro que reconheço a voz arrogante de mais cedo.

Jason Harris.

Ela estava falando mal de mim para ele? Que vaca!

Rapidamente, fecho a porta do quarto, olhando em volta, um pouco perdida, sem saber para onde ir.

Era só o que faltava.

Por que não trancaram a porta? Aliás, por que não escolheram outro lugar? Afinal, aquele também é o meu quarto, e ela não tem o direito de levar garotos para lá, não é?

*Droga!*

Caminho em direção ao fundo do corredor e encontro uma escada que, provavelmente, leva ao terraço. Olho para trás, não vendo ninguém, e subo.

Respiro fundo, com o ar gelado batendo em meu rosto quando encosto no parapeito, olhando as estrelas, que parecem brilhar mais daqui.

Fico nesse lugar por quase uma hora, e quando finalmente retorno ao dormitório, Vanessa está sentada, encarando a parede, usando a mesma roupa de líder de torcida de antes. Não me atrevo a dizer nada, pois agora sei que ela me odeia por algo que não faço a mínima ideia. Pego minha toalha junto com minhas roupas e vou para o banheiro.



Já passou uma semana desde que cheguei, e estou me adaptando bem com a ajuda de Erick. Ele é um bom colega, apesar de tagarelar demais às vezes.

Nesse momento, estou no meu intervalo, pegando meus livros no armário, mas um bilhete dourado chama minha atenção. Pego-o rapidamente, lendo:

*“Estou de olho em você. Não adianta tentar fugir de mim, nem me evitar, como está tentando fazer, bonequinha.”*

Mas que diabos...

Olho de um lado para o outro, tentando ver algum suspeito perto, mas não há ninguém. No entanto, só tem uma pessoa que me chama assim neste lugar.

Por que isso? O que ele quer comigo? Meu coração acelera. Eu não queria ser medrosa neste momento; meu pai não gostaria de ver sua filha acuada, mas competir com um assassino? Não sou nem louca.

Guardo o bilhete no bolso traseiro, tentando ignorar a angústia que o mesmo me causa, e sigo em direção ao laboratório. Ele só está tentando me intimidar porque não abaixei a cabeça para ele no refeitório.

Só isso.



Assim que visto meu jaleco e as luvas para a aula de química, dirijo-me à minha cadeira.

Como estou usando lentes de contato hoje, não vou ter problemas para usar o microscópio.

— Jason, está um pouco atrasado — o professor comenta, e eu prendo a respiração ao vê-lo entrar na sala.

Droga.

— Estava um pouco ocupado, professor. Sabe como são os jovens... sempre na correria — Jason responde, e eu não me atrevo a olhar na sua direção, mas posso sentir seus olhos sobre mim.

— Certo, sente-se, que já vamos começar — o professor pede a ele.

Continuo organizando minha mesa com os materiais de que precisarei, rezando para que ele não note o lugar vazio ao meu lado, o que parece ser em vão, já que, quando olho para o chão, vejo suas botas pretas com correntes ao meu lado.

— Então, é assim que você é sem aqueles fundos de garrafa na cara? — questiona com ironia, e eu permaneço calada, pegando meus materiais, enquanto o professor finalmente começa a aula. Não deixarei suas provocações me atingirem.

No entanto, um puxão em meu cabelo faz meu rosto se inclinar em sua direção, e tenho que morder os lábios para abafar um grito de surpresa e dor.

— Odeio ser ignorado, baby, então, olhe para mim quando eu falar com você! — Jason fixa seus olhos cruéis nos meus, causando um arrepio na minha espinha.

Empurro seu braço com força, soltando-me da sua mão que agarrava meu cabelo.

— Qual é o seu problema? — irritada, pergunto baixo.

— Você, você é o meu problema, boneca.

— Olha, não sei qual é a sua, mas me deixe em paz. Não te conheço e não estou interessada nisso. Não me envolva em suas brincadeiras sádicas, isso não tem graça! — digo, tirando o bilhete que peguei mais cedo no meu armário do bolso e colocando-o sobre a mesa. — E da próxima vez que mexer nas minhas coisas, eu irei à direção!

Começo a me afastar, indo para outra mesa, mas ele puxa meu braço novamente, fazendo-me ficar de costas para ele, parada, enquanto todo o meu corpo gela com o sussurro em meu pescoço:

— Acho que você não entendeu direito. Eu dito as regras aqui, não você, baby. Se eu disser que você será minha diversão, você será!

Meu peito sobe e desce freneticamente, e desejo socar meu cotovelo em seu nariz, até vê-lo quebrado e sangrando sem parar, mas a voz grave do professor me tira dos meus pensamentos quando Jason finalmente me solta.

— Tudo bem aí no fundo, srta. Walton? — o sr. Guides pergunta, olhando para mim.

O quê? Eu não fiz nada!

— Ah, sim, sr. Guides. Só estou tentando ajudar minha colega com o exercício; ela parece meio lenta para aprender as coisas — o desgraçado diz tranquilamente, e o fuzilo com os olhos, respirando fundo, para não enfiar o microscópio bem no meio do seu...

— Tudo bem, mas não falem alto para não atrapalhar a turma — o professor pede, rígido, atrapalhando meus pensamentos.

Fecho meus punhos, e ignorando o idiota ao meu lado, concentro-me no que vim fazer aqui: estudar.

Minha mãe me contou sobre garotos assim na faculdade e apenas me pediu para ignorá-los, e é isso que vou fazer. Não cheguei até aqui para sofrer bullying ou qualquer tipo de humilhação vinda de um cara louco e problemático. Que ele se foda!

## Capítulo 05

*Tiana Walton*

Deixo o laboratório antes mesmo do término da aula. Estou irritada e faminta, e quando a fome bate, fico três vezes pior.

Após almoçar com Erick, decido passar algum tempo na biblioteca. Talvez eu esteja tentando evitar um idiota que parece ter uns dois metros de altura? Sim, é exatamente isso que estou fazendo. Eu sei que não consigo controlar minha língua, e não quero me encrencar logo no primeiro semestre da faculdade.



Mais uma semana se foi, e acabei de voltar da Flórida. Conforme prometido, passei o final de semana com meus pais. Não posso negar que eles me fazem muita falta, e eu sei que está sendo mais difícil para eles do que para mim essa distância.

Ao chegar ao dormitório, meu coração quase salta pela boca ao ver um sapo enorme pulando na minha cama.

*Quem diabos colocou isso aqui?*

Noto que perto do bichinho há um bilhete. Com medo de que o sapo pule em mim, estico apenas meu braço e pego o papel rapidamente, o que o assusta, fazendo-o pular para o chão. Solto um grito, correndo em direção ao outro lado do quarto.

Procuro o sapo e não o vejo por perto. Olho para o bilhete, ainda sentindo minha pulsação acelerada pelo susto, mantendo todo tempo minha atenção no chão, caso o bicho resolva aparecer novamente.

Reconheço a caligrafia horrível no papel assim que começo a ler:

*“Aqui está a sua chance de se tornar uma princesa. Beije o sapo. Só tome cuidado para não se transformar em um também... Ah, espera, tarde demais.*

*Bem-vinda de volta, bonequinha.”*

— Herris, filho da puta! — Cerro os dentes, amassando o bilhete. Odeio esse maldito apelido!

Vejo Vanessa entrar e fechar a porta com força, quase a quebrando, e me encolho quando ela joga o celular com ódio na parede. Ela se vira para mim, com o rosto vermelho, como se tivesse chorado muito.

— Tá me olhando por quê, vadia?

— É... Você está bem? — Não posso evitar perguntar, e ela sorri de forma sombria.

— Eu pareço estar bem, sua idiota?

*Grossa!*

— Oh... Você quer conversar? — tento de novo.

*Cala a boca, Ana, pelo amor de Deus!*

— Quero que saia daqui e me deixe sozinha!

Poderia dizer que não irei sair, que também tenho direito a este maldito quarto, querendo ela ou não, mas percebo que ela realmente não está bem. Mesmo Vanessa não gostando de mim, respiro fundo e saio, ajustando o moletom do papai, que trouxe comigo.

Sim, eu sou uma boa ladra de moletoms, me sinto segura com eles.

Olho novamente com raiva para o papel amassado, antes de jogá-lo no primeiro lixo que encontro. Já faz tantos anos desde que alguém fez uma piadinha com meu nome, por ser o mesmo de uma personagem da Disney...

Merda.

Olho para a porta do meu dormitório, lembrando de algo.

*O sapo... Vanessa...*

Ah, que se dane! Ela que fique com ele.

Com passos rápidos, caminho para o único lugar que não encontrarei ninguém a essa hora da noite: o terraço.

Subo as escadas no final do corredor, mas paro quando me deparo com um grupo conhecido fumando substâncias que tenho absoluta certeza de que são proibidas aqui. Recuo instantaneamente, mas congelo quando vejo Hennis sentado no chão, encostado no parapeito. Mesmo sem me olhar, ele diz de modo seco:

— Eu já te vi aí, nem pense em dar mais um passo. — Na mesma hora, os amigos dele se voltam para mim, notando minha presença, e inspiro fundo.

— Por que você colocou um sapo na minha cama? — questiono, com os punhos cerrados.

— Ah, qual é, *Tiana*?! Foi engraçado pra caralho, não foi, galera? — ele pronuncia meu nome de modo provocativo, mas não gosto da forma como soa em sua voz.

Seus amigos sorriem, o que me deixa ainda mais irritada.

— Não foi, aquilo foi ridículo. — Dou uma pausa, vendo-o pôr o cigarro na boca. — Aliás, sabia que fumar aqui é proibido? — pergunto, erguendo a sobrancelha.

— Sei... E sei também que você vai ficar com essa boquinha bem fechada. — Jason solta uma nuvem de fumaça pelo nariz, ainda sem me olhar diretamente.

Dou um sorriso irônico.

— E o que te faz pensar que eu farei isso? — provoco, cruzando os braços.

É só então que sinto alguém atrás de mim, e um dos amigos dele, que eu ainda não havia visto, segura meu braço, forçando-o para trás.

— Mas que droga... Me solte!

— Você até que é cheirosa, quatro olhos! — O garoto, que agora eu sei que é Jeremias, diz no meu ouvido enquanto me guia até seu amigo.

Mesmo tentando me soltar, ele é mais forte e me empurra até Jason, que só então olha para mim, levantando-se do chão tranquilamente e limpando as mãos.

— Vocês vão se arrepender disso! — digo entredentes enquanto cuspo no chão, praticamente aos pés de Herris.

Jeremias me empurra para frente sem hesitação. Tudo acontece tão rapidamente que mal tenho tempo de reagir. De repente, sinto Jason me segurar e me curvar sobre o parapeito, como se fosse me jogar daqui de cima. Prendo a respiração ao passo que ele agarra meus cabelos e inclina minha cabeça para baixo, fazendo meus óculos caírem do terraço, em uma queda longa e silenciosa.

— S-se você me matar... — Limpo a garganta, tentando não gaguejar. — Se me matar, você voltará para a cadeia. — Minha garganta está seca, mas falo com firmeza enquanto ele me empurra um pouco mais para frente. — Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — grito mais alto dessa vez.

— Acha que tenho medo de voltar para lá? — sussurra no meu ouvido, e lágrimas começam a encher meus olhos.

— Por favor... — Deixo escapar em um soluço, fechando os olhos com força.

Eu não quero morrer.

— Isso, é assim que quero você, implorando. — Meu corpo é puxado para trás, fazendo-me cair de bunda.

Meu coração bate tão forte que parece que ele pode ouvir, pois um sorriso diabólico aparece em seus lábios.

Jason começa a se aproximar de mim enquanto ainda estou no chão. Recuo instintivamente, mas ele me alcança e segura meu braço firmemente, puxando-me para cima.

— Levanta, vamos dar uma volta! — Herris insiste, segurando-me com força, e tento me soltar do seu agarre.

— Não vou a lugar algum com você, seu desgraçado! Me solta! Eu vou gritar e acordar todo mundo nesta universidade! Me larga! — digo, com a voz trêmula e chorosa.

Jason para por um momento, ainda me segurando, e me encara com seus olhos verdes intensos. Juro que posso ver o brilho da maldade estampado neles.

— Você não aprende, não é mesmo? — Ele avança na minha direção e eu perco o fôlego. — Se eu quiser, posso fazer coisas terríveis com você aqui e agora, com todos eles assistindo. — Vira-se para os amigos, e meus olhos se arregalam. — E mesmo que você grite até ficar sem voz, ninguém virá em seu socorro... Ninguém. Sabe por quê, bonequinha? Porque você está longe de casa, e ninguém aqui se importa se você é filhinha do papai. Aqui, é cada um por si! — diz essa última parte perto demais do meu rosto, e o medo que eu já sentia se transforma em pânico, ecoando no meu subconsciente.

— Eu... não entendo...

Não consigo compreender por que ele está tão determinado a me ferrar. É absurdo, afinal, eu nunca fiz nada contra ele. É como se minha simples existência o incomodasse profundamente.



— Você não precisa entender nada, baby. — Jason é mais rápido do que eu, puxando meu braço com força contra seu corpo enquanto sua mão se aproxima da minha cintura. Meu corpo é rapidamente levantado no ar e lançado sobre seu ombro.

Mesmo me debatendo e gritando, ninguém vem em meu socorro.

No final das contas, Jason Herris tem razão: aqui é realmente cada um por si.

## Capítulo 06



### TRÊS SEMANAS ATRÁS

O constante eco das chaves dos guardas batendo nas grades da cela ressoa em minha mente como um tormento. Era irritante, tinha vontade de matá-los e enfiar a chave tão profundamente em suas gargantas, a ponto de vê-los engasgarem com seu próprio sangue.

Aquele lugar foi pior do que minha estada no Instituto para Jovens Infratores durante minha juventude. Naquela época, eu havia elaborado um sistema meticuloso para evitar qualquer perturbação vindo dos outros jovens delinquentes, mas tudo mudou drasticamente quando fui transferido para uma prisão de segurança máxima ao completar meus dezoito anos.

Ali, o princípio de “olho por olho, dente por dente” governava cada momento de minha existência, e em várias rebeliões dos presos, me via isolado em uma solitária, para não me misturar com eles.

Permaneci atrás das grades até os vinte e um anos, quando soube que finalmente conseguiria minha liberdade mediante o pagamento de fiança.

Não tinha ideia de quem havia feito isso por mim, mas a sensação do vento nos meus cabelos foi revitalizante. A rua deserta e vazia, quando pisei com minhas botas velhas e desgastadas no asfalto, permanece vívida em minha memória como se fosse ontem.

Eu estava pouco me fodendo para aquilo. Finalmente estava livre e chegara a hora de mostrar ao mundo que o grande demônio estava solto e pronto para levar todos para meu inferno pessoal.

Naquele momento, só tinha uma única pessoa na Terra que merecia minha verdadeira atenção.



Volto ao presente, acomodando-me na poltrona, com o notebook no colo, enquanto tomo meu café amargo. Observo atentamente a jovem de longos cabelos cacheados, com um rosto angelical, retratada em um calendário de Natal ao lado de sua família aparentemente perfeita. Dou um zoom na imagem para observá-la melhor. Seus óculos estão levemente tortos no nariz, o que a faz parecer ainda mais com uma bonequinha desajeitada.

Os olhos negros sorridentes me fazem encará-la com mais intensidade, como se já os conhecesse há tempos.

Meu celular apita com duas novas mensagens de remetentes diferentes, mas opto por ignorá-las, mantendo meu olhar fixo na tela que exhibe a imagem da garota um tanto patética.

— Senhor Herris, me chamou? — A voz da minha governanta soa na sala e só então viro-me para a senhora de meia-idade com um uniforme todo branco, que parece um pouco nervosa.

— Carla, preciso que contrate mais funcionários e uma professora particular. Ficarei ausente por um tempo. — Carla fica confusa, mas disfarça bem, e como ela sabe que detesto perguntas, apenas faz um gesto de cabeça de compreensão e desaparece daqui.

Fecho o meu notebook, jogando-o em qualquer canto, quando um grito um tanto agudo me faz levantar e subir as escadas às pressas. O corredor é longo e ainda exhibe alguns quadros dos meus pais por toda parte. Claro que, com meu canivete, tomei a liberdade de rasgar o rosto do senhor Herris das fotos. Odeio ver a cara daquele indivíduo espalhada pela casa.

Poderia ser grato por ter herdado toda a sua fortuna após o inferno que vivi por anos, mas a única coisa que sinto é ódio. Já se passou um ano desde que cheguei aqui e fiz isso, mas não tenho a intenção de removê-las. É satisfatório vê-lo assim, sem rosto e desfigurado, mesmo que apenas nas fotografias.

O grito se intensifica quando alcanço a porta e entro no quarto, que é tão rosa que faz meus olhos se estreitarem diante de tanta claridade.

— Perdão, senhor Herris... Ela... — Carla tenta, mas não a deixo continuar.

— Deixe-me a sós com ela.

— Então é mesmo verdade? — A pequena garotinha, de cabelos negros curtos e olhos tão verdes quanto os meus, olha para mim com um semblante triste. — Você vai embora?

— Luci...

— Não! Você vai embora de novo! Vai me deixar sozinha de novo! — A menina de apenas sete anos começa a chorar, e eu respiro fundo à medida que Carla sai do quarto.

Luci senta no chão e apoia a cabeça no joelho, soluçando alto. Observo ao redor, vendo brinquedos espalhados em todo o quarto, como se ela estivesse tentando protestar por estar magoada.

Agacho no chão e me sento ao seu lado, pegando um pente em forma de unicórnio, seu favorito, e começando a pentear lentamente seus cabelos lisos e sedosos.

— Eu não vou embora, Luci. Vou para a faculdade, já conversamos sobre isso — digo, concentrando-me em seus cabelos.

— Me leva com você, irmão... Me leva, por favor! Não quero mais ficar sozinha. — Sinto uma pontada no meu coração.

Eu não posso levá-la; ninguém além de mim e Carla sabe que ela está viva. Não posso arriscar.

*Não agora.*

Paro de pentear seus cabelos, colocando o pente no bolso da minha calça, e digo:

— Eu prometo voltar sempre que der. Pense bem, seu irmão agora vai ser um arquiteto. — Ela ergue a cabeça e seus olhos cheios de lágrimas me fazem ficar tenso. Odeio vê-la chorar, ainda mais por minha culpa.

— Um arquiteto? Isso quer dizer que vai construir uma casa na árvore para nós dois morarmos juntinhos para sempre?

Dou um sorriso, finalmente vendo o brilho voltar aos seus olhos.

— Claro, pequena. Mas tem que me prometer que vai se comportar enquanto eu não estiver aqui.

— Tudo bem... — Sua voz ainda soa triste. — Eu te amo — diz, e rapidamente me abraça. Mesmo seu toque me incomodando um pouco, dessa vez eu permito.

Depois de sair do quarto de Luci, arrumo minhas malas antes de deixar a casa. Pego meu celular e respondo a uma das mensagens que recebi mais cedo.

*“Estou a caminho.”*



## PRESENTE

— Me solta, seu imbecil! Socorro, socorro, estou sendo sequestrada! Alguém? — a garota escandalosa continua gritando, e já estou me arrependendo de não tê-la jogado do terraço.

— Cala a boca, cacete! — rosno, impaciente, quando Jeremias abre a porta de trás do SUV cinza e, sem nenhuma delicadeza, joga a pequena bocuda no banco de trás.

Walton tenta sair do carro, mas avanço, a empurrando de volta para dentro.

— Olha, tô tentando ser legal, não me faça amarrar seus pulsos e enfiar um pano nessa sua boca! — digo, e finalmente ela parece entender, encolhendo-se no banco.

Já estou de saco cheio dela. Estou lutando para não passar por cima dela com o carro. Tiana Walton, com certeza, consegue me tirar do sério.

Ok, talvez eu esteja sendo um pouco duro...

Dou um sorriso perverso para mim mesmo.

*É claro que não estou.*

Jeremias e Nicole se acomodam atrás com a bonequinha assustada, e Ethan segue comigo na frente.

— Para onde estão me levando? Isso não tem graça nenhuma! Eu não vou contar o que vocês estavam fazendo, me deixem sair daqui! — Tiana reclama, e eu acendo um cigarro quando ligo o motor do carro, lançando um sorriso por cima do ombro para ela.

— Você parece muito estressada. Relaxa, isso vai ser divertido.



— Por que me trouxe para uma boate? — Tiana resmunga enquanto encara o letreiro enorme com um pouco de dificuldade à sua frente, ao passo que seguro seu braço.

— Falei que íamos nos divertir um pouco. — Ela me encara incrédula, e posso ver o medo se desfazer aos poucos, sendo substituído por ódio. — O quê? Achou que eu gastaria meu precioso tempo para me livrar de um corpo? — Arqueio minha sobrancelha, me divertindo com

suas expressões.

— Você é um idiota! Eu quero voltar para a universidade agora! — esbraveja.

— E eu queria gastar meu tempo com coisas menos inúteis, mas veja só, estou aqui fazendo uma boa ação e recebendo ingratidão — provoco, vendo Nicole dar uma risada abafada.

— Se sou tão inútil assim, por que não me deixa em paz?! — Tiana tenta puxar o braço, mas não permito. Em vez disso, me aproximo dela, e o medo retorna ao seu rosto.

— Porque simplesmente não quero, bonequinha. Agora, arrume essa cara e vamos. — A puxo, ignorando a longa fila e indo direto para a entrada.

— Não posso entrar aí... Droga, me solta!

Porra, nem Luci é tão *chiliquenta* quanto essa garota.

— Se não ficar quieta, não vai ser apenas uma mecha de cabelo que vou arrancar dessa sua cabecinha! — sussurro entredentes para ela, que engole em seco e se controla.

— Jason! Como é bom te ver novamente! — Kiko, o segurança, me cumprimenta, e retribuo o soco no ombro dele, enquanto ele encara a garota ao meu lado. — Vejo que hoje tem companhia.

— Ah, sim! Essa é... Hum, não lembro o nome dela, sabe como é. — Dou um sorriso, mas ele desaparece assim que, discretamente, a desgraçada ao meu lado pisa no meu pé. Não dói, mas me causa uma irritação profunda.

— Tiana, mas você pode me chamar só de Ana... — A filha da puta estende a mão livre para Kiko, que a segura e dá um beijo nela.

— Lindo nome — ele diz, olhando descaradamente para ela.

— Não é? Também adoro. — Tiana sorri para ele, fingindo uma falsa ingenuidade.

Mas que porra é essa?!

— Ei, tem gente na fila aqui! — alguém grita atrás de nós, e, impaciente, olho para Kiko.

— Ela parece muito jovem para entrar... — comenta, e tenho vontade de mandá-lo à merda.

— Ela não é, acredite. Só a cara é de santa, ela é a própria diabinha em quatro paredes, se é que me entende — solto alto, e Tiana engasga.

Ela vai falar algo, mas intensifico o aperto em seu braço, silenciando-a novamente. Só falta sair fogo de raiva dos seus olhos, e tenho certeza de que, se pudesse, ela cortaria meu pescoço com uma faca de mesa.

— Ah, sim, podem entrar! — Kiko libera a passagem, e a conduzo para dentro, ainda ouvindo-a bufar de raiva.

— Ethan, já sabe o que fazer — digo assim que ele me olha com firmeza.

— Certo — confirma, virando-se e sendo seguido por Nicole e Jeremias.

Olho para a garota, cujo rosto está transbordando raiva, e liberto o aperto em seu braço. Vejo-a se segurar para não passar a mão onde encontra-se vermelho.

— Não faça essa cara. Sinta-se lisonjeada. Todas querem estar na minha cama. Posso matar pessoas, mas também sou bom com a língua — comento, e o vermelho em seu rosto se

intensifica, aumentando minhas suspeitas de que ela, provavelmente, nunca tenha visto um pau, o que me faz sorrir ainda mais.

— Você é nojento. Por que não enfia essa sua língua sebosa no cu? — Tiana rosna, e tento reprimir uma gargalhada com ela falando palavrões.

— Caralho, garota, que boca suja! — Eu poderia fingir surpresa, mas estou realmente surpreso. A putinha está deixando meu pau duro.

*Desgraça.*

— Qual é o seu jogo? Por que me trouxe aqui? — questiona, e não posso deixar de dar um ponto para ela.

Mesmo conhecendo meu histórico, ela não se intimida. Claro, tem medo, mas suas palavras afiadas parecem sair automaticamente de sua boca.

Me inclino perto do seu rosto e sopro:

— Me divertir, e vou te contar, não tem como a noite ficar melhor.

Tiana me empurra e se vira, caminhando na direção oposta.

— Onde você vai? — pergunto, começando a me estressar novamente.

— Vou ao banheiro. Posso pelo menos fazer isso?

Sigo-a com os olhos até o banheiro e respiro fundo.

Tê-la levado para dentro já é um passo importante para conseguir o que eu desejo, mas, caramba, com ela é tudo incerto, e não sei se conseguirei fazer ela jogar o meu jogo.



Tiana sai do banheiro e me vê no balcão. Revirando os olhos, vem até mim, sentando-se inquieta no banco ao meu lado. Poderia perguntar se ela comeu antes, mas, foda-se, não me importo.

— Vou resolver algumas coisas, não saia daqui e nem aceite nada de estranhos — falo, pegando meu maço de cigarros do bolso.

A garota olha para mim com as sobrancelhas arqueadas.

— O conceito não era me divertir, senhor Herris? — indaga.

— Se quiser sair daqui viva, srta. Walton, não beba nada que não seja do próprio bar. Agora, se quiser ser notícia nos jornais amanhã, boa sorte. — A encaro antes de me afastar. — Até agorinha. Não sinta saudade, bonequinha.

Antes que ela morda meu calcanhar, me afasto dela, e sigo pela multidão de pessoas dançando grudadas uma na outra, procurando Ethan. Levo cerca de cinco minutos até encontrá-lo.

— Consegui? — pergunto ao vê-lo.

— Sim, aqui está. — Ele me entrega um mini pen-drive.

— Valeu! — Coloco-o com cuidado no bolso da minha jaqueta. — Cadê o resto do pessoal?

— Olha, eles eu não sei, mas a nossa garota está mandando bem... — Ethan olha fixamente para alguém atrás de mim e sigo seu olhar.

*O que está acontecendo?*

Tiana está no meio da pista, dançando com um homem loiro. Ela não usa mais o moletom, o que proporciona uma visão generosa de seus seios extremamente fartos, sob a fina regata vermelha, já que encontra-se sem sutiã. No entanto, o que realmente chama minha atenção é o idiota que está passando a mão nela, enquanto Tiana parece estar fora de si.

— Porra! — exclamo, afastando-me de Ethan e praticamente correndo em direção à Tiana.

De modo nada delicado, puxo a gola da camisa do cara que está com ela, lhe dando dois socos seguidos, que o fazem cair no chão, confuso. Ao redor, todos gritam, aterrorizados.

— J-Jason... Deixa ele... — Tiana diz de maneira enrolada.

Encaro seus olhos extremamente dilatados e vermelhos. Então, viro-me para o desgraçado que joguei no chão, caminhando até ele. Ignorando seu rosto ensanguentado, aperto seu pescoço e pergunto:

— O que você deu a ela?

— Nada, cara. Ela só queria dançar, estávamos nos divertindo...

Aumento a pressão da minha mão, fazendo-o engasgar.

— O que você deu a ela, porra?! — Fixo meus olhos nos dele, para que saiba que não estou brincando.

— Foi... foi só uma bala no fundo do copo, ela parecia tão desanimada... Não foi nada de mais. Me solta, cara! — Sem querer largá-lo, o solto, e ele ofega em busca de ar.

— Desgraçado! — Chuto seu estômago e observo-o se contorcer.

Volto para Tiana, mas ela não está mais ali, encontra-se no fundo da boate, vomitando.

*Que droga!*

Vejo seu moletom no balcão, pego-o e me aproximo dela com um desejo incontrollável de estrangulá-la também. Que porra, será que ela faz isso para me deixar com mais raiva?!

Tiana se recupera de seu nojento vômito.

— Cinco minutos... Porra, apenas cinco minutos foi suficiente para você quase pegar uma DST! — grito, pela falta de juízo dela. — Você é surda? Eu falei para não aceitar nada de ninguém, porra!

— Eu não aceitei nada... Apenas peguei um suco que o cara do bar disse que você tinha deixado para mim... e senti um calor... Ainda estou sentindo. E se eu tirar minha blusa? — Tiana começa a levantar a blusa, e, porra, eu quero ver, mas automaticamente seguro suas mãos, a impedindo. Ela sorri. — Você que tirá-la para mim? — Um sorriso discreto se forma em seus lábios, revelando covinhas em suas bochechas.

Merda, sinto meu pau latejar, mas lembro que a filha da puta está sob o efeito de drogas! Provavelmente, o cara deu um “boa noite, Cinderela” para ela.

— Vamos embora daqui — falo, puxando-a para fora antes que eu faça alguma loucura.

— Agora, eu não quero ir... Me solta, vai...

Eu não a solto, e a puxo com raiva, levando-a para o carro. Mando uma mensagem para Ethan, pedindo que eles providenciem uma carona.

— Eu quero matar você, sabia? — Tiana confessa quando a forço a entrar no carro.

— Acredite, eu gostaria que você o fizesse, porque eu não sou o mocinho, nunca fui. Sou o vilão, e os vilões adoram donzelas em perigo. — Dou-lhe um olhar sombrio, acompanhado de um sorriso, e mesmo sob o efeito de drogas, ela solta um soluço e se encolhe no banco.

Isso, fique quietinha aí, bonequinha.

Não tô a fim de estragar tudo só por causa de um par de peitos.



## Capítulo 07

*Tiana Walton*

Minha cabeça lateja, e abro os olhos enquanto massajeio minhas têmporas. A última coisa que lembro é que após sair do banheiro, Jason me deixou no bar, e eu estava irritada, desejando ir embora. Eu não queria que meus pais pensassem que sua filha, do nada, havia se tornado uma vagabunda, e que ao invés de estar estudando, estava frequentando casas noturnas com ex-presidiários.

Quando o garçom mencionou que Jason havia deixado um suco para mim, hesitei inicialmente, mas minha cede era tamanha que acabei aceitando. Ao beber tudo de uma vez, uma estranha sensação de calor tomou conta de mim, e, depois disso, não consigo lembrar de mais nada.

*Pelo amor de Deus!*

Rapidamente, confiro minhas roupas, e percebo que a única coisa fora do lugar é o moletom do papai, que está jogado por cima de mim.

Merda, o que aconteceu?

Levanto devagar, sentando na cama, e Vanessa sai apenas com uma toalha do banheiro, olhando para mim com um pequeno sorriso maldoso, antes de caminhar até seu armário. Ela vira de costas e deixa a toalha cair, me proporcionando uma puta visão de sua bunda perfeitamente empinada, sem nenhuma estria.

*Ok, eu já entendi, ela é a perfeição em pessoa.*

Desvio meu foco dela, e, confusa, olho para a pequena mesa ao meu lado. Vejo um copo d'água com um comprimido. Franzo a testa, para verificar se não é minha miopia me enlouquecendo, ao notar meus óculos dobrados bem ali.

Mas... eu juro que os vi caindo do terraço. Será que tudo foi apenas um sonho?

Olho para Vanessa novamente, agora vestida com um top preto e uma calça de academia.

— Vanessa... Você não viu nada estranho? Bem, que horas eu retornei ao quarto? — pergunto, enquanto coloco meus óculos para enxergá-la melhor.

Antes que ela puxe a calça até o umbigo, consigo vislumbrar algo que parece ser uma cicatriz, embora seja tão rápido que não tenho certeza.

— O fato de dividir o quarto com uma nerd já é estranho para mim, e pior ainda foi ter encontrado um sapo pulando dentro do quarto — a garota de olhos azuis responde, cruzando os braços como se a culpa fosse minha.

Engulo o amargo gosto de sua ofensa e da lembrança dela me chamando de estranha junto com aquele idiota.

— O que você fez com ele? — Mordo meus lábios.

Espero que não tenha matado o coitado, ele não tem culpa das brincadeiras sem graça de Jason Herreris.

— Nada, chamei um dos supervisores para tirá-lo daqui. Depois, saí com alguém — responde, dando de ombros, começando a se maquiar.

— Então você não viu nada incomum? — continuo, percebendo sua irritação em ter que me dar um pingo de atenção.

— Não — Vanessa responde de forma seca, pegando seu celular e saindo do quarto sem olhar para mim.

*Droga.*

Encaro a água e o comprimido, tentada a tomá-lo, mas não farei isso. Não faço ideia de quem os colocou aqui.

Levanto-me da cama, sentindo-me suja, pois não consegui tomar nem um banho ontem. Decido seguir para o banheiro e resolver essa questão.



Ainda com uma leve dor de cabeça, percorro o corredor em direção ao meu armário.

— Oi! Que horas você chegou ontem? — A voz de Erick me faz encolher os ombros.

— Shhh... Pode falar um pouco mais baixo? — murmuro enquanto abro meu armário.

Erick fica em silêncio por alguns segundos, me analisando.

— Então é verdade?

Me viro, confusa.

— O quê?

— Você saiu com os ex-presidiários? — A dor de cabeça se intensifica quando o encaro tensa.

Rapidamente, o puxo para um corredor vazio.

— Quem te contou isso? O Jason? É mentira! — tento me defender, com medo de que alguém mais tenha ouvido esse boato.

Pensei que Erick estava perguntando sobre minha chegada da casa dos meus pais.

— Não, eu vi isso. — Ele tira o celular do bolso e abre o Twitter em um perfil anônimo.

Meu estômago se embrulha quando vejo o vídeo de 10 segundos. Tomo o celular de suas mãos, e lá estou eu, dançando de maneira ridícula enquanto um cara que nunca vi na vida se esfrega em mim.

*Maldição!*

— Cheguei a pensar que fosse uma montagem, mas sua cara de derrota e ressaca são provas bastante convincentes — Erick continua, me encarando incrédulo.

Uma parte de mim quer chorar, enquanto outra quer matar o responsável por isso. Sinto meus músculos se contraírem e apresso meus passos em direção à quadra de esportes, onde provavelmente aquele maldito está, ignorando os gritos de Erick atrás de mim, querendo o

celular de volta.

Avisto Ethan próximo ao vestiário masculino e me aproximo dele com um desejo ardente de também socar sua cara.

— Cadê ele? Onde está aquele desgraçado? — Ethan se assusta com meu tom de voz e me encara com uma falsa expressão confusa.

— Olha só, parece que ela morde! — o garoto um pouco mais baixo que Jason zomba, e quando cerro os punhos, ele sorri, levantando as mãos para cima. — Calma aí, esquentadinha! Ele está lá dentro. — Aponta para o banheiro.

Sem hesitar, o empurro para o lado e entro com tudo.

— Ei, você não pode entrar aqui! — exclama um dos garotos, mas estou tão enfurecida que só consigo focalizar em uma única pessoa, e paro a quase dois metros de distância dele.

Jason está encostado em uma das paredes do vestiário, com um cubo mágico na mão. Engulo em seco ao perceber que está usando apenas uma toalha branca para cobrir a parte de baixo.

De modo involuntário, meus olhos percorrem seu corpo, e agora consigo ver nitidamente a cabeça da cobra em seu peito musculoso, junto com várias outras tatuagens por ali. No entanto, são as cicatrizes perto de suas costelas que me chamam a atenção.

— É uma visão impressionante, não é? Eu sei. — Saio do transe quando a voz de Jason me lembra do motivo pelo qual estou aqui.

— Você me drogou de propósito, não foi? — Viro o celular para ele, mostrando o vídeo, mas ele continua concentrado no cubo mágico enquanto sorri, e eu respiro profundamente.

*Arrogante maldito!*

— Qual é, bonequinha?! Eu não sou do tipo que gosta de brincar com garotas fora de si. — Agora ele olha para mim, porém continua a mexer no cubo, e não posso deixar de notar que está alinhando todas as cores corretamente, sem sequer olhar para o brinquedo. — Gosto quando elas estão perfeitamente conscientes. A brincadeira fica muito mais divertida quando sabem do que sou capaz.

Dou um passo para trás, lembrando o que ele fez comigo no terraço e das suas ameaças.

Alguns dos garotos param para nos observar, e um arrepio percorre minha espinha. Começo a me arrepender de ter vindo aqui, já que agora estou cercada por vários idiotas seminus. No entanto, a raiva que sinto supera tudo, e meu sangue ferve enquanto quase grito:

— Eu não acredito em você! — Trinco os dentes, furiosa. — Quero que remova o vídeo do ar imediatamente, sei que foi você quem o postou!

— Hum, imagine a carinha dos papais Walton ao ver sua filhinha tão recatada em uma boate de drogados no meio da noite, com um completo estranho... Deve ser uma verdadeira decepção, não é, bonequinha? — Jason provoca, sem desviar os olhos de mim, e um tremor percorre meu corpo. — Mas posso ajudar a resolver o seu problema. Seria terrível para os negócios do seu papai se aquilo realmente vazasse da universidade...

Merda. Ele está certo. Se meu pai descobrir, com certeza enviará um segurança particular para me manter “segura”, ou pior, me tirará daqui e me transferirá para uma faculdade mais próxima de casa.

Droga, que inferno! Jason fez isso de propósito, para me chantagear.

— Eu não vou dormir com você! — exclamo, horrorizada.

Herris se aproxima de mim, e me seguro para não recuar quando seu cheiro invade completamente o meu espaço. Mesmo não me considerando uma pessoa baixa com meus 1,68m de altura, me sinto pequena ao lado dele, além de um tanto intimidada.

— Se eu quiser, você vai — diz sobre minha cabeça, enquanto fito seu peito.

Respiro com dificuldade quando ele se inclina até meu ouvido e sussurra:

— Mas não se preocupe, não me rebaixo a tanto.

Risadas altas ecoam no vestiário, e cerro meus punhos com força.

— O que... O que você quer? — pergunto com os dentes cerrados, desejando ter uma faca comigo.

— Muitas coisas... — Jason segura meu queixo, forçando-me a encarar seus olhos. — Vou apagar o vídeo, e ele não passará de uma lenda, mas... — Segura minha mão e coloca o cubo nela. — Fará o que eu quiser. Isso inclui lavar minhas meias após os treinos, sem dar um pio.

Mordo minha língua com tanta força que sinto o gosto de sangue se espalhar pela minha boca.

— Agora, se me der licença, tenho que me vestir, a menos que queira ficar para assistir. — Jason se afasta de mim, e eu aperto o cubo em minha mão a ponto de senti-la dormente.

Ignorando as risadinhas idiotas, viro as costas e saio antes que as lágrimas de humilhação apareçam. Avisto Erick, que está na porta do banheiro, me esperando.

— O que aconteceu? Está tudo bem?

Passo por ele, entrego seu celular rapidamente e corro para o dormitório. Graças a Deus, Vanessa não está lá. Olho para minha mão e vejo o cubo com todas as partes no lugar de origem. Jogando-o contra a parede, me lanço na cama, pegando o travesseiro e o usando para abafar o alto grito que dou. É isso ou chorar de ódio.

Como o odeio, miserável dos infernos! Cretino insolente!

Jason Herris assinou sua própria sentença de morte, e serei eu a dançar em cima de seu caixão.

## Capítulo 08



— Mano, você precisava ver a cara dela. Parecia que ela estava prestes a explodir a qualquer momento. Ou melhor, se houvesse uma bomba, com certeza ela a teria jogado contra Herris — Jeremias diz, entre risos, enquanto soco o saco de pancadas com força.

— Eu adoraria ter visto isso — Ethan sussurra, soltando uma baforada de fumaça de seu baseado, ao passo que fecha o seu notebook. — Prontinho, Jason, todos os vídeos estão fora do ar.

Após a saída da bonequinha do vestiário, viemos para a casa de Ethan. Eu poderia ter apagado os vídeos por conta própria, mas não queria desperdiçar o talento dele. Eu havia conseguido o vídeo da câmera da própria boate. Ter acesso a ele e postá-lo foram tarefas fáceis.

Interrompo os movimentos no saco de pancadas, e Nicole joga uma garrafa de água para mim.

— Qual é o seu interesse nela? — pergunta, me entregando um pano para enxugar o suor na sequência. — Quer dizer, se você não quer dormir com a garota, por que está no pé dela?

— Falando sério aqui, ela está longe de ser a Vanessa, mas você viu o tamanho das tetas dela? — Jeremias comenta enquanto pego o notebook de Ethan para verificar se tudo está certo.

É claro que eu vi. Na verdade, durante todo o trajeto de volta para a universidade ontem, ela queria tirar aquela maldita blusa, alegando estar com muito calor. Só Deus sabe o quanto tive que manter meu autocontrole para não arrancá-la eu mesmo e foder com a garota no banco de trás do meu carro. Tive que repetir várias vezes na minha cabeça que ela não é o meu tipo.

*Definitivamente, não é.*

— Estou apenas entediado — digo, dando de ombros. — A faculdade não é tão interessante quanto eu pensava. Ela é só uma distração. — Termino de beber minha água.

— Nic, você deveria fazer o mesmo. Aquele nerd... Erik, não é? Ele não para de te encarar — Ethan provoca, jogando um travesseiro na garota de cabelos coloridos.

— Se falar isso de novo, arranco suas bolas! — Nic revida, atirando o travesseiro com mais força nele.

— Ah, para, ele até que é bonitinho... Aquelas sardas, o cabelo ruiv... — Ele não consegue terminar, pois Nicole avança sobre ele, o derrubando no chão. Os dois começam a rolar um em cima do outro.

Reviro os olhos. Meu celular recebe uma notificação e ergo-me, caminhando rumo à porta.

— Está de saída? — Jeremias pergunta, notando minha fuga.

— Sim, nos vemos depois — respondo por cima do ombro, deixando a grande casa e

seguindo em direção ao meu carro.

Jeremias, Ethan e até mesmo Nicole foram pessoas com as quais me dei bem desde que cheguei aqui. Um grupo gótico que não liga para a opinião de ninguém. Tive que provar meu valor, é claro. Eles são movidos por drogas, bebidas e festas, e eu posso proporcionar tudo isso para eles, então foi fácil manipulá-los. Precisavam de um líder, e eu de três idiotas que fariam qualquer coisa que eu pedisse.



Depois de uma conversa com Luci ao telefone e de resolver algumas pendências, já é noite quando caminho pelos corredores do campus em direção ao meu quarto. É então que avisto uma silhueta conhecida, que usa um macacão jeans e tênis brancos, adentrando a biblioteca.

O que ela está fazendo aqui a essa hora?

Balanço a cabeça e sigo para meu dormitório. Já consegui o que queria. Tiana Walton é o tipo de garota mimada que faz de tudo para agradar aos pais. A ideia era simplesmente fazê-la entrar na boate, e isso já seria suficiente para comprometê-la.

Todos sabem que ela é filha de pessoas importantes, o que me ajudará a mantê-la sob controle. Mas o pequeno show da idiota drogada saiu melhor do que o esperado. Agora, é apenas uma questão de tempo até conseguir o que realmente quero daquela bonequinha de lindos cabelos encaracolados.



Nos dias seguintes, é maravilhoso vê-la vindo até mim depois dos treinos de basquete, para pegar minhas meias e lavá-las com cara de poucos amigos. Apesar de alguns pares virem furados ou rasgados, não posso deixar de rir da situação.

Jogo a bola na cesta de basquete e observo Jeremias se aproximando de mim e pegando a bola.

— Você vai para a viagem em Alcatraz? A universidade organizou uma expedição há meses para lá — questiona, quicando a bola de um lado para o outro.

— E o que eu faria lá? — pergunto, sabendo exatamente do que se trata o lugar.

— Não sei... Mas a Walton vai. Vi a assinatura dela e do amigo na lista — Jeremias responde, sugestivo.

— Hum, é mesmo?

Pego a bola da mão dele em um movimento rápido, avanço pela quadra e concentro toda a minha atenção na cesta. Salto no ar, vendo a bola de basquete voar em um arco perfeito, girando rapidamente. Com um som satisfatório, ela atravessa o arco, em uma cesta perfeita. Dou um sorriso olhando para Jeremias por cima do ombro e digo:

— Talvez eu esteja bastante interessado em visitar Alcatraz...

## Capítulo 09

*Tiana Walton*

Não posso acreditar que passei as últimas duas semanas lavando as meias imundas daquele idiota. Às vezes, tenho vontade de enfiá-las goela abaixo da garganta dele. Além disso, Jason me força a pegar seu almoço e amarrar seus tênis na frente dos seus amigos, como se eu fosse sua escrava pessoal. Pode parecer coisas inúteis, se ele não fizesse isso apenas para me humilhar na frente de todos.

Felizmente, é sexta-feira, e estou ansiosa para visitar meus pais. Minha mãe passou o dia inteiro ligando, pois eles estão prestes a viajar para o Brasil e querem que eu passe o sábado e o domingo com eles.

Levanto o meu travesseiro e observo o livro que estou lendo debaixo dele: *O Morro dos Ventos Uivantes*<sup>[3]</sup>.

Um dos meus livros preferidos.

Peguei o livro algumas noites atrás na biblioteca. Naquele dia, estava com tanta raiva, que só queria me distrair. Embora já tenha alguns exemplares na casa dos meus pais, entrar na biblioteca à noite, vazia e silenciosa, me encheu de adrenalina. Parece uma coisa inútil e boba, mas para alguém considerada excessivamente certinha, foi bastante emocionante e excitante.

O pego e o coloco na mala, vestindo o moletom do meu pai. Respiro fundo ao fechar minha mala, e então ouço alguém entrar no quarto. Por um momento, penso que seja Vanessa, mas considerando que hoje é sexta-feira, sinto um calafrio. Ela não costuma ficar na universidade aos fins de semana, e o perfume forte que invade meu nariz não é de uma garota.

— Sabe... — A voz de Jason no meu ouvido faz os pelos da minha nuca se arrepiarem. — Se continuar rasgando minhas meias, farei você lavar minhas cuecas.

Dou alguns passos para frente e viro para ele, que descaradamente se espalha na minha cama, com os braços debaixo da cabeça.

— Não tenho culpa se o seu chulé é tão forte que as meias já vêm rasgadas! — retruco, cruzando os braços.

— Eu tenho certeza de que não tenho chulé, bonequinha. — Jason vira-se para o lado e encara o retrato em cima da minha mesinha de cabeceira, onde estou com meus pais e irmãos.

— O que você quer aqui? Estou de saída e não quero você no meu quarto!

Jason me ignora, estica o braço e pega o retrato, analisando-o de perto.

— Porra, seus pais não tinham TV em casa?

Reviro os olhos e arranco o quadro de suas mãos de maneira brusca.

— Pelo menos tenho uma família! — solto, arrependendo-me imediatamente, pois agora Jason me lança um olhar quase que assassino.

*Put a merda.*

Herris se levanta da cama em um pulo, e eu dou alguns passos para trás à medida que ele se aproxima. Estou quase pronta para correr quando ele me alcança, segurando minha cintura e me pressionando contra seu corpo. Fico paralisada e respiro com dificuldade quando ele puxa meu cabelo com força, forçando minha cabeça para cima. A dor é tão intensa que mordo meus lábios para abafar um grito.

— Vou te contar um segredo: eu odeio pessoas inúteis que me irritam, e sabe o que faço com pessoas inúteis? — Engulo em seco, vendo raiva e ódio em seus olhos. — Você sabe, todos aqui sabem... — Jason me empurra, e caio sentada na cama de Vanessa.

Me encolho, sentindo meu peito subir e descer quando ele se aproxima novamente.

— Não demore a voltar, bonequinha. Não quero ficar entediado. Acho que está na hora de você fazer mais do que lavar minhas meias. — Ele dá três leves batidinhas na minha bochecha. — Boa viagem, baby.

Jason sai do quarto, batendo a porta com força, e finalmente solto a respiração. Quem ele considera inútil? Seus pais? Será que foi por isso que ele os matou?

*Merda!*

Balanço minha mão, tentando fazê-la parar de tremer. Queria não ter medo dele, desejava poder dizer isso, afirmar que sou forte o suficiente para suportar todas as provocações dele. Mas, lá no fundo, sei que não passo de uma gatinha assustada.



Papai veio me buscar no aeroporto, e lá está ele, vestindo jeans e uma camisa preta estampada com uma guitarra e os cabelos recém-secos.

— Você não acha que está ficando velho para usar essas roupas de bad boy? — pergunto, entregando minha mala a ele, que sorri.

— Sua mãe não acha.

— Que nojo! — Torço o nariz ao entrar no carro.

— Tudo bem. Agora, me conte. Como está a faculdade? — pergunta quando saímos do aeroporto.

— Achei que seria melhor.

— Como assim?

— Hum, não é nada. — Desvio meu olhar para a janela.

— Ei. — Meu pai aperta gentilmente meu braço. Ele não é idiota, sacou minha evasiva. — Aconteceu alguma coisa? Alguém...

— Não é nada, é só que vocês fazem falta. — Dou o meu melhor sorriso para ele, tentando desviar do assunto.

Ele tira a mão do meu braço e volta-se para o volante, enquanto observo sua brilhante aliança no dedo.

— Sabe que a qualquer momento pode voltar para cá, não sabe?



— Papai, por favor... É normal sentir saudades, isso não quer dizer...

— Que você vai voltar — conclui, e me censuro mentalmente.

Por que não consigo simplesmente ficar calada?

— Eu só...

Não consigo terminar a frase, pois nem eu mesma sei. Estou em conflito entre mostrar a eles que consigo me virar sozinha e o medo do que eles dirão quando descobrirem que não estou conseguindo fazer isso. Na verdade, nem eu sei o que estou tentando fazer.

— Está tudo bem, Ana — fala, compreensível, e volto a encará-lo. — Só não deixe que ninguém te intimide. Não foi assim que te criamos. Se alguém estiver te incomodando, mostre de quem você é filha, ou me fale, que vou ter o prazer de ir pessoalmente àquela universidade e arrancar todos os membros...

— Papai! — o interrompo, sorrindo.

— Desculpa, mas você me diria se estivesse acontecendo alguma coisa, não é, princesa?

— Sim... — minto.

Eu irei dar a volta por cima e me livrar sozinha daquele idiota.



— Oh, filha, não sabe o quanto estava morrendo de saudades! — Mamãe me abraça tão forte que acho que devo ter quebrado algo.

— Nós conversamos por telefone há apenas uma hora, mamãe — reclamo quando ela finalmente me solta.

— Bombomzinho, vou para escritório, ficarei por lá até a hora do jantar. Leonel, ao invés de se aposentar, só me arruma dor de cabeça. Porra de velho chato! — Papai me dá um beijo no rosto e um selinho na minha mãe antes de subir as escadas.

Reprimo um sorriso, pois, apesar de tudo, é bom estar em casa.

— Como você está, querida? — Minha mãe me conduz pela sala.

— Só um pouco cansada da viagem, senhora bombomzinho. — Arqueio a sobrancelha, e ela sorri, dando-me uma pequena cotovelada. — Ai...

— Suba, tome um banho e descanse, suas irmãs já devem estar chegando do shopping com Rullios.

— Onde está Leo? — Procuro meu irmão antissocial pelo ambiente com os olhos.

Provavelmente, deve estar no quarto, ou escondido em um canto. Mas, para minha surpresa, mamãe diz:

— Está com Beto. Saíram mais cedo com Caion. Porém, já devem estar chegando também.

— Hum, ok...

Subo as escadas em direção ao meu quarto para descansar um pouco, pois estou realmente exausta.

Abro minha porta e observo o espaçoso quarto com tons de lilás e branco, com os lustres de cristal pendurados no teto. A cama tem um dossel elaborado e está coberta com um lençol de seda. Ao lado da cama há uma mesa de cabeceira com várias fotografias e uma luminária. Tudo do jeitinho que eu deixei há duas semanas.

Fecho as grandes janelas e, ainda de sapatos, me jogo na cama, abraçando minha boneca de pano da Tiana, vestida com seu delicado vestido azul-claro e coroa que sua amiga Charlotte lhe empresta na animação. Minha mãe me presenteou com ela no meu aniversário de cinco anos. No entanto, é o ursinho rosa que mantenho debaixo do travesseiro que é o meu favorito.

Cada um de nós tem um de cores diferentes, dado por nosso pai no dia em que nascemos.

Os abraço e respiro fundo, lembrando-me da ameaça de Herris.

*“Não demore a voltar, bonequinha. Não quero ficar entediado. Acho que está na hora de você fazer mais do que lavar minhas meias.”*

O que ele fará comigo?

Bufo com raiva, apertando ainda mais meus ursos contra meu peito. Não quero pensar naquele cretino. Terei dois dias longe dele, então que ele vá para o inferno.

## Capítulo 10



Acendo um cigarro quando desço da minha moto. Levei apenas alguns meses para conseguir minha carteira de motorista depois de sair da prisão. Tive que reaprender tantas coisas desde então... Parecia que estava parado no tempo.

Jogo fora o toco do cigarro e piso em cima. Por alguns minutos, observo a grande casa, quase toda feita de vidro, antes de abrir a porta e entrar.

— Jhai, Jhai, você veio! — A voz infantil ecoa pela sala, e, ao vê-la, involuntariamente sorrio enquanto a pego no colo.

— Oi, baixinha.

— Você trouxe presentes para mim? — a pequena curiosa pergunta ao notar minha mão nas costas.

— Claro que trouxe. — Coloco-a no chão e viro a sacola que havia escondido atrás de mim para ela.

— O que tem aí dentro? — indaga, ansiosa.

— Abra, e vai descobrir.

Os olhos curiosos de Luci brilham, e ela começa a dar pequenos pulinhos ao ver o enorme unicórnio de pelúcia dentro.

— Ahhh, olhe, Carla! Veja o que meu irmão me trouxe! — Luci mostra para a governanta, que sorri para ela. — Obrigada — ela diz, abraçando aquela coisa toda rosa com um único chifre.

Assinto com a cabeça e me viro para Carla.

— Por que me ligou com tanta urgência? — pergunto de maneira direta. — Aconteceu algo?

— A senhorita Luci... Bem, ela mordeu a professora de balé... Ela pediu para não contar, mas eu sabia que precisava...

A mulher parece receosa, enquanto olho para a pequena ao meu lado, que exhibe um rosto cheio de culpa.

— Isso é verdade, Lucia? — Apenas a maneira como ela aperta seu urso já deixa claro que é verdade.

Olho para Carla, e sem eu dizer uma única palavra, ela entende que quero ficar a sós com minha irmã, saindo.

Me agacho à sua altura, e ela abraça ainda mais sua pelúcia, com o rosto envergonhado.

— Por que fez isso?

— Ela disse que eu não sabia dançar, que, por ser uma órfã, nunca ia aprender nada. Eu disse a ela que não era órfã, que tinha você... Ela disse que você era um monstro, que seu lugar é atrás das grades... Eu só percebi quando mordi sua mão quando ela estava gritando pela sala... Me desculpa, Jhai — Luci diz enquanto soluça, tentando conter as lágrimas, e eu passo as mãos em sua cabeça, para acalmá-la.

— Ei, tudo bem, você não está sozinha, nunca mais vai ficar...

— Não está bravo? — Funga, limpando o nariz.

— Bem, ela mereceu, não foi? Só que se alguém lhe disser isso de novo — faço com que ela olhe nos meus olhos —, morda ainda mais forte. Morda até sentir o gosto do sangue!

Dou-lhe um beijo no rosto e me levanto.

— Carla!

— Sim, senhor Herris? — A governanta aparece novamente na sala.

— Arrume a Luci, hoje vamos jantar fora — digo com firmeza, voltando a caminhar para fora.

— Você já vai, Jhai? — Luci pergunta, parecendo meio triste.

— Eu já volto, eu esqueci algo. — Abro a porta e verifico meu canivete no bolso. — Um monstro? — Sorrio de maneira diabólica, subindo na minha moto vermelha e colocando o capacete.



Giro meu canivete na mão enquanto paro para limpar uma sujeira em minha unha com a ponta da lâmina, quando um grunhido começa a me irritar.

— Cale a boca, porra! — rosno e me aproximo da mulher de quase quarenta anos, amarrada na cadeira da sua sala, com um pedaço de pano na boca, para impedi-la de gritar. — Vamos começar de novo.

Inclino a cadeira para trás e me aproximo do seu rosto.

— Então, aterrorizar crianças também faz parte do seu currículo? — pergunto, ao passo que ela continua a grunhir e balançar a cabeça negativamente, em pânico. — Tsc, tsc, senhora Moriana! Eu não a paguei tão bem para ficar falando merda para minha irmã de sete anos!

Empurro a cadeira para trás, fazendo-a cair com a mulher e tudo no chão, e ouço seu choro desesperado.

— Pare de chorar, caralho! Eu nem fiz nada com você ainda! Eu deveria arrancar sua cabeça e mandá-la de presente para sua mãe! — grito, sentindo raiva, e me abaixo no chão.

Levanto meu canivete e ela tenta se soltar da cadeira. De repente, desço o canivete de vez, enfiando-o no chão, próximo ao seu rosto, fazendo um pequeno corte em sua bochecha.

— Considere isso um aviso do querido irmão *monstro*.

Pego meu canivete, limpo-o na barra da calça dela e me viro para sair de sua casa.

— Ah, e antes que eu me esqueça... você está demitida — falo por cima do ombro, finalmente indo em direção à minha moto.



— Onde estamos? — Luci pergunta, animada, assim que a ajudo a descer do carro, ajeitando seu vestido rosa volumoso por cima das meias-calças de unicórnio.

— Surpresa, venha! — Seguro sua mão e atravesso a rua com ela, que pula sem parar.

— Ah, Jhai... Isso é... — Luci solta minha mão ao ver a roda-gigante. — Um parque!

Não consigo deixar de rir de seu entusiasmo quando me aproximo do guichê para comprar os ingressos. Entrego alguns à pequena eufórica, que corre em direção a um brinquedo infantil, e permaneço por perto.

Luci foi privada disso por anos. Sei que Carla fez o possível para criá-la em segredo, e neste último ano tenho tentado compensar minha ausência. Na verdade, nem eu conheço de fato o mundo. Foram seis anos vendo tudo através de uma pequena janela, o que me tornou mais primitivo do que já era. Apenas Luci foi capaz de trazer à tona meu 1% humano, e somente ela conhecerá esse lado.

Com seus gritos animados, ela sai do brinquedo e vem até mim.

— Vamos na casa fantasma comigo, Jhai?

Penso em recusar, mas os olhos brilhantes e meigos dela seriam capazes de fazer eu comprar um unicórnio de verdade, apenas para ela montar nele.

— Ok, vamos lá. — Deixo que ela me puxe para a casa cheia de fantasmas mais falsos do que o caralho, e nos sentamos em uma cadeira.

Luci grita, assustada, durante todo o percurso, e eu sorrio ao vê-la se divertir. É assim que quero vê-la, feliz, e destruirei qualquer um que tente tirar esse sorriso dela.

Qualquer um!



Estamos sentados na grama enquanto observo Luci comer um algodão doce.

— Este agora é o meu lugar preferido no mundo, Jhai! — ela comenta com os cabelos suados, pois foi em quase todos os brinquedos da sua idade e repetiu alguns deles mais de três vezes.

Seguro a ponta do seu nariz e ela sorri.

— Vou pegar outro cachorro-quente! — Ela se levanta e entrego o bilhete para ela, que vai até a banca próxima.

Coloco as mãos para trás, firmando meu corpo.

— Você é o meu lugar favorito no mundo... — sussurro para mim mesmo.

Mas meu celular apitando me tira do transe, e vejo a mensagem pela barra de notificações.

*“Tem que ser esta semana.”*

Bloqueio o celular novamente, tentando afastar a criaturinha desbocada e irritante de minha cabeça.

*Tiana Walton.*

Tão cheirosa...

Dou um sorriso sutil enquanto mordisco meus lábios. Será que ela já encontrou a surpresinha que enviei junto com ela?

## Capítulo 11

*Tiana Walton*

Acordei cedo no sábado e decidi dar um passeio de bicicleta com Luna e Vick até a casa do tio Caion. Estava morrendo de saudades deles, especialmente do Nando.

Na volta, com a insistência de Luna, paramos no mercado para comprar comida, já que elas queriam fazer uma espécie de noite do pijama hoje, antes de eu voltar para São Francisco amanhã. Aproveitamos também para passar na casa da tia Karen.

— Oi, Beto! — cumprimento meu primo, que está na sala, jogando com Leo.

— Ah, olá, Ana. Quer vir jogar uma partida?

— Só se vocês quiserem perder! — provoco o garoto de pele mais escura do que a de mamãe.

Beto realmente não parece nada com a tia Karen, mas sim com o pai dele.

— Anda logo, Ana. Não vou ficar aqui esperando você jogar esses jogos de delinquentes! — Vick murmura já na porta, e reviro os olhos.

— Certo, vamos. — Mas, antes, me viro novamente para os dois adolescentes na sala. — Você vem, Leo?

— Depois. — Ele continua encarando a tela à sua frente.

— Vamos logo, Ana! — Vick insiste, e eu a sigo.

Eu sinto falta do antigo Leo, da forma como éramos próximos...

O jeito que ele guarda tudo para si mesmo...

*Somos tão parecidos.*

Respiro fundo enquanto monto na minha bicicleta.

*As crianças crescem, Ana, e você sabe disso muito bem.*



A festa do pijama é ótima, apesar de ter que aguentar as gêmeas cantando músicas coreanas a noite toda. Eu não tenho muitas amigas; sempre fui reservada e na minha, mas tenho minhas irmãs. Apesar de sermos bem diferentes em vários aspectos, elas sempre estão aqui para mim, assim como eu estou para elas.

Mamãe aparece no meio da noite, e tudo fica ainda melhor quando ela começa um ataque de cócegas nas três ao mesmo tempo, como na época que éramos apenas crianças.

Papai foi a um jogo com o tio Caion e Leo, deixando a casa apenas para as meninas. No

final, há comida por todos os lados e colchões espalhados pelo quarto. Solto um suspiro, cansada e satisfeita, antes de fechar os olhos e dormir.



— Cacete! Isso aqui é...

— Hum, o quê? — Abro meus olhos ainda pesados, ouvindo a voz alarmada de Vick.

Viro-me para ela e percebo que em uma de suas mãos está o moletom do papai, e, na outra, ela segura um pequeno plástico luminoso.

— Oh, porra! — Pulo da minha cama tão rápido que caio no chão, vendo a expressão chocada de Vick. — Isso não é meu... e eu não sei como veio parar aí ...

Levanto rapidamente, me aproximando de Vick, mas antes que eu possa pegá-lo dela, o som de outra voz ecoa no meu quarto.

— Isso é uma camisinha, Ana? — Luna esbraveja alto, e eu olho para ela, parada na porta do banheiro, me encarando e segurando o braço de Vick.

— Por que trouxe uma camisinha pra cá? Mamãe sabe disso? — Vick questiona.

— Não... — Tento pegar o treco de Vick novamente, mas ela levanta a mão, esquivando-se de mim. — Eu...

— Você está transando? Tem um namorado? Putz! Você tem um namorado e transa? — Luna me interrompe, ainda horrorizada. Eu só quero morrer.

É claro que não. Mesmo que meus pais sejam bastante abertos sobre sexo, isso é muito embaraçoso.

— Me dê essa merda! — Com vergonha dessa cena, corro atrás de Vick, que sobe na cama, levando junto a embalagem.

— Por que não nos contou que tinha um namorado? — Luna insiste enquanto berro atrás de sua gêmea.

— Me dá isso, sua vaca! — Alcanço Vick e agarro seus cabelos.

— Namorado? Quem tem um namorado?

Paramos as três, como se estivéssemos em câmera lenta. Estou agarrada nos cabelos de Vick, enquanto suas mãos estão levantadas, mostrando claramente a camisinha. Leo está parado na porta com seu moletom de caveira, com as sobrancelhas arqueadas, quando sua atenção vai para o que Vick tem em mãos.

— Peguem ele! — rosno, soltando Vick, que vem atrás de mim.

Meu irmão tenta correr, mas nós três o encurralamos, levando-o para dentro do quarto.

— Você não vai contar nada do que viu aqui dentro, entendeu? — digo firme, ainda ofegante, para ele, que está sendo segurado por Luna e Vick.

— Eu não vou contar, está bem? Mas por que você não contou para ninguém que tem um namorado? — pergunta, se soltando das gêmeas.

— Porque eu não tenho um! Isso é só um mal-entendido. — Bufo, passando as mãos no



meu rosto, sabendo exatamente quem colocou aquilo ali.

A hora que Jason me encurralou no quarto...

Desgraçado de uma figa! Ele passou do limite, eu vou matá-lo!

— É de uma amiga, ela só pediu para guardar e esqueci de devolver.

Os três olham para mim, não acreditando em uma só palavra, e Vick reprime um sorriso sarcástico, enquanto Leo arqueia a sobrancelha novamente.

— E se eu tiver? Posso trepar com quem eu quiser! — explodo, sem nem mesmo saber por que estou discutindo sobre isso.

Aquele idiota está me enlouquecendo.

— Trepando? — Meu estômago dá uma pontada com a voz da mamãe na porta e o som do meu pai engasgando no corredor.

*Ah, merda!*

Se eu pudesse, me jogaria pela minha janela agora mesmo.



Depois de passar uma hora tentando me explicar para meus pais e depois ouvir mais uma hora de sermão sobre doenças sexualmente transmissíveis, enquanto meu pai quase chorava, mamãe finalmente me leva para o aeroporto.

Quando ela estaciona o carro, um silêncio constrangedor se instala no ar e sinto meu rosto arder.

— Escute, Ana...

— Mamãe, por favor. Acredita em mim, eu não tenho um namorado! — a interrompo antes de mais um sermão.

— Eu não me importo que tenha um namorado, meu amor, e mesmo seu pai agindo daquele jeito escandaloso, ele também não. Desde que você não se sinta pressionada. — Ela encara o volante e continua em um sussurro: — Alguém está te obrigando?

— Não! Eu já expliquei. Foi tudo um mal-entendido, não tenho namorado e não estou sendo obrigada a nada. — Omito uma parte, a que estou lavando meias sujas há duas semanas contra minha vontade, mas, bem, é melhor do que dormir com o dono delas.

— Tudo bem, princesa. Eu acredito em você. — Ela sorri, meio triste.

— Não fique assim. Quando eu tiver mesmo um namorado, a senhora será a primeira a saber. — Passo as mãos em suas bochechas, e ela me abraça.

— Será amanhã que irá visitar aquela prisão antiga? — mamãe pergunta, me ajudando a levar as malas para dentro do aeroporto.

— Sim, estou bastante ansiosa! — Estou louca para conhecer aquela ilha.

— Se cuida e divirta-se.

— Vocês também, no Brasil. Mandem beijos e lembranças para todos.

Quando chega a minha hora de embarcar, caminho, sentindo a raiva me corroer. Serão

cinco horas de viagem. Cinco horas pensando em todos os jeitos possíveis de arrancar a cabeça de Jason Herris com minhas próprias mãos.

## Capítulo 12

*Tiana Walton*

A porta do dormitório está entreaberta quando entro e jogo minhas malas de qualquer jeito no chão. Vanessa encontra-se diante de seu espelho, penteando o cabelo, e se assusta com o barulho.

— Qual é o seu problema, garota? — ela pergunta alto.

Ignoro-a e saio do dormitório, indo em direção à ala dos quartos masculinos. Já está quase noite, e Jason, provavelmente, estará lá.

Caminho como uma leoa, sentindo meus músculos tensos de puro ódio. Ao entrar no primeiro quarto, um garoto me xinga. Pergunto a ele onde fica o quarto de Jason, e falo que se ele não me disser, chamarei meu avô mafioso para “conversar” com ele. Essa parte eu invento, mas parece funcionar.

Quando ele me fornece as informações de que eu preciso, praticamente corro em direção à penúltima porta do corredor. Sem cerimônia, abro a porta, que, para minha sorte, está destrancada. Entro e deparo-me com o desgraçado sentado na cama, com um notebook em seu colo.

E como se soubesse que eu viria até ele, lentamente fecha o aparelho em seu colo e me encara com a cara de alguém que acredita ser o dono do mundo.

— Você é um ridículo! Quantos anos você tem? Dez? — Ergo o queixo, tentando parecer corajosa ao encará-lo.

No entanto, só consigo vê-lo sorrindo, enquanto se levanta da cama e fica em pé à minha frente.

— Eu tenho vinte e dois, senhorita Walton — responde, sarcástico, arqueando uma sobrancelha.

— Isso não é engraçado! — grito, cerrando o punho. — Eu juro que estou prestes a cortar sua cabeça, senhor Herris!

Jason avança lentamente, e antes que eu possa lhe dar uma bofetada, rapidamente sinto meu corpo girando. Quase fico sem ar com o impacto que sinto quando ele me joga na cama e sobe por cima de mim, me enjaulando com seu corpo.

— Ah, é? Me conte como vai fazer isso, bonequinha... Vou adorar saber como pretende cortar minha cabeça com essas mãozinhas minúsculas. — Seu hálito é solto em meus cabelos, ao passo que Jason me aperta com mais força sobre a cama.

— O que você pensa que está fazendo? Sai de cima de mim, seu desgraçado!

Empurro seu peito com minhas mãos, tentando ganhar tempo para aplicar algum golpe que meu tio Caion me ensinou. No entanto, Jason rosna, segurando minhas mãos, as prendendo

em cima da minha cabeça, e um frio percorre toda minha espinha.

— Estava pensando aqui... você tem uma boquinha muito suja para uma garota extremamente mimada — fala próximo demais, e tento me mover.

— Se não me soltar, vou gritar.

— Está com medo? Mas foi você que veio até aqui.

— Eu não tenho medo de você! — digo entredentes, mentindo.

*Eu tenho medo dele, no entanto, ele não precisa saber disso.*

Sua mão livre percorre meu rosto, retirando meus óculos, e me encara profundamente, com um sorriso malicioso no rosto.

— Você cheira à virgindade. Humm... Eu adoro virgens, mas não sei se elas sentem o mesmo por mim. — Jason me pressiona mais na cama, e prendo a respiração, sentindo meu coração acelerar. — Os anos na prisão me deixaram bruto, entende?

— E quem disse que sou virgem? — Tento manter a voz firme, embora meu corpo esteja tenso de medo.

Ele solta uma risada quase silenciosa.

— Eu duvido muito que já tenha visto um pau ao vivo, srta. Walton, mas posso ser gentil e te mostrar o meu.

— Sai, Herris, me solta!

— Eu acho que não, que...

Alguém pigarreia, e ambos olhamos para a porta, vendo Jeremias nos encarando, incrédulo.

*Merda!*

Sentindo que o aperto de Jason diminui, aproveito sua distração e solto minhas mãos rapidamente, o empurrando para longe.

— Foi mal, cara, não sabia que você estava acompanhado — Jeremias se desculpa, olha para mim com um olhar julgador e rapidamente sai daqui.

*Era só o que me faltava.*

Levanto-me, vendo Jason na cama, aparentemente... confuso.

— Nunca mais ouse tocar em mim! — quase grito para ele, e saio correndo, sentindo meu corpo ainda trêmulo e cheio de adrenalina.

Só quando chego à porta do meu dormitório lembro de algo importante.

*Droga, meus óculos!*

Foda-se, não voltarei lá... nem fodendo!



Depois de tomar um banho e escovar os dentes, visto meu pijama de ursinhos. Procuro minhas lentes de contato, apenas para descobrir que esqueci os dois pares na casa dos meus pais.

Que cacete!

Cruzo os braços, irritada comigo mesmo, quando ouço barulhos no corredor. Olho para a cama de Vanessa e não a vejo lá. Com medo de ser Jason, abro a porta vagarosamente, e vejo Vanessa conversando com alguém ao telefone de um jeito estranho. Ela está falando em outra língua?

— *¿Cómo encontraste mi número? No, no hace falta que contestes, hasta tienes gente que te limpia el trasero, ¿verdad? Encontrar mi número debe haber sido fácil.*<sup>[4]</sup>

É espanhol... Eu conheço muito bem, minha mãe fez com que eu estudasse várias línguas quando era criança, e me sinto mal por entender e continuar ouvindo.

— *Estoy muy lejos, ¿verdad? Pero debes saber que es solo cuestión de tiempo antes de que pueda regresar*<sup>[5]</sup> — Vanessa diz, com a voz bastante irritada, e me inclino um pouco, fazendo a porta ranger.

Ela se vira, e encosto-me rapidamente na parede.

Passam-se alguns segundos, ela volta a xingar ao telefone enquanto caminha em direção ao terraço. Eu deveria entrar e não ficar bisbilhotando, mas a curiosidade é maior do que eu, e quando a vejo subir a escada, a sigo.

— *¡Lo sacaré si puedes!*<sup>[6]</sup> — Vanessa continua, ao passo que me escondo nos corredores ao lado, estreitando meus olhos para vê-la melhor.

— *Cállate! ¡Él también es mi hijo!*<sup>[7]</sup>

O quê? Filho?

— Puta merd... — Antes que termine, sinto uma mão cobrir minha boca, e minhas costas batem contra algo duro.

Vanessa, mais uma vez, parece desconfiar que tem alguém além dela aqui, e gira no lugar.

O cheiro de loção pós-barba misturado com um perfume forte e conhecido paira no ar quando ele me leva para trás de outra coluna, ainda me segurando firme contra o seu corpo. Aproxima-se do meu ouvido e sussurra um “shhh”.

— *¡No me llames más, a menos que quieras hablarme de él! Adiós.*<sup>[8]</sup> — Ela espia mais um pouco o terraço antes de sair resmungando. — Maldito desgraçado de merda...

Sentindo algo duro em minhas costas, agarro a mão que cobre minha boca e a afasto bruscamente, afastando-me dele.

— Espiando a conversa alheia, bonequinha? — Jason cruza os braços, me encarando com seu sarcasmo de sempre.

— E se eu estivesse, o que você tem com isso? — Não posso deixar de notar que agora ele veste um conjunto de moletom todo preto, destacando sua corrente prateada, e seu cabelo está molhado, como se tivesse acabado de sair do banho.

— Tudo. Você me pertence, lembra? — Um sorriso malicioso surge em seus lábios e cerro os dentes.

— Nem em seus melhores sonhos, idiota! — exclamo, me inclinando um pouco.

— Ah, nos meus sonhos... Se você soubesse o que eu faço com você neles, baby.

Agora eu que dou um sorriso para ele.

— Então você anda sonhando comigo, senhor Herris. — Arqueio a sobrancelha, provocando-o.

Jason dá mais um passo, ficando a centímetros do meu rosto, e meu estômago se contorce.

— Claro, srta. Walton, e neles estou passando por cima de você com meu carro mais de uma vez! — diz.

— O que você quer de mim? — pergunto, irritada.

— Nada de mais. Não posso me divertir, srta. Walton? — Jason murmura, fingindo tirar algo do meu ombro.

— Eu não sou seu brinquedinho, caramba, me deixe em paz! — Afasto-me dele, tentando manter a distância.

— Você é sim, bonequinha...

— Vai se foder, Herris! — Tento passar por ele, mas o imbecil se coloca em minha frente.

— Eu vou, mas só se você for comigo.

Respiro com dificuldade enquanto nos encaramos por segundos, que para mim parecem horas.

— Eu odeio você! — admito.

— Oh, é recíproco, acredite!

— Se me odeia tanto como diz, por que continua me perseguindo? — Não entendo essa obsessão por me seguir e transformar minha vida em um inferno.

— Porque eu quero, porque posso fazer o que eu quiser, e essa conversa já está ficando repetitiva. — Jason dá um bocejo falso, e eu reviro os olhos.

Herris pega algo do bolso, e só então percebo que são os meus óculos. Ele se afasta e os joga em minha direção. Os pego.

— Acho que você esqueceu isso quando estava ameaçando arrancar minha cabeça. — Sorri ladino.

Por que ele tem que ter esse sorriso estranhamente atraente?

— Melhor ir dormir, amanhã será um dia e tanto, não é? — Faz uma pausa. — Aliás, adorei o pijama, bonequinha.

Jason passeia os olhos por todo o meu corpo, e automaticamente cubro meus peitos. Estou sem sutiã, e os meus mamilos, provavelmente, estão enrijecidos pelo frio da noite.

— Arggh!!! — grito quando o vejo desaparecer pelas escadas abaixo.

Caminho até o parapeito e me inclino sobre ele, olhando a noite e o céu estrelado. Ainda estou chocada sobre Vanessa. Ela não parece uma mãe, não pelo corpo maravilhoso de modelo que tem, mas sim porque tenho certeza de que possuímos quase a mesma idade.

Ela parecia tão mal...

Balanço a cabeça, tentando parar de pensar nisso. Eu já tenho problemas demais para

querer me intrometer na vida dos outros.

Há um psicopata louco na minha cola, que parece um carrapato. Mesmo que Jason tenha fama de assassino e perigoso, às vezes acho que ele é apenas um garoto reprimido. Ninguém sabe o motivo real dele ter matado os pais, e agir assim, talvez, lhe dê uma sensação de poder, para não mostrar seu lado vulnerável.

*Não!*

Eu estou tentando justificar por que ele é tão perturbado? Isso é ridículo!

Tudo bem, eu só não entendo o que ele realmente quer comigo. Ele já deixou claro que não sou seu tipo, e isso não é novidade para ninguém. O tipo dele é a Vanessa, loira de olhos azuis e corpo delicado.

Se não é um interesse sexual, o que diabos Jason Herris quer comigo?

## Capítulo 13

*Jason Harris*

Porra, está sendo um sacrifício não encarar as tetas enormes e não imaginar como seria ter meu pau no meio delas! O jeito como o maldito pijama fino deixou quase nada para minha imaginação pervertida foi uma tormenta dos infernos.

Caralho!

Com um soco mais forte no saco de pancadas, tento liberar toda a adrenalina do meu corpo, sentindo o suor escorrendo por mim.

Isso é ridículo! Talvez, esteja agindo assim por estar sem trepar por duas malditas semanas, o que me leva a imaginar aquela desgraçada pelada.

Merda. Passar tanto tempo atrás dela está afetando meu pau.

— Você já está aí faz uma hora... O que aconteceu para te deixar tão nervoso? — Escuto a voz de Ethan ecoar em seu porão.

Decidi vir aqui, pois é o único lugar onde posso encontrar um saco de pancadas a essa hora.

— Só estou gastando energia...

— Gastando energia... Ou está pensando na boneca de óculos?

Paro de golpear o saco e viro-me para ele com um olhar irritado, fazendo com que ele levante as mãos, em sinal de rendição.

— Eu não disse nada, o saco de pancadas é bem mais macio do que eu para bater! — comenta com um sorriso, e tudo que eu quero é pendurá-lo de cabeça para baixo.

Afasto-me um pouco do pequeno ring e pego minha camisa para me vestir. Ethan me lança um olhar desconfiado.

— Jeremias me disse que te viu com a garota no quarto, por isso...

— Não aconteceu nada. — Não deixo ele terminar.

— Olha, Jason, Nic e Jeremias podem até ser ingênuos e manipuláveis, mas não são estúpidos. Não sabemos quem você realmente é, mas sabemos que nada de bom pode vir de um assassi...

— Cala a boca! — É tudo tão rápido, que Ethan arregala os olhos quando agarro seu pescoço com força. — Quem você está tentando enganar, Ethan Card? Você é uma fraude. Conte aos seus pais o que você realmente faz aqui. Diga a eles que a venda de sites é apenas uma fachada para receber dinheiro deles e produzir substâncias ilegais!

Ele segura minha mão, tentando se liberar do meu aperto.

— Eu posso ser tudo o que dizem, mas não precisei enganar ninguém para obter meu



status de garoto psicopata! — O empurro, e ele cai, tentando recuperar o fôlego.

Estou ciente dos esquemas dele, e sei que os outros dois idiotas estão envolvidos também. Pego meu moletom e saio de sua casa sem olhar para trás.

*Babaca.*

Acendo um cigarro, dou uma tragada, e antes de colocar meu capacete e montar na moto, verifico o meu relógio, que marca 2h da manhã. Sigo em alta velocidade pelas ruas, sem respeitar nenhum sinal. Estou frustrado, as coisas estão se complicando e tenho pressa.



Observo a minha casa, onde vivi até os meus quinze anos, o eterno lembrete do inferno que passei aqui, do qual ainda não consegui me libertar. Não até que eu resolva tudo.

Desligo a moto e subo os degraus da escada. Pego minhas chaves, abro a porta e entro, encontrando tudo escuro. Caminho pela sala, observando as cortinas nudes e o sofá branco, assim como o restante da casa. Subo as escadas e entro no quarto quase no final do corredor. Luci está dormindo tranquilamente, abraçando seu unicórnio. Me aproximo de sua cama e sento com cuidado, acariciando seu cabelo macio. Ela se mexe um pouco, virando-se na minha direção.

— Jhai? É você? — pergunta com a voz sonolenta, mas não respondo, não queria tê-la acordado. — Eu sei que é você — diz em um sussurro, e eu sorrio, dando-lhe um beijo na testa.

Levanto-me, mas sinto suas mãos segurando meu braço.

— Eu amo você, Jhai.

Meu corpo fica tenso, a boca seca, e apenas aperto suas mãozinhas.

— Durma, pequena. Amanhã eu volto.

Desvencilho-me do seu aperto e saio do quarto, descendo as escadas novamente. Adentro a ampla cozinha, onde piso em algo macio. Ajoelho-me e pego o ursinho de Luci, o encarando antes de colocá-lo sobre a mesa.

Continuo explorando a casa, onde estou tentando me readaptar à vida novamente. Caminho pelo corredor e encontro uma porta verde que não abri desde aquele dia. Respiro fundo e me aproximo dela.

Eu não sou mais o garotinho assustado de antes. *Eu não tenho mais medo...*

Abro a porta, e o cheiro familiar invade o meu nariz, invocando memórias dela me abraçando e cuidando dos meus machucados de modo gentil.

Aproximo-me da cama feita com lençóis limpos e acendo o abajur. Observo um pequeno retrato em cima da penteadeira e pego-o. Lá está minha mãe, com os olhos verdes brilhantes, semelhantes aos de Luci. Tão bonita e radiante...

Passo a mão pelo seu rosto na fotografia, admirando seu sorriso feliz. Então, meus olhos se movem para a figura ao seu lado direito, seu irmão mais velho, Matteu Velard. Encaro o quadro por alguns segundos antes de colocá-lo de volta no mesmo lugar.

Abro a gaveta, e uma manta azul, de bebê, faz meu peito pesar. Minhas mãos tremem ao

segurá-la e a levo até o nariz, cheirando profundamente. Possui o inconfundível aroma dele.

Olho ao redor e percebo que, apesar dos esforços dos funcionários para limpar toda a cena do crime, ainda há algumas manchas de sangue espalhadas pela parede e no chão. Então, como flashes, todas as memórias se tornam vívidas em minha mente. Minha mãe gritando e implorando para que ele não fizesse isso, seus gritos ecoando tão alto e apavorados...

Minha cabeça lateja, tudo gira, e pisco freneticamente, deixando a manta cair no chão quando tudo retorna de uma só vez. Meu pai está se engasgando com seu próprio sangue, minha mãe sorrindo para mim de um jeito triste. Me ajoelho no chão, colocando a mão na cabeça, sentindo meu coração bater forte, junto com a intensa dor em meu ser.

Meu corpo oscila entre o frio e o calor, envolto por uma escuridão que parece sufocante, como se o ar estivesse me escapando.

— Senhor Herris?! Por Deus, senhor Herris, é você? — Alguém entra e olho para a porta, avistando minha governanta com suas roupas de dormir e preocupação estampada nos olhos.

— Me tire daqui. Me tire daqui agora, Carla! — A mulher me ajuda a levantar e me guia para fora, permitindo-me finalmente respirar com mais facilidade, enquanto me apoio na parede.

— Está tudo bem? Você precisa de algo? Uma água?

— Não quero nada! — Firmo em um pé e a encaro.

Vejo seu rosto intrigado e desconcertado, sem saber o que fazer. Aproximo-me dela, mas desta vez ela não recua, como se o medo tivesse desaparecido por um momento.

— Não ouse contar nada do que viu! — falo e viro, indo em direção à porta.

— Um “obrigada, dona Carla” já estaria de bom tamanho — diz enquanto estou prestes a abrir a porta, e a ignoro.

Odeio parecer fraco. Disse a mim mesmo que não era mais um garotinho idiota, no entanto, entrar naquele quarto e ver a manta favorita dele, depois de tantos anos, mexeu comigo. As lembranças ainda são as mesmas.

Sei que Carla não contará a ninguém, já que ela é uma das poucas em quem eu confio. Não é à toa que a escolhi para cuidar de minha irmã durante minha ausência, mas assustá-la faz eu me sentir mais seguro.

Volto para a minha moto, exalando fumaça do ar frio. Provavelmente, em breve choverá, e eu odeio a chuva.



Quando chego ao dormitório, Jeremias está dormindo com a boca aberta. Torço o nariz enquanto me sento na minha cama e pego meu notebook. Retiro o pen-drive com as informações que Ethan conseguiu para mim alguns dias atrás da última gaveta da escrivaninha e o encaixo na porta USB.

Alguns dados começam a aparecer. Clico no primeiro arquivo, e uma foto abre lentamente, mostrando um garoto magro, com a pele muito pálida, em uma escola ampla. Seu uniforme indica que é de uma escola particular cara. Ele parece ter uns quinze anos, e está olhando para um ponto específico. Assim que a imagem se abre completamente, percebo o que

captava sua atenção: uma garotinha de longos cabelos cacheados, aparentando não ter mais do que doze anos.

Ela está absorta, lendo algo que parece um livro em um banco. A imagem não é muito nítida, mas a reconheço. Está mais jovem e sem nenhum volume em seu corpo, mas o cabelo castanho extremamente volumoso e os óculos no rosto são inconfundíveis.

Tiana Walton.

— Interessante... — murmuro, mas a movimentação na cama ao lado me faz fechar o notebook rapidamente.

— Isso, amor. Mais forte, cadela. Deixa esse cuzinho bem abertinho pra mim. — Ergo meus olhos e minha sobrancelha, vendo o idiota rolar na cama, com as mãos para cima enquanto tem um sonho erótico.

Reprimo um sorriso, mas logo fico sério.

Será que...

*Não!*

Será que eu já falei dormindo assim?

*Porra!*

Nem fodendo!

Espero que não.

Deito na cama e continuo observando Jeremias xingar alguém de “minha cavalinha” enquanto faz sons estranhos com a boca. Pego a coberta e rolo para o outro lado, me cobrindo, e lembro de como a Walton entrou aqui mais cedo, o quão perto estive do seu corpo, sentindo aquele perfume gostoso, que só ela tem.

Porra... Aquele pijama de ursinho verde no terraço, apertando aquelas tetas que devem ser tão macias...

Merda, que caralho! Sai da minha cabeça, droga!

Aperto o travesseiro com força em meu rosto, enquanto Jeremias continua suspirando e dando beijos no ar.

Ok, acho que é melhor eu ficar acordado! A essa hora, não vale mais a pena dormir, não é?

## Capítulo 14

*Tiana Walton*

— Por que você está me encarando? — Vanessa pergunta, irritada, enquanto tenta cobrir o enorme inchaço no olho com um corretivo. Eu finjo que não a ouvi chorar baixinho a noite toda.

— Ah... Não é nada, desculpa! — Viro, julgando a minha própria idiotice.

Pego o casaco que trouxe de Leo e o coloco na mochila. Com catorze anos, o garoto já está quase me ultrapassando.

Faço uma rápida chamada de vídeo para minha mãe, ignorando Vanessa ao meu lado. Falo com todos, que já estão indo para o Brasil. Após me despedir, desligo e coloco o celular na minha mochila, junto com o carregador, fone de ouvidos e o chaveiro que meu pai me deu.

Como o dia está frio e o professor disse que só voltaremos à noite de Alcatraz, opto por vestir uma blusa de manga longa branca por baixo de um vestido preto de alcinhas que vai até a coxa, com uma meia-calça preta transparente e minhas botas sem salto de cadarço.

Arrumo meu cabelo que, surpreendentemente, acordou de bem com vida. Antes de sair, coloco um absorvente na bolsa. Minha menstruação deve vir daqui a dez dias, mas é sempre bom estar preparada.

Ao sair do dormitório, lanço mais uma vez um olhar para Vanessa, que ainda está de cabeça baixa, e sinto-me péssima pelo que aconteceu na noite passada.

— Você está me encarando de novo — diz enquanto olha para o espelho e traça um delineado perfeito.

Respiro fundo e empurro meus óculos para cima do nariz.

— Eu não sei por que você não gosta de mim. Talvez até saiba... — Faço uma pausa, e ela continua olhando para o espelho. — Mas, bem, quando quiser conversar, estarei aqui. Não me importa se você me tratar mal depois, desde que você consiga desabafar sobre o que a fez chorar a noite toda.

Observo quando ela gira na cadeira e me encara com um sorriso de desdém.

— E o que alguém como você tem a me ensinar sobre o sofrimento? Você nunca precisou de nada, pessoas como você mal sabem o significado da palavra sofrer ou necessitar desesperadamente de algo e não poder contar com ninguém! — Vanessa cospe as palavras de modo venenoso.

— Ah, eu sei bem...

Ela solta outro sorriso amargo.

— Tá bem, conta outra.

Fico em silêncio por alguns segundos, olhando para o chão.

— Bem, como eu disse, se precisar de algo, você sabe onde me encontrar. Prometo que não vou contar a ninguém. Aliás, como você mesma disse, eu sou a estranha aqui, ninguém daria ouvidos à riquinha quatro olhos... — Viro e dou mais um passo para fora, repetindo as palavras que a amiga dela usou para me descrever no meu primeiro dia aqui.

Quando já estou do lado de fora, digo por cima do ombro:

— Todos nós temos problemas, não importa nossa classe social, origem ou cor. No final, somos todos farinha do mesmo saco.



Avisto Erick esperando-me na porta do ônibus.

— Bom dia, Ana — ele me cumprimenta com entusiasmo. — Você está muito bonita — Erick elogia, e dou uma pequena volta.

— Gostou? Eu também adorei o seu moletom! — digo, analisando-o. Erick está usando um moletom azul com os Vingadores estampados e uma bermuda jeans larga, além de tênis All Star preto com meias brancas, estilo skatista.

Ele apenas sorri amigavelmente.

— Pronta para conhecer Alcatraz?

— Vamos nessa!

Erick envolve o braço ao meu e juntos entramos no ônibus, encontrando dois assentos no fundo. Sento-me junto à janela e coloco minha mochila no colo. Tiro o meu celular, seleciono uma playlist no Spotify e conecto meus fones via Bluetooth. Enquanto tento me concentrar na música, Erick pega um livro.

— Ah, finalmente um pouco de paz! — digo para mim mesma.

De repente, uma movimentação estranha chama a minha atenção, e ergo os olhos. Meu estômago se embrulha ao ver Jason de pé no corredor do ônibus, usando óculos escuros. Ele me encara com uma camiseta preta leve, coberta por uma jaqueta de couro da mesma cor. O jeans desgastado dá a ele uma aparência de garoto que acabou de sair de uma gangue.

O que ele está fazendo aqui?

— Vaza! — ordena a Erick.

Eu seguro o braço de Erick, que me olha indeciso, e lhe suplico com os olhos para não levantar.

— Ele não vai sair daqui. Ele sentou primeiro, arrume outro lugar! — digo com firmeza, ainda olhando para meu colega, que parece aflito.

Arrisco olhar para Herris, e o vejo erguer uma sobrancelha desafiadoramente.

— Odeio ter que ser sempre o cara mau... — Respira fundo com sarcasmo e, rapidamente, agarra o braço de Erick, forçando-o a se levantar e movendo-o para o banco da frente, sentando-se ao meu lado. — Oi, bonequinha, dormiu bem?

O encaro bufando de raiva, enquanto ele mantém o mesmo sorriso arrogante de sempre. Mordo com força a minha bochecha. Pensei que teria um dia inteiro sem ver a cara desse idiota,

mas percebo que me enganei.

*Inferno, mil vezes inferno!*

— Tudo bem, que se foda! — resmungo, aumentando o volume da minha música ao máximo e virando para a janela.

No entanto, sinto um dos meus fones sendo puxado da minha orelha e seguro a barra do meu vestido com força.

— Qual é o seu problema? — rosno, vendo-o colocar o fone no ouvido.

— Sério? *Wes coast?*<sup>[9]</sup> Que gosto musical duvidoso. Tão depressivo e melancólico.

Ok, posso ter ficado um pouco surpresa por ele ter reconhecido a música, mas isso não significa que tem o direito de julgar meus gostos musicais.

— Prefiro melancolia à insensibilidade, sr. Herris. Agora, faça o favor de devolver meu fone! — Ergo minha mão para pegá-lo de volta, mas Jason agarra meu pulso, se aproximando um pouco mais, e tento não me demonstrar afetada com seu toque.

— E se eu não quiser devolver?

Poderia desligar a música, mas não quero dar esse gostinho a ele. Me afasto do toque de Jason com tanta raiva que, se o ônibus não tivesse começado a se mover, eu desceria agora mesmo.

Inspiro fundo e desbloqueio o meu celular, dando um sorriso quando vejo a playlist das minhas irmãs ali.

Mordo o lábio quando *Dynamite*, do BTS, começa a tocar em um dos meus ouvidos.

— Que porra... — Jason xinga, e agora sou eu quem ergue uma sobrancelha para ele.

O vejo apertar os lábios, mas em vez de me devolver o fone, se inclina para trás, cruzando os braços.

Reprimo um sorriso, voltando a olhar pela janela.

*Ana = 1*

*Jason Herris = 0*

Saí na frente nesse jogo.

## Capítulo 15

*Tiana Walton*

Sinto o vento acariciar meus cabelos, embaraçando-os ainda mais, enquanto estou dentro da grande balsa, admirando a paisagem e a água de tonalidade tão escura. Apesar de ter sido forçada a suportar a incômoda presença daquele idiota por quase uma hora, que pareceu interminável, fiquei aliviada que, mesmo com toda aquela tensão no ar, ele não abriu mais a boca durante toda a viagem.

Eu tinha feito o meu melhor para ignorá-lo. Claro, vez ou outra me pegava olhando para ele disfarçadamente, observando como seu cabelo estava especialmente arrumado ou como nunca havia notado a pequena pinta perto de sua boca. O filho da puta é realmente muito bonito!

Por que as pessoas cruéis tendem a ser bonitas? Deveriam ter verrugas e perebas, ser tão feias por fora quanto são por dentro.

Quando chegamos à cidadezinha, ele quase saiu correndo do ônibus, ignorando o fato de que não me devolveu meu fone. Logo depois, Jason se juntou aos seus amigos que estavam em outro ônibus. Para completar, ainda tivemos que esperar dez minutos pela balsa que nos levaria para Alcatraz.

Agora, recostada na balsa, contemplando a água bonita, estou imersa em meus pensamentos, até que Erick se aproxima, tirando-me do transe.

— Nossa, ele te olha como se quisesse te devorar viva.

Viro e finalmente percebo que Jason está do outro lado, me encarando intensamente enquanto fuma. Ergo minha mão e lhe mostro o dedo do meio, e o idiota apenas sorri, balançando a cabeça, finalmente voltando sua atenção para algo em seu celular.

— Ele é um babaca, só isso — comento, encarando a água.

— Eu tenho medo dele... Você também deveria ter — Erick fala, olhando para o céu.

— Diga-me, o que você sabe sobre o motivo pelo qual ele matou os pais? — pergunto, sentindo-me cada vez mais curiosa sobre o assunto.

— Só conheço o básico, como a maioria. E, acredite em mim, sei muitas coisas sobre todos. Mas Jason é um enigma; não se encontra nada concreto sobre os assassinatos na mídia, apenas especulações.

— Então vocês o julgam com base em especulações? — Olho para Erick, que não parece afetado pela minha pergunta.

Tudo bem, ele parece um psicopata, mas não posso negar que também já pesquisei sobre ele algumas vezes e não encontrei nada, como se toda a história fosse apenas uma lenda. Encontrei um artigo que afirmava que ele era filho de um candidato a prefeito, mas não era uma fonte confiável e não havia nenhuma foto do suposto filho.

— Ele esteve na cadeia, especulações ou não, ele não é inocente. — Como se Erick tivesse lido meus pensamentos, continua: — Ninguém sabe porque ele saiu. Alguns dizem que foi por bom comportamento, outros afirmam que parentes pagaram a fiança. Mas a pergunta que não quer calar é: o que um cara como Jason faz na faculdade?

Mordo meus lábios e discretamente ergo minha cabeça na direção de Jason novamente. Ele bloqueia o celular e nossos olhares se encontram.

Por que eu estou tão curiosa sobre ele? Por que, lá no fundo, sinto algo quando estou ao seu lado? Isso é um tanto estranho e incômodo.

Jason pisca para mim, dando um aceno provocativo. Inspiro fundo e seguro firme no parapeito da balsa, quando alguém grita que chegamos.



— A prisão de Alcatraz foi construída em 1934 e operou até 1963. Durante seu período de funcionamento, ganhou a reputação de ser uma prisão de segurança máxima, projetada para abrigar alguns dos criminosos mais perigosos dos Estados Unidos — diz o guia turístico, enquanto a trilha de alunos faz anotações em seus blocos de notas.

Olho ao redor enquanto caminho pelo corredor, observando as celas minúsculas e as grades enferrujadas pelo tempo. Isso me causa uma sensação ruim, pensar em como os presos viveram aqui em condições tão precárias e rigorosas.

— Dizem que, à noite, os prisioneiros retornam às suas celas em busca de descanso e brigam entre si para dividir a única cama... — Erick sussurra ao meu lado, e sinto um arrepio.

— Eu não acredito em fantasmas! — Sorrio para ele, que permanece sério.

— Eu acredito. Imagine como deve ter sido um inferno isso aqui. — Erick aponta para um cartaz ao lado das celas.

Paro para examinar alguns dos maiores mafiosos que foram enviados para cá e os presos que organizaram uma rebelião para fugir, matando um guarda que se recusou a entregar-lhes as chaves.

Fico olhando para a cela vazia, completamente sinistra, enquanto seguro a alça da minha mochila. Como deve ser viver alheio ao mundo? Teria valido a pena toda merda que fizeram para acabar em um lugar como este?

Sinto meus pelos se arrepiarem e um frio percorre minhas veias ao ouvir a voz rouca atrás de mim.

— A noite estava escura e úmida, o som das ondas ecoava pelas paredes de concreto da cela. Era 1962, ele estava preso em Alcatraz, uma ilha rochosa no meio da baía de São Francisco, condenado a uma vida de solidão e arrependimento...

Há uma pausa, e ele dá mais um passo em minha direção.

— Dois homens, Frank Morris e os irmãos Anglin, haviam planejado meticulosamente a fuga. Cavaram buracos minúsculos em suas celas noites a fio, escondendo o que faziam com papel machê pintado de verde para se misturar com as paredes. O trabalho era árduo, mas a liberdade parecia tão próxima, tão tentadora...



Jason chega ao meu lado, observando a cela junto comigo. Olho para ele, e seus olhos parecem vazios. Eu daria qualquer coisa para saber o que se passa em sua mente. Deve ser um fardo pesado para alguém como ele estar aqui.

Por que ele veio? Isso deve ser um gatilho para ele, não é? Talvez eu realmente esteja intrigada sobre tudo, sobre quem é o verdadeiro Jason Herris.

Ele se vira, e seus olhos voltam a ser sombrios quando me encaram intensamente.

— Não os julgo, nem todos estão acostumados com a solidão. Você sente como se a cada dia fosse uma nova esperança, mas nunca é — diz e se afasta, colocando as mãos nos bolsos.

— É assim que você se sente em um ambiente familiar? — Solto um sorriso, tentando provocá-lo, mas Jason não retribui, apenas vira as costas para mim, e começo a me arrepender do que disse.

— Talvez... — Ele olha por cima do ombro, e um sorriso que não alcança seus olhos começa a se formar. — Pelo menos alguém aqui tem uma história com segredos sombrios e até mesmo macabros... E você, srta. Walton, o que tem para contar?

Jason se afasta, seguindo o barulho das pessoas pelo corredor, que agora está vazio. Fico parada no lugar, piscando algumas vezes, porque o que ele disse, de alguma forma, atinge meu peito como um tiro.

Eu sou filha de pessoas importantes, neta de um famoso magnata e sobrinha de um CEO renomado, mas o que eu realmente tenho para contar sobre Tiana Walton?

Limpo a lágrima solitária que insiste em cair, me sentindo sozinha nesse lugar imenso.

— Não é só você que tem segredos sombrios, Jason Herris — sussurro, ainda encarando a cela.



Após longas horas de visitação por todo o presídio, voltamos à terra firme, mas percebo algo errado quando me aproximo do ônibus.

— Parece que dois pneus furaram! — o motorista murmura, olhando uma das rodas.

— E os outros ônibus? — Viro o pescoço, vendo Jason encostado em um coqueiro, perguntando sem olhar para ninguém.

— Acabaram de partir. Bem, isso só deve demorar uma hora. Vamos tentar chamar o guincho.

— E o que faremos enquanto isso? — Agora é uma garota que questiona.

— Podem dar uma volta pela cidade, mas estejam de volta em menos de uma hora.

Alguns alunos bufam, e murmúrios surgem, criando um tumulto no local. As pessoas começam a se dispersar.

— Quer dar uma volta? — Erick sugere.

Observo a agitação das pessoas inquietas, viro-me para o coqueiro e não vejo mais Jason ali. Provavelmente ficaria entediada aqui sozinha, então aceito a proposta de Erick.

— Claro!

Damos uma volta bastante significativa, pois minhas pernas já estão doendo de tanto ficar em pé, e, em certo momento, tenho a sensação de estar sendo seguida. No entanto, acho que esse sentimento pode ser por Alcatraz ter mexido muito comigo.

Erick me puxa para um bar à beira do rio, onde pedimos um suco e conversamos sobre coisas aleatórias. Eu gosto dele, e mesmo que não sejamos melhores amigos, há uma conexão presente.

— Tenho a impressão de que aquele cara gostou de você — Erick fala tranquilamente, olhando discretamente para a mesa ao lado.

Nada discreta, olho na direção para a qual ele está olhando, e um homem alto e roliço, um tanto mais velho e estranho, está sentado sozinho, tomando algo. Viro rapidamente para Erick quando o homem pisca para mim.

— Passo — digo, terminando meu suco.

— Parece que vai chover — comenta com o pequeno barulho de trovoadas soando ao fundo. — Acho que eles já devem ter terminado, vamos?

— Hum, estou um pouco apertada, vai indo na frente. Vou usar o banheiro, será rápido. Já te alcanço — digo, levantando-me.

— Tudo bem, quer que eu leve sua bolsa?

— Por favor! — Praticamente jogo a mochila para ele quando o vejo sorrir e sair.

Corro para o banheiro, que fica do lado de fora do bar. Minha bexiga parece prestes a explodir. Entro apressadamente em uma das cabines, procurando uma que tenha papel, e só encontro na última. Adentro, faço xixi e respiro alto demais pela sensação de alívio.

Saio da cabine e lavo minhas mãos, empurrando meus óculos um pouco para cima na sequência. Ao encarar o espelho, percebo o caos que está o meu cabelo. Provavelmente o vento contribuiu para isso.

Tiro o elástico de cabelo do meu pulso e rapidamente faço um penteado simples. Começo a puxar suavemente a parte de cima do meu cabelo, separando-a do restante. Com cuidado, faço uma trança frouxa na parte superior e prendo com o elástico. Deixo a metade do meu cabelo solta, caindo em cachos desordenados pelos meus ombros.

— Bem melhor! — Passo as mãos no vestido e sorrio para mim mesma no espelho, caminhando depois em direção à porta.

No entanto, percebo que algo está estranho assim que puxo a maçaneta e a porta não abre. Tento novamente, e mais uma vez a porta não cede. Começo a ficar nervosa.

— OLÁ? ALGUÉM? Alguém pode abrir aqui para mim? A porta está emperrada! — tento chamar por alguém. O bar estava um pouco vazio, mas, com certeza, um dos funcionários ouvirá. — Oi!!!!???

Bato na porta com força, ficando desesperada; eu preciso sair daqui. De repente, escuto um barulho, como se alguém estivesse mexendo em uma chave, e me afasto, aliviada por alguém finalmente ter vindo me ajudar.

O barulho continua, e a porta se abre. No entanto, o sorriso que eu tinha no rosto desaparece ao ver o mesmo homem que me encarava no bar parado à minha frente.

— Parece que você está tendo problemas aqui, gatinha... Está sozinha? — Ele me olha da cabeça aos pés, umedecendo os lábios, e um arrepio percorre meu corpo, junto com uma sensação de náusea que sobe até a minha garganta.

Sem pensar duas vezes, tento passar por ele, mas o homem me empurra para trás, fazendo-me cair no chão.

*Droga, não!*

— Não precisa ter pressa, eu só quero conversar. — Ele encosta a porta novamente e avança em minha direção, enquanto recuo ainda no chão.

Estou tomada pelo pânico a ponto de não conseguir gritar. Minhas costas batem contra a parede e me vejo encurralada. O homem sorri, revelando dentes extremamente amarelados, e meu coração começa a bater em desespero. Olho rapidamente ao redor, tentando encontrar algo próximo de mim, e vejo uma lixeira cheia de papel.

— Você parece um gatinho indefeso, tão bonitinha. — Ele se abaixa e estende a mão para tocar o meu rosto.

Rapidamente, pego a lixeira e atiro nele, aproveitando a sua distração para tentar passar por ele. No entanto, sinto-o agarrar o meu pé, o que me faz cair, fazendo meus óculos saírem do meu rosto e caírem à minha frente.

— A gatinha é mesmo nervosinha. — Ele me puxa em sua direção e viro.

Com toda a força que consigo reunir, dou um chute forte no rosto dele, como tio Caion me ensinou, tentando me levantar rapidamente, mesmo com meu corpo tremendo intensamente.

— Desgraçada! — O homem gordo puxa meus cabelos. Meu rosto arde com o tapa forte que ele desfere.

A força que usou me deixa zozza, e tudo acontece tão rapidamente que só percebo quando sou atirada violentamente na parede, ficando sem ar ao cair de quatro no chão.

Agora, ele está visivelmente furioso, e nesse momento me vejo odiando meus pais por não me deixarem aprender a me defender. Odeio meu tio por não me ensinar habilidades úteis para me proteger, me tornando alguém ainda mais fraco do que já sou.

Passo o polegar pelos meus lábios, limpando o sangue do canto, provavelmente causado pelo anel que ele usa. Sentindo meu corpo dolorido, encaro o chão, ouvindo-o sorrir de maneira macabra.

— Espero que a vadiazinha agora fique quietinha e colabore... Talvez eu possa me divertir um pouco antes de levá-la comigo — o homem diz, e tudo o que me resta é orar em busca de alguma ajuda divina.

Sinto medo enquanto ele dá passos na minha direção, e meu corpo inteiro sofre de antecipação.

*Por favor, de novo não, por favor...*

— Se você não quiser ficar sem a perna, não ouse dar mais um passo — alguém fala em voz baixa, e eu nunca me senti tão aliviada em toda a minha vida por ouvir essa voz, embora nunca vá admitir isso a ele.

Levanto a cabeça, e lá está Jason, atrás do homem, com algo apontado em suas costas.

— Ah, i-isso é um mal-entendido... Ela só estava presa, e eu vim ajudá-la — o homem

diz, e o olho incrédula.

Que porco desgraçado, ele iria me machucar!

Jason sorri e sussurra perto do ouvido do homem:

— Cara, você mente mal para caralho! — Herris me lança o mesmo olhar arrogante de sempre. — O que você está fazendo ainda no chão, garota? Levanta daí, não tenho o dia todo!

Reviro os olhos, pego meus óculos, que agora estão com uma das hastes tortas. Mesmo com meu corpo doendo, consigo me colocar de pé. Jason chuta as costas do homem, fazendo-o cair de joelhos, e observo-o enquanto ele guarda o canivete no bolso da jaqueta.

Ele se vira para mim, e me sinto frágil de um modo irritante. Odeio me sentir assim. Engulo meu orgulho e estou prestes a agradecê-lo quando um cabo de rodo bate em sua cabeça, o que me faz soltar um grito de susto.

O homem já está de pé novamente e avança ferozmente em direção a Jason. No entanto, com rapidez e facilidade surpreendentes, Jason desvia e puxa um canivete da jaqueta, enfiando-o na perna do homem, que solta um urro agonizante.

Com a outra mão, Jason segura o homem pelo pescoço e o pressiona contra o espelho, que se parte sob a pressão forte que ele coloca. O sangue escorre por todo o rosto do homem, que olha para Jason com um olhar suplicante. Jason ergue o punho para acertar um soco no rosto dele, mas um grito o faz parar no meio do caminho.

— Jason, não! — Eu mal posso acreditar no que estou dizendo.

Embora o homem mereça pelo que quase fez comigo, estou atordoada com tudo isso e não quero ver uma desgraça.

Herris encara o homem com seus olhos verdes faiscando de ódio antes de finalmente soltá-lo.

— Lixos como você receberão o que merecem! Espero nunca te ver novamente, ou não terei piedade! — Jason puxa o canivete da perna do homem, que geme de dor.

Herris passa por mim, visivelmente irritado, sem me olhar, e eu, que não sou nenhuma idiota, o sigo.

Já está escurecendo, e algumas gotas de chuva começam a cair, fazendo o grande rio a poucos centímetros do nosso lado começar a se mover com o vento que agita as ondas.

— Eu tinha tudo sob controle — falo enquanto o vejo caminhar à minha frente a passos largos.

— Claro que tinha. — O sarcasmo é evidente em sua voz, mas há também um leve tom de irritação.

— Por que está irritado? Eu não pedi para você vir atrás de mim. Aliás, é impressionante como você está em todos os lugares que eu vou — grito.

Jason para e se vira, aproximando-se de mim, como um leão furioso, tão rápido que me assusto um pouco.

— Se não fosse por mim, a essa altura, o pau daquele gordo fedido já estaria entrando em todos os seus buracos. Então, o mínimo que você deveria dizer é “obrigado” e calar a porra dessa sua boca! — Jason rosna com ódio.

Movida pela raiva, não consigo mais conter minha frustração, e minha mão atinge em cheio o rosto dele, e o vejo ficar mais furioso do que nunca.

— Olha... — tento dizer algo, engolindo em seco, consciente de que agi por impulso.

— Você não deveria ter feito isso — ele ruge entre os dentes.

Ao dar um passo para trás, percebo que estamos muito próximos da água e começo a suar frio, especialmente com o olhar felino de Jason, o que me faz recuar ainda mais.

— Espero que saiba nadar, bonequinha.

Antes que eu possa reagir, Jason me empurra para dentro de um pequeno barco ancorado na margem e rapidamente me levanto, tentando ficar em pé, mas não rápido o suficiente, pois Jason dá um sorriso perverso e solta as cordas que prendiam a embarcação.

— Jason! Para com essa brincadeira, me tira daqui! — peço, angustiada, olhando para a água escura e profunda. — JASON, POR FAVOR, ME DESCULPA, TÁ LEGAL? — grito, desesperada, quando o barco se afasta da margem. E, para piorar, as gotas de chuva ficam mais intensas junto com o vento.

Meu coração se encolhe. *Eu vou morrer afogada...* Olho de volta para onde Jason está e não o vejo mais, o que aumenta meu desespero.

Ele me abandonou aqui?

*Não, não!*

— Socorro! Socorro! — berro entre lágrimas, com a chuva caindo com mais força e balançando o barco.

Olho de um lado para o outro, e, de longe, vejo algo se aproximando de mim pelo rio. Um suspiro alto de alívio escapa da minha garganta quando observo Jason nadar em meio à chuva.

Eu juro que, se eu morrer, ele vai junto, farei questão de afogá-lo primeiro.

Ele me alcança e sobe no barco. Não dou tempo para que ele se recupere; imediatamente avanço contra ele, fazendo-o cair no barco e subindo em cima dele.

— Porra! — ele grunhe.

— Seu filho da puta, você é louco? — Soco o peito dele em meio às lágrimas. — Você iria me deixar morrer!

Continuo o golpeando com toda a minha força, e ele segura minhas mãos e cobre minha boca. A chuva embaça minha visão, e não sei onde estão meus óculos.

— Eu ia, mas me arrependi. Estou aqui, não estou? — fala calmamente, enquanto seu cabelo molhado cobre sua testa.

*Desgraçado!*

Mordo a mão dele com tanta força, que ele xinga e a afasta de mim.

— Eu vou matar você! Eu juro que vou arrancar cada membro do seu corpo! — Antes de começar a golpeá-lo novamente, Harris nos empurra para o lado e sobe em cima de mim.

— Fique quieta! — pede, e eu fungo, não querendo olhar para ele. No momento, o odeio muito.

Jason se afasta de mim, indo para o outro canto do barco e pegando o que parece ser um remo. Tento ficar de pé, mas as ondas batem no barco, fazendo-me cair novamente.

Tudo está escuro devido à chuva intensa, e a costa se afasta rapidamente, tornando a cidade minúscula. Começo a chorar alto.

— Pare de chorar, porra! — Jason grita com raiva, nervoso.

A culpa é *dele* que eu estou prestes a morrer sem nem mesmo conhecer Lana Del Rey pessoalmente, sem me despedir dos meus pais ou irmãos, e sem a chance de me apaixonar pelo príncipe encantado.

Por que ele está gritando, quando ele nos colocou nessa droga de situação?

— Eu te odeio! Espero que morra primeiro que eu! — grito de volta, sentando no meio do barco e apoiando as mãos nos joelhos.

— Ninguém vai morrer, garota! Se acalma, caralho! — Jason tenta remar de volta, e movida pela raiva e o pânico, engatinho até ele e tomo o remo de sua mão.

— O que você está fazendo? Me devolve essa porra! — Vem até mim, e eu jogo o remo na água. — VOCÊ PERDEU O JUÍZO, SUA IDIOTA?!

— Se vamos morrer, faremos isso juntos! Não era isso que você queria? VAI MORRER COMIGO, SEU DESGRAÇADO! — berro.

— Sua doid... — A voz de Jason fica presa na garganta quando uma onda forte vira o barco abruptamente, nos lançando na água, e sinto uma forte pancada na cabeça.

O pânico e o desespero me invadem, e luto para manter-me na superfície, embora esteja se tornando uma tarefa impossível.

— TIANAAA? — A voz de Jason soa distante. O procuro no meio do breu e da chuva, mas não consigo encontrá-lo.

A água está fria demais, a chuva e o vento tornam a visibilidade nula, com uma onda forte me engolindo. E, então, não vejo mais nada. Tudo fica escuro e mais gélido. O silêncio toma conta, não há mais chuva, barco ou qualquer sinal de vida, só eu imersa na escuridão interminável.

## Capítulo 16

Jason Herry

### HORAS ANTES

Eu já estou me arrependendo profundamente de ter vindo para essa porra. Odeio a sensação de estar preso novamente. As celas e o ambiente úmido e sombrio me causam um sentimento estranho. No entanto, não sou mais um fraco. Eu posso lidar com isso.

A Walton acredita que pode me afetar com suas provocações, mas se ela soubesse...

Aperto com firmeza a pedra que tenho na mão antes de arremessá-la com força no rio, observando as ondulações se espalhando pela superfície. Sinto a brisa fresca do rio acariciar meu rosto, junto com as primeiras gotas de chuva que começam a cair. O céu agora está escuro, com o tempo bastante nublado.

Coloco as mãos nos bolsos da minha jaqueta e me afasto da margem, retornando ao ônibus. Imagino que aqueles incompetentes já devem ter resolvido o problema dos pneus.

Enquanto me aproximo dos diversos alunos que já estão embarcando no ônibus, uma mensagem chega. Percebo um garoto ruivo em particular subir no ônibus com apenas a mochila da Walton nas mãos. Leio a mensagem na barra de notificações.

*“Onde está ela?”*

Olho em volta e não vejo nenhuma figura com cabelos cacheados rebeldes, nem nenhuma garota vestida com um vestido e meia-calça preta. Eu decorei cada peça de roupa que ela está usando hoje e não estou vendo a maldita em nenhum lugar aqui.

Caminho a passos largos em direção ao ônibus e puxo a gola do moletom do garoto, que agora exhibe olhos assustados.

— Onde está a Walton? — pergunto, observando-o encolher.

— Ela disse que iria ao banheiro no bar e logo viria, então eu vim na frente, como ela pediu — responde, tenso.

O encaro mais do que eu gostaria, levantando uma sobrancelha, querendo esganá-lo.

— Deixou uma garota sozinha em um lugar estranho? Em um bar com pessoas bêbadas?

Que belo amigo de merda!

O solto de modo brusco e me viro, caminhando rapidamente para o lado contrário.

— Ei! Eu nem falei o nome do bar! — Ignoro e continuo andando, sem olhar para trás.



A cena de Tiana encurralada no banheiro, com seus olhos em pânico e a boca machucada, despertou uma pura fúria em mim. Somente eu tinha o direito de deixá-la assim, assustada e acuada, e mais ninguém!

Eu poderia matá-lo se a idiota não tivesse interrompido. Estou com tanta raiva por ela estar me fazendo ter essas porras de sentimentos! Eu não deveria me importar com ela, mas Tiana ainda é uma peça de muito valor para mim, e mantê-la sã e salvo é importante nesse momento.

No entanto, está impossível ficar perto dela e não querer enforcá-la, e depois enfiar meu pau sem dó nela, enquanto a estrangulo ao mesmo tempo. E essa vontade fica maior ainda quando a desgraçada mete um tapa na minha cara.

*Filha da puta, maldita!*

Meu sangue ferve nas veias, e cegado pelo ódio, a empurro em direção ao barco, soltando a corda. Eu quero vê-la com medo, implorando por perdão antes de retirá-la daqui. Porém, não esperava a súbita chuva forte, que a afasta rapidamente, levando-a para longe.

Tiana grita alto, e quando percebo, ela está se afastando muito depressa.

Pulo rapidamente na água, tentando alcançá-la, mas a chuva intensifica e as ondas se tornam mais perigosas quando finalmente entro no barco. Tiana está em pânico, e eu luto para manter a calma.

Merda, não era para acontecer isso!

Com raiva nos olhos, a pequena criatura encharcada me arranca o remo e o lança no rio de modo tão rápido que não consigo intervir. Eu posso ver seu ódio, e o desejo que ambos morramos aqui. Quero dizer a ela que tudo ficará bem, que não morreremos, que até riremos disso mais tarde. No entanto, uma onda forte nos atinge e o barco vira tão veloz, que só percebo que estamos submersos quando a água começa a entrar nos meus pulmões.

Nado até a superfície e seguro firme no barco, que ainda está virado, tentando não entrar em pânico enquanto busco freneticamente Tiana em meio à tempestade. Afasto o cabelo molhado do rosto, na tentativa de encontrá-la em meio a esse tanto de água.

Finalmente, não muito longe, avisto-a começando a se afundar. Rapidamente, a alcanço e seguro firme, chamando seu nome, para verificar se ela está consciente.

— Ei, acorda, Walton! — quase grito, cuspidando a água gelada de volta, que invade minha boca.

— Hum... — grunhe, mantendo os olhos fechados, e me sinto menos tenso.

Seguro-a firmemente em meu corpo enquanto volto para o barco. Tento virá-lo, mas é impossível com as ondas balançando sem parar e minha mão ocupada segurando Tiana. Fecho os olhos por um momento, desejando que ela aguente firme.

A chuva bate em meu rosto e agarro mais forte o barco. Mesmo com o frio da água adormecendo meus dedos, não solto o corpo mole ao meu lado.

A lua aparece no céu, e arrisco um olhar para Walton. Seus lábios estão pálidos pelo frio da água.

Os minutos se estendem, e eu não tenho noção de quanto tempo passa, mas mal consigo sentir meu próprio corpo. Exausto, olho para os lados, e mesmo na escuridão, a lua ainda está



aqui, graças a Deus, quando avisto algo não tão distante.

Porra! O que eu estou vendo é real?

Ou é uma terra à vista ou bebi água demais. Mordo meus lábios enrugados e olho para garota ao lado. Sem pensar duas vezes, abandono o barco e seguro mais forte Tiana, nadando em direção às grandes montanhas que havia visto. Apesar de parecer um pouco distante, será melhor que ficar aqui. É uma chance e tenho que tentar.

À medida que a água fria e agitada continua a bater contra nós, meus olhos ardem, e a sensação de impotência começa a me atormentar. Mas luto para manter a calma, concentrando-me em cada braçada.

*Que ela não esteja morta...*

É a única coisa que consigo pensar quando seu peso aumenta e meus braços doem. Mas deixá-la para trás não está nos meus planos.

Meus pulmões estão quase explodindo quando finalmente sinto a areia molhada sob meus dedos e respiro profundamente. Puxo Tiana para fora da água e a deito com cuidado, sentando ao seu lado.

Ofegante, coloco meu ouvido em seu peito, sentindo alívio ao ouvir seus batimentos cardíacos, embora sua respiração esteja agitada.

Ainda com a adrenalina correndo em minhas veias, recosto-me, olhando o céu noturno acima de mim e sentindo-me exausto. Fecho os olhos e sinto meu corpo esgotado relaxar ao som das ondas batendo agitadamente na praia.



Uma sensação incômoda nos meus olhos me força a abri-los, e os raios de sol quase me cegam.

— Caralho! — resmungo, enquanto esfrego os olhos para clarear minha visão.

Olho diretamente para o lado e percebo a figura de Tiana Walton sentada, com as mãos nos joelhos, encarando fixamente o rio à sua frente, com uma expressão séria.

Seus cabelos estão secos e cheios de areia, mas o que chama minha atenção é o pequeno corte com sangue seco visível em sua cabeça, provavelmente causado quando o barco virou.

Eu me levanto, sentando-me, e sigo o olhar dela. Walton está encarando a cidade de São Francisco, que parece tão distante que quase se perde no horizonte de quilômetros de água sem fim.

— Poxa... — Ana corta o silêncio. — Você está vivo — ela diz, calma, sem olhar para mim.

— Decepcionada, princesa?

— Você não faz ideia do quanto. — Continua com os olhos fixos no horizonte.

— Deveria estar feliz, finalmente podemos ter umas férias decentes, longe de toda a civilização — falo, tentando não rir com toda essa situação, mas não consigo evitar.

— Você está rindo? — Tiana agora me olha com fogo nos olhos, e a vejo se levantar. —

Você, literalmente, me jogou em um barco para morrer afogada. Por sua culpa, estou sei lá onde, a quilômetros de casa, sozinha, com um assassino meia-boca, e *você* está rindo?

— Ei, meia-boca não. Assim você me magoa — a provoco, mas Tiana parece ficar possuída, parecendo que vai explodir a qualquer momento.

— SEU DESGRAÇADO!

Ela se abaixa, pega uma enorme pedra e vem em minha direção. Eu me levanto para me afastar dela, e graças à sua mira de merda, por pouco que a pedra não me acerta.

— SEU LOUCO, PSICOPATA!

A garota *endemoniada* avança contra mim, desferindo socos no meu peito repetidamente, como havia feito no barco. Eu permito que ela desabafe sua raiva, afinal, tem todo o direito, e a massagem que ela está proporcionando com essas mãozinhas é revigorante.

Tiana continua me xingando com todos os xingamentos possíveis nos minutos seguintes, até que seus socos começam a diminuir de intensidade devido ao cansaço.

— Te odeio... Te odeio, você deveria ter morrido... — Sua voz está rouca quando ela usa meu peito para chorar, e fico tenso.

*Merda.*

Seguro seu ombro, afastando-me rapidamente, desviando meus olhos do seu machucado.

— Acha que eu queria estar aqui com uma garota medrosa que não para de chorar? Acredite ou não, este é o último lugar em que eu queria estar — falo sério.

Ela enxuga o rosto e ergue a cabeça, novamente com rancor nos olhos devido às minhas palavras cruéis.

— Babaca! — Tiana me empurra e passa por mim, extremamente irritada.

*Isso aí, bonequinha, me odeie, me odeie muito.*

Só então observo o lugar onde estamos.

Putá merda... Aqui é de tirar o fôlego<sup>[10]</sup>. Estamos cercados por águas azuis-turquesa, as árvores são tão altas que tenho que erguer a cabeça para vê-las até o topo. Algumas palmeiras estão curvadas, provavelmente pelo impacto da tempestade de ontem.

Dou um giro lentamente, para ver melhor a vegetação selvagem e os pássaros voando sob o céu limpo. Respiro profundamente, voltando meu olhar para a garota irritada, que está próxima da água, com os braços cruzados, andando de um lado para o outro.

Talvez eu esteja mesmo um pouco ferrado.

*Ok, ok, estou muito ferrado.*

## Capítulo 17

*Tiana Walton*

*Garota medrosa, que não para de chorar?*

Como ele teve coragem de me dizer algo assim? Eu estou em pânico, pois tudo que vi desde que acordei foi água e mato.

A dor na minha cabeça é tão intensa que precisei fazer um esforço maior do que o normal para lembrar como acabei aqui. Mas tudo veio à tona quando avistei o corpo do culpado por toda essa desgraça deitado ao meu lado.

Como vou sair daqui? Erick ou os professores devem ter notado que não voltei para o ônibus. Meus pais... Bem, meus pais devem ter chegado ao Brasil hoje.

*Droga!*

Isso significa que, se a faculdade ligar para eles, suas férias planejadas há meses serão arruinadas. Eles pensarão que morri, nunca me encontrarão, porque nem eu sei onde estou.

Sinto o ódio e o desespero quase transbordando do meu corpo enquanto ando de um lado para o outro, cerrando os dentes.

— Pelo menos estou viva, não é? Isso é uma coisa boa... Porra, Ana, você está literalmente em uma ilha sem nada em volta! Acha que consegue sobreviver sem seu celular ou café com leitequentinho pela manhã? — continuo resmungando.

*Merda, tem como tudo piorar?*

— Você está falando sozinha? — Jason se aproxima, e reviro os olhos.

*Ok, aparentemente, tem.*

— Tudo bem, eu sei que não nos suportamos e que você quer me matar, mas se quisermos sair daqui, temos que trabalhar juntos. Você pode me matar depois, o que acha?

O encaro com os olhos semicerrados. Como ele consegue manter a calma em meio a toda essa situação?

— Eu preferiria me jogar na água e deixar os peixes me devorarem do que fazer qualquer coisa perto de você! — digo entredentes, com os punhos cerrados.

— Pobres peixes...

— O quê?

— Só estou dizendo que se você quiser ficar aqui dando chilique, tudo bem. Eu vou procurar algo que possa nos tirar daqui. — Jason se vira e adentra a densa mata.

Coloco as mãos na cintura e olho ao redor, vendo-o desaparecer na mata. Engulo todo o meu orgulho e tranco-o lá no cantinho, antes de começar a segui-lo.

Jason se vira e sorri ao me ver atrás dele, e sussurro alto o suficiente para que ele ouça:

— Eu realmente queria que você tivesse morrido...

— Pare com isso, eu sei que ama minha companhia, srta. Walton.

Respiro fundo e mordo minha língua, para não mandá-lo ir à merda.



Os galhos secos rasgaram minha meia-calça fina, a manga da minha blusa está cheia de carrapichos, e sem meus óculos, mal posso enxergar direito. Após quase uma hora de caminhada no meio desse tanto de árvores, tudo o que vemos são matos e insetos nojentos por toda parte.

Paro de andar e apoio as mãos nos joelhos. Estou com sede, fome, exausta e me questionando se cometi algum erro grave para Deus me castigar desse jeito.

— Acho que vai chover de novo, precisamos encontrar um abrigo ou algo do tipo — Jason comenta enquanto marca outra árvore com seu canivete, e ergo meus olhos para seu rosto.

— Ótimo, que maravilha! — resmungo, ofegante, com um toque de ironia e raiva, pois toda essa merda foi por culpa desse desgraçado.

— Vamos fazer uma pausa de cinco minutos — diz, ríspido.

— Acho que, pela primeira vez desde que te conheci, estamos concordando em algo — comento, inclinando minhas costas para trás e sentindo minhas pernas doloridas.

Nunca tinha caminhado tanto sem parar em toda minha vida.

— Vou dar uma volta, ver se acho algo comestível.

— E você acha que vai encontrar algo? Acho que podemos começar a virar vegetarianos, só vejo folhas aqui.

Definitivamente, iremos morrer de fome.

Jason dá de ombros e se agacha, começando a cutucar o chão com seu canivete.

— Sabia que há insetos comestíveis, srta. Walton? — ele comenta enquanto cava um pequeno buraco no chão, e o olho incrédula.

— Nem fodendo! — digo, e Jason me encara, arqueando uma sobrancelha. — Não, obrigada. Eu prefiro mesmo morrer de fome!

Avisto uma árvore com raízes grandes, e a vontade de sentar-me fica mais forte, então começo a dar alguns passos naquela direção.

— Ei, espera! — Jason pede, mas o ignoro e dou mais um passo, quando sinto uma dor aguda na minha canela e grito alto.

— Ai, droga! — Sacudo meu pé, vendo uma cobra verde cair ao meu lado, o que me faz entrar em pânico. — HERRIS, UMA COBRA! Fui picada por uma cobra! — grito, pulando em um pé só, e a cobra desliza rapidamente entre as folhas, indo embora depois de ter feito sua vítima do dia.

— Merda! — Jason diz, vindo em minha direção. — Eu disse para esperar!

Ele está irritado? Sou eu quem está quase morrendo! Eu que deveria estar irritada.

— Se você tivesse dito “ei, olha a cobra”, ao invés de apenas “espere”, eu teria parado,

droga! — digo, sentando no chão, sentindo muita dor, enquanto seguro as lágrimas que ameaçam cair.

— Tudo bem, tudo bem. Deixe-me ver. — Jason se aproxima e se ajoelha à minha frente. Retira a bota de cano baixo do meu pé, e resmungo quando ele o vira um pouco para examinar melhor o local picado.

— Não foi tão fundo assim, nada que uma amputação não resolva.

— O QUÊ? — O horror em meu rosto é evidente quando encaro Herris, e ele dá um sorriso.

— Estou brincando.

— Isso não é engraçado, idiota! E se ela for venenosa?

— Jiboias arco-íris não são venenosas, e, se fossem, você já estaria desmaiada.

Ele solta meu pé de forma nada gentil, e, por um momento, penso que ele vai se levantar e me deixar aqui, caída no chão, sentindo dor.

No entanto, Jason tira sua jaqueta e, com rapidez, usa seu canivete para cortar um pedaço da manga de sua camisa preta, que se parte facilmente. Sem delongas, puxa meu pé novamente, e mordo os lábios devido à maneira rude com que ele segura minha perna.

— Espero que essa não seja sua meia favorita — comenta.

— O quê... — Antes de terminar minha frase, Jason rasga minha meia até a panturrilha, enrola o tecido em volta da minha canela e amarra firme.

— Ai! — Deixo escapar um gemido sofrido. — Não precisa ser tão rude.

— Isso vai evitar infecções. — Ignora minha reclamação e se levanta.

Sem olhar para mim, questiona:

— Consegue andar?

Não digo nada ainda; em vez disso, pego a bota do chão, tento me levantar e firmar-me em pé.

— Acho que sim... — respondo.

Jason amarra sua jaqueta na cintura, dá de ombros e continua caminhando. Respiro fundo, sentindo minha canela latejar, e dou o primeiro passo, com a minha perna ardendo.

— Hum... — Dou um grunhido, tentando dar outro passo, e percebo que Herris para e inspira profundamente, antes de voltar até mim e ficar de costas.

— Sobe. — Seu tom é seco e ríspido.

— Não vou montar em você, Herris. Eu consigo andar! — Me recuso a desempenhar esse papel ridículo.

— Você só vai nos atrasar, então pare de fazer cena e suba logo, não tenho o dia todo!

Por que ele é tão babaca?

Respiro fundo, seguro em seus ombros e me impulsiono um pouco para montar nele. Ele segura minhas coxas e sinto um leve frio na barriga apenas com seu toque.

*Que porra é essa?*

Tento me ajeitar em suas costas, um tanto desajeitada. O cheiro de seu suor misturado

com o odor das folhas faz meu estômago roncar de fome, alto o suficiente para que minhas bochechas esquentem de vergonha por ele ter ouvido.

— Só segure-se firme — diz, indiferente, começando a caminhar.

— Qual é?! Se alguém aqui tem o direito de ficar irritado, esse alguém sou eu! Eu que fui picada por uma cobra!

— E se não calar a boca, quem vai picar você sou eu!

— Grosso! — Envolver seu pescoço com minhas duas mãos propositalmente firmes, mantendo o sapato que estava na minha mão colado ao rosto dele.

— Sim, em todos os sentidos, bonequinha.

Reviro os olhos e viro o rosto para o lado, porque essa proximidade está me deixando muito incomodada, e não estou gostando nada disso.

## Capítulo 18



Ela adormeceu em meu ombro com meus passos rápidos, e seu perfume, como sempre, está me sufocando. Ela deixa o sapato escorregar de sua mão, mas consigo pegá-lo antes que caia no chão.

Sei que ela está com ódio de mim, e sei que, realmente, a culpa é minha, mas não posso mostrar fraqueza agora, não neste momento...

Se quisermos sobreviver, temos que ser fortes, e lágrimas nunca resolveram porra nenhuma. Então é melhor tê-la me odiando da forma como a trato, assim sua mente se ocupa e não fica com medo.

Sentindo o suor escorrer do meu rosto, paro subitamente, e como se estivesse vendo uma miragem, avisto a poucos metros de distância uma cabana de barro com teto de palha. O matagal a envolve quase por completo, mas é uma cabana, literalmente, no meio do nada. Olho de um lado para o outro, para verificar se há alguém nas proximidades. Isso não é impossível, já que tem praticamente uma casa aqui.

Ajeito Tiana confortavelmente em minhas costas e avanço lentamente. A porta está entreaberta, então entro vagarosamente, observando com atenção o interior da cabana. Ela é pequena, composta por apenas dois cômodos, com as paredes de barro gastas e rachadas em vários lugares, denunciando o passar dos anos e o abandono que a estrutura sofreu. Teias de aranha e mofo se estendem por todos os cantos, deixando claro que ninguém mora aqui há muito tempo.

Tudo parece debilitado e negligenciado, com sinais de que a natureza começou a tomar conta do espaço, como buracos de coelho que surgiram no chão de terra batida.

— Hum... — Tiana resmunga, despertando lentamente.

— Dormiu bem, bonequinha? — pergunto com sarcasmo, considerando o tempo que ela passou dormindo.

— Não, acho que cabe mais uma hora de son... — Suas palavras ficam presas na garganta quando ela realmente acorda e olha ao redor. — Meu Deus! Isso é...

— Sim. — A coloco no chão com cuidado, e ela se apoia na parede, mancando um pouco.

— Acha que há mais alguém além de nós aqui? — Sua voz sai num sussurro.

— Deve haver, mas em forma de almas penadas, olha só para este lugar. Parece inabitável há anos.

— Eu não acredito em fantasmas — murmura, ainda com a voz baixa.

— Deveria começar a acreditar, bonequinha. Eles devem estar olhando para você neste exato momento, planejando como te levar para o além com eles — continuo, não conseguindo

evitar um pequeno sorriso quando vejo a garota olhar em volta, para conferir se não tem nada ao seu lado. — Você não vai conseguir vê-los. Essa é a graça de ser um fantasma, srta. Walton.

— Se está tentando me assustar, pare, porque não vai funcionar, idiota! — Tiana responde com firmeza.

— Não estou tentando fazer nada, baby. — Viro as costas para ela e continuo explorando a cabana.

A pessoa não caiu aqui do nada como eu e Tiana, pois há móveis antigos pela casa, como uma mesa improvisada feita de um tronco de árvore, um banco largo e um pote de barro. Próximo ao pote tem um fogão a lenha.

Avançando para o próximo cômodo, deparo-me com uma cama coberta de lençóis empoeirados. Ao lado dela tem um baú pequeno e um armário antigo de duas portas, que mostra sinais de desgaste. Aproximo-me do baú e o abro lentamente, revelando mais lençóis. Para a minha surpresa, também há algumas fotografias. Pego uma delas e examino-a mais de perto. Nas fotos estão retratados um homem com sua mulher e um bebê, todos com sorrisos calorosos e felizes. Ao virar uma das fotografias, observo a data marcada: 1990. Isso tem mais de trinta anos.

Ao olhar ao redor, noto uma pequena porta. Com um pouco de dificuldade, consigo abri-la e descubro apenas um chuveiro velho, com uma mangueira que se enfia entre as palhas, provavelmente fornecendo água do rio.

— Achou algo importante? — Tiana pergunta assim que retorno ao primeiro cômodo.

— Podemos ficar por aqui por enquanto, pelo menos até eu encontrar uma maneira de sairmos... — Solto minha jaqueta da cintura e a coloco sobre a mesa.

Tiana, com cuidado, se acomoda no chão, com uma careta de desconforto ao ajustar sua perna ferida e retirar o outro sapato. O corte na sua testa é mais evidente, e sei que, assim como eu, ela deve estar faminta. Vê-la assim, toda machucada e debilitada, sabendo que a culpa disso é minha, quase faz o coração que eu nem tenho se partir.

Desvio o olhar, com um sentimento estranho no peito, e me dirijo a uma prateleira. Lá encontro algumas lamparinas, fósforos e panelas antigas e amassadas.

— Pelo menos temos um fogão — Tiana fala, observando o fogão a lenha feito de barro empoeirado.

— E fogo. — Mostro a ela os palitos de fósforo que encontrei.

— Ótimo, me sinto como a garota de *A Lagoa Azul*, só que sem a parte romântica. — Bufo.

— A garota do quê?

Ela me encara por alguns segundos, como se tivessem nascido asas nas minhas costas.

— Você nunca assistiu o filme *A Lagoa Azul*? É um clássico! — Gesticula como se fosse um absurdo eu nunca ter ouvido falar do tal filme.

Caminho até o fogão, verificando se dá para usá-lo, e respondo um pouco ríspido, sem olhar para ela:

— Meus pais não eram de ver filmes, e, sabe, geralmente não costuma haver TVs na cadeia, srta. Walton — retruco.

Ela não diz mais nada, e eu limpo a garganta, tentando aliviar a tensão.



— Deve ter algo por aqui para ajudar com seus ferimentos. Também vou procurar algo para comer por pert...

— Nada de insetos! — Tiana não me permite terminar, horrorizada.

— Vou pensar no seu caso. — Claro que eu falei sobre aquilo apenas para ver sua cara de idiota, mas ela não precisa saber disso.

— Fique aqui, não saia da cabana — digo, pegando meu canivete na jaqueta antes de caminhar para fora.

No entanto, antes de sair, lanço um último olhar para a garota suja sentada no chão. É evidente que ela nunca enfrentou situações tão complexas e complicadas como essa. Bem, talvez seja a hora da princesa finalmente sair dos contos de fadas.

## Capítulo 19

*Tiana Walton*

O que terá acontecido com os antigos moradores deste lugar? É evidente que escolheram viver assim, conforme indicam os móveis e objetos que foram trazidos para cá.

Após explorar toda a cabana, ainda sentindo minha canela latejar, encaro a cama de casal e me aproximo, retirando o lençol empoeirado e jogando-o no chão. Em seguida, caminho até o antigo baú.

Deve haver algo limpo que dê para usar aqui. Abro o baú, e uma foto ali chama minha atenção. Observo-a cuidadosamente antes de colocá-la de volta e procurar um lençol que ainda esteja inteiro para forrar a cama, notando algumas teias de aranha na cabeceira quando termino de forrá-la.

— Ai, caramba... — Afasto-me rapidamente.

Olho para o canto e vejo uma vassoura bem gasta. Mordo os lábios, sentindo-me frustrada. Tudo isso é culpa daquele idiota, e eu nunca cansarei de dizer isso.

— Eu não quero ficar aqui... Quero ir para casa — digo para a vassoura. — Maravilha... agora até esquizofrênica eu me tornei e falo com objetos!

Vou até a vassoura e a pego, irritada.

— Obrigada, sr. Jason Herris. Agora, além de estar presa com você e tendo que encarar essa cara feia sua... Bem, não tão feia assim... Eu também estou falando sozinha... Ótimo. *Muito obrigada!*

Bufo, começando a varrer as teias de aranha de forma brusca. Quando dou por mim, já varri a casa inteira e removi todas as teias de aranha. Fico observando meu trabalho com um único pensamento:

Eu nunca vou querer ser uma dona de casa.

Não que eu seja preguiçosa. Minha mãe, mesmo com inúmeros empregados, sempre nos fez ajudar com as tarefas domésticas. Se sujou, limpa; se bagunçou, arruma. Nossos quartos eram intocáveis pelos empregados, sempre fomos nós que arrumamos. Mas, caramba, estou morta de cansaço.

Jason ainda não voltou e, na verdade, não me importo. Mesmo assim, vou até a porta para ver se ele está vindo umas cinco vezes.

*Espero que ele esteja bem...*

Balanço a cabeça negativamente com esse pensamento. Espero que tenha sido devorado por algum bicho. Por que eu ia querer que ele esteja bem? Por causa dele, quase morri diversas vezes. Eu não deveria me importar.

Inspiro fundo. Talvez... Eu só não quero ficar aqui sozinha... Ou, lá no fundo, talvez eu

realmente me importe.

Largo a vassoura, sentindo sede. Caminho até o banheiro e vejo um chuveiro antigo. Ao abrir a torneira, o *treco* faz um barulho estranho, como se estivesse entupido, e isso me assusta, fazendo-me dar um passo para trás.

Intrigada, olho para cima e noto uma mangueira antiga que sai para fora pelo teto seco de palha.

— Hum... Se há uma mangueira, deve haver água em algum lugar por aqui perto — falo, calçando meus sapatos e dirigindo-me para fora da cabana para investigar.

Ao pisar do lado de fora, sinto um pouco de medo, e olho ao redor para ver se há sinal de Jason. Não que eu esteja contando, mas já faz mais de uma hora que ele saiu.

— Pare de ser medrosa, Ana — murmuro para mim mesma, enquanto procuro o cano entre o mato alto.

Eu estou mancando devido à dor na minha canela, pelo esforço que fiz para tirar a poeira da cabana, mas estou com muita sede.

Não posso deixar de notar que, no meio de todo o matagal, há alguns pés de coco e mamão quase imperceptíveis, mas estão lá. Meu estômago ronca quando olho para um mamão quase maduro, mas preciso resolver a questão da água primeiro.

Encontro a mangueira e, decidida, sigo o seu trajeto no chão. Ao percorrer a trilha, encontro o problema: um tronco não muito grande de uma árvore está bloqueando a passagem da água.

Fico encarando a madeira por minutos intermináveis. Eu posso esperar e pedir a Jason que resolva isso, mas não quero pedir favores a ele. O fato de ter dormido em seu ombro apenas torna a situação mais esquisita.

Inspiro profundamente e, determinada, me agacho, ignorando a queimação na minha perna e aproximando do tronco, pronta para movê-lo dali. É nesse momento que meus ouvidos captam um suave som de água corrente.

Coloco-me de pé rapidamente, sentindo minha boca seca, e sigo o som, afastando-me um pouco da trilha. De repente, me deparo com a cena mais linda que já vi no mundo.

Uma pequena cascata, de poucos metros, despenca pelas pedras que direcionam a água com maestria, criando uma maravilha natural. A água cristalina, moldada meticulosamente pelo tempo, flui suavemente pelas pedras, formando uma cena de tirar o fôlego, como se a própria natureza tivesse esculpido essa pequena cachoeira para encantar quem a encontre.

Nem em todas as viagens luxuosas e praias para as quais meus pais nos levam, se igualam a isso aqui. Rapidamente, me aproximo mais e me curvo para pegar água com a mão, bebendo uma quantidade considerável, notando que a mangueira estava ali do lado o tempo todo.

Encaro a piscina natural, sentindo-me imunda e grudenta. *E se...*

Mordisco os lábios, olhando de um lado para o outro, procurando algum sinal de vida, mas apenas o vento e o canto dos pássaros ecoam no local. Jason, provavelmente, demorará um pouco mais. Então, eu tenho alguns minutos. E convenhamos que mereço depois de arrumar aquele *moquifo* cheio de aranhas.

Com um sorriso de antecipação, decido me entregar à tentação. Sem mais hesitação,

começo a tirar meus sapatos e a minha meia-calça com cuidado, notando que a tira que estava na picada já não está mais lá. Provavelmente caiu quando estava arrumando a cabana. Os dois buraquinhos que aquela maldita cobra fez estão ligeiramente roxos, mas os ignoro e tiro toda minha roupa, expondo minha pele à natureza.

Finalmente, coloco o primeiro pé na água, mergulhando logo em seguida, entregando-me à sensação revigorante da água fresca, deixando todas as preocupações para trás por um momento e abraçando a paz do momento.

Nado por alguns minutos e paro para contemplar a cachoeira hipnotizante, aproveitando para esfregar meu corpo com as mãos e remover um pouco da sujeira. Por alguns segundos, fecho os olhos e cantarolo o refrão da música *Home*, de Gabrielle Aplin, fingindo estar em qualquer lugar, menos em uma ilha no meio do nada. Penso que tudo dará certo e que sairei daqui o mais rápido possível. O som da água caindo só deixa a sensação de ilusão melhor.

— Qual parte de “não saia da cabana” você não entendeu? — A voz mal-humorada de Jason atrás de mim me assusta.

Em um instante, mergulho na água até o pescoço, com uma mão cobrindo meus seios, e respiro fundo, virando devagar em sua direção, encontrando seus olhos fixos em mim.

— Você me assustou... — declaro, puxando um monte de cabelo para ajudar a me cobrir dentro d’água. — Como você me encontrou?

Jason levanta a mão, mostrando a tira suja de sua camisa.

Então, ela não caiu na cabana, *mas na trilha...*

— Está aí tem muito tempo? — pergunto, sentindo meu estômago revirar com a ideia de ele ter me visto nua.

— Tempo suficiente, bonequinha — responde de maneira maliciosa, e prendo a respiração.

— Bem, eu já estava indo... Só quis tomar água e me lavar... — falo, sentindo meu rosto arder sob sua atenção.

— Tudo bem, estou esperando. Vamos — diz, simplesmente, dando de ombros.

Espero que ele se vire e vá embora, mas o idiota continua ali, olhando em volta, e a água começa a ficar muito fria.

— Não vai sair? Sua boca está começando a ficar roxa. — Jason arqueia uma sobrancelha.

— Quando você se virar e sair daqui, eu farei isso! — falo com firmeza.

— Qual é?! Não é como se eu já não tivesse visto uma mulher pelada.

— Uma ova que você me verá pelada! Vire-se, Jason, ou eu não saio daqui nem a pau!

Ele sorri maliciosamente e finalmente se vira, ficando de costas.

— Se você se virar, eu juro que te mato! — Nado até a beirada sem tirar os olhos dele, mas percebo que está com o pé em cima do meu vestido.

*Oh, porra!*

Pego a blusa e a visto, ignorando o sutiã, e coloco a calcinha rapidamente. Então, vou até ele e, de forma rápida, puxo o vestido de seu pé, o que o faz se virar na minha direção.

— Já terminou? — Herris pergunta.

— Não! — grito, tentando me cobrir com o vestido.

— Termine logo, garota! — Dessa vez, ele se vira e, descaradamente, olha para minha blusa, onde eu sei que está molhado o bastante para grudar nos meus seios.

— Então, gostou? — pergunto, irritada, tentando fazê-lo parar de me olhar desse jeito.

— Já vi melhores. — Jason dá as costas e começa a caminhar de volta para a cabana.

— Babaca... — murmuro enquanto coloco meu vestido, pego o sutiã e meus sapatos do chão.

— Eu ouvi isso — diz a pouca distância de mim.

— Que ótimo! Olha só, pelo visto o babaca não é surdo! — comento para uma árvore ao lado, mas sei que ele também ouviu.

Deixo a meia rasgada e sigo Jason. Eu poderia facilmente acertá-lo com meus sapatos...  
*Garoto idiota!*

Quando passo pela mangueira, noto que o tronco não está mais em cima dela. Olho para as costas largas de Jason, caminhando um tanto depressa, e, querendo ou não, respiro aliviada por ele ter voltado bem.

## Capítulo 20

Jason Harris

Seus longos cachos negros escorriam molhados por suas costas nuas, e o som de sua voz suave era tão encantador que a fazia parecer uma sereia, capaz de hipnotizar qualquer um que a visse naquele estado.

*Porra.*

Só a visão dela daquele jeito fez meu pau reagir instantaneamente.

Quando cheguei na cabana encontrei tudo arrumando, mas sem nenhum sinal dela. Em um primeiro momento pensei que talvez ela tivesse fugido, embora isso não fizesse sentido, já que não há para onde ir.

Irritado, decidi procurá-la pelas redondezas da cabana, encontrando o pedaço da minha camisa em uma trilha ao lado da mangueira, que estava com um tronco em cima.

O removi de cima da mangueira, sentindo a pressão da água passar, e o som de alguém cantando me fez franzir o cenho e seguir aquela voz.

Eu poderia ter imaginado qualquer cenário, mas nunca teria previsto a puta visão da garota, literalmente, nua dentro de uma cachoeira de tirar o fôlego.

O rubor em seu rosto ao me ver e o fato dela quase perder a respiração quando me virei e vi seus seios maravilhosos por baixo da blusa molhada, me deixaram com a imensa vontade de me juntar a ela, mas não seria para tomar banho que entraria ali. Embora eu não tenha tido uma visão completa daqueles peitos, foi o suficiente para minha imaginação desgraçada fantasiar minhas mãos os apertando.

É claro que eu menti quando disse que já havia visto algo melhor. Como eu poderia dizer a ela que aquelas tetas não saem da minha mente desde a noite na maldita boate, quando ela quase as mostrou para mim?

Quando chegamos à cabana, pego algumas das raízes que havia encontrado e começo a prepará-las, adicionando lenha ao fogão, tentando ignorar a garota de cabelos molhados que embola algo e coloca ao lado de seu sapato, no chão, antes de se sentar à mesa.

— O que são essas coisas? — Tiana pergunta, olhando para o chão onde está o que eu havia trazido.

— São algas comestíveis, cogumelos e ervas. Encontrei também algumas goiabas. Se quiser, pode comer — respondo, dando de ombros, pegando uma vasilha para as ervas.

— Vi pés de mamão e coqueiros lá fora. Parece que quem morava aqui teve tempo até de plantar coisas — diz, mordendo uma goiaba.

Eu havia notado o mesmo. A pessoa que vivia aqui, claramente, queria viver afastada de tudo e se preveniu bastante.

Caminho até o banheiro e abro o chuveiro. Deixo a primeira água suja sair e depois coloco a vasilha embaixo. Volto para a cozinha e a ponho no fogo para aquecer.

— O que está fazendo? — Começo a ficar irritado com tantas perguntas, então decido não respondê-la.

Meu mau humor está me matando, e eu nem sei exatamente o porquê. No entanto, é como se ficar perto dela fosse um risco, tanto para mim quanto para ela, e isso está me deixando louco.

A água começa a ferver, e procuro por algum pano limpo no quarto, ciente de que ela está me observando o tempo todo. Tiro a panela do fogão com o pano, e sem esperar que esfrie, me aproximo de Tiana e me agacho à sua frente. Puxo a perna que está picada, assustando-a quando ela tenta puxá-la de volta, mas seguro-a firme.

— Jason, o que...

— Fique quieta! — ordeno impaciente, percebendo que sua pele está um pouco mais quente do que o normal.

Ela não deveria ter se esforçado arrumando o local, nem saído daqui. Porém, não comento nada.

Encharco o mesmo pano na vasilha e viro um pouco a perna dela, começando a limpar o local onde a cobra picou.

— Ai! — Tiana resmunga baixo, e continuo a limpar a área, tentando não pressionar demais. — Pode me dizer o que é isso? — questiona.

— Macaporanga e Barbatimão.<sup>[11]</sup> Encontrei-os perto da água na praia. A Macaporanga tem propriedades antimicrobianas significativas, enquanto o Barbatimão é um anti-inflamatório que reduzirá o inchaço — explico enquanto corto outro pedaço da minha camisa para cobrir o local.

— Como você sabe todas essas coisas? — A pequena curiosa continua com suas perguntas, e, por um momento, olho para seus pés delicados, ponderando se devo ou não responder.

— Minha mãe era farmacêutica — respondo ao me levantar. — Amanhã estará melhor.

Tiana olha para mim, claramente querendo perguntar algo, e eu sei que é sobre minha mãe, então decido mudar de assunto e me afasto bruscamente:

— Vou preparar algo para comer.



Depois de ferver as algas, coloco-as na mesa. Tiana torce o nariz, e eu tento não sorrir com a careta que ela faz ao levar a primeira folha à boca.

Com a boca cheia, ela me olha com uma expressão de que aquilo está horrível, mas engole na marra. Pego algumas folhas e experimento. Não estão tão ruins assim. Já comi coisas piores, e aprendi na cadeia que a comida mais gostosa é a fome.

Não sou exatamente um expert em culinária. Talvez nunca tenha tido tempo para aprender, meus focos eram outros quando saí da prisão, e virar um cozinheiro não estava na lista.

Mesmo sem disfarçar que não gostou, Tiana come tudo, e percebo seu esforço em não fazer uma piada ou vomitar. Amanhã darei um jeito de procurar algo menos amargo.

— Obrigada. — Ergo a cabeça, olhando confuso para garota à minha frente, que morde os lábios involuntariamente. — Digo, por cuidar da minha perna.

— Me livrar de um corpo seria mais trabalhoso, sabe...

— Você só precisava falar “de nada”, seu idiota. — Ela revira os olhos e vira as costas para mim.

Termino de comer e vou até a janela, observando a noite se aproximar. O vento forte traz consigo gotas de chuva, que entram pelas janelas.

Neste momento, tudo o que eu queria era um cigarro.

Me afasto da janela e decido acender as lamparinas e atizar um pouco o fogão.

— Ai, mosquito filho da puta! — Tiana pragueja, dando um tapa estalado em seu braço.

Cruzo os braços e observo enquanto ela retira o elástico do cabelo e, com agilidade, faz um rabo de cavalo no cabelo volumoso. Uma mecha cai sobre seu rosto, e eu fico tentado a tirá-la dali, mas Tiana nota meu olhar e rapidamente a afasta, embora o vento a traga de volta.

— Algum problema? — pergunta, percebendo que não paro de encará-la.

Caminho até ela e me inclino um pouco para colocar o cabelo atrás de sua orelha novamente.

— Isso estava me incomodando... — digo ainda próximo de seu rosto, reparando como seus cílios são longos e os lábios tão...

— E há algo em mim que não te incomoda, senhor Herris? — Tiana sussurra, tirando-me do transe.

— Há — respondo baixo, inclinando-me mais.

— E o que seria? — Ela não desvia o olhar, e encaro sua boca.

— Quando você não emite som algum! — falo, afastando-me rapidamente.

Tiana pisca por alguns segundos, confusa, mas logo a faísca de raiva brilha em seus olhos.

— Vou tomar um banho. Se quiser, eu deixo você vir comigo, bonequinha — provoco, pegando minha jaqueta na mesa e dando de ombros, enquanto me dirijo em direção ao pequeno banheiro.

— Desgraçado, odioso... — Ouço-a xingar de longe, enquanto entra no banheiro com um sorriso no rosto.



Quando saio vestindo apenas minha calça, Tiana está sentada bem no meio da cama, e uma lamparina está no chão, uma distância considerável da cama. Ela brinca com os dedos, distraída em seu colo. Involuntariamente, olha para mim, mas desvia os olhos quando percebe que estou sem camisa. E não posso deixar de sorrir.



— Chegue para lá! — peço, e só então ela olha para o meu rosto.

— Como é? Nem fodendo. Você não vai dormir aqui. Eu arrumei para mim. Durma no chão. Dentro do baú deve ter mais lençóis!

— Eu não vou dormir no chão quando tem uma cama de casal enorme aqui, srta. Walton. Não estamos em um hotel cinco estrelas dos seus pais, então faça o favor de chegar esse rabo pra lá, a menos que queira que eu durma em cima de você, o que não seria uma má ideia. — Arqueio uma sobrancelha e ela se encolhe. — Vamos, está frio, e estou cansado.

Bufando, Walton se afasta quase que para a beirada da cama, e deito de barriga para cima, tentando reprimir minha satisfação ao vê-la irritada. Isso, de alguma forma, a deixa estranhamente mais atraente.

No entanto, esse pensamento me faz ficar sério. Preciso sair daqui! Amanhã começarei a planejar algo. Não posso ficar longe de Luci por muito tempo, e isso vai atrapalhar a porra dos meus planos.

— Eu juro que se encostar um milímetro sequer em mim, eu jogo água quente no seu rosto! — A irritadinha me tira dos meus pensamentos, e eu olho para ela ainda sentada, com as pernas esticadas na cama.

— No rosto? Não pode ser em outro lugar? Não pode estragar um rostinho tão bonito como o meu! — digo, fazendo um beicinho.

— É sério, não encoste em mim! E você nem é tão bonito assim — ela fala, deitando e virando as costas para mim.

Com um gesto rápido, viro-me de lado e apoio o cotovelo na cama, direcionando o olhar para ela.

— Qual é?! Não pode mentir quanto a isso. Olhe para mim, sou um belo partido!

— Claro que é... — fala com sarcasmo e apaga a lamparina. — Boa noite, Herris! — Seu tom de voz ainda carrega ironia.

*Claro que ela me acha lindo, todo mundo acha.*

Volto a deitar e olho para a escuridão, respirando profundamente, com a confiança de que amanhã encontrarei uma solução para sairmos daqui.



*Luzes piscando, sirenes tocando sob a chuva, e um garoto de apenas dez anos olha pela janela enquanto a polícia entra em sua casa e leva o pequeno garotinho de dois anos, que já não respira mais, em seus braços. O grito dilacerante de sua mãe ecoa em seus ouvidos enquanto ele sente as lágrimas silenciosas escorrendo.*

*Tomas...*

*Ele nunca pronunciou esse nome em voz alta, era proibido, mas, naquele dia, ele testa o nome em sua voz chorosa.*

— Tomas...

— Tomas! — exclamo, acordando com a sensação dos meus pulmões queimando com

minha respiração ofegante.

Trago o ar com força, sentindo meu corpo suado e meu coração bater acelerado em um ritmo frenético.

Esses pesadelos...

Tinha alguns dias que eles não me assombravam. Olho ao redor, percebendo que está quase amanhecendo.

Observo a garota encolhida ao meu lado. Posso dizer que ela se mexe muito durante a noite; sendo quase impossível ficar longe dela, já que a mesma parece uma *batedeira* humana.

Levanto-me e pego minha camisa, procurando minha jaqueta, pois está um pouco frio.

Mas antes de sair, olho novamente para Tiana encolhida, e sua posição faz com que a porra do vestido preto curto suba um pouco, revelando a popa de sua bunda.

Inspiro fundo e desvio meus olhos daquela parte de seu corpo, aproximando-me dela. Toco sua testa e percebo que ela não está mais quente. No entanto, continuo a observá-la.

Ela está tão vulnerável... Eu poderia fazer o que quisesse com ela aqui, e ninguém me impediria. Esse pensamento profano me atormenta de um jeito insano.

Cubro-a com minha jaqueta e afasto-me dela, finalmente saindo da cabana.

## Capítulo 21

*Tiana Walton*

O frescor da brisa que entra pela janela me faz abrir os olhos. Olho ao redor, percebendo a jaqueta de Jason cuidadosamente disposta sobre meus ombros. A confusão em minha mente é evidente enquanto a retiro e a deixo ao meu lado.

Dou uma olhada no sutiã que escondi embaixo da cama quando entrei no quarto e penso em vesti-lo, mas desisto dessa ideia. Espreguiço-me, sentando na cama, e como ele mesmo havia dito, hoje minha canela está menos dolorida.

Jason esteve me intrigando profundamente. Como ele pode passar de atencioso para um cretino insuportável em questão de minutos? Parece querer que eu o odeie ainda mais, mantendo-me afastada com suas piadas de mau gosto. Porém, não consigo esquecer a maneira que ele mencionou sua mãe, com os olhos tão distantes.

Calço os sapatos e saio do quarto, notando a mesa repleta de mamão e coco frescos, já cortados. Sentindo fome, decido comer, pois meu estômago está vazio. Fiz o possível para não vomitar as algas com cogumelo ontem, até Leo cozinha algo melhor do que aquilo.

No entanto, não reclamei, pois uma coisa que minha mãe sempre me ensinou foi a não desperdiçar comida, não importando o quão ruim estivesse. Mas, caramba, parecia que eu estava comendo sopa de chulé!

Ao passar os olhos pelo local, não vejo Jason em lugar algum. Ainda mastigando um pedaço de coco, caminho até a porta e percebo que tudo está limpo, sem o mato alto cobrindo a cabana.

O que ele esteve fazendo enquanto eu dormia?

Tem um kit de ferramentas velhas e enferrujadas ao lado da porta, além de algumas tábuas de madeira jogadas em um canto.

Ainda sem entender o que está acontecendo, ouço passos entre as árvores que cercam a cabana, e lá está ele, em uma visão maravilhosamente infernal...

Jason se aproxima com uma madeira no ombro e com sua camisa amarrada na cabeça, para se proteger do sol escaldante. Seu abdômen definido está escorrendo de suor de uma maneira sexy, e não posso deixar de olhar as cicatrizes ali, como um lembrete de que ele tem um passado violento e sombrio, o que só aumenta minha curiosidade a respeito de como ele as adquiriu.

Quando ele me avista, como no dia anterior, desvio meus olhos de seu corpo e fixo meu olhar em seu rosto.

— O que está fazendo? — indago quando ele coloca um tronco grande de madeira ao lado dos outros e limpa o suor da testa.

— Algo que nos tire daqui — responde de modo seco, sem me olhar, agachando-se para

pegar o kit de ferramentas e retirando um martelo que parece estar caindo aos pedaços.

— Um barco? Você acha que isso vai dar certo? — Inclino a cabeça para o lado.

Jason ergue a cabeça e me encara com firmeza.

— Tem uma ideia melhor? — Aperto a barra do meu vestido, sem saber o que dizer. — Foi o que pensei.

Ele me ignora e volta a atenção para o que está fazendo, e viro as costas para ele, sentindo-me um pouco desconfortável com seu jeito arrogante, retornando para dentro da cabana.



A tarde passa devagar e de vez em quando vou até a janela para ver Jason martelando alguma coisa. Poderia ir até lá e oferecer ajuda, mas lembro de que estou aqui por culpa dele, então ele que se foda.

Deixo a janela e me concentro em organizar algumas coisas. Aproveitando que agora temos água, encho o filtro depois de esfregá-lo bastante com um pano velho. Após isso, caminho até o quarto e abro o armário, onde encontro algumas camisas inteiras e suéteres da época em que meu avô ainda era um esperma.

— Que coisa mais brega... — Torço o nariz, pegando uma camisa marrom com cheiro forte de roupa guardada. Talvez eu possa usá-la depois de a lavar.

— Vou sair. — A voz de Jason faz com que eu deixe a camisa cair.

— Oh... tudo bem. Para onde você vai? — Pego a camisa e a devolvo ao armário, e só então percebo algo pontiagudo em sua mão, como uma lança.

— Vou ver se encontro peixes — responde, dando de ombros, virando-se.

— Espera — peço, e ele para. — Vou com você! — Mordo os lábios quando ele não responde. — Só estou entediada aqui.

Jason continua a caminhar, e como ele não diz não, o sigo, fazendo um gesto de vitória com a mão, já que sei que ele, provavelmente, detesta a ideia de me ter por perto tagarelando ou lhe fazendo perguntas.

*Ana = 2*

*Jason = 0*



— Uau... — digo baixinho, olhando para a praia onde havia acordado ontem após a tempestade, observando como o local é bonito. Talvez eu não tenha notado antes devido à raiva que sentia naquele momento.

Vejo Jason se abaixar rapidamente, para pegar algo e pôr no bolso. Estreito os olhos, desejando ter meus óculos comigo, pois minha visão à distância é horrível. Ele se levanta e caminha em direção à beira d'água. Eu me aproximo ao seu lado, sentindo a brisa suave nos envolver enquanto ele encara o horizonte. Com uma curiosidade inquieta, pergunto, mesmo

sabendo que ele pode simplesmente me ignorar como sempre:

— Então, o que vamos fazer agora?

Mas, para minha surpresa, Jason sorri, olhando para o rio, e responde:

— Você, eu não sei, mas eu quero pescar um peixe hoje.

— Ah, eu sei pescar! — falo, com um pouco de confiança.

Meu avô adora pescar e levava todos os netos para acampar nos finais de semana, o que proporcionava um descanso aos nossos pais.

Seus olhos verdes encontram os meus, e ele arqueia uma sobrancelha de maneira desafiadora. Em seguida, estende a lança pontiaguda para mim.

— Então, aqui está sua chance, traga comida para nós, srta. Walton.

Fico encarando o objeto por alguns segundos, antes de aceitar o desafio e pegá-lo de sua mão.

— Ok, mas se eu conseguir pegar pelo menos um, eu cozinho hoje — proponho.

— E se não conseguir, vai me fazer uma massagem bem demorada nas costas — fala, agora parecendo menos irritado, e faço uma careta.

— De jeito nenhum.

— Então você não confia no seu taco, bonequinha? Ou está apenas com medo de perder?  
— Seu tom provocador me irrita.

— Eu não vou perder!

Vou até a água, adentrando até ela cobrir minha panturrilha, mas quando olho para as ondulações, sinto-me tonta.

Droga! Como vou fazer isso sem meus óculos ou sem minhas lentes de contato?

Olho para trás, e Jason está parado de braços cruzados. Não vejo seu rosto, mas posso jurar que sua sobrancelha está arqueada.

*Idiota.*

Permaneço parada e miro a movimentação dos peixes ali, concentrando-me. Seguro a lança entre minhas mãos de maneira determinada, e quando o peixe passa perto o bastante, lanço o objeto, mas ele passa longe do animal.

Pego a lança novamente e tento mais uma vez, contudo, o peixe escapa. Respiro fundo e tento de novo, e mais uma vez, mas todas as tentativas são desajeitadas. Quando finalmente acho que peguei um, o peixe escorrega e consegue escapar.

— Droga, peixes, venham aqui! — reclamo, irritada, ouvindo uma risada abafada vir de trás de mim.

— Você não era uma pescadora profissional? — Jason pergunta com ironia, se aproximando.

— Só preciso dos meus óculos — tento me justificar.

Meu corpo estremece com o calor do corpo de Jason sem camisa em minhas costas. Suas mãos deslizam sobre meus braços, me deixando paralisada quando seus dedos encontram minha mão segurando a lança, firmando-a com um aperto.

— Isso não é como usar um anzol, nem uma pescaria tradicional, bonequinha — ele sussurra perto da minha orelha, fazendo um frio habitar meu estômago. — Você precisa ficar parada e concentrar-se apenas no peixe... Olhe bem para a água, esqueça tudo ao seu redor e concentre-se.

Seu hálito quente na minha pele faz meu corpo arrepiar, e sua mão guia a minha para cima, fazendo a lança se erguer quando um peixe se aproxima de nós.

— Agora, espere...

Tento me concentrar na água e no peixe, mesmo que seja impossível com seu corpo pressionado contra o meu.

— Agora! — exclama, baixo, sobre meu ombro, e finalmente fincamos a lança, com o peixe sendo perfurado.

— Consegui... Porra, eu consegui!

Minhas mãos tremem quando me viro para encará-lo, e Jason está tão perto que nossas bocas quase se tocam. Ele me encara de volta por longos segundos, e como se eu estivesse hipnotizada, inclino-me um pouco, mas ele se afasta rapidamente.

— Aqui está o seu peixe, mas saiba que você não o pegou sozinha. — Jason sorri, entregando-me o peixe, e o pego, tentando me recompor.

*O que diabos está acontecendo comigo?*

— Isso quer dizer... — começo, mas ele completa.

— Que me deve uma massagem nas costas, bonequinha, e quero uma bem gostosa. — Dá uma piscadinha maliciosa ao sair da água, e eu mostro o dedo do meio para suas costas.

Encaro o peixe já morto e deixo escapar um sorriso bobo, pensando que meu pai iria adorar saber que pesquei um peixe com um *treco pré-histórico*.

Olho para a cidade a quilômetros de distância e respiro fundo.

Como será que eles estão? Será que já descobriram que eu sumi?

Espero que estejam bem. Odeio a ideia da minha família sofrendo por minha causa.



— Experimente — peço a Jason assim que coloco um pedaço do peixe que preparei em sua vasilha.

Depois daquela coisa estranha que aconteceu no rio, mal trocamos palavras. Enquanto eu preparava o peixe, Jason continuou mexendo em seu tal barco lá fora, até começar a escurecer e ele voltar para dentro.

Ele pega um pedaço e começa a mastigar. Fico tentada a perguntar se ele gostou, mas, ao invés disso, pego um pouco e experimento eu mesma, confirmando que, apesar das limitações dos ingredientes que encontrei na cabana, o peixe está consideravelmente comestível.

— Meu pai costumava cozinhar quando minha mãe, meus irmãos ou eu ficávamos doentes. Minha mãe conta que ele cuidava dela em seus pós-partos. E quando ele não estava trabalhando, dedicava seu tempo para nos ensinar — tagarelo, sentindo saudade desses tempos,

de quando minha única preocupação era experimentar os ensopados do papai e verificar se estavam sem sal.

Jason me encara com um olhar indecifrável, e sinto-me tão pequena quando ele me olha assim.

— Desculpa, você nem perguntou nada, e eu estou tagarelando sobre a minha vida. — Levanto da mesa e vou lavar as mãos.

— Estava bom...

O olho, vendo-o com a cabeça baixa, encarando sua vasilha.

— O peixe estava bom, mas ainda vou querer minha massagem — fala antes de se levantar e ir em direção ao quarto, e fica claro que espera que o siga.

Sentindo novamente um frio na barriga, vou atrás dele. Ao chegar ao quarto, vejo Jason desabotoar a camisa, o que me deixa um tanto desconcertada, e olho para meus pés.

— Estou esperando, baby. — Mordo os lábios, vendo-o sentado, de costas para mim, na cama.

— Eu realmente preciso fazer isso? — indago, hesitante.

— Se bem me lembro, você não pegou o peixe sozinha, então anda logo.

Trago o ar e caminho até a cama, apoiando os joelhos no colchão e me aproximando dele, colocando uma mão de cada lado dos seus ombros, ignorando as bonitas tatuagens em suas costas.

Faço a massagem de qualquer jeito, para terminar logo.

— Pronto!

— Mais já? — indaga, virando-se para mim com um sorriso divertido.

— Sim, é só isso — resmungo. Rapidamente, Jason se ajoelha na cama e segura firmemente meu braço, me assustando.

— Se eu quiser, posso fazer você fazer muito mais do que uma massagem, lembra, bonequinha? Você ainda está sob as minhas ordens. — Engulo em seco, tentando me afastar.

— Pare com isso! Você não pode me ameaçar aqui. O que vai fazer? Enviar aquele vídeo por pombo-correio para os meus pais? — Cerro os dentes, com vontade de esganá-lo.

*Qual é o problema dele?*

Jason solta meu braço e enlaça minha cintura, me fazendo prender a respiração.

— Não, mas poderia te machucar. Estamos sozinhos e não tem ninguém para te ajudar — sussurra, mordendo meu queixo, e o pavor percorre meu corpo.

— J-já disse que não tenho medo de você! — gaguejo, tentando acreditar em minhas próprias palavras.

— Tem, sim... Você exala medo e tudo que não é bom para mim, bonequinha.

— Me solta... — peço, sentindo seu aperto se intensificar, e seu rosto agora está sombrio.

— No final, você é igual a todos! — Ele me empurra na cama de forma rude e vai para a cozinha.

Inspiro com dificuldade, tentando acalmar a confusão da minha cabeça.

*Igual a todos?*

*Mas de que porra ele está falando?*

Tento relaxar meu corpo trêmulo, afinal, ele não faria mal a mim, não é? Conheço seu histórico, mas se Jason Herris quisesse mesmo me machucar, ele já não teria feito isso?

Encolho na cama, sabendo que ele está a apenas um cômodo de distância, e fecho os olhos, sentindo as lágrimas querendo escapar. Engulo-as e tento pensar em qualquer coisa que não seja a possibilidade dele realmente me fazer algum mal.



Um trovão ruidoso ecoa no céu, junto com a chuva, fazendo-me acordar assustada. Ao olhar ao redor, percebo a lamparina ao lado da cama, lançando uma luz fraca e tranquila no quarto. No entanto, é o corpo ao lado que me deixa alerta. Jason está deitado ali, dormindo pacificamente ao meu lado.

*Ele veio para a cama...*

Confesso que fico um pouco surpresa por ele estar aqui, e me pego olhando por um longo tempo para sua face. Ergo minha mão, tentada a afastar o cabelo da testa dele, mas volto a mão para o meu corpo quando Jason começa a respirar de modo pesado, murmurando palavras entrecortadas e assustadas.

— Não, não, por favor... Não faça isso, por favor...

A cena me deixa perdida, sem saber o que fazer, e sinto meu coração bater forte com a voz dolorosa dele presa em um pesadelo que parece terrível.

*Será que devo acordá-lo?*

No entanto, sua respiração volta a ficar tranquila, e, agora, apenas o barulho da chuva caindo lá fora é ouvido. Jason se move, virando para o meu lado, e respiro aliviada.

Sinto-me intrigada quando volto a deitar de frente para ele, e sussurro, ainda olhando para sua face agora relaxada e tranquila:

— Quem é você, Jason Herris?



## Capítulo 22



Aproveitando a grande sombra da enorme árvore ao meu lado, ergo uma madeira e encosto na outra, pegando os pregos um tanto enferrujados que havia encontrado dentro de um kit de ferramentas antigo e uno as duas madeiras. O tempo está bastante fresco e úmido, mas nada que me impeça de trabalhar.

Walton tinha saído para dar uma volta, talvez para urinar ou algo do tipo, não me importo. Tê-la longe de mim será melhor para ambos, especialmente após o que aconteceu na praia, a maneira como ela e seu corpo reagiram com meu toque ou o jeito que seus pelos se arrepiaram com minha voz em seu ouvido, como se também me quisesse.

Balanço a cabeça, tentando afastar tais pensamentos. *Isso é ridículo.*

Coloco a mão no meu bolso e puxo o aparelho que encontrei ontem na praia. É meu celular. Deve ter caído quando cheguei em terra firme e apaguei. No entanto, o aparelho está molhado, e preciso encontrar uma maneira dele voltar a funcionar. Com sorte, talvez haja algum sinal aqui.

Um barulho ecoa na mata, e rapidamente guardo o aparelho de volta no bolso. Vejo a garota com os cabelos molhados emergindo do meio da trilha, segurando a blusa na mão e usando apenas o vestido de alcinha preto. Provavelmente, ela estava na cachoeira. Ela me encara por um momento com um olhar de... pena? Que diabos...

Em seguida, Tiana desvia o olhar e entra na cabana. Balanço a cabeça e me concentro no que estou fazendo. A lembrança do medo em seus olhos ontem à noite, de como ela ficou apenas porque eu estava por perto, trouxe de volta memórias dos meus quinze anos e de todos aqueles olhares julgadores e amedrontados, quando eu cheguei no Instituto para Jovens Infratores. Como se eu fosse um monstro...

*Que se foda!*

Por que me importo com o que ela pensa ou deixa de pensar de mim? Nunca me importei com as opiniões alheias, então por que me sinto irritado com toda essa situação?

Tiana Walton não passa de um negócio para mim.

Vejo uma sombra se aproximar e parar à minha frente. Encaro os pés descalços com esmalte rosa-claro em minha frente. Subo lentamente meus olhos pelas suas pernas, notando que ela ainda usa o pedaço de pano onde a cobra picou, e continuo subindo o olhar até vê-la por completo, segurando um coco em suas mãos.

— Você deve estar com sede — diz, parecendo um pouco nervosa, me oferecendo água de coco.

Olho para a fruta, um tanto surpreso, e ergo uma sobrancelha.

— Como vou saber que não tem veneno aí?

— Porque eu não encontrei nenhum, infelizmente — responde em tom provocativo.  
Nem ferrando eu bebo isso, não depois do que lhe disse ontem à noite.

— Não quero. — Volto a colocar o prego pequeno no tronco e continuo a martelar.

— Não? Estou apenas tentando ajudar.

Respiro fundo e fico de pé, vendo-a sorrir sem os dentes de forma fofa. Essa garota vai foder com tudo. Por que ela tem que ser assim?

Pego o coco de sua mão e o jogo longe, fazendo seu sorriso morrer instantaneamente.

— Eu não quero e não preciso da sua ajuda, garota, então se manda daqui! — falo, irritado, virando-me.

— QUAL É O SEU PROBLEMA? — Tiana grita. — Acha que ficar me intimidando o tempo todo vai fazer com que eu me sinta pior comigo mesma? — Continuo andando, e ela vem atrás de mim sem parar de berrar. — Eu não tenho medo de você! Você não passa de um babaca insensível e inútil, que acha que todos devem temê-lo. “Ai, olha aqui, eu sou mau, um durão, eu faço o que quero, pois sou um sociopat...”

Paro, e suas palavras me atingem como uma lâmina. Em um momento de raiva, viro-me como um furacão, não permitindo que ela termine, e seguro firmemente seu pescoço, girando-a e pressionando-a contra a grande árvore, deixando-a quase sem ar.

— Cale a boca, cale a porra dessa boca! — rosno perto de seu rosto, vendo-a segurar minhas mãos, assustada, tentando se soltar. — Você não sabe nada sobre mim, não tem o direito de falar merda. Quem você pensa que é?

Solto seu pescoço, e ela puxa forte o ar, mas continuo a prendê-la contra a árvore.

— Espera, não diga. *Tiana Walton*, a filha mais velha do grande CEO Calebe Walton e da empresária Lilly Walton. — Dou uma pausa, observando seu peito subir e descer freneticamente. — A filhinha de ouro da família. Você é apenas uma garotinha mimada tentando compensar algo para seus pais. Mas, no fundo, não é ninguém, não é nada sem eles. Você é apenas um projeto de sombra dos Walton.

O ódio e a ira aparecem em seus olhos, e sua mão se ergue para me bater, mas a seguro firme, impedindo-a.

— No final das contas, você é tão inútil quanto eu, bonequinha.

— Eu odeio você! — Tiana se inclina e cospe as palavras em um grito.

— Não sabe o quanto eu amo saber disso, baby. — A solto e me afasto um pouco, observando um pequeno sorriso odioso se formar em seus lábios.

— Você adora ter poder, não é? E fica se remoendo quando não tem. Usa as fragilidades das pessoas para se sentir bem consigo mesmo, pois é incapaz de se importar com os outros ou qualquer coisa!

Fixo meus olhos nos dela, olhos negros que não desviam por um minuto, desafiando-me.

Porra, o modo raivoso como ela diz isso me deixa com uma puta tesão.

— Talvez você esteja certa...

Me aproximo novamente do seu corpo, fazendo seu sorriso se fechar rapidamente, e a vejo engolir em seco quando a prendo na árvore com meus braços, um de cada lado da sua

cabeça. Seus olhos se arregalam.

— Talvez eu não deva me importar com mais nada! — digo com um sorriso maldoso, levando meus lábios para o seu pescoço, vendo seu corpo estremecer.

— O-o que está fazendo? — ela quase grita, desesperada, quando a aperto mais contra a árvore, levando uma das minhas mãos para suas coxas. — Jason... T-tire as mãos de mim! — gagueja.

Tiana tenta me afastar e fechar as pernas, mas insisto em enfiá-las até o final das coxas, ficando surpreso com o que encontro. Walton prende a respiração, e eu dou o maior sorriso perverso do mundo.

— Discussões também te deixam excitada, bonequinha? — provoco, sentindo a umidade em sua calcinha.

Retiro as mãos de suas pernas, vendo seu rosto inteiro ficar de um tom vermelho vivo de raiva e vergonha.

— Você é louco, doente da cabeça, um filho de uma... — Puxo sua cintura com firmeza, aproximando-a da minha boca, e ela prende a respiração.

— Sim, e você é a porra de uma *mimadinha de merda*! — Encaro seus lábios, sentindo minha boca seca, com a extrema necessidade de prová-los, quando sussurro em sua boca: — Mas uma *mimadinha* de merda gostosa pra caralho! — admito, jogando tudo pro ar, tomando, finalmente, seus lábios para mim.

Ana fica chocada e sinto o calor da sua saliva quando deslizo minha língua para dentro de sua boca, ansiando por mais.

A adrenalina e a excitação percorrem todo o meu corpo quando a pressiono de volta contra a árvore, e finalmente ela cede, beijando-me de volta. Suas mãos tímidas deslizam para o meu peito nu, e engulo seus lábios deliciosos, com um leve gosto de água de coco.

— Eu... — ela tenta falar enquanto recupera o fôlego.

Dou um sorriso na sua boca, por ela ter correspondido tão rapidamente, e chupo seus lábios com fome, voltando a beijá-la de modo rude e duro, impedindo que ela diga mais alguma coisa.

Eu sei que não deveria fazer isso, que ela é o limite do que eu posso ter para mim. No entanto, nesse momento, eu precisava dela desesperadamente. A forma como ela me beija, cheia de ódio e desejo simultaneamente, faz meu corpo ansiar por mais. Provar seus lábios é um caminho sem volta; e agora eu preciso tê-la por completo, ou então enlouquecerei.

— Herris... — Ana geme entre os lábios, tentando manter-se em pé.

Rosno impaciente e, rapidamente, puxo suas coxas para o meu quadril, para mantê-la firme.



— Espere... — ela pede, tentando me afastar, mas não consigo parar. Seus lábios são viciantes pra caralho.

— Não me peça para esperar... Eu preciso disso! — digo, mordiscando seus lábios, e, sem querer parar de beijá-la, começo a dar pequenas mordidas em seu pescoço.

Ela sorri baixinho e diz:

— O que aconteceu com o cara que “não se rebaixa tanto”?

— Ele morreu afogado há dois dias! — retruco, sussurrando em seu ouvido e agarrando a alça de seu vestido, puxando-o para baixo. Seus seios saltam para fora.

— Jason... — Tiana tenta cobrir-se, mas seguro sua mão.

— Não! Eu quero ver — peço, inclinando-me para trás para admirar o que está me deixando de pau duro há dias.

E, caralho, eles são ainda mais lindos do que eu imaginava, realmente grandes e roliços! Os mamilos são de um tom avermelhado e estão rijos, me deixando com mais água na boca e vontade de prová-los.

Volto meu olhar para a garota, que respira com dificuldade e mantém uma expressão envergonhada, enquanto morde os lábios nervosamente.

— Você tem ideia do que eu quero fazer contigo, bonequinha? — pergunto, deslizando suavemente um dedo pelo seu ombro, observando-a arrepiar-se.

— E-eu acho que sim... — fala baixinho.

— Você deveria ter continuado me odiando, Tiana Walton. — Meus dedos alcançam sua mandíbula e percorrem sua bochecha.

— Eu ainda odeio você... — declara em um sussurro, e um sorriso malicioso se curva em meus lábios. Com um grunhido, a puxo de volta para meu corpo.

— Perfeito. Agora, vou lhe dar um motivo plausível para continuar fazendo isso! — Minha voz rouca ecoa enquanto a beijo novamente e minhas mãos se movem com firmeza, agarrando sem dó seu peito, fazendo-a gemer contra os meus lábios.

Eles são tão generosos que minhas mãos mal conseguem abarcá-los por completo. Belisco seus mamilos, e a garota agarra meu cabelo, puxando-me para mais perto.

Sinto que estou à beira de explodir se não a tiver nesse momento. Então, com a mão livre, ergo seu vestido até a cintura, mergulhando minha mão dentro da sua calcinha, e sem rodeios introduzo um dedo em sua boceta molhada. Ana geme.

Desejando mais de suas reações, insiro mais dois dedos e começo a movê-los, arrancando um soluço alto de seus lábios.

— Eu vou te devorar por completo, bonequinha. Vou acabar com você de uma maneira que nunca vai esquecer! — murmuro, passando o polegar pelo seu clitóris, estimulando-a enquanto a fodo com os dedos, fazendo-a morder meus lábios com intensidade.

— Ah... — Sua voz sai rouca enquanto tenta se segurar em uma árvore para não cair, o que só me excita ainda mais.

Intensifico meus movimentos com os dedos, esfregando seu clitóris com mais precisão quando Tiana grita, e seu corpo treme em um orgasmo intenso. Capturo seus gemidos com meus lábios, retirando os dedos dela e segurando sua cintura.

A tensão no ar aumenta e, com cuidado, a ergo em meus braços, enquanto ela envolve as



pernas ao redor de mim. Com movimentos ágeis, guio-a até o chão, ficando por cima dela antes de descer meus lábios por seu pescoço, até estar entre os dois melões suculentos. Sem hesitar, abocanho um dos seus seios de maneira faminta.

— Herris... — Suas mãos se agarram aos meus cabelos e finalmente faço o que desejava desde o momento em que a vi com aquela maldita regata na boate. Agora, é real, eu estou literalmente caindo de boca nessas maravilhas.

Mordo seu mamilo, deixando minha saliva escorrer ali, e sem querer esperar mais, traço um caminho de beijos por sua barriga e ajoelho entre suas pernas. Nossos olhares famintos se encontram, e busco uma razão para parar, porém, não quero encontrar. Sei que mais tarde me arrependerei disso, mas, nesse momento, eu quero que se foda!

Com rapidez, abro o zíper de minha calça e abaixo-a, levando junto a cueca, revelando minha ereção latejante. Tiana luta para respirar e aperta os olhos com força quando retiro sua calcinha e a jogo de lado

Faço uma pausa breve, apenas para admirar a obra de arte diante de mim: seus cabelos espalhados no chão, o rosto corado, seios empinadinhos e sua boceta ali, apenas esperando para ser rasgada por mim.

Seu corpo se encolhe em antecipação quando me sobreponho sobre ela e me encaixo lentamente em sua entrada, sentindo a cabeça do meu pau latejar de vontade de entrar de uma vez nela.

— Abra os olhos! — ordeno, e ela obedece, abrindo-os devagar, enquanto continua mordendo a porra dos lábios gostosos.

— Está com medo agora? — indago em um sussurro grave.

— Não sei... Eu deveria ter medo? — ela sopra, pegando-me de surpresa com sua pergunta.

— Sim, você deveria. Você escolheu o cara errado para provocar. Eu não sou um príncipe, srta. Walton. O que eu quero, eu tomo, e não sou carinhoso, muito menos romântico. Não, baby, como você mesmo disse, não há bondade em mim!

— Então... pegue o que você quer, Herris — Tiana diz em um fio de voz e isso é tudo o que eu precisava ouvir.

Com uma mistura de raiva e excitação, cubro sua boca com minha mão e a penetro de uma vez, forte, apenas com metade do meu pau, mas seu grito abafado de dor ecoa alto enquanto sinto a mordida forte que ela me dá.

*Porra! Caralho! Que desgraçada gostosa da porra!*

Fico parado e retiro a mão de sua boca, para que ela se acostume comigo, e vejo as lágrimas escorrerem de seus olhos enquanto ela desvia o rosto do meu. Sei que ela é virgem e que, se não me controlar, poderei machucá-la mais do que o normal. No entanto, Tiana precisa saber que eu não sou gentil, e não quero ser.

— Olhe para mim — peço, mas ela não o faz. Então seguro suas bochechas delicadamente e forço-a a olhar nos meus olhos. — Está doendo?

Tiana hesita em responder, mas logo um som baixo sai de seus bonitos lábios:

— S-sim... — Funga.

— Você quer que eu pare? — pergunto, com a voz rouca.

Ela não será louca de dizer que sim. Eu não sei se serei capaz de sair de dentro dela agora que entrei.

Para meu alívio, ela balança a cabeça negativamente.

— Certo, segure meu ombro e continue olhando para mim. Vou entrar mais, bonequinha — instruo, e Ana agarra meus ombros, com o rosto apavorado.

— N-não entrou tudo? — pergunta com os olhos arregalados e a voz sofrida.

Dou um sorriso perverso para ela.

— Oh, não, baby! Não mesmo, mas vamos resolver isso agora — falo, enquanto, em um impulso, estou completamente dentro dela. Tiana se contorce embaixo de mim, cravando as unhas com força nos meus ombros.

— Porra. Po-rra do céu! — Agora, ofego com dificuldade, sentindo a intensa pulsação da sua boceta, que esmaga meu pau. Ana choraminga. — Acostume-se comigo, bonequinha, que agora vou moldar essa boceta só para mim, e você vai aguentar tudinho, ouviu bem? — Eu não espero por sua resposta e começo a me mover mais rapidamente, impulsionando meu corpo contra o dela.

Ana geme, fechando os olhos novamente, e eu resisto à vontade de mandá-la abri-los de novo. Em vez disso, concentro-me em seus seios, que se movem em sincronia com as minhas estocadas, me fazendo ir mais fundo e mais duro. E a desgraçada começa a se mover junto comigo de um modo tímido, mas gostoso pra caralho.

Saio dela lentamente, e ela abre os olhos, olhando-me confusa.

— De quatro, agora! — rosno, e ela parece perdida. — Agora! — Sem jeito e trêmula, Ana tenta se levantar e olha para meu pau, arregalando os olhos ao ver como ele está duro e melado com seu sangue.

Ela desvia o olhar rapidamente e obedece às minhas ordens, ficando de costas e empinando seu rabo gostoso para mim.

— Então a putinha gosta de caras maus, não é mesmo? — Dou um tapa em sua bunda, deixando a marca nítida da minha mão, antes de penetrá-la novamente, dessa vez com mais força, fazendo-a tracionar para frente, resmungando do modo bruto que entrei. — Isso é o que eu queria fazer com você desde que me encarou no refeitório — admito, segurando firmemente sua cintura, enquanto bombardeio sem dó. A filha da mãe segura o chão com força, para me aguentar.

Eu quero que ela se lembre quem foi o responsável por deixá-la dolorida. Quero ver como ela me olhará agora que tirei sua virgindade, como seu orgulho será afetado por me permitir tocá-la.

— J-Jason... — geme com dificuldade entre minhas estocadas intensas.

— Relaxe, garota, relaxe para mim! — Deslizo as mãos entre as pernas dela, começando a esfregar seu clitóris inchado, para deixá-la mais lubrificada para mim.

— Jason... Por favor... — Ana implora com uma voz manhosa, enquanto soco com intensidade, explorando seu ponto sensível com movimentos mais rápidos.

— Eu poderia te engravidar, já pensou? O que seu papai diria se soubesse que a filhinha

deixou um marginal engravidá-la no meio do mato? — Puxo seus cabelos, trazendo-a para meu peito.

— Você não faria isso... — Ela ofega mais alto quando circulo com mais precisão meus dedos em seu clitóris.

— Você duvida? — sussurro, mordiscando seu ombro.

Solto seus cabelos e deslizo minha mão para seu peito, o amassando com força.

— Eu... Eu... — Ana mal consegue terminar a frase, perdendo o fôlego quando a penetro mais profundamente, sentindo sua boceta contrair.

Ela joga a cabeça para trás, rolando os olhos enquanto goza novamente.

— Isso, bonequinha... Muito bem, agora é a minha vez!

Empurro-a novamente para a frente, inclinando mais sua bunda para mim, entrando e saindo do seu burquinho apertado e quente.

E, por um momento, eu quero engravidá-la. E, caralho, só o pensamento de gozar dentro dela e ver minha porra escorrendo por sua boceta me faz quase perder o controle. Tenho que sair quase que imediatamente de dentro dela, agarrando meu pau e explodindo em meu clímax forte. Um gemido rouco pula da minha garganta, ao passo que esguicho toda minha porra em sua maravilhosa bunda.

Tento respirar profundamente, para desacelerar as batidas do meu coração, enquanto Ana se deita no chão, claramente exausta.

O rastro de sangue em suas coxas pálidas é a prova de que ela se entregou apenas a mim, e isso faz eu me sentir egoísta por ter gostado tanto dela ter sido só minha.

Apenas então percebo que meus dedos também estão manchados de sangue, assim como meu pau. Sem pensar muito, deixo escapar um sorriso travesso enquanto deslizo minhas mãos pelas costas dela, usando o sangue dela misturado com minha porra para escrever ali.

— O-o que está fazendo? — resmunga, tentando olhar para trás, para ver o que estou fazendo.

— Arte... — Me afasto dela, contemplando meu nome agora em tons de vermelho em sua pele suada. — Ok, isso foi ótimo, bonequinha. — Ajeito minha calça e ela me encara com os olhos confusos que, por um momento, sugam toda minha consciência de volta. — Obrigado pela distração. Mas se você me der licença, tenho o que fazer.

Ela pisca algumas vezes, e seus olhos se enchem de lágrimas. A vejo lutar para engoli-las de volta.

Vê-la deitada no chão desse jeito, suja de sangue e com meu gozo, é um choque de realidade. Queria voltar atrás, ajudá-la a se levantar, a se limpar, mas sei que fui longe demais ao me deixar levar pelo desejo insano de tê-la.

Então, como o belo escroto que sou, viro-me e adentro a densa vegetação, deixando-a sozinha para lidar com o seu arrependimento.

Preciso urgentemente me livrar do cheiro dela do meu corpo, preciso pensar em como reverter a porra que eu fiz. Agora está tudo fodido! Por que me deixei levar por uma boceta virgem?!

*Porra! Não foi só isso. Eu sei que não foi só por isso.*



Ela está na minha cabeça desde que fui designado para aquela faculdade, e é como se eu sempre a conhecesse.

Pensei que, ao finalmente tê-la, conseguiria tirá-la da minha mente, acreditando que fosse apenas um fetiche de ter a garota certinha só para mim. No entanto, Tiana é incrível, e agora que sei o que estou perdendo, vai ser ainda mais difícil conviver com ela por perto.

Talvez não depois de tê-la deixado sozinha largada no chão.

*Droga!*

A levei para o inferno, e isso não é nem a pior parte dos meus problemas. Se souberem que a toquei, todo meu plano morre.

— Merda! — xingo, descontando minha raiva ao socar com força uma árvore. — Maldita desgraçada e gostosa! — Bufando de frustração, continuo caminhando em direção à praia.

## Capítulo 23

*Tiana Walton*

*Calma, Ana. Não surta, não chora,* digo a mim mesma quando observo Jason desaparecer entre as árvores sem sequer olhar para trás.

Com um pouco de dificuldade, tento me erguer, sentindo meu corpo inteiro dolorido. Neste exato momento estou achando que bati mais do que cabeça naquele barco.

Depois de vê-lo tão vulnerável na noite passada, comecei a refletir sobre como ele me ajudou no bar com aquele homem estranho e como cuidou do meu ferimento na perna. Por isso, quis ser legal em lhe levar água, já que ele parecia exausto. No entanto, não estava preparada para seu mau humor insuportável.

O que eu não esperava, era que toda aquela discussão maluca acabaria com seu pau dentro de mim e comigo largada no chão como um nada.

Respiro fundo, com cada pedacinho do meu corpo gritando de dor. Cubro meus peitos com as mãos e recolho minha calcinha suja de terra antes de me levantar lentamente e caminhar até a cabana, sentindo todo meu corpo sujo e imundo.

Arrasto-me até o quarto e retiro o vestido. Dirijo-me ao banheiro e, somente ali, deixo escapar um pequeno soluço.

Eu não estou abalada por ter perdido a virgindade no chão duro, nem por ter sido com o cara que eu literalmente quero matar, mas sim por ter gostado tanto daquilo e por ter achado que ele também sentia a forte atração entre nós. Entretanto, fui idiota.

Ok, tudo bem, eu sei que nenhum de nós dois se suporta, mas, de alguma forma, quando ele se aproxima de mim, me sinto atraída por ele, como se fosse um ímã, de um jeito estranho que não consigo compreender.

Ligo o chuveiro e deixo a água fria cair sobre mim, tentando remover as folhas, galhos e ciscos do meu cabelo, mas pelo embaraço é quase impossível. Conto até três e, com cuidado, passo as mãos em minha vagina bastante sensível, tentando lavá-la. Eu sabia que minha primeira vez iria doer, mas não que iria ser tanto. Eu podia sentir seu pênis quase no meu estômago, mas depois de um tempo se tornou uma dor boa, ou eu era realmente doente da cabeça por ter gostado e gozado como uma cadela.

Apesar da ardência, esfrego bastante a região. Ele não chegou a gozar dentro de mim como ameaçou fazer, mas prefiro não arriscar. E, teoricamente, eu não posso engravidar agora, não é? Minha menstruação chega semana que vem.

*Que inferno!*

Acho que fiquei maluca de vez.

Lavo minhas costas, pensando que, provavelmente, ele escreveu o nome dele ali.

Desgraçado filho da puta!

Suspiro profundamente, tentando não deixar o ódio me dominar, esfregando minha calcinha e imaginando ser a cara daquele babaca de merda.

*O que você estava esperando, Ana? Que ele te levaria pra cama e te faria um cafuné?*

*Acorda, garota!*

Irritada, saio do banheiro, coloco minha calcinha novamente, pego meu vestido e o visto logo em seguida.

Paro no meio do quarto, tentando controlar a raiva e decidida a não chorar por isso. Abro o armário e apanho algumas das camisas e lençóis. Então, vou até a cozinha, cato uma bacia e saio da cabana. Mesmo sentindo meu corpo pesado, marchoo pela trilha que fiz mais cedo rumo à pequena cachoeira.



— Eu deveria me afogar bem aqui — murmuro enquanto esfrego a terceira camisa à beira da água, sentindo minhas mãos machucadas pelo esforço que estou fazendo. — Talvez assim eu não precise voltar a vê-lo...

Paro por um momento, encarando meu reflexo na água e notando o grande chupão em meu pescoço, sabendo que cedo ou tarde ele voltará para a cabana. E apenas esse pensamento faz meu estômago se contorcer de nervosismo.

*Não sei se conseguirei olhar para ele...*

— Argh!

Termino de tirar a poeira das camisas e as enxaguoo. Seria muito mais fácil se tivesse sabão aqui, mas acho que consegui limpá-las um pouco, o que quebrará um galho, já que meu vestido está imundo. Coloco as roupas e os lençóis já torcidos dentro da bacia e me ergoo, levando tudo de volta para a cabana.

Como esperando, Jason ainda não voltou, então aproveito para ocupar minha mente reorganizando tudo novamente.



Já está anoitecendo e encaro o mamão à minha frente com uma careta de quem não aguenta mais comer isso. Eu não deveria reclamar, pois temos água e um teto, mas daria qualquer coisa por um cachorro-quente neste momento.

Minha nutricionista ficaria orgulhosa de mim, sabendo que eu estou sobrevivendo à base de mamão, coco e peixe.

Forço um sorriso triste e tento imaginar que o mamão é um suculento pedaço de bife bem passado.

— É por isso que as pessoas viram canibais em situações como essa... — resmungo, pegando o mamão e finalmente levando-o à boca.

— Espero que não esteja planejando me comer, srta. Walton.

Engasgo com essa voz e bato levemente no meu peito, sentindo a fruta descer rasgando pela garganta.

*Jason...*

Levanto minha cabeça, e ele está encostado na parede ao lado da porta. Seus cabelos estão molhados e encontra-se sem camisa. Em sua mão, segura a lança com um peixe, mas só consigo prestar atenção em seus braços cheios de veias expostas.

A lembrança do seu corpo me pressionando contra a árvore enquanto seus dedos me penetravam e o que aconteceu logo depois, volta com tudo. Sinto um frio na barriga e fecho as pernas, pelo calor que começo a sentir entre elas.

No entanto, ele nunca saberá o efeito que tem sobre mim, não depois de me deixar daquele jeito. Encontro seus olhos, mas eles permanecem indecifráveis. Então, ajeito minha postura, finjo indiferença e me levanto.

— Oh, não, sr. Herris, não se preocupe, só como carne de primeira!

Ele arqueia uma sobrancelha, e desvio meus olhos dele, não querendo mais ficar aqui. Mas quando passo por ele, a caminho do quarto, meu corpo estremece ao ter sua mão agarrando meu braço e me puxando de modo firme para perto dele.

— É mesmo? Não foi o que pareceu quando deixou a carne de quinta te foder como uma putinha no chão. — Seu tom irônico só me deixa com mais ódio.

O encaro novamente, desejando esganá-lo.

— Poderia ser qualquer um, não se sinta especial, sr. Herris. Isso teria que acontecer um dia, e eu apenas deixei rolar. Porém, não irá acontecer novamente! — Tento manter a voz calma, mostrando a ele que aquilo também não significou nada para mim.

Por alguns segundos, seu olhar parece confuso e meio... hum, desapontado?

Mas rapidamente se transforma em raiva, e seu aperto em meu braço se intensifica.

— Faça das suas palavras, as minhas, bonequinha. Isso não vai mais se repetir — diz de forma ríspida, sem desviar os olhos dos meus.

Há um desafio pairando no ar, e a tensão inunda o ambiente, pois ninguém está disposto a ceder. Tenho vontade de pedir para ele me beijar novamente, mas mantendo meu orgulho e um pouco do juízo que me resta, inclino-me um pouco para a frente. Para ter uma visão melhor dele, preciso erguer mais a cabeça e levantar meus pés. Ele parece um pouco nervoso com minha proximidade. Quando estou perto o suficiente dos seus lábios, simplesmente falo:

— Poderia me soltar, sr. Herris?

Como se ficasse um pouco desconcertado, Jason me solta, afastando-se.

— Agora, se me der licença, *tenho mais o que fazer* — repito as palavras que ele usou mais cedo e percebo que ele trava discretamente o maxilar.

Dou de ombros e viro-me, caminhando em direção ao quarto com um sorriso modesto nos lábios, por ter conseguido sustentar a porra dessa mentira.

## Capítulo 24

*Tiana Walton*

Acordo sozinha, sem saber se Jason veio para a cama. Na verdade, eu não me importo. Por mim, que ele durma no chão ou, melhor ainda, lá fora, como o cachorro rabugento que é.

Espreguiço-me e, involuntariamente, passo a mão entre meus dedos, sentindo falta do anel que vovô havia me dado. O tirei dois dias atrás, quando estava tentando limpar o peixe, e não sei onde o coloquei.

Levanto-me e pego o pedaço de tijolo que tinha jogado no chão na noite anterior, fazendo mais um risco na parede.

Quatro dias presa aqui...

Quatro dias que parecem quatro anos. Já posso me considerar uma indígena? Acho que sim, levando em conta que a última vez que calcei meus sapatos foi há dois dias.

Bufo desanimada, prendendo meu cabelo em um coque, sentindo-o um tanto seco. Um nervosismo repentino me toma enquanto espiono para verificar se há movimento de Herris na cozinha.

Mordo os lábios, reunindo coragem para encará-lo mais uma vez. Tenho medo de que ele descubra o efeito que está causando em mim. Ficar sozinha com ele tanto tempo está me deixando à beira da loucura.

Sara, com certeza, será a primeira pessoa que terei que visitar depois que sair daqui.

Fico imaginando a expressão de choque da minha psicóloga depois que lhe contar tudo que está acontecendo aqui. Imagino ela ligando para meus pais e dizendo que meu caso é sério, sugerindo que eu precisarei ser internada imediatamente em um hospício.

Eu poderia rir se a situação não fosse tão preocupante. Chorar parece a alternativa mais aceitável no momento.

*Que situação, Tiana Walton!*

Inspiro fundo e caminho até a cozinha, aliviada por não encontrar ninguém lá. Porém, o barulho do lado de fora rouba minha atenção. Me aproximo da pequena janela, e lá está ele, concentrado, segurando o martelo em suas mãos e martelando o prego como se o coitado tivesse perfurado seu pé.

Ele já fez bastante coisa e quase enxergo o resultado do que ele está tentando fazer. Parece com uma pequena canoa. Como ele conseguiu fazer isso? Está ficando realmente bom.

Faço um esforço para observá-lo melhor com minha visão de merda e...

Espera...

Ele... Não é possível!

Não posso acreditar que o idiota pegou uma das camisas que eu lavei e está a usando sem sequer me pedir permissão. Filho da mãe!

Poderia ir até lá e mandá-lo tirar, mas a cena dele a tirando em minha frente só para me provocar, me faz permanecer no mesmo lugar.

Fico ali, observando-o trabalhar por alguns minutos, até que ele se move e se levanta para pegar algo. E para ele não me ver, quase me joga no chão da cabana, com o coração martelando.

— Isso vai ser mais difícil do que imaginei... — murmuro, sentando-me no banco e começando a bater as unhas na mesa.



Jason me ignorou o dia todo, e mesmo quando entrou na cabana em busca de algo, quase passando por cima de mim, fingia que eu nem estava ali. E isso estava me irritando profundamente.

Quase fiquei sem boca várias vezes, de tanto mordê-la, apenas para não xingar ele até a quinta geração.

*Desgraçado de merda!*

Quando escurece, decido preparar uma receita maluca com os cogumelos e o peixe que o idiota trouxe.

Estou distraída quando Jason entra, mas, de canto de olho, vejo ele pegar uma das lamparinas da mesa e caminhar em direção ao quarto. Minutos depois, ouço o barulho do chuveiro sendo ligado.

Concentro-me no que estou fazendo, termino e pego as algas, misturando-as com o molho de peixe que preparei. Em seguida, despejo tudo sobre os cogumelos. Ok, isso deve ser melhor do que comer mamão de novo.

Apanho meu cogumelo e deixo o outro lá, mas esqueço que havia acabado de assar, e queimo minhas mãos, derramando uma quantidade generosa do molho no meu vestido.

— Ai, que droga! — xingo, correndo até a mesa e soltando o cogumelo quente de uma vez.

Tento limpar o que posso, mas só faz espalhar mais sobre o vestido, deixando tudo pior, o que me faz ficar ainda mais irritada. Respiro fundo e fecho os olhos, querendo gritar.

— Um... dois... três... — conto, tentando não surtar, e sento no banco. Estou no meu limite. — Isso, acalme-se, Ana, você logo estará em casa!

Dou uma última respiração profunda e abro meus olhos lentamente, vendo olhos verdes me encarando intensamente.

— Não sabia que você era esquizofrênica — Jason diz, e sinto vergonha por ele ter me pegado falando sozinha... *de novo*.

Não respondo nada. Ele me ignorou o dia todo e agora quer conversar? Nem fodendo!

Jason percebe que não vou responder e caminha até o fogão a lenha, dando uma olhada no cogumelo que fiz. Parece que ele pensa um pouco antes de finalmente pegar e voltar para a

mesa, sentando-se quase ao meu lado. Novamente, sinto-me nervosa.

Começo a comer devagar, notando que está bom. Olho discretamente para Herreris, para ver se ele está gostando, e o vejo devorar a comida como se não tivesse comido algo há dias.

Mastigo lentamente, lembrando que não o vi comer nada hoje. Ele passou o dia inteiro focado na canoa...

Olho para minha comida e mordo os lábios, um tanto insegura. Engulo novamente meu orgulho e empurro metade do que sobrou em sua direção.

— O que é isso? — pergunta com a boca meio cheia, parecendo confuso.

— Eu só estou cheia, e dada à nossa atual situação, não quero jogar comida fora. — Com medo de que ele possa pegar o prato e atirar tudo em cima de mim, como fez com o coco, levanto rapidamente e caminho para o quarto.



Tento desembaraçar meu cabelo embaixo do chuveiro com os dedos, mas desisto assim que vejo a quantidade de fios que cai. Nesse momento, desejo que Deus não tivesse colocado tanto volume aqui. Não é que eu não goste do meu cabelo por ser cheio e cacheado, pois aprendi a amá-lo, mas, caramba, o bichinho não aguenta mais. Ele precisa de um óleo.

Finalizo o banho e pego uma das camisetas que tinha lavado ontem, satisfeita por ela cobrir até minhas coxas. Encaro minha calcinha molhada, que acabei de esfregar por longos segundos, e opto por não usá-la hoje. Eu posso ter uma infecção urinária por usar por tanto tempo a mesma calcinha, e mesmo tentando lavá-la sempre que tomo banho, sem o sabão sei que não fica completamente limpa.

Coloco meu vestido sujo no canto e saio do banheiro. No entanto, dou um passo para trás assim que abro a porta e me deparo com Jason sentado na beirada da cama, desabotoando sua camisa. Quando ele percebe que saí do banho, me encara de um jeito estranho, e não consigo ver claramente seu rosto devido à pouca iluminação.

Engulo em seco e agradeço por isso, pois não quero que ele note como fico nervosa quando me olha dessa forma. Desvio minha atenção dele e volto para o meu lado da cama, sentindo seus olhos me seguirem.

*Droga!*

Pego um dos lençóis para me cobrir, para caso minha roupa suba durante a noite. Um pouco tensa, limpo meus pés e sento na cama, deitando-me devagar, com meu corpo formigando em aflição.

Viro-me de lado e me cubro, ainda percebendo o olhar dele me queimar. Para acabar com essa agonia, levanto e assopro com força a lamparina no canto da cama, deixando tudo escuro, apenas com o som do vento e dos grilos lá fora.

Tento relaxar e dormir, mesmo com a inquietação do meu corpo por tê-lo tão perto.



— Não faça isso... Deixe ele. Solte Tomas! Por favor!

Abro os olhos rapidamente quando uma perna me empurra com força, sem entender o que está acontecendo. Meu corpo é jogado no chão com violência.

— Ai, caramba! — resmungo, piscando algumas vezes, sem enxergar algo na escuridão.

— Não me levem... Me soltem!

Sento no chão, ouvindo o som sofrido novamente.

Ele está tendo outro pesadelo...

Rapidamente me levanto, apalpando o ar para encontrar a cama. Finalmente a encontro e subo nela de joelhos, indo até Jason. O procuro na cama e sinto seus braços suados. Dessa vez, balanço-o suavemente, para acordá-lo.

— Jason, acorde... — chamo em voz baixa.

— Não faça isso com ele! Não, não! Tomas!

Ele se movimenta de um lado para o outro, com sua voz carregada de pavor, e meu coração se aperta. O que ele está falando? Quem é essa pessoa que ele tanto chama?

— Jason, é só um sonho, acorde! — Levo minhas mãos ao seu peito, tentando sacudi-lo com mais veemência.

No entanto, quando estou prestes a tocá-lo, perco o ar, pois sua mão segura meu braço com tanta força que tenho que me controlar para não gemer de dor.

— O que está fazendo? — pergunta com a voz rouca e sonolenta, e solto um suspiro aliviado por ele ter acordado.

— Eu só queria ajudar...

Mordo os lábios, não querendo dizer mais nada, mas a curiosidade me consome e acabo soltando a pergunta que vem me intrigando desde a outra noite:

— Quem é Tomas? — Sinto ele soltar meu braço.

— Ninguém — responde de forma seca, e eu daria qualquer coisa para ver seus olhos agora. — Volte a dormir, Walton.

Ele se afasta de mim, deixando-me sem respostas e com o coração apertado. Parece que ele está sofrendo alguma coisa com esse tal Tomas em seu pesadelo.

Encaro a escuridão, ciente de que ele ainda está acordado, e fecho os olhos, desejando desesperadamente conhecer todos os segredos do homem misterioso ao meu lado.



— Hum... — Um sorriso sonolento curva meus lábios, e gosto desse travesseiro macio e aconchegante. Está quentinho e só quero continuar deitada aqui, desfrutando desse calor.

No entanto, à medida que a névoa do sono começa a se dissipar, um arrepio percorre minha espinha, e me dou conta de que algo está errado.

Meus olhos se abrem subitamente, e meu coração dispara ao perceber que o “travesseiro” é, na verdade, um braço forte cheio de veias grossas, e o dono dele está com o outro braço ao



meu redor. Fico tensa e me remexo um pouco, tentando sair, mas a mão possessiva não me libera do seu aperto. Meu corpo trava com a voz grave atrás do meu pescoço:

— Não se mova.

— Oh... C-como vim parar aqui? — gaguejo, nervosa.

— Estou me perguntando isso há quase meia hora.

*Como é?*

— Está acordando há tanto tempo assim? — Tento não parecer nervosa diante do fato de que ele não me empurrou para longe.

— Não muito.

Ele claramente está mentindo.

Tento me soltar e me afastar, mas Jason não me larga, o que me irrita.

— O que você está fazendo? Me solta, idiota!

— Não! Se eu fizer isso, vai ser pior.

Então, nesse momento percebo algo rígido me cutucando por trás.

— Droga, v-você está... duro? — pergunto, quase alto o bastante para ele notar meu desespero.

— É só uma ereção matinal. Apenas fique parada um pouquinho, vai passar.

Ele engole em seco, e eu também, tentando ficar parada, mas isso está me deixando nervosa. Involuntariamente, me mexo, sentindo-o me apertar mais contra ele.

— Porra, você não sabe o significado das palavras “ficar parada”? — indaga mal-humorado.

— Vá à merda, eu não tenho culpa disso! Quer se aliviar, vá bater uma no banheiro. Agora, me larga, seu imbecil! — rujo.

Empurro-o com meu cotovelo, mas em um movimento rápido, Jason me vira, ficando por cima de mim. Não tenho nem tempo para me livrar dele quando ele segura meus pulsos, erguendo-os sobre minha cabeça, me prendendo na cama, e minha respiração acelera.

— Você acha que se eu fizer isso, vou conseguir me aliviar? — Seus olhos estão fixos nos meus, como se eu fosse um peixe pego em seu anzol.

— E-eu... eu não ligo. — Mal consigo formar as palavras, com minha respiração ficando cada vez mais incontrolável por sua proximidade. — Me solta, droga!

— E se eu não quiser fazer isso, bonequinha? — Sua voz sai levemente rouca.

Tento me debater, o que faz com que minha camisa suba um pouco, atraindo a atenção de Herris para baixo. Ele trava o maxilar forte, antes de olhar para mim novamente.

— Porra, você está sem calcinha? — Me encara como um predador em busca de comida.

— Não! — minto, querendo desesperadamente que ele me solte.

Jason rosna, e antes que eu perceba, sinto sua mão livre deslizar entre as minhas coxas, descobrindo a minha mentira.

— Mas que diabos você está fazendo... — Engasgo quando ele introduz dois dedos em mim de uma vez, encontrando muito mais do que minha vagina nua.

— Agora é moda usar calcinha invisível? Tsc, tsc, que interessante... — Ele volta a me olhar e arqueia uma sobrancelha. — Por que está tão molhada, senhorita Walton?

— Tira esses dedos de mim, seu louco! — peço, tentando empurrá-lo, morrendo de vergonha, e mordo meus lábios para conter o gemido que quase escapa quando ele afunda os dedos mais fundo.

— Por que está molhada? — Jason insiste na pergunta, começando a me torturar, penetrando-me vagarosamente com os dedos. Começo a me contorcer embaixo dele.

— Eu n-não sei...

— Mentirosa!

— Talvez... — Fecho os olhos, relutando em aceitar o desejo, e ouço Jason sussurrar perto dos meus lábios:

— Quem sabe, uma última vez?

Jason mordisca meu lábio inferior e beija meu rosto, traçando uma trilha de pequenas mordidas até o meu pescoço, chupando-o lentamente, fazendo todo meu corpo arder em chamas.

— Uma última vez... — Involuntariamente, meu quadril se move, querendo por mais do seu toque.

— Sim, uma última vez! — responde com firmeza, tomando meus lábios com urgência, de modo duro e faminto.

Sei que isso vai acabar com o resto da sanidade que creio que ainda possuo.

## Capítulo 25

*Tiana Walton*

Tento acompanhar o ritmo de seu beijo desesperado. Quando ele retira os dedos de dentro de mim e liberta minhas mãos, rapidamente aproveito para agarrar seus cabelos com firmeza. Jason segura a gola da minha camisa e, com um movimento rápido, a rasga selvagememente, fazendo vários botões caírem na cama.

Ele se afasta, admirando meus seios, enquanto meus mamilos endurecem ainda mais sob seu olhar intenso.

— Tão lindos, assim como nos meus sonhos! — Jason deixa escapar e, sem demora, começa a chupá-los e mordê-los faminto.

Solto um gemido reprimido, sentindo-o arrastar os dentes suavemente pelo mamilo, proporcionando uma agonia deliciosamente torturante. Sua ereção roça propositalmente contra o meu clitóris, fazendo meu interior pulsar.

Sua boca desce por minha barriga, e quando a quentura de sua língua encontra minha vagina, tenho que segurar com força nos lençóis para me controlar.

Jason chupa meu clitóris, fazendo movimentos circulares com a língua, beijando meus pequenos lábios, até finalmente mergulhar sua língua profundamente em minha vagina. Meus gemidos já estão incontroláveis.

— Oh, meu Deus... Isso é tão bom... — Contorço-me enquanto ele me fode com a língua.

Estou quase lá, mas ele se afasta ligeiramente, deixando-me latejando de vontade de tê-lo.

Jason lambe os lábios e exhibe um sorriso malicioso.

— Tão doce... — Respiro com dificuldade e observo-o rapidamente desabotoar a calça. Assusto-me com a puta ereção dele.

Por que parece ainda maior do que aquele dia? Será que isso tem quantos centímetros?

Mordo nervosamente meus lábios, ansiosa. Jason segue meu olhar, e com a voz rouca, diz:

— Vinte e dois.

— O-o quê? — Quase engasgo.

— Vinte e dois centímetros, baby. Sei que é isso que está pensando.

— E-eu... não estou pensando nada! — minto deliberadamente, me segurando para não sair correndo daqui.

Porra, vinte e dois centímetros?

— Você está sim, e vou fazer você pagar por ter me feito ficar assim, bonequinha. — Avança lentamente sobre mim de novo.

— Abra mais as pernas, Ana. Abra-as para mim! — Herris ordena entre meus lábios.

Meu corpo não está mais em meu domínio quando as abro mais para ele, que se acomoda entre elas. Sinto seu pau na minha entrada, e meus lábios tremem de angústia, com Jason notando minha aflição.

— Não vai chorar de novo, vai? — Jason provoca, com um sorriso, me vendo ficar um pouco rígida.

— Sabe que chorei porque foi horrível! — digo, cerrando os dentes, apertando seu braço com a primeira investida que ele dá, abrindo lentamente minha vagina.

— Sim, foi tão ruim que a bola do seu olho quase foi parar na China! — Agora, Jason está na metade, e meu peito sobe e desce rapidamente.

— Aquilo... Aquilo não quis dizer n-nada...

Sinto-me sem fôlego com seu pau entrando por completo, e meu corpo luta para se acostumar com ele.

— Você é tão horrível mentindo, baby — diz, e eu fecho os olhos, soltando um longo suspiro. Ainda arde pra caralho! — Relaxa essa boceta pra mim! Vamos, deixa eu entrar nessa maravilha.

— Jason... — choramingo quando ele sai e entra de novo, porém, diferente da primeira vez, sem raiva ou ódio, ele está indo devagar.

— Acostume-se comigo, Ana. Fará isso pra mim, bonequinha? Precisa deixar eu entrar, não quero machucá-la.

Aceno com a cabeça quando ele começa a aumentar o ritmo, e sinto-me mais molhada.

— Oh, porra! Isso é o paraíso! — Jason rosna, agarrando um dos meus peitos, e o desconforto agora não passa de um dorzinha lá no fundo.

— Ahh, Jason... — Solto um gemido alto e escuto a cama ranger com seus movimentos brutos. Minhas unhas arranham suas costas, na tentativa de aguentá-lo.

Jason mete com força, quase saindo completamente, e então entra de novo. Aperto mais meus olhos.

— Olhe para mim! — ordena, mas é difícil encará-lo quando ele está literalmente dentro de mim. — Vamos, abra os olhos, baby, quero que goze olhando para mim! Quero que veja o responsável por isso de novo!

Abro os olhos, sentindo-me vulnerável com seus olhos verdes ardentes fixados nos meus, tão bonitos... Luto contra o desejo de fechar os olhos, sentindo-o ir tão fundo, e uma vontade imensa de fazer xixi me invade.

— J-Jason... — Envolver minhas pernas em torno de sua cintura, tentando dizer a ele que quero ir ao banheiro. — Jason, acho que... quero fazer x-xixi! — digo, ofegante, sentindo uma nova sensação gostosa.

Um sorriso bonito se forma no rosto dele enquanto continua seus movimentos.

— Isso é ótimo, bonequinha... — Sua mão puxa uma das minhas pernas para seu ombro, e ele alcança o meu limite.

Seus dedos voltam a pressionar meu clitóris e meu ventre se contrai. Fecho os olhos,

deixando escapar um grito alto, com o nome de Jason saindo, quando jogo a cabeça para trás, sendo tomada por um orgasmo intenso, sentindo-me como se tivesse realmente feito xixi.

Meu corpo treme como se tivesse acabado de levar um choque, e os movimentos cessam. Abro os olhos e vejo Jason me olhar com um enorme sorriso em sua face.

— O que foi isso? — Levanto-me, apoiando-me no cotovelo, percebendo gotas escorrendo pelo seu abdômen, que definitivamente não são de suor.

Será que eu fiz xixi nele? Droga...

— Você teve um squirt<sup>[12]</sup>, bonequinha — Herris diz com orgulho, e eu deito de novo, ainda sentindo tudo pulsar deliciosamente.

— Ah... — Sinto minhas bochechas esquentarem.

Jason sai de dentro de mim devagar e senta-se na cabeceira da cama.

— Vem aqui. — Com um pouco de dificuldade, vou até ele, observando-o segurar seu pau e fazer movimentos de vai e vem lentamente. Umedeço meus lábios. — Você quer prová-lo, bonequinha?

Aceno com a cabeça, mas ele puxa meu cabelo, trazendo-me para cima, para me beijar, embora se afaste mais rápido do que eu gostaria.

— Você quer chupar meu pau? Quero palavras, baby! — Intensifica mais o aperto no meu cabelo, fazendo-me choramingar.

— S-sim... — Ele lambe um dos meus mamilos antes de segurar minha mão, conduzindo-a até seu pau.

Encaro o membro quente e longo, achando um tanto estranho segurá-lo.

— Então faça o seu melhor, bonequinha! — Ele guia minha cabeça em direção ao seu pau, e seguindo minha intuição, começo a lamber a ponta lentamente.

Logo, estou com ele completamente em minha boca, e Jason solta um gemido longo.

— Caralho... — Isso me motiva a levá-lo mais fundo. — Porra, garota!

Seguro com as duas mãos todo o comprimento, e Jason empurra minha cabeça mais para baixo, fazendo lágrimas escorrerem dos meus olhos, mas não paro.

— Jesus! Eu não vou aguentar muito — grunhe.

Então volto para a ponta, tiro-o da boca e olho para ele, lambendo toda a base do seu longo pau.

— Você está me enlouquecendo!

Um pequeno sorriso surge em meus lábios quando volto a engoli-lo, subindo e descendo sem parar, mas, de repente, ele puxa meu cabelo para trás, me retirando dali.

Fico momentaneamente confusa, achando que não estou fazendo certo, mas logo percebo o que vai fazer quando o vejo ajoelhar-se rapidamente e me puxar para perto. Gozando fortemente em meu peito, e sinto seu sêmen grosso escorrer pelos meus seios e barriga.

— Ca-ra-lho! — geme, e respiro fundo, com meu coração martelando em meu peito.

Sento-me sobre os joelhos, afastando meus cabelos suados para trás, sem saber o que dizer ou fazer. Ele vai falar algo babaca e me deixar aqui sozinha de novo?

Fixo meus olhos no lençol e espero que ele saia, mas então sinto sua mão segurar meu queixo, fazendo-me olhá-lo.

— Eu vou te limpar. — Com sua camisa em mãos, ele a direciona para meus seios, limpando a região de modo gentil.

— Obrigada — agradeço quando ele termina, e ele arqueia uma sobrancelha.

— Pelo quê, exatamente? Por te limpar ou por fazer você pagar essa língua gostosa?

Jason se levanta e veste sua calça, e eu dou um sorriso travesso, inclinando a cabeça para o lado, pois ele também quebrou a promessa de que isso nunca mais iria se repetir.

— Talvez pelos dois?

— Pare de me olhar assim, ou esqueço que você, provavelmente, está dolorida, e não vou ter dó de você desta vez.

Pego o resto da camisa que ele rasgou e cubro meus seios, pois Jason não para de olhar para eles.

— E quando você teve dó? — pergunto com seriedade, não me lembrando desse feito.

Jason vem até mim, e o frio na barriga retorna quando sobe sobre mim novamente.

— Qual é?! Eu fui tão carinhoso, você não percebeu? — responde de forma sarcástica.

— Tão carinhoso quanto um cavalo no cio! — Tento me afastar. Estou acabada e não quero conhecer o lado “não carinhoso” dele agora.

Ele sorri e se levanta, começando a calçar seus sapatos.

— Eu não ouvi você reclamando do “cavalo no cio”, bonequinha, ou talvez eu simplesmente não tenha percebido que suas queixas eram em forma de gemidos.

— Você é idiota — digo, mas não desfaço o sorriso, pois não tenho do que reclamar.

— É, eu sei... — Ele parece querer falar algo mais, mas muda de ideia. — Você vai se levantar agora?

Seu tom volta a ficar um pouco distante, mas finjo não perceber. Solto um bocejo.

— Vou tomar banho primeiro. — Dou um sorriso tímido, e ele apenas acena antes de sair do quarto.

Aperto a camisa contra meu corpo, viro de barriga para baixo e deixo escapar um sorriso bobo. Sinto-me cansada e estranhamente satisfeita.

*Ele não me deixou sozinha dessa vez...*

Ainda sorrindo, fecho os olhos. O banho pode esperar, só preciso de mais cinco minutos nessa cama antes que todo o sonho volte a se tornar um pesadelo.

## Capítulo 26



Saindo da cabana, o sol da manhã banha meu rosto e a adrenalina ainda percorre meu corpo, que tem o cheiro gostoso de Ana impregnado em mim. Um sorriso idiota se espalha pelo meu rosto enquanto caminho, e sou incapaz de conter esse sentimento.

Quando voltei para cá depois do que aconteceu naquele chão e a vi sentada à mesa, encarando o mamão com raiva, só quis me aproximar, deitá-la sobre a mesa e dizer que sentia muito pelo que aconteceu mais cedo, enquanto sentia seus lábios novamente.

Mas não podia. Ana tinha que acreditar que aquilo não teve efeito sobre mim, que os sons de seus gemidos não ficaram se repetindo na minha mente como um loop infernal durante todo aquele maldito dia. E ouvir sua mentira descarada de que tudo aquilo não significou nada só me fez perceber o quão afetada ela também estava com isso.

Esperei até que ela fosse dormir e me deitei ao seu lado. Não conseguia fechar os olhos, tê-la tão perto sem poder tocá-la novamente era um sacrifício infernal. Quando amanheceu, saí da cama antes que ela acordasse e decidi ignorá-la o dia todo, o que se tornou impossível, já que não conseguia olhar para ela sem lembrar de como estava entregue abaixo de mim, ou de como seu cheiro me dá água na boca.

Era como se antes eu sentisse uma atração por ela ser a garota que eu não podia tocar, mas agora tudo piorou, pois não consigo passar nem sequer um segundo sem imaginá-la perto de mim.

Quando ela me deu sua comida, fingindo não estar com fome só porque percebeu que eu não havia comido o dia todo, não tive dúvidas de que Tiana Walton estava longe de ser uma garota mimada.

As coisas que ela tem passado desde que chegamos aqui, o que ela está disposta a fazer... Eu nunca a vi reclamando, nem chorando. Ela é mais forte do que eu imaginava.

Ao vê-la saindo do banheiro com aquela camisa que deixava quase nada para a imaginação, moldando seus seios bonitos, quase perdi o controle novamente.

Hoje de manhã, quando acordei com ela em cima de mim, pensei em afastá-la, lutei com todas as forças para empurrá-la para longe, ainda irritado por causa da noite anterior, quando ela me acordou e perguntou sobre Tomas. Mas era tão bom ter seu corpo junto ao meu, sentir aquele calor e aquele cheiro único...

Foi então que cometi o erro de afastar seus cabelos de seu ombro, e observei sua respiração calma e serena. Até que ela começou a se mover e o caralho do meu pau começou a ficar duro.

Ok, eu menti para tê-la mais um pouco por perto, mas, no final, acabei mais uma vez em cima dela.

Eu estou ferrado de todas as formas possíveis, mas simplesmente joguei tudo para o alto. Não consigo mais fingir que não fico maluco com aquela garota.

Talvez eu deva considerar dormir na praia, assim não verei aquela bunda gostosa desfilando em minha frente.

Respiro fundo enquanto olho para o barco que estou quase terminando. Apalpo minhas calças, me dando conta de algo, e volto rapidamente para o quarto.

— Eu esqueci a camisa... — Tento disfarçar quando olho para a cama e Ana está completamente nua, dormindo novamente, com a respiração pesada.

*Porra, isso sim é uma visão do céu!*

Sinto meu pau crescer só de olhá-la, mas paro de imaginar cenas pervertidas com ela e começo a procurar o celular. Provavelmente, caiu da calça durante a noite. Tinha deixado no sol por algumas horas e agora quero verificar se há sinal aqui. Olho novamente debaixo da cama e o encontro. Pego e rapidamente o guardo no bolso, notando Tiana se mexer.

Me ajoelho perto da cama e encaro seu rosto adormecido, afastando alguns fios de cabelo do seu rosto. Aproveito para admirar suas curvas bem desenhadas.

Porra, ela é gata pra caralho! Como é que na ficha dela não constava nenhum namorado? Tudo bem que o pai dela é superprotetor, mas jovens geralmente fazem coisas escondidas dos pais, não é?

Sinto uma pontada no peito, ciente de que ela me odiará para sempre quando descobrir toda a verdade.

— O que ele quer com você, bonequinha? O que você fez para ele te desejar tanto desse jeito? — murmuro, tentando montar todo o quebra-cabeça.

Começo a me levantar, mas sinto uma mão gentil me segurar, chamando minha atenção.

— Oi... — A voz rouca e sonolenta de Ana me faz parar, e, por um momento, acho que ela me ouviu, mas o sorriso de quem foi bem fodida há poucos minutos me faz duvidar disso.

— Te acordei, não é?

— Não, eu só não dormi muito bem... — fala, olhando-me profundamente.

Decido me levantar, recusando-me a falar sobre o ocorrido no meio da noite. Odeio o fato dela ter presenciado aquilo.

— Bem, se vista. Vou te levar em um lugar — digo, pegando uma das camisas em cima do baú e jogando-a para ela, querendo mudar de assunto.

Ana se veste e esfrega os olhos lentamente. Observo-a sair da cama e tocar os cabelos embaraçados, fazendo uma careta.

— Eu só queria controlar isso aqui... — resmunga, tentando fazer um coque, e logo bufa, irritada, quando os cachos se soltam novamente.

Dou um sorriso, caminho até a porta do banheiro, onde tinha pendurado minha jaqueta, e vasculho um dos bolsos, sentindo o cabo duro e os chifres do unicórnio do pente de Luci. Só segurá-lo me faz sentir uma imensa saudade da minha pequena.

Respiro fundo, tiro o pente do bolso e me aproximo de Ana, estendendo-o para ela.

— Isso deve servir — digo, e, por um momento, Ana apenas fita o objeto, confusa.



— Por que diabos você anda com um pente de unicórnio? — Ela arqueia uma sobrancelha enquanto sorri. — Deixe-me adivinhar... Você roubou de alguma pobre criança indefesa?

— É da minha irmãzinha. — Dou de ombros, querendo que ela o pegue logo.

No entanto, seu sorriso irônico morre. Ela franze a testa e encara o pente como se fosse uma cobra prestes a picá-la.

— Sua o quê?

— Está surpresa, bonequinha? — Meu tom é neutro, mas carrega uma pitada de sarcasmo por ela ter acreditado em boatos e especulações sem provas.

— Não... É só que... Bem, só achei...

— Que ela estivesse morta? — completo, vendo sua dificuldade em terminar a frase, e dou um sorriso que não alcança meus olhos. — Oh, não, ela não está!

Ana fica um pouco perdida, mas logo pega o pente de minha mão.

— Obrigada... — Parece desconcertada, e não culpá-la. Ela não sabe nada sobre mim, apenas o que ouviu de um bando de idiotas.

Me viro e vou até a janela, observando o céu agora limpo e ensolarado.

— O nome dela é Lucia — falo, sentindo o olhar dela queimar em mim. — E não, minha mãe não estava grávida quando morreu, Luci já tinha cinco meses.

Ana não diz nada, e eu não espero que diga. Giro novamente para ela, desejando que ela não me olhe como se eu fosse um ponto de interrogação humano. Isso é tudo o que ela saberá por enquanto.

— Então, vamos? — pergunto calmamente.

— Ah, claro... Só espere um minuto, eu realmente preciso de um banho — diz, um pouco atrapalhada, e percebo o rubor em seu rosto quando ela corre para o banheiro.

Por um momento, tenho vontade de não ir a lugar algum e passar o dia todo aqui, fodendo com ela em todos os cantos desta cabana.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, visto uma camisa, olho para a porta desgastada do banheiro e rapidamente tiro o celular do bolso. Enrolo-o em um dos lençóis e o escondo no fundo do baú. Lidarei com isso mais tarde.

Vou para a cozinha, para esperar Ana. Encaro meu canivete, que deixei em cima da mesa ontem, por alguns segundos.

Olho para minha calça e percebo que ela está bastante rasgada na barra, e que, talvez, se ela fosse mais curta seria melhor para andar pela mata. Então, rapidamente, pego o canivete e decido que vou cortar o comprimento. Com ela ainda no corpo, corto até um pouco acima do joelho, mas percebo que a porra ficou um pouco torta.

— Não faz muito seu estilo, mas até que ficou bom. — A voz de Ana me faz erguer os olhos, e encontro-a com a roupa menos amassada e os cabelos bem esticados para trás, em um rabo de cavalo alto.

Timidamente, ela vem até mim e para em minha frente, erguendo o pente rosa enquanto me encara. Sem desviar os olhos do rosto dela, comento:

— Pode ficar com ele por enquanto.

— Tem certeza?

— Sim.

— Obrigada... — Ana se aproxima mais um pouco, e eu quero beijá-la, quero fazer isso de novo, mas tenho certeza de que, se eu fizer isso, não vou parar mais.

— Então, vamos?

— Para onde exatamente?

— Surpresa — falo, segurando seu braço e a levando para fora comigo.



— Caramba... Como você encontrou esse lugar? — Ana pergunta, impressionada.

— Eu encontrei por acaso. — Dou de ombros. Não direi a ela que o encontrei depois de percorrer a ilha inteira à deriva, me amaldiçoando e xingando por não ter me arrependido de ter tirado a virgindade dela.

— É realmente incrível... — Ana diz, aproximando-se.

Diante de nós, estende-se um lago de água verde-escura, com sua superfície calma refletindo o céu azul acima. À beira do lago, algumas rochas emergem da água, oferecendo um lugar seco para sentar. No centro do lago, metade de uma caverna se projeta sobre a água, criando uma atmosfera quase mágica.

Sento-me no chão, admirando a vista, enquanto a garota joga pedrinhas na água à minha frente. Dadas as circunstâncias de como vim parar nesse lugar, estou começando a gostar daqui. Quando saí da prisão, tudo em que pensava era vingança; não tive tempo de aproveitar minha liberdade, e, na verdade, nunca me senti livre.

Saí algumas vezes, fui a boates, casas noturnas e casarões. Devo dizer que dormi com uma mulher pela primeira vez em um prostíbulo um ano atrás. Rania... A garota responsável por me ensinar o que uma mulher gosta e não gosta na cama. Depois disso, eu estava pronto para ter uma vida sexualmente ativa.

Mas eu sou seletivo. Com o tempo, percebi que sou um pouco rude e bruto, e algumas garotas não aguentam o meu ritmo. Aquelas que aguentam, geralmente querem algo mais, mas não estou interessado em compromissos. Eu tenho um plano, e me apaixonar ou me envolver profundamente com alguém não está incluso nele.

— O que está pensando? — Ana senta ao meu lado, tirando-me dos meus pensamentos.

— Em como terminar aquele barco o mais rápido possível — respondo sem olhar para ela.

— Está com saudade de casa? — pergunta, e eu dou um sorriso pelo nariz, fazendo um pequeno barulho estranho.

— E você não?

— É claro. Só a ideia de saber que minha família deve estar sofrendo com tudo isso me parte o coração.

— Ei. — Seguro seu queixo. — Vamos sair daqui, eu vou nos tirar daqui, tudo bem?

Ela não diz nada e desvia o rosto para o lago. Eu sei que estamos aqui por culpa exclusivamente minha, e que ela não vai esquecer isso tão cedo.

— Você ia me deixar? — Ana quebra o silêncio com a voz baixa e eu franzo a testa. — Digo, no barco, quando tirou a corda, seu plano era me deixar ali?

— Não... eu agi por impulso — confesso. — Eu só queria te assustar, não contava que o vento estaria tão forte.

Ela curva a cabeça, pega um pequeno galho e começa a desenhar vários círculos no chão com ele.

— Eu deveria ter te agradecido naquele dia. Se você não tivesse chegado a tempo, eu... bem, você sabe.

Continuo observando-a. Se ela não tivesse me impedido, eu teria matado aquele merda por sequer pensar em tocá-la.

— Você deveria ter mordido. Você é boa nisso. Quase arrancou minha mão no barco — falo, querendo fazê-la parar de lembrar daquilo, e, finalmente, um sorriso escapa de seus lábios.

— É, eu deveria ter feito isso. — Seu semblante volta a ficar triste. — Como você me encontrou?

Agora sou eu quem desvia o olhar. Não posso revelar que coloquei um rastreador em seus óculos no dia em que ela esteve em meu dormitório e os peguei propositalmente para isso.

— Seu “grande” amigo ruivo — digo, afinal, em parte não é uma mentira. — Olha, acho que você deveria rever suas amizades. Aquele idiota não deveria ter te deixado para trás.

— Eu pedi para ele ir na frente, não o culpe.

— E ainda o defende?

Ana morde os lábios, dizendo em tom provocativo:

— Bem, pelo menos ele não ameaçou me jogar de um terraço...

Ok, ela tem um ponto.

— Nem me arrastou para uma boate à força — continua, e viro meu corpo, aproximando-me mais dela.

— Hum, e o que mais? — a incentivo, tocando seu braço, observando os pelos se arrepiarem. Deslizo minha mão até seu ombro e desço um pouco a manga da camisa dela, expondo um pouco de sua pele.

— N-não me jogou em um barco... — Sua voz falha, e inclino minha cabeça para frente, puxando levemente seu rabo de cavalo, deixando um beijo em seu ombro.

— N-em... Ah! — A pobre solta um gemido quando encontro seu pescoço e dou uma longa lambida, ao passo que minha outra mão desliza descaradamente por sua coxa.

— Nem? — sussurro, mordiscando o lóbulo de sua orelha e apostando toda minha fortuna que seus mamilos estão rijos.

— N-nem...

— Nem te fodeu como a putinha gostosa que é — completo, rouco, agora encontrando

sua boceta molhada. — Nem te deu o melhor orgasmo da sua vida ou te fez virar esses olhinhos lindos.

Passeio minha boca por sua bochecha e passo apenas o meu dedo em volta dos lábios da sua boceta. Ana morde a boca para abafar outro gemido.

— Tem algo mais a dizer para defendê-lo, bonequinha?

Ela não responde, e eu adoro a forma como seu corpo está reagindo apenas com esses pequenos toques.

— Eu quero te beijar... Merda, eu desejo muito te beijar! — confesso, sentindo a porra da necessidade de tê-la novamente me consumir.

Para minha aflição, Ana se afasta de mim, e quase reclamo, mas ela sorri enquanto pede:

— Feche os olhos.

— O quê?

— Feche-os e conte até dez — diz, desabotoando lentamente um botão de sua camisa, e meu pau cria vida, subindo de maneira instantânea.

— O que está fazendo? — Ana abre outro botão, revelando uma boa parte dos seus maravilhosos peitos, e engulo minha saliva com dificuldade.

— Vai logo, feche. — Sua voz carrega sedução e malícia.

Entrando em seu joguinho, fecho os olhos, começando a contar, na expectativa de que quando eu abrir novamente, ela estará toda nua diante de mim.

— 8, 9, 10... — Abro os olhos, e pisco, confuso, várias vezes, não a vendo à minha frente.

— Se quiser me beijar, tem que me pegar sem se molhar! — Sigo a voz, e a filha da mãe está do outro lado do lago, sorrindo como uma criança traquina.

— Mas que desgraçada... — rujo, baixo, por ter sido enganado.

Me levanto, vendo uma trilha de pedras em cima da água, por onde ela deve ter passado.

— Espero que consiga fugir, porque quando eu chegar aí, bonequinha, estará ferrada!

— Estou te esperando! — cantarola, e rosno, pulando na primeira pedra e depois na outra, tentando me equilibrar.

— Está difícil aí, grandão? — provoca, rindo.

— Vai ser difícil você andar depois que eu te pegar! — ameaço, quase chegando ao final.

Quando estou quase lá, Ana se aproxima da água e bate nela com a mão, me molhando propositalmente.

— Mas que...

— Parece que você se molhou, não tem beijo para você! — diz, dando um sorriso bonito do caralho.

E, porra, meu coração começa a bater tão forte que tenho que respirar fundo para acalmá-lo!

Arqueio uma sobrancelha e dou um sorriso malicioso para ela.

— É isso que vamos ver agora.

Lentamente me aproximo, e ela para de sorrir, começando a correr, mas logo percebe que não tem para onde ir, a não ser pelo caminho que eu vim.

— Parece que a bonequinha não tem para onde ir — provoco.

— Espere, você não pode me roubar! — ela protesta quando fico em sua frente.

— Ah, eu posso, sim, baby! — Agarro sua cintura e a forço a montar em mim. — Você não deveria ter me feito perder — digo enquanto me viro em direção ao lago, e seus braços enlaçam fortemente meu pescoço quando percebe o que vou fazer.

— Jason... NÃO! — Ignoro seus protestos e subo no barranco alto ao lado do lago.

— Segure firme, bonequinha!

Ela me aperta com mais força e grita alto quando nos joga de cima do barranco, caindo com tudo na água. Ainda segurando-a firme, nado até a superfície, e abro os olhos, vendo seus olhos fixos nos meus.

— Você é louco! — diz, sorrindo e balançando a cabeça de um lado para o outro.

— E você gosta.

— Talvez... Talvez você possa me beijar — fala, abraçando-me mais com as pernas.

Abaixo os olhos e vejo a roupa molhada grudada em seu corpo, e, agora, devido aos dois botões abertos, as ondas da água fazem sua camisa se abrir ainda mais, me dando a visão por completo dos seus seios.

— Eu vou fazer bem mais do que apenas te beijar, garota! — comento, voltando a encará-la.

Ana fica com a respiração entrecortada, e seu peito sobe e desce rápido quando me surpreende e toma a iniciativa de me beijar. E, sem demora, retribuo com fome, com uma onda de choque percorrendo meu corpo dentro da água fria.

Walton desliza os dedos entre meus cabelos e, sem hesitação, abro o zíper da minha calça e seguro a base do meu pau. Sem parar de beijá-la, a puxo para baixo, encaixando-me em sua boceta e empurrando de uma vez. Ela solta um grito, mordendo um dos meus lábios com força, e sinto o gosto metálico do sangue.

— O que está fazendo comigo, baby? — indago, agarrando cada lado da sua bunda debaixo d'água e fazendo-a subir e descer até o final do meu cacete.

Sinto um pouco de dificuldade em penetrar aquele espaço tão apertado, e ela range os dentes. Sua boceta ainda não está acostumada com o meu tamanho, e eu não quero machucá-la.

— Está me levando à loucura, garota! — sussurro roucamente, vendo-a me olhar de um jeito sexy pra caralho.

— Você... U-uh... — Dou uma estocada mais dura, e ela aperta as pernas ao meu redor. — Você me faz fazer coisas... que eu nunca faria — Ana diz entre gemidos.

— Então somos dois loucos!

Meus movimentos se tornam mais violentos, e posso estar realmente a machucando, pelos seus gritos a cada investida. No entanto, não consigo mais controlar.

Ela é minha perdição, e estou me afogando com tudo em águas proibidas, mesmo sabendo que isso pode me levar à morte.

Mas, foda-se! Ana agora é minha, e eu não deixarei ninguém toma-la de mim!

## Capítulo 27

*Tiana Walton*

Jason me conduz para fora da água e me deita gentilmente no chão antes de sair de mim. Ele alcança o clímax, gozando sobre minha barriga enquanto chama meu nome em um tom rouco e cheio de luxúria.

As gotas de água do seu cabelo caem em meu rosto, e eu tento acalmar minha respiração ofegante, sentindo a pulsação na minha vagina dolorida. Percebo que ele levou muito a sério quando disse “*quando eu chegar aí, bonequinha, estará ferrada!*”.

Deslizo minhas mãos pela sua bochecha, enquanto seus olhos encontram os meus. Queria saber o que se passa em sua cabeça, se está tão confuso quanto eu.

— Quem é você? — penso em voz alta, desejando saber mais sobre ele, e seu olhar se torna distante.

Jason se move para fora de cima de mim e senta ao meu lado.

— Ninguém importante — responde ao levantar. — Parece que vai chover, temos que voltar.

— É só chuva, já estamos molhados, não vai fazer diferença — retruco, mas ele continua sério, observando o céu.

Qual é o problema dele com a chuva?

— Tudo bem... — digo, sentando um pouco, mas faço uma pequena careta ao fazer esse movimento. — Ai... — reclamo baixinho.

Jason se aproxima e se agacha à minha frente, dando um sorrisinho sarcástico e irritante.

— Precisa de ajuda? — Estende a mão, arqueando a sobrancelha, como se dissesse que avisou.

— Já falei hoje que te odeio? — Aceito sua mão, e ele me ajuda a ficar de pé.

— Por incrível que pareça, esta é a primeira vez — responde, e eu fico surpresa com o fato de não ter o xingado ainda ou o ameaçado de morte.

— Ainda temos o dia todo para isso.

Ele dá de ombros, atravessando novamente o lago para o outro lado.



O caminho de volta é percorrido em silêncio, e eu tenho tantas perguntas. A revelação de que sua irmã está viva só me fez considerar que Jason talvez não seja tão frio e cruel como todos dizem.

Pode ser que ele tenha tido razões para fazer o que fez. Ah, droga, estou tão perdida, querendo respostas... Eu literalmente transei com um fora da lei. Isso me torna uma pessoa ruim?

Respiro fundo, sentindo minha mente à beira de explodir.

Ao chegarmos, Jason volta a mexer em seu barco, percebendo que a chuva não virá agora. Decido preparar algo para comermos, pois estou tão faminta que comeria até o mamão com casca e tudo.

Não posso deixar de notar que Jason ficou diferente desde que chegamos aqui. Eu estou lutando contra a vontade de perguntar mais sobre sua irmã, ou o que de fato aconteceu com seus pais.

Droga, estou aflita e me mordendo de curiosidade!

Durante a tarde, enquanto limpo as cinzas do fogão, encontro o anel que meu avô me deu no meio das cinzas. Devo tê-lo tirado e deixado ali. Fico chateada, porque gosto desse anel, e vovô ficará desapontado por eu ter estragado um presente tão caro. Respiro desanimada e o guardo no bolso da camisa.

Quando a chuva começa, já está escuro. Jason entra na cabana, come algo rápido e vai para o banheiro. Minutos depois, volta para a cozinha, senta-se no banco e fica olhando a chuva pela janela de um jeito estranho.

Caminho até ele e me sento em cima da mesa ao seu lado, olhando na mesma direção que ele, vendo apenas escuridão, devido à pouca iluminação que temos.

— Não é estranho? — questiono.

— O quê?

— Eu não estar odiando você, nem a sua companhia... — Sua atenção se volta para mim, e ele me olha com as íris verdes, tão bonitas como esmeralda.

Herris dá um sorriso malicioso, se arrastando para perto de mim, e rapidamente fecho as pernas.

— Não estou falando de sexo, Jason!

— Ah, então isso é realmente estranho.

— Mas a questão é que eu não sei nada sobre você, apenas o que me contaram...

Jason fita minhas pernas por alguns segundos antes de falar:

— Eu não sou alguém que você queira conhecer, Ana. Talvez essa atração maluca que você diz sentir seja apenas momentânea, ou por estarmos confinados juntos por tanto tempo. Quando sairmos daqui, talvez você perceba que cometeu um erro e esqueça tudo isso...

Fico em silêncio, processando suas palavras, como se tivesse recebido um soco no estômago. Eu sei que sou maluca por estar sentindo esse desejo insano por ele, mas jamais esquecerei o que aconteceu aqui.

— Tudo vai voltar a ser como era antes — continua.

— E se eu não quiser que as coisas voltem a ser como eram antes? — pergunto, sentindo meu coração acelerar.

— Ana... — ele tenta interromper, mas não permito.

— Eu... Eu não quero voltar a te odiar, Jason — confesso, me sentindo tola.



Jason volta a olhar para mim, e nem percebo quando ele se move para ficar entre as minhas pernas, me puxando para o seu colo.

— Eu não quero que me odeie. — Ele encosta a testa na minha. — Mas isso será impossível. Eu não sou o cara que você pensa que sou. Não sou o príncipe que foi transformado em sapo, nem o cara legal que você conheceu por acaso.

— Então quem é você? — tento novamente, desolada por desejar tanto que ele confie em mim.

— Eu sou uma bomba-relógio que pode explodir a qualquer momento. Aprendi o básico da vida atrás de uma cela. Tudo o que você precisa saber é que eu não sou bom para você, Ana — diz, como se isso realmente o incomodasse.

— Eu acho que...

Ele silencia minha frase com um dedo sobre meus lábios.

— Você está apenas confusa, Ana. Isso é normal. Você não quer acreditar que gostou de ser fodida por um assassino — diz a última frase quase em um sussurro.

Ai.

— Bem, eu não disse isso...

— Mas eu sei que é o que você pensa.

Ficamos em silêncio enquanto a chuva lá fora cai a todo vapor, e me sinto nervosa, pois realmente penso nisso todos os dias, no fato de que dormi com alguém como ele.

— Eu não disse que gostei de ser fodida por você — falo, tentando amenizar o clima pesado, e fico aliviada quando ele sorri.

— Você não precisa dizer nada. Se eu enfiar minhas mãos dentro de sua camisa, vou encontrar a resposta — provoca, e mordo meus lábios, arqueando a sobrancelha em desafio.

Solto um gritinho com a rapidez com que ele me senta de volta na mesa e abre minhas pernas, deslizando um dedo para dentro de mim e encontrando-me molhada.

— Você não passa de uma safada, srta. Walton.

— E você gosta... — digo, sem desviar o olhar dele.

— Eu gosto, gosto pra caralho!

Jason puxa minha coxa para seu ombro e leva sua boca entre as minhas pernas, fazendo-me jogar a cabeça para trás, com a sensação de sua língua molhada devorando minha vagina como se fosse um prato especial em seu restaurante preferido.

— Oh, Jason, isso... Por favor, mais! — peço, tentando acreditar que tudo isso irá passar, que eu não estou envolvida por ele, que são apenas meus hormônios descobrindo o prazer.

Ao sentir meu orgasmo se aproximar, ele se afasta das minhas pernas e fica de pé. Sobe em cima de mim e me beija de maneira possessiva, antes de me pegar em seus braços e nos levar para o quarto.



Pisco algumas vezes ao sentir uma movimentação na cama. Estou completamente dolorida, e não tenho ideia de quantas vezes gozei, ou de quantas posições malucas Jason me colocou a cada vez, mal esperando eu recuperar o fôlego para começar tudo de novo. O cara é incansável.

Não tenho a menor lembrança de quando apaguei de cansaço.

Abro os olhos, notando que provavelmente é madrugada, devido ao tom azul-escuro lá fora e à chuva que agora cai de forma mais fraca. Olho para o lado, e Jason se move inquieto na cama, soltando grunhidos. Sua testa está coberta de suor, e rapidamente sento na cama.

*Outro pesadelo...*

— Jason... — Com medo de assustá-lo, passo gentilmente as mãos por seu cabelo.

— Não... Não... Eu não fiz isso, mamãe! Por favor, NÃO! Me solte! Não me leve! Não fui eu! Luci não pode ficar sozinha. Me solte, não deixe eles me levarem. Por favor, acredite em mim!!!

Ele se move cada vez mais forte, falando coisas sem contexto, e meu coração se aperta ao vê-lo em agonia.

— Por favor, acorde! — Não me importando se ele ficará irritado, agarro seus ombros e o sacudo com força. — Abra os olhos, caramba!

— NÃO... NÃO FUI EU!

De repente, ele abre os olhos, e um arrepio percorre meu corpo nu, vendo tanto pavor e medo refletidos ali.

Jason me empurra para trás, e prendo a respiração quando ele sobe em cima de mim. Meu coração martela loucamente no peito, temendo que ele me machuque. Fecho os olhos, mas, ao invés disso, ele me abraça, colocando a cabeça em meu peito, e ouço um soluço alto escapar dele.

— Não fui eu, eu não os matei... Eu não os matei!

Ele está chorando? Fico completamente sem reação, sentindo as lágrimas dele pingarem em meu peito.

— Eu só queria protegê-las... Eu só queria proteger Luci e minha mãe, como não consegui proteger o Tomas! Eu não os matei... Não fui eu... — Jason soluça como uma criança sofredora, e minha vontade é abraçá-lo de volta.

Porém, meu corpo paralisa, e o ar parece escapar de mim com essa revelação. Lentamente, levanto minhas mãos, e, hesitante, as passo por seus cabelos, sussurrando enquanto sinto minhas próprias lágrimas escorrerem pelo rosto:

— Eu acredito em você, Jason...

## Capítulo 28

*Tiana Walton*

Coloco água em um dos únicos copos de plástico que tem aqui e retorno ao quarto. Jason está sentado na cabeceira da cama, com os olhos ainda vermelhos, mas agora sem nenhuma lágrima. Entrego o copo para ele e sento ao seu lado, fechando os botões da camisa que eu havia vestido de qualquer jeito.

Ele não olhou para mim desde que saiu de cima de mim e se sentou ali, e estou angustiada com tudo. Jason fita o copo, e eu quero perguntar se ele está bem, mas não quero parecer invasiva. Entretanto, como se lesse minha mente, sua voz rouca e sombria começa a ecoar no quarto.

— Eu sempre soube que meu pai não me suportava, que sempre me olhava como se eu fosse uma doença... — Jason fala com ódio em sua voz, e eu me encolho ao seu lado, sem ousar dizer nada nesse momento.

— Mas mal sabia que isso não era nem a metade do que eu iria passar. No meu aniversário de sete anos, minha mãe trouxe um amigo dela para casa, para me conhecer, alegando que era meu padrinho. A princípio, ele parecia um cara legal, me dava presentes que qualquer criança da minha idade gostaria. Eu comecei a admirá-lo, até o dia em que ele começou a pedir para minha mãe deixar-me dar pequenos passeios com ele... — Jason faz uma pausa, como se buscasse coragem para continuar. — No entanto... ele sequer saía do carro comigo — sussurra tão baixo que posso sentir sua dor.

— Não... — As lágrimas enchem meus olhos, e não consigo me conter ao segurar sua mão e apertá-la, entendendo o que acontecia naquele carro.

— Então, meu inferno pessoal começou. Durante a semana, eu era espancado por meu pai... Nos finais de semana... meu padrinho me ensinava como agradá-lo. — Seus dedos apertam o copo, quase o quebrando. — Minha mãe ficava fora o dia todo, e meu pai nunca me batia perto dela. Ele dizia que se eu contasse, me mandaria para um internato, longe dela. Então, fiquei calado e não disse nada sobre as surras e nem sobre os abusos do meu padrinho. Para aliviar um pouco a dor daquele sofrimento, eu mordida meus dedos até vê-los sangrando. Minha mãe sempre passava pomada ou os cobria com band-aids coloridos, achando que era apenas uma mania de criança. — Dá um sorriso triste. — Não demorou muito para a notícia de que minha mãe estava grávida chegar. Por um tempo, as surras pararam. Apesar de tudo, meu pai era um bom marido; o problema dele era apenas comigo. E até achei que tudo iria melhorar com a chegada de Tomas...

*Tomas era o nome do irmão dele? O mesmo nome que ele chama nos sonhos?*

Volto a encarar o rosto distante de Jason. É como se apenas o fato de pronunciar esse nome em voz alta doesse profundamente.



## CATORZE ANOS ATRÁS

Estou sentado no sofá da minha antiga casa, encarando meus dedos repletos de band-aids coloridos que minha mãe coloca quando os machuco. Ouço um grunhido de bebê, o que me faz levantar rapidamente. É ela! Meu novo irmãozinho tinha acabado de nascer e minha mãe chegou do hospital. Corro para a porta e vejo-a entrar com um pacotinho nos braços.

— Posso vê-lo, mamãe? — pergunto, entusiasmado.

— Claro, meu amor. Este é o Tomas.

Minha mãe se abaixa e me mostra o bebê. É tão bonito, parece comigo.

— Oi, Tomas. Bem-vindo — digo, observando-o abrir os olhos devagar.

— E como foram os dias sem a mamãe? Você se comportou?

— E-u...

Uma mão repousa em meu ombro, fazendo-me silenciar, e meu corpo estremece.

— Ele se comportou bem até demais, não é, Jason? Conta para ela.

— Sim, mamãe... — sussurro.

— Obrigada por cuidar dele. — Minha mãe lança um olhar significativo para o homem alto e esguio que odeio com toda a minha alma.

— Não fiz nada além da minha obrigação. Aliás, parabéns. O bebê é lindo — ele diz gentilmente, com os olhos fixos no bebê.

— É, sim. — Agora, meu pai entra na porta atrás da minha mãe, e me encara de maneira intensa, fazendo-me encolher.

— Bem, volto para o seu aniversário mês que vem. O que você quer de presente, campeão? — O homem se abaixa à minha frente.

Não respondo, apenas o encaro, imaginando como seria se eu tivesse a coragem de enfiar uma faca em seu pescoço.

— Não seja mal-educado, filho — mamãe pede.

— Diga logo o que quer, garoto inútil! — meu pai rosna, empurrando-me.

Mesmo sabendo que ele virá atrás de mim, cedo ou tarde, para me bater por virar as costas, ignoro-o e saio correndo.

Um tempo depois, quando todos os barulhos cessam, saio do meu quarto e vou até o quarto ao lado, andando na ponta dos pés. Abro a porta lentamente e entro, encontrando um abajur aceso ao lado do berço.

Me aproximo e vejo o bebê dormindo tranquilamente em seu sono profundo. Quando estico minhas mãos para sentir seus cabelinhos, um puxão forte no meu cabelo me impede e sou jogado no chão com toda a força.

— O que faz aqui, seu moleque? — Meu corpo gela de medo enquanto ele se aproxima de mim.

Mordo os lábios para abafar o gemido quando ele chuta minhas costelas e agarra meus cabelos novamente, forçando-me a olhá-lo.

— Não quero você tocando nele com essas mãos imundas. Não quero ouvi-lo pronunciar sequer o nome dele com esses seus lábios nojentos. Estamos entendidos, Jason?

As lágrimas embaçam meus olhos, impossibilitando-me de ver seu rosto, mas confirmo com a cabeça, sentindo meu corpo todo doer.

— S-sim, papai...

— Agora, vaza daqui, antes que eu termine de quebrar sua cara! — Ele me leva até a porta e me joga no corredor, como se eu fosse um saco de lixo.

Arrasto-me até meu quarto e encolho-me no chão, arrancando todos os band-aids das minhas mãos e mordendo-os todos de uma vez, até sentir o gosto do sangue.



## DOIS ANOS DEPOIS

— Você tem que parar de fazer isso, filho — minha mãe diz gentilmente, e eu faço uma careta com o contato do álcool em meus dedos. — Prontinho. Você quer colocar os band-aids?

Balanço a cabeça negativamente.

— Tudo bem. — Ela se levanta com um sorriso largo e se vira para o chão. — Venha aqui, Tomas... Venha mostrar seu novo dentinho ao seu irmão.

Viro e vejo meu irmão com seu conjunto de marinheiro brincando no chão. Ele se levanta e vem até o sofá.

— Jhaisum... — diz, meio embaçado, e dou um sorriso por causa do jeito que o som do meu nome sai de seus lábios.

— Isso mesmo, é o Jason. Agora, abra a boca, vamos lá! — minha mãe pede, e ele sorri, enfiando a cara no sofá.

— Parece que ele não quer — digo.

— Bem... Tem como você levá-lo para cima e passar um tempo com ele, só vocês dois? Preciso prescrever alguns remédios para um paciente.

Encaro minha mãe. Há dois anos, ela vem pensando que odeio meu irmão pelo fato de eu ficar evitando-o o tempo todo.

— Vai logo, garoto, ele é seu irmão! Tomas gosta muito de você, deveria ser mais amigável — mamãe fala em um tom chateado.

— Eu também gosto dele...

— Então faça isso, pegue-o e vão brincar lá em cima.

Aceno com a cabeça e pego meu irmão. Papai está viajando a trabalho há uma semana, então aproveitei bastante esses dias para ficar mais próximo de Tomas. Todos os dias, quando chego da escola, mamãe me deixa fazê-lo dormir, e eu sempre gosto de cantar minha música preferida para ele: *Stand by Me*.

Assim que chegamos no quarto, começo a fechar as janelas, para impedir que a chuva forte entre no cômodo.

— Não fecha! — Tomas reclama.

— Oh, mas se eu não fechar, irá molhar tudo! — falo, encarando as bochechas gordas dele.

— *Tomax* gosta da chuva...

— É... Eu também, mas tenho que fechar. Mamãe vai ficar furiosa se eu deixar aberto — tento explicar a ele, que me encara sem entender muito.

— *Tomax* quer ver a chuva! — Balança os pés em sinal de irritação.

— Ok, vamos ver a chuva!

Respiro profundamente e abro as janelas, segurando-o em meus braços enquanto permito que ele olhe pela janela.

— Você gostaria de brincar na chuva? — pergunto, mas ele não responde, continuando a observar as gotas frias caindo.

Tomas sorri, erguendo as mãozinhas para tocar algumas gotas. Ele iria adorar brincar na chuva.

— Talvez, amanhã, quando eu voltar da escola, eu possa pedir à mamãe para nos deixar fazer isso antes do meu pai chegar. O que acha?

— *Blinkar* na chuva? — Agora tenho toda a atenção dele, e assinto com um sorriso no rosto.

Afasto-me da janela e coloco Tomas no chão, mas ele começa a choramingar e fazer biquinho, pedindo para que eu o pegue novamente.

— Você está ficando pesado, bebê! — digo, cedendo às suas vontades e o pegando em meus braços, sentindo sua cabecinha repousar no meu ombro.

— *Jhaisun*, canta...

— Você quer dormir? — pergunto, segurando sua manta verde e a colocando nas suas costas.

— *Tomax* quer dormir — repete, e o embalo nos meus braços, gostando do seu cheiro.

Eu o amo tanto, mas tive que vê-lo crescendo à distância, só podendo tocá-lo quando meu pai não está por perto ou quando minha mãe pede. E isso dói muito.

Abraço com mais força meu irmãozinho e começo a cantar para ele enquanto ando de um lado para o outro no quarto.

*“When the night has come*

*And the land is dark  
And the Moon  
Is the only light we'll see  
No, I won't be afraid  
Oh, I won't be afraid  
Just as long as you stand  
Stand by me.*"<sup>[13]</sup>

— Tomax ama Jhasum — ele diz com a voz sonolenta, e o abraço ainda mais forte.

— Jhai ama...

— Solte-o agora! — Quase deixo Tomas cair ao ouvir a voz odiosa do meu pai, que entra abruptamente no quarto.

— Papai... — falo, confuso, já que ele não deveria estar aqui.

Ele não voltaria daqui a dois dias?

— O que está acontecendo? — Minha mãe aparece na porta, vestindo seu lindo vestido azul.

— Não quero que ele toque no meu filho! — meu pai rosna, deixando-me nervoso.

— O que há com você, Julius? Jason também é seu filho. Por favor, pare com isso! — mamãe pede, mas meu pai se aproxima de mim, e eu aperto Tomas, querendo protegê-lo.

— Tire essas mãos de merda dele agora, seu imprestável! — Me afasto do meu pai, vendo seus olhos transbordando raiva, e minha mãe se aproxima para segurar o meu braço.

No entanto, ele se vira com fúria, e eu pisco, em choque, com o barulho alto do tapa que ele desfere nela, fazendo-a cair no chão.

— Eu disse para não tocar nele! Eu disse! Por que você não me ouviu, porra?! Me dê ele!  
— Tomas começa a chorar, assustado, e eu hesito em entregá-lo nas mãos do meu pai naquele estado.

Ele parece estar possuído, mas acaba me alcançando e agarra Tomas pelos braços, fazendo com que o garoto chore ainda mais alto.

— Você está o machucando. Eu vou entregá-lo a você, mas, por favor, solte-o primeiro!  
— imploro, com a voz trêmula de medo de que ele possa fazer mal a Tomas também.

— Julius, pare! — mamãe pede, tentando puxá-lo para longe.

Incapaz de competir com a força do homem, que é o dobro do meu tamanho, Tomas é arrancado dos meus braços à força, e caio para trás pelo impacto. O choro cessa, substituído pelo grito estridente da minha mãe, que ecoa por toda a casa.

Levanto e olho para o meu pai, mas Tomas não está com ele. Com relutância, desvio o olhar e vejo o pequeno corpo caído de bruços, perto da parede. Ele dormiu? Mas tão rápido?

Observo mamãe engatinhar até ele e abraçá-lo com força, chorando desesperadamente.

— OLHA O QUE VOCÊ FEZ! — Minha mãe se volta para o meu pai, que está em choque. — Você matou meu filho! Meu filho...

— E-eu... Eu não tive culpa... Foi ele! — Meu pai aponta para mim, e eu me encolho junto à parede, desejando poder ir até Tomas para descobrir por que ele não está chorando ou se

mexendo.

— Mamãe está aqui, vai ficar tudo bem. Vai ficar bem... Durma, meu bebê. Mamãe está aqui.

— Grace... — Meu pai tenta tocar seu ombro, mas ela o afasta bruscamente, pegando Tomas em seus braços.

— Shhhh... vai ficar bem! — Ela começa a aninhá-lo em seu corpo, o balançando devagar de um lado para o outro, e só então percebo o grande hematoma, do qual escorre muito sangue por todo o rosto de Tomas, que agora está deformado.

Meu estômago se revira, fazendo-me vomitar incontrolavelmente, enquanto meu pai sai do quarto às pressas e atordado.

Alguns minutos depois, a casa está cheia de policiais e bombeiros, que levam o pequeno garotinho risonho sob a chuva, enquanto meu pai tenta amparar minha mãe, que já desmaiou duas vezes.

Eu sei um pouco sobre a morte, sei que ele não voltará mais. Amanhã não o verei esperando por mim quando eu chegar da escola, com um sorriso ansioso, para tomar o banho de chuva que eu havia prometido.

Fecho meus pequenos punhos enquanto as lágrimas escorrem.

— *Tomas...*

É a primeira vez que pronuncio o nome em voz alta em anos, e tudo o que desejo é que o responsável por tudo isso pague.

*Pague com sua vida!*



## Capítulo 29



— Jason, eu sinto muito... — Ana lamenta ao meu lado, com a voz chorosa, e eu levanto da cama.

Caminho até o baú e encosto nele, ainda sentindo o ar frio que entra pela janela.

— Minha mãe nunca mais foi a mesma. Apesar dos diversos psicólogos que vinham em minha casa, ela não reagia... E tudo só piorou. Ela se afastou do mundo, se afastou de mim, deixando-me cada vez mais na companhia do meu padrinho, pois não conseguia mais cuidar de uma criança. Tornei-me um adolescente recluso e amargurado, tendo que contar com a sorte de ter crescido. Comecei a evitar meu pai, e acho que meu padrinho só se atraía por mim quando eu era uma criança.

É como se eu precisasse contar tudo, ou essa dor nunca irá embora. Um silêncio paira no ar por um momento, mas logo continuo:

— Quando Luci chegou, minha mãe a chamava de Tomas, e era tão deprimente ver aquilo... Meu pai estava tão cheio de ódio que descontava nela. À noite, eu ouvia as constantes surras que ele dava em minha mãe, e meu coração parecia querer saltar do peito. Em uma madrugada, ouvi os gritos dos dois se misturando aos choros de Luci. Daquela vez, pulei da cama, sentindo o ar escapar de mim, e corri até o antigo quarto de Tomas, que era ocupado por Luci. Para meu alívio, não havia ninguém lá, apenas a babá tentando acalmá-la. “*Ela só está assustada, senhor Herris*”, foi o que Carla disse quando viu meu olhar assustado na porta. No entanto, eu precisava conferir se ela estava bem, se estava respirando. Foi a primeira vez que a vi tão de perto, com aqueles olhos tão verdes e brilhantes. — Nunca esqueço daquele dia, foi a primeira e a última vez que a vi como um bebê. — A discussão estava ficando mais intensa e as coisas começaram a ser quebradas. Saí rapidamente para o corredor e descí as escadas em direção ao barulho. A voz da minha mãe pedindo para ele não machucá-la era alta, e, sem hesitação, abri a porta do quarto deles de uma vez.

“O pedido de um garoto de quinze anos para o pai parar de machucar a mãe partia qualquer coração. Mas o desgraçado apenas sorriu e partiu para cima de mim com uma garrafa de álcool. Meu pai parecia fora de controle quando, de repente, algo atravessou seu pescoço, espirrando sangue por todo lado, fazendo-o cair diante de mim com o som alto de um tiro. E atrás dele estava minha mãe, com a arma dele e os olhos vermelhos.”

Engulo a vontade de chorar.

Odeio me sentir um merda, mas nunca esquecerei aquela cena dela diante de mim.

— O modo como ela sorriu para mim e disse, num sussurro: “*está tudo bem, querido, vai ficar tudo bem. Tomas precisa de mim*”, antes de apontar a arma para sua própria cabeça...

Cerro meus punhos e fecho os olhos, desejando esquecer tudo isso.

— Por que está me contando? — Ana pergunta, e eu olho para baixo, encarando meus

pés.

— Não sei... Talvez eu esteja cansado de me sentir culpado. Eu não os matei... Por mais que tenha desejado mil vezes arrancar a cabeça do meu pai, não fiz isso. Eu não os protegi dele.

— Jason...

Então, olho para Ana, que está sentada na cama, com os olhos marejados.

— Não preciso da sua pena! — digo, irritado com a forma como ela me olha. — Não precisa agir como se eu fosse a vítima.

— Mas você é...

— Talvez eu tenha sido... Eu estava quebrado, mas ninguém me via assim. Quando meu padrinho chegou naquele dia e me encontrou chorando em cima da minha mãe, ele tirou suas próprias conclusões e não me deu sequer uma chance de me defender. Então, eu lhes dei o que tanto queriam. Dei a eles o que achavam que eu era. E ser o vilão nunca foi tão doce...

— Você não é o vilão... Só alguém muito machucado e magoado.

— Você nunca entenderia. Se minha mãe não o tivesse matado, eu teria feito isso, e nunca sentiria remorso. Mas pessoas como você não sabem o que é a dor ou o sofrimento a ponto de querer matar alguém. Não precisa fingir que me entende! — rosno, começando a sair do quarto, indo para qualquer lugar onde não tenha esses olhos negros me encarando como se eu fosse um rato preso em uma ratoeira.

— Eu tinha doze anos... — Sinto meu corpo ficar rígido e paro imediatamente ao ouvir sua voz. — Eu estava na escola... Eu estava com muita vontade de ir ao banheiro, mas o banheiro feminino estava interditado naquele dia. Então, não vendo ninguém por perto, entrei no banheiro masculino... Estava quase fazendo xixi na roupa e não havia outro lugar onde pudesse me aliviar...

Viro-me para ela, que brinca nervosamente com os dedos e tem a voz trêmula.

— Só que esqueci de verificar se alguém me seguia. Eu já tinha o visto algumas vezes observando-me de longe, mas pensei que fosse paranoia minha. Ele era um veterano do segundo ano, por que iria olhar para uma pirralha como eu? Aqueles olhos maldosos combinavam tão bem com seus cabelos ruivos...

Um choque percorre meu corpo à medida que tudo começa a fazer sentido em minha cabeça.

*O garoto da foto!*

— O que ele fez? — pergunto, travando o maxilar.

— Ele me encurralou... Abriu o zíper da calça e mandou que eu fizesse carinho com a boca nele... Nunca tinha visto aquilo, era estranho e eu estava com muito medo. Quando tentei escapar, ele me agarrou e forçou minha cabeça para baixo, me obrigando a abrir a boca... — Ana faz uma pausa enquanto soluça.

— Filho da puta, desgraçado! — rosno, chutando a lamparina, relembrando os olhos apavorados dela com aquele babaca no bar. Ela já havia passado por uma situação parecida.

— Minha garganta doía tanto... Eu tentei empurrá-lo, mas isso só fazia com que ele forçasse mais minha cabeça para baixo. Até que algo estranho saiu dali, e ele me obrigou a engolir...

— Por que não contou para alguém? — Me aproximo dela.

— Eu me senti fraca e incapaz, eu simplesmente não consegui me proteger... Não queria que meus pais ficassem ainda mais paranoicos do que já eram... — Sua voz soa triste. — Mas, então, no mesmo dia, meu avô apareceu para me buscar, para irmos tomar sorvete. No entanto, eu disse que só queria ir para casa, e antes de entrar no carro, vi o garoto ruivo parado na esquina, nos encarando do outro lado da rua... Não sei se meu avô percebeu meu nervosismo, mas ele não insistiu no sorvete e me levou para casa. — Ana segura uma mecha de cabelo e a enrola no dedo antes de continuar: — Acho que ele ficou com medo de que eu contasse para alguém, porque nunca mais voltou à escola, e eu nunca mais o vi novamente...

É claro que ele não voltou. O idiota está morto a essa altura, o que me traz certo alívio.

— Ei...

— Eu posso ser sim uma garota mimada, como você diz — ela me interrompe —, mas a dor não pode ser medida quando não é você que a sente.

Ela está certa. A minha desgraça não faz a desgraça dela ser menos pior.

Respiro fundo e vou até a janela, direcionando meu olhar para fora, observando o dia clarear sob a insistente chuva.

— Sabe por que odeio a chuva, srta. Walton? — pergunto calmamente, virando-me para ela e sentando-me encostado na parede.

— Porque Tomas morreu em um dia chuvoso... — ela tenta adivinhar com a voz baixa, e observo minhas mãos sobre os joelhos.

— Porque a chuva só vem em dias tristes. Ela estava presente na morte de Tomas, e estava lá quando vi minha mãe tirar a vida na minha frente. Continuou lá quando *ele* chegou e mandou me levarem. E ela me seguiu até a prisão. Quando eu olhava para a chuva pela pequena janela da minha cela, tudo vinha à tona, como um lembrete de que nunca vou ser aquele garotinho de dez anos novamente, que desejava com tanta força sentir a chuva em um dia qualquer após a escola.

Ana fica quieta e eu decido não falar mais nada. Eu apenas não queria que ela continuasse com medo de mim, nem que se sentisse culpada por ter se entregado a um assassino. Ela não merece essa culpa. De alguma forma, eu queria que soubesse quem eu realmente sou.

Ela levanta da cama e atravessa o quarto em minha direção, parando na minha frente e estendendo a mão. Franzo a testa, confuso, quando ela diz, firme:

— Vamos!

— O quê? Vamos para onde?

— Sentir a droga da chuva!

Pisco, confuso, algumas vezes, mas continuo parado.

— Ana... eu não quero.

— Confie em mim... Vamos?

Seus olhos gentis encontram os meus, e, nesse momento, dou um sorriso e balanço a cabeça, não acreditando que seguro a sua mão e me levanto, deixando que ela me guie para fora da cabana.

## Capítulo 30

*Tiana Walton*

A chuva fria cai em gotas grossas sobre nossas cabeças, criando um suave tamborilar no chão e nas folhas das árvores, escorrendo pelas palhas da cabana.

Abraço Jason, sentindo seu corpo rígido, ainda processando tudo o que ele me contou, sobre como sua vida foi um inferno. Seus olhos estão nublados de dor. Eu só quero que ele saiba que pode sentir a chuva sem que ela lembre momentos ruins em sua vida.

— Se eu pedir para você cantar uma música, você canta? — Pisco, confusa, e olho para cima, vendo as gotas descenderem em seu rosto.

— Eu a ouvi cantando na cachoeira... Então, se disser que não sabe, eu sei que estará mentindo. Você é uma péssima mentirosa.

Mordo os lábios e assinto timidamente com a cabeça, voltando a encarar seu peito.

— *Stand by me...*

— A música que você cantava para Tomas... — sussurro.

— Sim, você a conhece?

Confirmo novamente, sentindo-o finalmente envolver os braços ao redor do meu corpo. Começo a cantar baixinho, com a chuva fluindo pelos nossos rostos, enquanto a melodia da música paira no ar.

Jason me abraça com mais força, começando a nos mover lentamente sob a chuva. Não é uma dança estruturada, mas sim um movimento fluido, como se ele tentasse se acostumar com essa nova sensação.

Quando termino de cantar, Jason recosta sua testa na minha, e meu coração bate mais forte.

— Você é mesmo real, garota? — murmura.

— Eu acho que sim...

Ele se afasta e me olha profundamente, e todo o meu ar fica preso com a intensidade do momento. É como se eu quisesse que ele nunca pare de me olhar desse jeito.

— “Baby, você é como um raio em uma garrafa. Eu não posso deixar você ir agora que a tenho.”

Minhas bochechas esquentam, e não consigo deixar de sorrir quando ele cita uma frase da música *Electric Love*, de Børns, para mim. Inclino-me um pouco, ficando nas pontas dos pés.

— Então, não me deixe ir... Fique comigo — sopro perto de seus lábios.

— Acho que preciso ter certeza de que você é mesmo real. — Sem hesitar, Jason se inclina, e sob a chuva que cai com força, sela seus lábios aos meus, em um beijo ardente e

profundo.

E, nesse momento, sinto todo o meu ser gritando o que eu não queria admitir.

*Sim, eu estou me apaixonando por Jason Herris.*



Quando entramos novamente na cabana, tiramos nossas roupas com agilidade, sem separar nossos lábios, caminhando e tombando em tudo. É avassalador.

Jason me toma duro e forte, como nunca antes, e eu não reclamo. Ele precisa disso, precisa se prender em algo, liberar sua dor causando dor.

Mesmo com as lágrimas, sou forte e não peço para ele parar. Eu não quero que ele pare. Eu também preciso desesperadamente dele de uma maneira dolorosa. Não quero me esquecer que ele esteve aqui. Não quero que tudo isso um dia acabe.



— Se continuar andando sem calcinha desse jeito, eu não vou me responsabilizar quando você estiver reclamando que não consegue levantar da cama — Jason resmunga, apertando minha bunda, e eu solto um grunhido.

— Não tem nada para fazer aqui, então eu gosto da ideia de ficar na cama... — digo de modo malicioso, enquanto estou com a cabeça apoiada em seu peito largo, deslizando suavemente meus dedos sobre sua pele, traçando círculos vagarosos.

Até que meus dedos encontram a tatuagem de cobra ali, e a acaricio, sentindo a textura da tinta. Desço minhas mãos por sua barriga até encontrar as cicatrizes em suas costelas, e Jason fica um pouco rígido.

— Foi seu pai que fez isso? — pergunto, tocando nelas com carinho.

— Era um dos únicos lugares que ele podia deixar marcas — diz com a voz distante.

— Por que ele odiava tanto você?

Ele fica calado, e então levanto minha cabeça para olhá-lo.

— Eu não era filho dele — Jason fala, encarando o teto. — Eu deveria ter desconfiado, mas ainda era muito novo para perceber que, graças a Deus, eu não tinha nada parecido com aquele porra. Na verdade... nenhum de nós éramos parecidos com ele.

Continuo fitando-o sem reação antes de sussurrar:

— Então...

— Sim, minha mãe não era tão santa assim — completa, calmo demais para o meu gosto. — Anos depois, descobri que quando ela foi morar com meu pai, já estava grávida de mim. Talvez ela tenha mentido sobre eu ser dele... Ele pode ter fingido acreditar. Bem, nunca vou saber...

— Eu sinto muito, Jason, por tudo. Deve ter sido horrível presenciar tanta desgraça e

ainda ter que pagar por algo que não foi sua culpa. Não consigo nem imaginar como você deve ter se sentido, com apenas quinze anos, ficar sozinho e recluso por tantos anos sendo inocente.

— Que se foda! Não tem como voltar ao passado e mudar as coisas, eu estou vivo e bem, não estou? — Jason diz, e sei que está tentando ser forte, mas parece que há algo mais. Algo que ele não me contou.

Me sento e me curvo sobre sua barriga, beijando suas cicatrizes, e faço uma trilha de beijos até chegar em seu pescoço, dando-lhe um selinho.

— Você é tão bonito. — Deixo escapar e ele sorri com sarcasmo.

— Está admitindo que eu sou bonito? Céus, você está bem?

— Eu acho que não, devo ter engolido muita água quando caí daquele barco — ironizo, sorrindo, e sinto-o segurar minha cintura e me montar nele.

— Água eu não sei, mas... — Arqueia a sobrancelha.

— Você é ridículo! — falo, dando um soquinho em seu ombro, e Jason levanta meu corpo.

Antes que eu possa compreender o que está acontecendo, solto um gemido alto, com seu pênis entrando lentamente em mim.

— E gostoso... Ridículo e gostoso. Não esqueça essa parte, baby — diz, rouco, começando a me mover sobre ele, e sinto as borboletas no estômago a cada toque que ele dá em meu corpo em chamas.

## Capítulo 31



*Porra, eu irei acabar engravidando essa garota!*

Respiro com dificuldade logo depois de sair de cima de Ana e vejo a pobre rolando para o lado e apagando. Já é noite, e apenas a luz da lamparina ilumina o quarto. Olho para Ana com sua respiração agora calma.

Passamos o dia como dois coelhos. Estou impressionado com a capacidade dela de me aguentar por tanto tempo.

— Humm... — ela murmura, e, por um instante, acho que está acordada. — Jason... Eu acho que...

Meu corpo fica tenso, meu coração martela forte no peito, não querendo que ela complete a frase.

*Por favor, não diga.*

No entanto, em seus sonhos, ela revela o que eu não quero ouvir.

— Acho que estou apaixonada...

Droga!

Saio da cama depressa e visto minha calça, sentindo todo meu corpo rígido.

*Merda, merda!*

Não, ela não pode estar falando sério. É impossível ela ter se apaixonado por mim em apenas uma semana, não é?

Inferno!

*Eu sei muito bem que não é.*

Caminho até o baú, lembrando do celular. Encaro Ana e pego o aparelho, dirigindo-me para a cozinha, sentindo-me um pouco zozzo.

Pressiono o botão para ligar, e minha respiração acelera quando a luz se acende. No entanto, a bateria está quase acabando e não há sinal. Pego uma das lamparinas e saio da cabana, vendo agora o céu estrelado com a noite fria. O som suave das ondas quebrando na costa e a brisa suave nas árvores ecoam no ar.

Estendo minhas mãos para o alto, na esperança de encontrar pelo menos um sinal. Após alguns momentos de espera, o celular emite um único clique de sinal, e o som das notificações chegando me faz sorrir antes do aparelho finalmente desligar.

Olho para a lua enquanto guardo o celular no bolso.

— Está feito...

Com passos silenciosos, retorno à cabana e entro no quarto, deixando a lamparina no

chão, e me deito ao lado de Ana, que ainda dorme profundamente.

Ela se mexe e, em seguida, abraça minha cintura, escondendo o rosto em meu peito. Prendo a respiração por um momento, antes de afastar alguns fios de cabelo de seu rosto e observar sua feição serena.

Passo a ponta dos dedos pelas linhas de seu pequeno nariz, pelas suas bochechas, pelo queixo, e com a voz carregada de dor, sussurro:

— Você não pode se apaixonar por mim, bonequinha, há coisas que nem eu posso mudar...

Puxo-a mais para perto, desejando sentir seu corpo uma última vez, cheirando seus cabelos para nunca esquecer do seu perfume. Abraçando-a com força, sinto-a se aconchegar mais em mim, como se quisesse se fundir ao meu corpo.

— Queria que tudo fosse diferente, bonequinha... — Fecho os olhos, sem querer acordar, desejando eternizar esse momento com ela.

Deixo que o cansaço me domine, dessa vez, sem pesadelos terríveis, sem nenhum choro.

*Tiana Walton*

Espreguiço-me, sentindo-me radiante, quando uma cólica me atinge. Levanto-me rapidamente, olhando para baixo e notando uma pequena mancha de sangue.

Minha menstruação deve ter vindo mais cedo do que pensei.

Olho para o lado e não vejo Jason; provavelmente, ele está mexendo no barco. Quero me vestir e ir até ele. Puxo o fino lençol para me cobrir quando algo cai no chão. Viro, franzindo a testa ao ver o celular de Jason ali.

*Mas o que...*

Por que ele não me disse que tinha um celular aqui?

Pego-o do chão e tento ligá-lo, mas é em vão, pois não liga. Será que foi por isso que ele não me contou? Por que o celular não funcionava mais?

Visto o que encontro pela frente e saio do quarto. A porta da cabana range, e ao me virar, meu corpo fica paralisado com a visão do meu avô, em carne e osso, entrando na cabana com seu terno perfeitamente sob medida e o rosto um pouco cansado.

— Vovô? — Pisco algumas vezes, pensando que enlouqueci de vez e que é uma miragem. Quando nossos olhares se encontram, um alívio surge em seu rosto, e por um momento continuo paralisada. — VOVÔ!!! — Percebendo que não estou sonhando, corro até ele.

Ele não diz uma palavra, apenas avança em minha direção. Mal posso acreditar que é real quando sinto seu corpo apertar o meu.

— Minha princesa, você está viva! — diz, finalmente, e sinto minhas lágrimas banharem meu rosto.



— Mas como... Como me encontrou? Eu não entendo! — Soluço, agarrando seu casaco.  
— Isso não importa agora, o que importa é que eu a encontrei.  
— O papai e a mamãe... como eles estão? — questiono, sentindo-o acariciar meu cabelo.  
— Estão aliviados por você estar bem. Seus pais queriam ter vindo, mas eu dei uma despistada neles... E ainda bem que fiz isso.

Então ele se afasta e encara minha roupa e meu estado desgrenhado, fazendo-me perceber que não dá nem para disfarçar o que estivera fazendo a noite toda. Meu rosto arde de vergonha quando ele ergue uma sobranceira e comenta, olhando para algo atrás de mim:

— Parece que alguém andou se divertindo muito por aqui.

— Olá, senhor Walton. — A voz de Jason, atrás de mim, me faz arrepiar.

Viro-me e vejo-o encostado na mesa, com os braços cruzados, usando sua jaqueta de couro.

*Ele estava aqui o tempo todo?*

Ele conhece meu avô? Bem, é claro que conhece... *Quem não conhece os Walton?*

— Ele não me machucou, foi tudo consentido! — me apresso a dizer, com medo de que ele queira fazer algo a Jason pelo modo odioso como o encara.

— Vamos sair logo daqui, depois resolvemos isso! — Meu avô sai da cabana, e olho para Jason, que não parece nada surpreso com a presença do meu avô aqui.

— Você vem? — pergunto quando percebo que ele está olhando para qualquer lugar, menos para mim.

— Sim, eu já estou indo — responde baixo.

Me aproximo dele e passo gentilmente as mãos em suas bochechas. Antes de deixá-lo, sinto-o agarrar meu braço e me puxar para um abraço.

— Ei, vai ficar tudo bem. — Dou um sorriso para ele, querendo que confie em mim como confiei nele.

Quero tentar algo, e meus pais não irão dizer não quando souberem que ele é inocente. Jason parece querer falar alguma coisa, mas a voz impaciente do meu avô soa lá fora.

— Ana!

— Já estou indo! — Me afasto de Jason. — Não demora... — digo a ele antes de correr até meu avô.



À medida que o helicóptero se afasta da ilha, percebo algo estranho em Jason. Ele está fechado, olhando fixamente pela janelinha durante toda a viagem. Sua mente parece longe, e eu não consigo entender o motivo de sua distância.

— Você acha que papai vai me trancar em um porão? — pergunto ao meu avô de modo irônico, pois sei que, provavelmente, meu pai está surtando.

— Bem, me parece que você sabe sobreviver apenas comendo peixe. — Ele sorri, e

continuo séria, olhando para ele horrorizada. — Eu não o deixaria fazer isso — meu avô completa, vendo meu desespero. — Não julgue seu pai, ele passou maus bocados atrás de você. — Agora seu rosto fica um pouco triste.

E, embora não tenha sido culpa minha, sinto-me mal por saber que eles estavam sofrendo.

— É, eu sei... — digo, sucinta.

Meu avô sorri novamente e me entrega um jornal, que pego, confusa. No entanto, a manchete me atinge como um soco.

***“Desaparecimento misterioso de Tiana Walton, filha do importante CEO Calebe Walton. A jovem foi vista pela última vez em um bar próximo à Alcatraz, junto com outro jovem, na segunda-feira.”***

— Droga... — resmungo. — Eu, definitivamente, vou morar no porão.

Olho novamente para Jason, e ele continua olhando para fora, com os lábios em uma fina linha, como se estivesse perdido em seus pensamentos. Algo está errado, e eu não estou gostando nada disso.

## Capítulo 32

*Tiana Walton*

Quando o helicóptero pousa em um prédio alto, antes mesmo de sair completamente de dentro dele, o impacto do abraço da minha mãe faz meu corpo sentir um choque, e suas lágrimas molham meu ombro.

— Oh, meu Deus, minha filha! Por favor, nunca mais me faça sofrer tanto assim, meu coração não aguentava mais de tanta angústia!

— Mamãe... — murmuro, abraçando-a de volta.

— Deixe-me olhar você... — Ela toca a cicatriz, que agora não está mais inchada, na minha testa. — Oh, céus! Vamos chamar um médico.

— Mamãe, eu estou bem! — Me solta, apenas para meu pai se aproximar, e agora ele me envolve com seus braços fortes, como se não quisesse me soltar nunca mais. — Papai, está me sufocando... — resmungo com um pequeno sorriso quando ele me larga devagar.

Mesmo que eu não tenha visto ele chorar, seus olhos estão vermelhos, como se em algum momento tivesse feito isso.

— Não sabe o quanto eu te procurei... — Ele passa a mão gentilmente em meu rosto. — Revirei tudo que podia... Eu achei... Achei que havia te perdido — diz, e eu seguro sua mão, que ainda está em minha bochecha.

— Vocês não me perderam, estou mesmo bem, Jason cuidou de mim — falo, sorrindo, enquanto me viro para ele, que está com uma das mãos no bolso.

Ele apenas dá um aceno idiota com a outra mão, como se dissesse: “*De nada, galera*”.

Meu pai o encara de forma intensa, e minha mãe vai até Herris, que fica nervoso quando ela se aproxima e o abraça repentinamente.

— Obrigada por cuidar da minha menina, Jason. — Ele apenas balança a cabeça, e reprimo outro sorriso pela expressão sem jeito dele.

Posso apostar que ele esperava tudo, menos isso, mas essa é a minha mãe. Dona Lilly sabe ser um amor, ao contrário do meu pai, que nos olha de maneira desconfiada, prestes a dizer algo, quando minhas irmãs e o Leo aparecem.

Mas o que chama a minha atenção é uma garotinha de cabelos negros de corte Chanel e olhos únicos, assim como os de Herris, correndo em direção a ele, segurando a mão de uma senhora.

É nítido que é a irmã dele, não só pela aparência, mas pelos olhos de Jason que brilham ao vê-la.

— Mas o que... — Jason parece confuso quando a menina se joga em seus braços.

— Jhai! Eu estava com saudades. Por que não veio me ver esta semana? — ela pergunta

com a voz doce.

— Jhai? — Arqueio a sobancelha pela forma como ela o chama.

— Quem são essas pessoas, Jhai? E por que a Carla me trouxe para cá? — A garota parece tão perdida quanto o irmão.

— O que ela está fazendo aqui? — Jason olha para a mulher que trouxe a menina de maneira dura.

Ela hesita, e quando está prestes a abrir a boca, meu avô fala por ela:

— Os paparazzi estão a todo vapor, senhor Herris, e estão próximos de descobrir quem é você e quem é ela... — Dá um sorriso para a garota, que retribui. — Então, a trouxe para cá. Ainda estamos em São Francisco, na minha cobertura particular. É melhor ficarmos aqui por enquanto, até toda essa poeira baixar. Daremos uma declaração ainda hoje dizendo que vocês foram encontrados e, provavelmente, vão querer falar com vocês.

— Eu não vou falar com ninguém! — Jason diz, firme, e eu não falo nada, mas também não quero me expor.

Olho para o meu pai, querendo que ele saiba que eu não quero isso, e ele finalmente diz:

— Fiquem tranquilos, vou lidar com eles. Ninguém vai precisar se expor, mas meu pai está certo. Vamos esperar a poeira baixar.

Respiro aliviada, e Jason coloca a menina no chão, que continua me encarando, parecendo um pouco cismada.

— Essa é Luci, minha irmã. Luci, esta é a Tiana e sua família — Jason nos apresenta ao ver a curiosidade estampada no rostinho dela.

— Tiana? Como a de *A Princesa e o Sapo*? — ela pergunta, e ofereço um sorriso amigável, estendendo a mão para ela.

— Sim... Bem, é um prazer conhecê-la! — A garotinha olha para a minha mão e depois para o irmão, que confirma com a cabeça, e só então ela a segura.

— Seu cabelo é muito bonito — diz baixinho, e sinto minhas bochechas esquentarem com a forma como Jason olha para mim.

— Ah, obrigada! — agradeço, sem desviar meus olhos dele, e mordo os lábios, sentindo-os secos.

Mas a tensão é quebrada quando meus irmãos se aproximam e me abraçam todos de uma vez.

— Você nos deu um susto e tanto, Ana! — Leo diz, e eu passo as mãos em seu cabelo.

— Também senti saudades — falo, mesmo tendo ficado apenas uma semana longe. Tive medo de não voltar a ver eles nunca mais.

— E quem é essa gracinha? — Vick se afasta, olhando para o lado.

— Ah, essa é a Luci! — digo para ela.

— Não estou falando da garota. — Ela parece hipnotizada, e sigo seu olhar fixado em Jason.

— Oh... Esse... esse é o Jason — comento, um pouco irritada pelo jeito que ela se aproxima dele.

— Oi, Jason. Eu sou a Victoria, mas pode me chamar de Vick. — Ele sorri de lado, de maneira convencida e sexy.

*Que filho da puta!*

— Olá, Vick, é um prazer. — Reviro os olhos.

— O que aconteceu com suas roupas? — Luna pergunta, e todo mundo agora parece me ter como centro das atenções.

Olho para Jason em busca de socorro, e ele apenas reprime um sorriso, arqueando a sobrancelha, querendo ver o que eu direi.

— B-bem, eu... só... — começo a falar, sentindo o suor em meu rosto. Como eu direi aos meus pais que passei metade da semana trepando com o cara que eu queria matar? — Só...

— Ok, chega de perguntas! — Solto um suspiro alto de alívio quando minha mãe intervém, segurando minha mão. — Ana passou por poucas e boas, vamos deixá-la tomar um banho e descansar.

— Então ficar presa em uma ilha com um deus grego desses é passar poucas e boas? Jesus, onde entrego meu currículo?! — Vick continua, e eu quero dar uns tapas nela.

— Lá no meu escritório, posso arrumar um passatempo excelente para a senhorita! — meu pai diz, irritado, fuzilando-a com os olhos.

— Ai, só estava brincando! — Vick retruca, ao passo que minha mãe continua me puxando para o elevador.

— Espera! — digo, querendo ficar com Jason.

Quando me viro para ele, Jason se abaixa e diz algo para Luci. Ela parece pensar um pouco antes de vir correndo até mim.

— Meu irmão disse para eu ficar com você, ele vai resolver algo com a Carla — fala timidamente, e Jason me olha.

Por um momento, quero perguntar o que está acontecendo, por que ele está agindo tão estranho, mas apenas confirmo com a cabeça, segurando as mãozinhas de Luci, deixando minha mãe nos puxar para o elevador. Jason ainda está me olhando com um olhar estranho antes das portas finalmente se fecharem.



Saio do banheiro depois de finalmente tomar um banho digno, com direito a depilação e lavagem dos cabelos.

Me enrolo em uma toalha e coloco minhas lentes novas, agradecendo por isso, já não aguentava mais ver tudo embaçado.

Tomo o remédio para cólica que mamãe trouxe. Por um lado, estou aliviada que minha menstruação veio, mas, por outro, odeio o fato de que ter que ficar com cólica por três dias.

— Estou bem melhor, não estou? — pergunto, alisando meu pijama de moletom lilás.

Pego uma escova e tento desembaraçar meu cabelo, que está cheio de nós.

— Sim! — Luci, que está sentada na cama, no colo de Luna, responde.

— Deixe-me ajudar com isso, filha. — Ao presenciar minha luta com o cabelo, minha mãe pega a escova e vem para trás de mim, dividindo-o por partes, para começar a desembaraçar devagar.

— Obrigada... — agradeço gentilmente.

— Hum... Ainda estou intrigada. — Vick, que acabou de entrar no quarto, encosta na penteadeira. — O que ficou fazendo esse tempo todo lá? — Ela se inclina para frente e me dá um olhar desconfiado e malicioso. — Tipo... sozinha com um cara como aquele.

— Está doida pra saber, não é? — provoco. — Mas não vou contar!

— Bem, então não vou dizer que sei onde o bonitinho está — a garota diz, e olho para ela, querendo esganá-la.

Já faz mais de horas que Jason saiu com aquela senhora, e até o momento não retornou. Luci encontra-se agitada, querendo vê-lo de novo.

— Vocês duas, chega! — mamãe diz em um tom calmo, terminando de pentear meu cabelo e me entregando a escova. — Parem de brigar por bobeira. — Ela olha para mim. — É tão difícil assim assumir que rolou algo entre você e aquele cara?

Engasgo, encarando o chão, incapaz de sustentar o olhar nela. Nesse momento, odeio que ela me conheça tão bem.

— Você gosta dele — minha mãe deduz.

— Mamãe, não é isso...

*Que droga, é tão difícil falar sobre isso com todas me olhando!*

— Ana... todo mundo percebeu como vocês se olharam lá no terraço. — Luna, que até então estava em silêncio, entra na conversa com sua voz baixa, enquanto penteia os cabelos de Luci com as mãos.

A garotinha também me encara de forma julgadora.

— O quê? NÃO! Eu só... — Respiro fundo. — Só não quero falar disso agora.

Um silêncio enche o quarto e minha mãe é a primeira a quebrá-lo:

— Vick, desembucha, onde está o garoto?

— Por que tenho que contar? — Vick reluta, brincando com um pincel de base.

— Porque estou mandando, garota! — A voz rigorosa da minha mãe ressoa no quarto.

Vick bufa, colocando o pincel de volta no estojo.

— Ele voltou sei lá de onde há poucos minutos e está agora lá na sala, quase sendo engolido pelo vovô... — minha irmã finalmente diz, e eu pisco algumas vezes, confusa.

— Vai logo, sua idiota, ou o seu namoradinho vai virar tapete dos Walton! — ela continua, e sem pensar, corro para abrir a porta, descendo as escadas rapidamente e ouvindo o som alto à distância.

— Eu sei que não trouxe Luci para cá para protegê-la dos paparazzi! Como soube da existência dela? — A voz raivosa de Jason confronta alguém.

— Acha que eu te tiraria da cadeia sem saber sequer o seu tipo de sangue? Eu sou a porra do Leonel Walton! — A revelação de meu avô me faz diminuir os passos.

*Como?*

Sentindo-me confusa, me aproximo um pouco mais da porta e espio, vendo Jason agora limpo e vestindo uma camiseta marrom e calças da mesma cor.

— Mexer com minha irmã não estava no acordo! — Jason revida, e meu avô segura o seu braço com firmeza.

— Fazer minha neta desaparecer do mapa também não. Você só tinha um único trabalho: eu te dava o que você queria, e você a protegia dele. Não precisava ficar brincando de pirata salvador da pátria! Como vocês foram parar naquela porra de ilha?

— Quando recebi sua mensagem, fui até ela. O que aconteceu é que caímos em um barco e começou a chover — Jason mente descaradamente, mas só consigo pensar nas palavras do meu avô.

*“Eu te dava o que você queria, e você a protegia dele.”*

Minha respiração fica acelerada à medida que meu coração parece querer saltar pela boca, tentando compreender tudo o que está sendo dito naquela sala.

*Me proteger de quem? O que está acontecendo?*

A porta da frente se abre, e meu pai entra com o rosto vermelho de raiva, seguido por tio Caion.

— Eu pedi a porra de um guarda-costas profissional e você me arruma um ex-presidiário, Leonel? Você colocou a segurança da minha filha nas mãos desse filho da puta??? — papai grita, fuzilando Jason com um olhar de quem quer matá-lo.

*Não... Não pode ser...*

Sinto como se tudo na minha mente comesse a girar, tentando compreender tudo o que meus ouvidos estão escutando. Meu coração bate descontroladamente de choque.

Reuo lentamente, sem saber o que fazer. Nesse momento, lembro de todas as vezes em que Jason estava sempre por perto, sabendo onde eu estava, e como se um filme passasse em minha mente, tudo começa a fazer sentido.

Atordoad e incapaz de articular uma palavra, cubro minha boca, com o choro entalado na garganta. Ao dar um passo para trás, sem perceber, minha panturrilha bate em um vaso próximo, que tomba, fazendo um grande barulho.

Todos na sala voltam suas atenções para a porta, e eu permaneço parada, encarando Jason, que parece ter visto um fantasma.

— Ana? Ana, eu posso explicar... — Jason tenta dizer, mas não deixa.

— Você... você estava mentindo para mim o tempo todo? — pergunto baixinho, erguendo meu rosto para encará-lo, sentindo raiva. — Tudo bem ter sido um idiota comigo todo esse tempo, mas eu confiei em você, droga! — grito, com as lágrimas descendo sem permissão.

— Eu não pedi que fizesse isso — fala com um tom frio e os olhos distantes, e sinto uma vontade insana de matá-lo e, em seguida, de morrer.

— VOCÊ É UM BABACA! — explodo. — Então eu não passei mesmo de uma bonequinha para você, não é? Foi tudo mentira? Como foi me olhar todos os dias, sabendo que estava me enganando? Foi engraçado? Foi satisfatório ter uma marionete pra brincar de casinha?

Ele fecha os punhos com força, mas continua calado, enquanto meu peito sobe e desce freneticamente.

— Filha... — Meu pai quebra a tensão, e agora me viro para ele.

— Eu te odeio! Você disse que confiava em mim! Você mentiu de modo mais horrível do que ele! — falo com ódio.

Ouçõ o movimento da minha mãe descendo as escadas com minhas irmãs e Luci atrás, e me viro para ela.

— Você também sabia disso? Sabia que esse tempo todo tinha um louco fingindo me proteger?

— O-o quê? Não! Eu nunca faria isso. — Sei que suas palavras são sinceras, mas no momento eu só quero sumir.

— Tiana, eu só... — Meu pai tenta se aproximar, mas me afasto.

— Eu nunca vou te perdoar. Eu odeio todos vocês! — rosno, olhando para meu avô, para o tio Caion, meu pai e, por último, para *ele*.

Para o desgraçado que nunca deveria ter permitido conhecer o meu coração.

Viro para a minha mãe e vejo a preocupação em seu rosto.

— Me tire daqui! — peço a ela, que lança um olhar reprovador para o meu pai.

— Meninas, subam para o quarto, agora! — ela ordena às gêmeas e à Luci, antes de me guiar até a porta e me levar até o seu carro.

— Para onde você quer ir, meu amor? — pergunta gentilmente.

— Eu queria ir para Marte... para a Lua, mas qualquer lugar serve nesse momento — digo, limpando meus olhos, cabisbaixa, sentindo o olhar preocupado da minha mãe sobre mim, enquanto ela começa a dirigir.

Eu me sinto enganada, traída e idiota. Como pude me apaixonar por aquele desgraçado odioso?

*Malditas borboletas!*

Eu deveria ter comido todas elas, mastigado até não sobrar nem sequer uma asa.



## Capítulo 33



Seus olhos... Ao ver aqueles olhos tristes e desapontados, saindo daquela sala, meu coração doeu. Contudo, eu não podia simplesmente dizer que não havia planejado me envolver com ela, sua família estava toda ali, e não podia jogar tudo para o ar agora que a situação está pior do que pensei. Mas um soco no rosto me traz de volta à realidade, e me afasto um pouco, vendo Calebe Walton me olhar com ódio.

— Agora, vai me explicar por que caralhos me enviou a ficha de uma pessoa totalmente falsa! Eu pedi alguém que ela nunca desconfiasse, mas não estava falando da porra de um assassino! Então, faça o favor de me contar que merda está acontecendo, se ainda quiser continuar sendo meu pai! — Calebe grita para Leonel, ainda me olhando como se quisesse me matar.

O homem um pouco mais velho que Calebe, que está sentado no sofá, solta uma risada.

— Se eu ouvir você rindo de novo, vou esquecer que você é padrinho dos meus filhos! — Calebe fala, irritado.

— Foi mal, primo, eu me sinto em uma novela turca — diz, tentando conter o riso.

— Eu não sou um assassino, senhor Walton — declaro, cansado de tudo isso.

— Eu não te perguntei nada! — o homem rebate, olhando para mim. — Eu vou matar você se tiver tocado em um fio de cabelo da minha filha!

Irritado e querendo ser castigado, limpo o sangue no canto da minha boca e lanço um sorriso pra ele.

— E se eu tiver tocado em mais do que isso? — provoco, e seus olhos quase saltam para fora. Outro soco atinge meu rosto.

— DESGRAÇADO! — ele berra.

*Eu preciso de mais, eu mereço mais.*

— Não fique triste, papai Walton. Ela adorou cada segundo, como ela me deixava tocar...

Outro soco, e meu rosto vira para o lado. *Porra, esse doeu!*

— Cala a porra dessa boca!

— Chega! — Leonel pede com firmeza.

— Se não quiser adiantar sua morte, é melhor manter essa maldita boca fechada! — Calebe rosna, apontando o dedo para o meu rosto.

Eu decido não dizer mais nada. Não era pra ter sido assim. Não era para eles terem descoberto. Eu planejava fazer o trabalho para Leonel e ele me daria o que eu queria. Depois eu iria embora e seguiria minha vida, longe dos dois. Mas não estava nos meus planos deixar que minhas emoções dominassem minha mente.

Leonel caminha tranquilamente até uma mesa, pega um uísque, colocando em um copo, e lança um olhar para Calebe, que parece odiar a calmaria de seu pai.

— Lembra daquele garoto? — Leonel pergunta. — Aquele que meus capangas viram levando Ana para o banheiro...

— Sim — Calebe o interrompe antes de completar, sua voz transbordando ódio. — O que você fez com ele?

— Eu teria o matado, mas apenas quebrei alguns de seus ossos e pedi ao Caion que desse um sumiço nele.

Leonel toma um gole de sua bebida, enquanto Caion olha para o lado, evitando o olhar do primo.

— Você o matou? — Calebe questiona, incrédulo.

— Você pediu para sumir com ele — Caion se defende.

— Isso significava levá-lo para, sei lá, a cadeia, casa, não matá-lo, cacete!

— É a mesma coisa... — Caion tira algo da unha e tenta conter o riso com o jeito que Calebe o fuzila.

— Eu não sou um assassino! — Calebe diz, baixo, mas não demonstra importância com a morte do garoto.

— Eu sei, primo, mas eu sou. E só fiz o que você realmente queria ter feito.

— A questão não é essa — Leonel intervém. — Não importa que aquele merda esteja morto, mas ele era filho de alguém importante que sabia da obsessão de seu filho por Ana.

— O que tudo isso tem a ver com esse idiota aqui? — Calebe dá um passo à frente, quase explodindo, apontando para mim.

— Ele é meu tio — digo, colocando as mãos nos bolsos. — Eu não sabia nada sobre o garoto, na verdade, nem sabia que ele tinha outro filho — revelo.

Só tomei conhecimento do menino quando fui eu mesmo atrás para saber mais sobre Ana, pois Leonel apenas mencionou que meu tio a desejava. Eu não sabia exatamente o porquê, até que ela mesma me contou o que havia acontecido.

E agora, tudo faz mais sentido.

— Não eram só seus guardas que estavam observando-a, todos esses anos eu também estava a protegendo, até conhecer Jason Herris. Eu já sabia que Ana iria para uma faculdade fora, mesmo antes dela mencionar. Sabia que lá estaria sozinha e vulnerável, e eu precisava de alguém que ela jamais desconfiaria — Leonel explica.

— E por isso contratou um assassino? Porra, pensei que amasse sua neta! — Calebe sorri amargamente.

— Eu já disse que não sou um assassino! — rosno, fechando o punho.

— E eu falei que não quero ouvir sua voz, caralho! — Calebe me encara e não desvia o olhar, aceitando o desafio.

— Parem com isso as duas princesas! — Leonel continua. — Jason não matou ninguém. Julius era um bêbado maluco e frustrado por perder a eleição, e Grace era uma garota que não queria admitir sua paixão secreta pelo próprio irmão.

Meu corpo fica tenso. Embora saiba de tudo isso desde que saí da prisão, é estranho ouvir alguém falar com tanto conhecimento da minha vida.

— Matteu Velard. — Leonel olha para mim, e meu maxilar se contrai automaticamente apenas com a menção do maldito nome daquele indivíduo. — O irmão que era apaixonado por Grace, que fazia de tudo para tê-la por perto, até fingir ser padrinho de seu próprio filho.

— Chega! — peço, não querendo ouvir mais nada, mas ele continua:

— Mas ele te odiava, porque foi por sua causa que ela se afastou dele. Devido a você, ela precisou fugir dele para recomeçar uma nova vida, antes que as pessoas comessem a julgá-la.

— Por favor, pare! — Sinto minha garganta seca, e tenho a imensa vontade de sair daqui.

— Eu quis unir o útil ao agradável. — Dá um passo em minha direção. — Você cuidava de Ana por um tempo e eu daria Matteu a você, para que pudesse se vingar dele. Mas... — Fica a centímetros de mim. — Mas você também está trabalhando para ele, não é? Tentou enganar nós dois ao mesmo tempo!

Minha respiração enfraquece, e apesar do desejo de me afastar, mantenho-me firme.

— O que você disse a ele? — Fico em silêncio, e Leonel agarra a gola da minha camisa. — O que prometeu a ele, porra?!

— Disse que daria Ana a ele se limpasse meu nome, apagasse todo o meu histórico na prisão. Eu disse a ele que teria que me dar um tempo e que no final desta semana a levaria até ele.

Leonel sorri e me solta.

— E então você o mataria...

Confirmo com ódio. Tudo estava planejado em minha mente. Eu protegeria Ana, mas ao mesmo tempo a usaria como isca para me levar até Matteu. Eu não sabia se Leonel cumpriria sua parte na promessa, eu mal o conhecia.

*Estou em minha casa, já passaram três semanas desde que saí da prisão, e ainda não sei quem conseguiu me tirar de lá. Já tinha ido para casa e encontrado Carla. No começo, foi difícil para Luci se adaptar a mim, afinal, ela mal me conhecia. No entanto, fiz o máximo para estar presente e ser um bom irmão.*

*Em um dia qualquer, alguém bate à minha porta. Peço para Carla levar Luci para cima e, com uma faca escondida, abro a porta. É quando me deparo com um senhor alto de poucos cabelos brancos, vestindo um terno azul-claro e com uma expressão séria.*

*Naquele dia, conheci Leonel Walton, o homem que me tirou da prisão e que parecia me conhecer de uma forma intimidante. Fizemos um acordo e ele me entregou uma pasta com diplomas falsos de escolas que supostamente eu havia concluído, além do pagamento de uma bolsa de estudos em uma faculdade em São Francisco. Junto a isso, havia um celular, e ele disse que me mandaria mensagens caso precisasse de algo. De certa forma, Leonel acreditava em mim, e, naquele momento, eu tinha uma oportunidade de me vingar da pessoa que arruinou completamente minha vida.*

— Sozinho? — Leonel arqueia a sobrancelha, tirando-me dos meus pensamentos. — Que plano de merda!

— Você iria usar minha filha como isca? — Calebe avança novamente, pronto para me

agredir, mas Leonel entra em sua frente.

— Eu jamais permitiria que ele a machucasse... Isso foi antes... Antes de... — tento explicar.

— Antes? — Leonel continua, levantando agora as duas sobrancelhas, e começo a entender por que Calebe parece detestar esse ar de arrogância e ironia dele.

— Antes de ter me apaixonado por ela... — admito quando os dois se afastam.

— Porra, eu não acredito que ele disse mesmo isso! — Caion comenta, calmo, enquanto Calebe coloca uma mão na cintura e a outra na cabeça, como se estivesse tentando se controlar. — Isso é melhor que novela turca, minha mulher adoraria isso aqui.

— Caion, eu vou te matar e depois matar esse desgraçado! — Calebe diz, mas o primo continua rindo.

— Ninguém vai matar ninguém! — Leonel me encara. — Você sabe que ele não confia em você, por isso enviou alguém para Alcatraz para buscar Ana, uma vez que você não fez isso.

— O homem do bar... — sussurro, lembrando da mensagem de Leonel que recebi antes. Matteu também estava me enganando. — Filho da puta!

Com certeza, ele deve ter mandado furar os pneus do ônibus.

— Bem, ele acreditando ou não, você vai continuar dizendo que levará Ana até ele, e vamos acabar logo com essa porra.

— Nem ferrando, não quero ele perto nem um milímetro sequer dela! — Calebe começa a rosnar novamente.

— Isso não será um problema, senhor Walton. — Coloco as mãos de volta nos bolsos. — Com certeza, ela não vai querer me ver nunca mais depois de hoje.

Doeu ver aqueles olhos cheios de ódio direcionados a mim. Eu sabia que ela me odiaria, mas por que dói tanto?

— Ótimo, se isso acontecer, não vou medir forças para acabar com a sua vida! Agora, faça o favor de sumir da minha casa!

— Sua casa nem é aqui, primo, tecnicamente...

— Cale a boca, Caion! — Calebe pede ao primo, que não perde a oportunidade de provocá-lo.

— Vou buscar Luci — digo, saindo, mas Leonel me chama.

— Herris! — Me viro, e ele joga algo que apanho no reflexo, outro celular. — Mantenha-se por perto!

Aceno, guardando o celular no bolso. Eu não sou idiota, sei que, assim como o anterior, este também tem um rastreador. Por isso, eu tinha outro de reserva, para quando precisasse andar por aí ou levar Ana em algum lugar, como naquela boate.

Bem, Leonel me pediu para proteger Ana de Matteu, mas não havia nenhuma cláusula que dissesse para protegê-la de mim...



Estou deitado ao lado de Luci, enquanto ela dorme abraçada ao seu unicórnio. Ela insistiu que eu ficasse aqui, alegando estar com saudades, mas eu sei que, na verdade, está com medo de que eu a deixe novamente.

Com cuidado para não acordá-la, me levanto, dou um beijo em sua testa e caminho até o meu quarto. Eu tinha vindo para cá pra conversar com Carla, e ela me contou que não havia tantos paparazzi me seguindo, então deduzi que Leonel havia levado Luci para ficar com eles como forma de me chantagear. Estou começando a perceber o quão perigoso ele é.

Sento-me na beirada da cama e pego minha jaqueta, enfiando a mão no bolso esquerdo e puxando um fone branco que eu havia colocado ali quando Ana saiu do ônibus quase correndo. Seguro-o entre meus dedos, lembrando de todos os malditos dias naquela ilha, todas as vezes que ela se entregou para mim, gemendo meu nome enquanto nos beijávamos de forma apaixonante.

Aperto o fone com força na mão.

— Eu não deveria ter deixado que você entrasse em minha mente... Eu deveria ter resistido a você, ter ficado longe... Mas veja só, você não está apenas na minha mente, agora você domina todo a porra do meu corpo...

Coloco o fone na mesa ao lado e deito, olhando para o teto.

Não vou conseguir ficar longe dela, mesmo que o pai dela tenha me ameaçado. Simplesmente quero vê-la novamente, mesmo que seja para ouvir que me matará ou que me odiará até o fim do mundo. Eu ouvirei tudo isso com um sorriso no rosto.

É isso, talvez eu não queira ficar longe...

*E talvez eu não fique.*

*Não quero te perder, bonequinha.*

## Capítulo 34

*Tiana Walton*

Estou sentada à beira de uma das praias em São Francisco. As ondas estão suavemente banhando meus pés, e sinto a água fresca e salgada tocar minha pele. O barulho suave das ondas quebrando na areia se mistura com o som distante de pássaros que voam pelo céu. Eu continuo encarando as ondas indo e vindo, sentindo a brisa secar meus cabelos.

— Filha, eu sei que está magoada... Eu não sabia que seu pai tinha mandado alguém atrás de você, no entanto, sei o que aconteceu seis anos atrás... — Ao meu lado, minha mãe olha para mim calmamente, mas com o olhar triste.

— Desde quando vocês sabem? — pergunto sem encará-la. — Sobre o que aconteceu na escola?

— Seu pai só me contou meses depois... Um dos seguranças do seu avô estava de guarda naquele dia na escola e viu você saindo chorando do banheiro... Havia uma câmera... — ela diz com dor na voz, e me viro para encará-la, vendo seus olhos marejados. — Por que não me contou? Por que não contou para ninguém?

Respiro fundo, puxo os joelhos para cima e os abraço.

— Eu fiquei com vergonha... Não consegui falar. Eu não queria mais uma penca de gente atrás de mim... Por isso quis aprender a lutar, mas agora não faz sentido vocês não deixarem, mesmo sabendo o que aconteceu... — digo com um toque de raiva.

— Oh, filha, só não queríamos que você se machucasse... — Ela estende a mão para passar na minha cabeça, mas me afasto do seu toque.

— Parece que não deu muito certo. — Dou um sorriso amargo, lembrando dos últimos acontecimentos.

— Só não nos odeie... — Minha mãe agora olha para o horizonte, pensativa. — Eu só vi seu pai chorar duas vezes em toda a minha vida. — Ela faz uma pausa, como se lembrasse de algo ruim. — Uma delas foi quando ele disse que me amava pela primeira vez... E a outra foi quando a universidade nos ligou assim que chegamos ao Brasil...

Engulo em seco com a imagem deles recebendo a notícia que eu havia desaparecido.

— Ele ficava frustrado a cada dia sem ter notícias suas. Quando não chegavam com informações sobre você, ele quase destruía a casa... Pode achar que ele é um monstro por ser superprotetor, mas nunca diga que ele não faz isso porque te ama demais e tem medo de te perder, porque isso seria uma mentira.

— Eu só não quero me sentir uma inútil outra vez. — Coloco as mãos no meu rosto, não conseguindo mais controlar as lágrimas.

— Ei, você nunca será inútil! Olha tudo o que você passou sozinha. Você é tudo, menos inútil. — Ela me abraça forte, e começo a sentir pequenas gotas em minha cabeça.

Minha mãe se levanta e me oferece as mãos.

— Vamos, vai chover, não queremos pegar um resfriado, não é?

Olho para os meus pés mais uma vez e, em seguida, me levanto e seguro sua mão, deixando-a me conduzir de volta para o carro.



Ao retornamos à cobertura que o vovô tinha alugado aqui em São Francisco, não há mais sinal do meu pai ou de Jason por ali. Eu não fico para verificar, apenas subo para o quarto e tranco a porta, encostando-me nela por um momento.

Observo a janela um pouco aberta e vou até lá para fechá-la, segurando as cortinas com minhas mãos, uma de cada lado. Antes de fechá-las, dou uma olhada na chuva, que agora cai densamente pelo telhado, e meu peito falha as batidas.

— *Baby, você é como um raio em uma garrafa. Eu não posso deixar você ir agora que a tenho.*

— *Então não me deixe ir... Fique comigo — sopro perto de seus lábios.*

— *Acho que preciso ter certeza que você é mesmo real.*

Fecho rapidamente as cortinas, recusando-me a pensar nele assim.

Ainda estou confusa com muitas coisas, tentando entender por que ele me tratava tão mal no começo, mesmo sendo pago para cuidar de mim. Ou ele realmente é só um sociopata de merda que queria uma distração? Ele poderia muito bem ter mentido que estava me tratando bem para meu pai e meu avô...

Bufo de frustração, jogando-me na cama. Que se dane! Já não me importo mais; vou conseguir esquecê-lo rapidamente. Agora posso voltar a odiá-lo sem me sentir mal.

Que se dane se perdi minha virgindade com ele, ou que provavelmente nunca vou me sentir assim com mais ninguém! Que se dane!

Viro-me de bruços na cama, tentando enxugar os olhos, colocando culpa na TPM por estar me sentindo tão mal.

Ouçoo duas batidas na porta e, sabendo quem é, ignoro. Mas as batidas continuam.

— Vai embora! Eu não quero te ver! — grito, atirando o travesseiro na porta.

— Ana... filha... Eu só quero conversar. — A voz suave do meu pai ecoa no corredor.

— Mas eu não quero! Só me deixe em paz!

— Sinto muito, filha... — diz com tristeza, e por um momento meu coração aperta, fazendo-me sentir uma filha malvada.

Levanto e vou até a porta, mas quando a abro, ele já não está mais ali.

Fico encarando o corredor por alguns segundos, antes de retornar ao quarto e me jogar novamente na cama, abraçando meu travesseiro e deixando as lágrimas irem embora, como se, de alguma forma, elas levassem consigo aquele sentimento doloroso.



## UMA SEMANA DEPOIS

— Tem certeza disso? — Vick pergunta, olhando pela janela. — Ainda há alguns jornalistas lá fora.

— Sim, não vou ficar trancada em casa só porque o papai quer — declaro, terminando de fechar minha mala. — Já perdi duas semanas na faculdade, tenho que correr atrás do prejuízo. — Caminho até meu guarda-roupa e desta vez pego um dos meus moletons.

— Alguma notícia dele? — Vick indaga, ainda observando o movimento pela janela.

Finjo que essa pergunta não causa uma certa pontada no coração.

— Por que eu iria querer saber notícias dele? — Calço meus tênis brancos e coloco meus brincos de argola.

— Não sei, ele foi seu guarda-costas por meses... Será que ele vai continuar por perto?

Encaro meu reflexo no espelho, enquanto tento disfarçar as olheiras com corretivo.

— Papai, com certeza, não vai permitir que isso aconteça; sabemos que ele não aprovou a escolha peculiar do vovô — Luna diz, sentando na minha cama e colocando o travesseiro em seu colo.

Respiro fundo, terminando de passar meu gloss e desejando que as duas saiam daqui, ou que parem de falar incessantemente sobre aquele idiota.

— Assim espero — respondo.

A última coisa que eu preciso é vê-lo novamente.

Quando mamãe me contou que o tio de Jason era o pai do garoto do banheiro, tudo fez mais sentido. No final das contas, eu não passava de uma isca para ele.

Ao me levar para aquela boate, seu único objetivo era obter uma vantagem para me chantagear e manipular. Ele sabia que eu não queria problemas com meus pais, e, na verdade, sempre soube o motivo que me levou a me distanciar deles. Com aquele vídeo seria mais fácil eu fazer o que ele quisesse, sem que meu avô ou meu pai desconfiassem... Jason sabia que eu não contaria.

Encaro minas irmãs, que direcionam um olhar de pena para mim, e me sinto derrotada. Decido não dizer mais nada, já chorei mais do que deveria.

Ainda não voltei a falar com meu pai ou meu avô. Posso estar sendo cruel, mas a única pessoa que foi enganada durante todo esse tempo fui eu.

Luna e Vick me ajudam a descer as malas, e Leo me recebe na sala com um sorriso.

— Eu preferia ficar em casa do que voltar a estudar — comenta, mordendo uma maçã.

— Por isso suas notas estão tão ruins, Leo — brinco, embora isso seja uma mentira. O garoto é muito inteligente, até mais do que nós três juntas.

Minha mãe chega com meu pai atrás, que encosta na parede com os braços cruzados, nos



observando.

— Tem certeza disso? Não quer esperar mais uma semana? — mamãe tenta me convencer a ficar.

— Não, estou bem. Não vejo motivo para ficar em casa.

Já havia conversado sobre isso com ela, e ela discutiu com meu pai, que concordou em deixar eu voltar com uma única condição.

— Eu vou te levar. — Meu pai pega minhas malas e segue em direção à porta.

— Vamos ficar aqui até o final do mês, então espero sua visita todos os dias —mamãe diz, me dando um beijo rápido antes de me levar até a porta. — Dê uma chance a ele... Ele não está lidando bem com o gelo que você está dando nele.

Retribuo o beijo dela e aceno para meus irmãos. Vejo o carro preto de Rullios ali, pronto para nos seguir, e inspiro fundo. Dou a volta e entro no carro do meu pai.



— Você sabe que eu te amo, não sabe? — meu pai diz quando estou abrindo a porta.

Paro por um momento e me viro para ele.

— Pode me odiar para sempre, mas tudo o que fiz foi porque me preocupo com você, filha.

— Está tudo bem, pai. Já passou.

— Não, sei que não está chateada apenas por isso. O garoto... Você gostava dele?

Olho para fora do carro, vendo vários alunos indo e vindo.

— E isso importa agora? — questiono em voz baixa.

— Ana...

— Melhor eu ir. — Saio do carro, mas antes de fechar a porta, acrescento: — Eu também te amo, papai.

Não olho para trás, mas sei que ele sorri, pois grita pela janela:

— Boa aula, minha futura advogada!

Balanço a cabeça com um sorrisinho bobo, vendo o homem negro alto e careca de terno preto me acompanhar até meu antigo dormitório com minhas malas na mão.

A condição imposta era essa. Eu voltaria para a faculdade, mas Rullios ficará por perto. Tentei negociar, mas estava cansada de discutir. Rullios é legal, mas eu não quero que ele me siga como uma sombra o tempo todo. Tudo bem, é para minha segurança, mas isso é uma droga.

Ignoro as pessoas que olham com curiosidade para mim e para o cara ao meu lado, e caminho sem encarar ninguém até meu dormitório

— Tudo bem, eu me viro daqui. Obrigada, Rullios — digo, pegando as malas da mão dele, que reluta, segurando com mais firmeza, mas puxo com mais ímpeto. — Pensei que fosse meu amigo! Me dê as malas, caramba!

— Senhorita, posso levá-las para o quarto para você. — Ele não cede.

— Ah, eu sei que pode! Mas não sou inválida, então faça o favor de soltar! — falo, e ele finalmente solta, fazendo com que eu bata na porta com força, abraçando a mala.

— Desculpe, você pediu para soltar. A senhorita está bem? — pergunta, realmente preocupado, e respiro com calma, soprando uma mecha de cabelo que caiu na minha testa.

— Estou ótima! — resmungo, tentando não parecer irritada, enquanto entro no quarto e fecho a porta de uma vez. — Pelo menos ele pede desculpas — murmuro, jogando a mala de qualquer jeito no chão.

Coloco a mão na cintura e observo o quarto. Não está muito diferente do que eu me lembrava, mas algo chama minha atenção: a mochila que levei para Alcatraz está em cima da cama.

Por que Erick a deixou aqui em vez de entregá-la à direção?

Me aproximo e abro a mochila, encontrando todas as minhas coisas ali: o casaco, meu antigo celular e um dos fones jogados lá dentro. Pego o fone nas mãos e sorrio, lembrando da cara de Jason enquanto ouvia K-pop.

*Por que tudo me faz lembrar dele?*

Isso é ridículo, e fico séria, jogando o fone longe, quando o barulho de alguém gritando lá fora me chama a atenção.

A porta se abre repentinamente, e me viro para a loira bonita que entra com seu uniforme de líder de torcida, que me encara com uma expressão confusa.

— Oi — digo, dando um sorriso sem graça.

— Então você está mesmo viva — Vanessa comenta, cruzando os braços e me analisando.

— Espero que isso não seja um problema para você — provoco, arqueando uma sobrancelha.

Ela me surpreende ao dar um sorriso torto, fechar a porta e caminhar até sua cama.

— Não sou tão cruel assim, sou? — Ela senta na cama.

— Se eu disser que sim, vai enfiar minha cara na privada?

— Não estragaria minhas unhas fazendo algo tão nojento assim. — Ela olha para as longas unhas pintadas de vermelho.

— Claro que não — ironizo, me sentindo um pouco melhor.

Vanessa permanece em silêncio por um momento e, de repente, tira uma fotografia de baixo do travesseiro. Ela a olha com um olhar meio triste e me entrega. Confusa, pego a foto e vejo a imagem de um garotinho com incríveis olhos azuis e o mesmo tom de cabelo dela.

— Este é o Miguel, ele tem quatro anos — fala, levando uma mecha de cabelo para trás da orelha. — Eu era a sexta filha de uma doméstica que se encantava por pouco. Tinha apenas dezesseis anos quando o filho do patrão da minha mãe me seduziu. Ele era tão bonito, tão atencioso, me dava presentes caros, até dinheiro, e eu amava tudo aquilo... Mas tudo isso teve um preço, ceder algo que nunca dei a ninguém, na porra do banco de trás do carro dele — suspira, dando um sorriso melancólico. — Que romântico, não é?

— Meu Deus, Vanessa... — digo, desejando me aproximar, mas não quero ser invasiva,

já que ela está confiando em mim.

— É incrível o que fazemos quando estamos apaixonadas e cegas por algo que nunca será possível.

— Eu que o diga... — balbucio, passando a mão em meu joelho.

— Acontece que eu fiquei grávida. Para piorar, minha mãe me mandou embora, e ele... Ele disse que fiz aquilo apenas para arrancar seu dinheiro. Eu era ambiciosa, mas jamais faria isso, jamais envolveria uma criança nisso, sendo eu mesma outra criança. — Seus olhos ficam marejados. — Mas eu cuidei dele, trabalhei duro, fiz um supletivo. Os professores não se importavam quando eu o levava; eles até me ajudaram a concluir meus estudos mais rápido... No entanto, quando Miguel fez um ano, o pai dele veio atrás, querendo a guarda, alegando que eu não tinha condições de cuidar de uma criança, sendo ainda menor de idade e sem uma profissão... Faltava apenas oito meses para eu fazer a porra dos dezoito anos!

— Que filho da puta! — esbravejo, indignada.

— Fernando era rico e tinha boas influências... Ele levou meu menino de mim e praticamente me obrigou a deixar o México...

— Eu sinto muito... — Sem hesitar, vou até ela. Abaixo em sua frente e seguro suas mãos.

— Mas vou conseguir tirá-lo dele, estou estudando para isso. Consegui essa bolsa, o que foi muito importante, e não vou desistir. Daqui a dois anos, retornarei para lá e terei meu *pequeno*<sup>[14]</sup> de volta em meus braços, nem que eu tenha que *matar* aquele desgraçado! — Ela limpa as lágrimas, e agora vejo a garota determinada e confiante de sempre.

— Obrigada por me contar — digo a ela, que se afasta rapidamente de mim, mas não me importo, é só o jeito dela de se blindar das pessoas.

— Desculpa por ter sido ridícula com você, eu só...

— Não gosta de pessoas como Fernando... — concluo por ela, entendendo por que me detestava tanto.

— Você é diferente — ela diz, tirando os tênis e colocando uma rasteirinha.

— Vou levar isso como um elogio. — Dou um sorriso.

— Mas me diga, por que tem um armário de quase três metros de altura parado no corredor? — Ela muda de assunto, vestindo uma camisa branca de gola alta.

— Rullios é legal, desde que você não o deixe pegar suas malas — falo, fazendo uma careta, e Vanessa me encara confusa. — É só ignorá-lo... Juro que vou dar um jeito de me livrar dele.

Inspiro, um pouco envergonhada por estar parecendo a filha do Barack Obama<sup>[15]</sup>, o que é ridículo. Odeio isso com todas as minhas forças.

Vanessa prende o cabelo em um rabo de cavalo e volta para a porta, olhando para Rullios do outro lado do corredor.

— Deixe ele, Rullios até é bonitinho. — Ela pisca para ele. O mesmo solta uma tosse nervosa, e dou um sorriso. — É bom te ter de volta, garota estranha — diz antes de sair pelo corredor.

Ok, isso foi bizarramente bom... Somos quase amigas agora, não é?

Levanto, pego meu celular e o livro que havia roubado algumas semanas atrás. Talvez seja hora de devolvê-lo.

## Capítulo 35

*Tiana Walton*

Empurro meus novos óculos sobre o nariz. Preciso me acostumar com as lentes e deixar os óculos de lado por um tempo.

Entro na grande biblioteca, abraçando o livro, mas antes de devolvê-lo, decido relê-lo, pela milésima vez. Procuro uma das mesas vazias, escondida atrás de uma das grandes prateleiras de livros, onde não há ninguém, e me sento tranquilamente. Começo a ler. No entanto, mesmo querendo focar na leitura, minha mente voa para longe, a mágoa ainda rondando meu coração, e só queria que essa merda passasse logo.

— *Tudo bem ter sido um idiota comigo todo esse tempo, mas eu confiei em você, droga!*  
— *grito, com as lágrimas descendo sem permissão.*

— *Eu não pedi que fizesse isso.*

Esmago o livro com minhas mãos, sentindo a raiva me tomar. Jason realmente não pediu. Eu confiei nele porque quis, porque conheci uma nova versão bem melhor dele e me apaixonei por ela.

Impaciente, passo a página, esmagando meus lábios com os dentes e batendo o pé no chão.

De repente, um perfume forte, bastante conhecido, se aproxima, e alguém para ao meu lado. Minha respiração começa a falhar apenas com sua proximidade. Instintivamente engulo em seco, sabendo exatamente quem é.

— “Eu não quebrei seu coração, você o quebrou; e ao quebrá-lo, você quebrou o meu”.  
— A voz de Jason citando um trecho do livro me faz arrepiar. Sinto aquela porra de frio na barriga e um nó na garganta.

— “Pessoas honestas não escondem suas ações” — rebato com os dentes cerrados, citando outra frase de *O Morro dos Ventos Uivantes*.

Então, lentamente, viro o olhar na direção dele, que me encara profundamente.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, sentindo ódio e vontade de acertá-lo com o livro na cabeça.

Como esse cretino tem a cara de pau de me aparecer aqui depois de tudo?!

Jason dá a volta na mesa e senta na minha frente. Ele está usando um moletom azul-marinho e jeans, mas um hematoma em seu olho me deixa um tanto incomodada. Ele entrou em uma briga?

— Achei que não fosse proibido um humilde estudante de arquitetura vir à biblioteca estudar — responde com um sorriso provocativo, olhando-me com a cara arrogante de sempre.

Maldito.

— Nós dois sabemos que você não está aqui para estudar, senhor Herris.

— Que isso, bonequinha? Então voltamos à formalidade? — Jason arqueia a sobrancelha.

— Nunca deveríamos ter saído dela, *senhor Herris*, e pare de me chamar assim! — digo com bastante ênfase, não querendo ouvir o apelido ridículo.

Olho para trás e de um lado para o outro.

— Meu avô te mandou de novo, não foi? Só um cão de guarda não era suficiente? — pergunto, alterada.

— Silêncio aí no fundo! — a bibliotecária reclama, mas continuo bufando.

— Eu não estou a trabalho agora, por mais que esse fosse um dos meus hobbies favoritos — diz calmamente, e agindo por impulso, jogo com toda minha força o livro em sua direção, mas ele o segura no ar. — Você deveria treinar essa sua mira, já que é tão horrível.

— E você deveria ir para o inferno e sumir da minha frente! — rosno.

— Façam silêncio ou vou expulsá-los! — a mulher adverte novamente, parecendo irritada, e Jason reprime um sorriso.

O que é tão engraçado?

Jason se inclina sobre a mesa, deixando o livro sobre ela, e como se ele fosse um fogo prestes a me queimar, eu me afasto. Mas não antes dele conseguir puxar meus óculos do meu rosto e colocá-los nos seus, como da primeira vez que nos conhecemos.

— Que droga! Você só deve ser louco, me devolva isso agora! — Fecho os punhos com ódio, tentando não surtar e nem reparar em como o idiota fica bonito com meus óculos.

— Você quer de volta? — Jason se inclina para trás e abaixa um pouco os óculos, deixando-os na ponta do nariz, quando diz baixo em um tom malicioso: — Então vem aqui buscá-los.

Fixo meus olhos nos dele, que não desviam, esperando que eu vá até ele. A tensão no ar é quase palpável, e é claro que eu não irei, posso muito bem comprar outros óculos, *posso conseguir uma fábrica de óculos se eu quiser*.

— Que se dane! — falo, recusando-me a ficar no mesmo ambiente que ele.

Respiro fundo e me levanto de modo rude, passando por ele. No entanto, sinto todo o meu corpo arrepiar quando sua mão agarra minha cintura, me puxando para trás, fazendo-me sentar em seu colo.

— Ah, esse cheiro... — diz entre meus cabelos, e todo o meu corpo trava, comigo incapaz de me mover ao tê-lo envolvendo meu corpo.

— M-me solte, caramba! — peço, baixo, tentando sair de seu agarre.

— Não se mexa assim, bonequinha, você sabe como meu “amiguinho” de baixo fica quando você faz isso — fala rouco perto do meu ouvido, e meu coração martela em meu peito, com minha respiração se intensificando e eu ficando parada.

— O que realmente quer aqui, Herris? — sussurro, com minha garganta seca.

— Eu não quero muita coisa, baby. — Jason afasta meu cabelo do pescoço e enterra os dedos em minha nuca, quase me fazendo engasgar.

As lembranças do que aconteceu naquela maldita ilha, que venho tentando esquecer há

duas semanas, voltam com tudo, apenas com o calor do seu corpo.

— J-Jason, por favor, vai embora! Por que não some e me deixa viver em paz? — sopro, sentindo meus olhos marejados. Odeio sentir isso no meu peito.

Eu preciso sair daqui, mas meu corpo simplesmente não me obedece quando sinto Jason morder minha orelha.

— A pergunta certa seria... Por que eu simplesmente não consigo tirar você da minha cabeça? — Jason admite, e sua mão se move entre minha barriga.

Mordo os lábios, fechando os olhos quando ele encontra o botão do meu jeans e rosna impaciente ao abri-lo de uma vez, e sua mão se enfia ali.

— Eu... Ah... — Solto um gemido baixo quando ele esfrega meu clitóris com o polegar.

— Você pode me odiar, querer me matar e até passar por cima de mim com um caminhão, mas seu corpo ainda vai continuar sendo só meu, bonequinha... Olha como está molhadinha.

A voz dele me embriaga, sentindo-o beijar meu pescoço enquanto me remexo, desejando mais do seu toque. Solto um soluço um pouco alto quando ele introduz um dos dedos em mim, e jogo a cabeça para trás, encostando em seu ombro.

— Shhh... Não faça barulho, ou aquela velha com cara de maracujá vai nos expulsar, baby... — Jason diz, e abro meus olhos de repente, percebendo onde estou e o que estou permitindo que esse imbecil faça.

Tendo consciência da situação, me inclino para frente com toda a força que me resta e impulsiono meu cotovelo para trás, acertando em cheio o peito de Jason, que grunhe e tira as mãos de mim. Mesmo sentindo minha vagina latejar de vontade de continuar aqui, saio de cima dele.

— Mas... que porra você está fazendo? — Jason passa a mão onde eu lhe dei uma cotovelada.

Mantenho uma distância segura dele e tento me controlar para não pegar a cadeira ao lado e jogá-la contra esse cínico de merda.

— Eu só vou falar uma vez: fique longe de mim! Se voltar a me tocar de novo, eu juro por tudo que é mais sagrado na Terra que mando arrancar seus braços! — Me aproximo apenas para puxar meus óculos de seu rosto e volto a me afastar rapidamente, com medo de que ele me agarre de novo. — O que aconteceu naquela ilha, fica naquela ilha. Me esquece!

Não querendo mais que ele me veja tão vulnerável, viro-me para sair daqui.

— Srta. Walton — ele me chama, e morrendo de ódio, paro no caminho e o encaro por cima do ombro, vendo seu sorriso convencido. — Sua calça. Não vai andar por aí com ela aberta, não é mesmo? — Ele coloca o cotovelo sobre a mesa e lentamente leva o dedo que havia enfiado em mim à boca, o chupando. Quase engasgo com a cena.

*Filho da puta miserável!*

Lhe mostro o dedo do meio e volto a andar, sentindo minhas pernas fracas, enquanto com as mãos trêmulas tento fechar o maldito botão, desejando poder me jogar da escada que leva para o refeitório.

Que inferno. O que ele queria aqui? Já não basta ter me feito de idiota?

Respiro fundo, entrando no banheiro para jogar uma água no meu rosto. Meu corpo está pegando fogo, e a sensação latejante no meio das minhas pernas está me enlouquecendo.

*Inferno! Mil vezes inferno!*

Eu deveria tê-lo mandado à merda e não deixado descobrir como seu toque ainda me causa a porra de um frio na barriga.

E daí se ele sabe citar frases do meu livro favorito, ou que tem dedos ágeis maravilhosos... Não!

Ele é o responsável por ter quebrado meu coração em vários pedaços.

Eu tenho que ficar longe dele, Jason Herris não é bom para mim...

Isso é para o meu próprio bem.

Olho para o espelho, vendo minhas bochechas ainda coradas, e decidida a esquecê-lo, digo:

— Isso foi só uma distração... Você vai superar, Ana!

Saio do banheiro e quase tenho um treco com Rullios parado perto do bebedor.

— Você quase me matou do coração! — comento, alterada.

Eu havia esquecido completamente que ele tinha decidido ir comigo até a porta da biblioteca, e eu pedi para esperar, já que só iria devolver o livro e seria rápido.

Será que ele viu Jason entrando na biblioteca? Ele não o deixaria entrar ali comigo, conhecendo-o, não é?

— Desculpa, senhorita — ele pede, e o encaro. Rullios parece mesmo uma porta de tão grande, mas uma porta fofa.

— Não precisa pedir desculpa por isso — respondo, dando-lhe um sorriso amigável. — Vamos, pode ter uma poça de água no corredor, posso querer te usar de ponte — ironizo e passo na frente dele, que continua parado. — Eu estou brincando... Qual é, cadê seu senso de humor?!

Ele continua sério, e eu tento não rir.

— Definitivamente, vou adorar esse semestre — resmungo, revirando os olhos e seguindo de volta para meu dormitório.



## Capítulo 36



*O gosto dela está ainda mais delicioso do que eu lembrava.*

Respiro um pouco, tentando fazer a maldita ereção dolorida passar.

Quando senti a boceta lisinha e molhada de Ana, quase perdi o controle e fodi ela na porra daquela cadeira.

Eu apenas desejava vê-la. Durante todos esses dias, não consegui tirá-la da cabeça, mas não resisti à necessidade de tê-la tão perto quando a vi sentada aqui, sozinha. Aquele perfume parecia a droga de um ímã.

Olho para a mesa e lá está o livro *O Morro dos Ventos Uivantes*. Então foi isso que ela veio buscar na biblioteca naquela noite? Dou um sorriso.

*A garota roubou um livro?*

Pego o exemplar, lembrando que já o li várias vezes. Tinha uma biblioteca na fundação onde passei minha adolescência. O jovem órfão Heathcliff, que tinha um amor proibido pela irmã adotiva... Um amor impossível.

Deixo o livro sobre a mesa e puxo o capuz do moletom sobre a cabeça, preparando-me para sair daqui e ir direto para o chuveiro, tomar um banho de água gelada, pois está difícil até de andar com essa maldita ereção.

Tenho que admitir que entrar aqui foi fácil, com aquele guarda-costas sonso na porta. Foi aquilo que o papai Walton colocou para cuidar da filha?

É melhor eu continuar por perto. Matteu ainda está tentando entrar em contato comigo. Ele sabe que estou o evitando, mas o fato de ter recusado todas as ligações daquele merda só torna tudo mais perigoso.

Eu ainda quero matá-lo. E só Deus sabe o tanto que quero enfiar uma faca em sua cabeça e perfurá-lo todo. No entanto, no momento, tudo o que eu preciso é que Ana me perdoe.



— Cara, que bom que você voltou, o grupo não é o mesmo sem você! — Acabo de acordar quando Jeremias me entrega um cigarro, e devo confessar que quase não senti vontade de fumar enquanto estive confinado na ilha.

No entanto, não recuso e pego da mão dele.

Coloco o cigarro na boca, e Ethan estende um isqueiro para acendê-lo.

— É bom estar de volta. — Dou de ombros, sentando novamente na minha cama no

dormitório.

Ethan parece distante, sentado na cadeira, girando o globo em cima da mesa. Ele ainda não disse nada desde que voltei, e devo admitir que não esperava ele aqui depois de tê-lo confrontado em sua casa.

— Mas me conta, como foi passar uma semana sozinho com aquela garota no meio do nada? Vocês se odeiam... Como vocês estão vivos? Por que ela não aproveitou a chance para te matar? — Jeremias inclina-se para trás em sua cama, sorrindo.

— Eu também não faço ideia — digo, sincero, soprando a fumaça enquanto encaro a parede.

— Espere... — Jeremias fica em pé, seus olhos me analisando de maneira julgadora e desconfiada. — Não! Não acredito que vocês transaram! — ele quase grita, cutucando Ethan. — Você não vai dizer nada?

— Dizer o quê? O pau é dele. Afinal, a garota também não é de se jogar fora — Ethan comenta indiferente, e eu aperto a mandíbula, não gostando desse elogio idiota a ela. — Vou nessa. — Ele se levanta e sai do quarto sem dizer mais nada.

— Qual é o problema dele? — Jeremias pergunta, seguindo-o com o olhar.

— Vou descobrir isso agora. — Trago mais uma vez o cigarro antes de entregá-lo a Jeremias e ir atrás de Ethan.

Ele já está virando o corredor, e lentamente o sigo. Não posso confiar nele, não depois do nosso confronto na casa dele. Percebo que ele está entrando na ala dos dormitórios femininos. O que ele quer ali?

Ethan olha ao redor, para se certificar de que não há ninguém por perto. Quando ele vira a cabeça para trás, rapidamente encosto-me a uma das paredes, para evitar ser visto.

Espero um pouco, e então espreito, vendo-o agora no final do corredor, subindo em direção ao terraço. Olho para verificar se alguém está vindo, e ao ver que a barra está limpa, avanço rapidamente até lá.

Subo os degraus devagar, ouvindo sons abafados de... gemidos?

No último degrau, procuro Ethan com os olhos, vendo-o perto do parapeito... beijando alguém. Semicerro os olhos para poder ver melhor, e, porra!

Aquele... O que diabos...

*Erick.*

*Putá merda!*

O garoto ruivo agarra cada lado do casaco de Ethan e começa a tirá-lo rapidamente, enquanto Ethan segura firme seu pescoço, não desgrudando de sua boca.

*Que porra é essa?*

Balanço a cabeça, e quando um deles começa a tirar as calças, saio rapidamente, antes de ser pego. Desço as escadas um pouco atordoado.

Ethan e Erick?

Dou um sorriso e balanço a cabeça de um lado para o outro.

Quem diria...

Um movimento no outro corredor chama minha atenção; é o corredor do dormitório da Ana. Caminho até lá devagar, mas hesito ao vê-la saindo com a colega de quarto ao lado e o babaca do segurança atrás.

Ana está usando uma jardineira preta com um top de mangas compridas por baixo, e seus cabelos estão bem definidos e no lugar. Tudo o que desejo nesse momento é bagunçá-los, enfiando minhas mãos neles enquanto a beijo forte.

Olho com mais atenção, desejando conversar com ela, mas não posso arriscar com aquele projeto de segurança seguindo-a.

Terei que ser paciente. Independente de tudo, Ana voltará a ser minha, ela querendo ou não.

Que se foda o Leonel, que se foda o pai dela também! Ela é a porra da minha bonequinha e não abrirei mão dela de jeito nenhum!



Acabei de retornar da minha casa, já que agora vou visitar Luci todos os dias. Contratei alguns seguranças, especialmente depois que Leonel a levou. Eu preciso ficar em alerta. Matteu não pode descobrir o paradeiro dela. Na cabeça dele, ela está em um orfanato em outro país.

Em um dos meus pedidos no dia do meu julgamento, disse que queria ver Carla, que mesmo receosa veio até mim.

Então eu propus que se ela cuidasse da minha irmã sem contar a ninguém, eu lhe daria uma das casas do meu pai, e que ela não precisaria mais se preocupar com nada quando eu saísse da cadeia. Eu acreditava que um dia sairia, mesmo que parecesse impossível, mesmo com Matteu tendo subornado os policiais. Eu sabia que era ele quem mandava me colocar na solitária sempre que havia uma briga ou rebelião dos presos. Ele não queria que eu morresse, apenas queria me castigar por algo que na cabeça dele era minha culpa.

— E aí, cara? — Jeremias se aproxima com seu almoço e senta no banco.

Enquanto isso, continuo sentado na mesa do refeitório, brincando com meu novo cubo mágico, com um olhar de raiva direcionado para a mesa do fundo.

Não respondo a Jeremias, e ele segue meu olhar, vendo para onde estou olhando.

— Parece que ela está se divertindo sem você — comenta, e eu cerro os dentes, girando o cubo ainda mais rápido.

Ana está ao lado de Erick e de sua colega de quarto, mas o que realmente me incomoda é ver Brad, o capitão do time de basquete, ao lado dela, girando a bola em sua mão enquanto fala algo. Ela sorri de maneira exagerada para ele.

*Desgraçada!*

Passaram-se três longos malditos dias nos quais eu tentei me aproximar dela, mas sempre que não estava com aquele idiota metido a MIB<sup>[16]</sup>, Ana estava cercada por seus novos amigos. Quando me via, ela fingia que eu era invisível, e isso estava começando a me irritar profundamente.

Ana solta uma gargalhada quase alta quando o desgraçado finge jogar a bola nela e a

segura antes. Ela se vira na minha direção e nossos olhares se encontram. Pisca algumas vezes, tentando não parecer desconfortável, mas em vez de ficar séria, me lança um sorrisinho provocativo e morde os lábios antes de voltar a olhar aquele imbecil, que se aproxima, tirando algo da manga do moletom dela.

Meus músculos se contraem quando o vejo tocá-la. Começo a me levantar, pronto para levar a sério minha fama de assassino, quando sinto Jeremias segurar meu braço.

— Senta esse rabo aí de novo! Não vale a pena brigar por isso! — Jeremias fala, observando-me rosar baixinho.

Brad abraça Vanessa pelo ombro, e a garota loira diz algo para Ana antes de saírem do refeitório com Brad e sua turma de líderes de torcida.

— O que está acontecendo aqui? — Ethan se aproxima ao lado de Nic, também olhando para a mesa de Ana e Erick.

— Não é nada, só um contratempo — Jeremias responde por mim. Vejo Ethan olhar discretamente para Erick, antes de se sentar ao lado de Nic. — E então, Nicole, a festa na sua casa está confirmada para esta noite?

— Sim, quero todos vocês lá... Até você, Jason. Convidei quase todos da universidade — fala, olhando para a mesa de Ana, que fica visivelmente irritada com todos a observando, e muda de lugar, virando as costas para nós.

— Será que ela vai? — Ethan indaga.

— Agora ela é amiguinha da gostosa da Vanessa... Bem, pode ser que sim — Jeremias comenta.

— Acho um pouco improvável com aquele cara a seguindo até quando a coitada vai ao banheiro. — Ethan observa o homem do outro lado do refeitório. — Eu não vou poder ir, tenho um compromisso — completa, e eu sei qual será esse compromisso apenas ao vê-lo olhar novamente para Erick, que dá um sorriso discreto para ele.

— Bem, seria uma boa oportunidade para você ficar a sós com ela, Jason. Você está parecendo um cachorro no cio desde que voltou — Nicole comenta e lhe encaro de mau humor.

Eu não deveria ter revelado a eles o que sinto por ela.

Vejo um sorriso se formar em seu rosto, e ela ergue as mãos, como se estivesse se defendendo:

— Qual é?! Só estou tentando ajudar!

Olho para o idiota de terno preto, entretido com um celular na mão, e depois para Ana, que está conversando animadamente com o ruivo que a deixou sozinha naquele dia.

— Tenho uma ideia — falo, sorrindo, finalmente me afastando da mesa e caminhando para fora do refeitório.



— O que você quer? Não bastou me deixar como uma idiota no quarto? — a garota de bonitos olhos azuis diz, com os braços cruzados, encostada na parede da quadra.

— Todos aqui sabem que você não transa com nenhum cara da faculdade, apenas dá uns beijos e depois continua iludindo-os — falo tranquilamente. — No meu caso, saí antes e não te dei a chance de fazer o mesmo. Está chateada porque machuquei seu ego por não deixar você me dar um pé na bunda? — pergunto com convicção, encarando Vanessa.

Eu nunca tive a intenção de transar com ela de qualquer maneira; ela era apenas uma distração para ficar mais perto de Ana. No entanto, percebi que não dava certo usá-la para me aproximar da Walton, já que Vanessa detestava a colega de quarto.

— O que você quer, Herris?

— Não sei o que aconteceu para você e a Walton virarem amigas. — Coloco um braço ao lado de sua cabeça, e ela engole em seco. — Mas se eu descobrir que está usando-a para alguma brincadeira sem graça, eu acabo com você!

— Qual seu lance com ela? — Vanessa pergunta, e então me afasto dela. Seu perfume exageradamente doce está me deixando enjoado.

— Não é da sua conta, mas preciso de um favor seu.

— E por que eu faria algo por você?

Coloco a mão no bolso, retiro um cheque e entrego a Vanessa, que hesita por um momento, fitando o papel com uma expressão confusa.

— O que é isso? Eu não preciso do seu dinheiro! — Ela parece ofendida, e eu sorrio.

— Você precisa. Eu sei onde você passa os finais de semana. Você não tem família, então sai por aí em busca de trabalho como babá, garçonne ou qualquer coisa que vê pela frente — digo, balançando o cheque diante dela, vendo-a respirar com dificuldade, e por um momento acho que ela vai chorar.

— Como você sabe disso? — questiona em um sopro, e quase rio da sua pergunta.

— Resposta errada. Não se preocupe, seu segredo estará a salvo comigo. Só preciso de um pequeno favor, algo simples. — Vanessa olha para o cheque, e eu sei que não irá recusar. — Há dinheiro suficiente aqui para você não precisar trabalhar por um bom tempo.

Solto um sorriso maior ainda quando ela finalmente pega o cheque e o guarda no decote.

— O que você quer? — pergunta.

— Faça Ana ir para a festa na casa da Nicole — digo, pegando um cigarro e acendendo-o.

Ela pisca, confusa.

— Só isso?

— Além disso, quero que seduza o idiota da segurança dela. Leve-o para jantar, não sei, faça qualquer coisa para tirá-lo do caminho...

Vanessa solta um sorriso malicioso e indaga:

— O que vai fazer com ela?

— A única coisa que você precisa saber é que... — Faço uma pausa dramática, vendo seus olhos cheios de expectativa e curiosidade, quando sussurro: — Não é da sua conta!

Ela bufa, irritada, e passa por mim, quase levando meu ombro junto.

A primeira parte do plano foi concluída, e nunca estive tão ansioso para uma festa como estou agora.

## Capítulo 37

*Jason Herry*

Encaro a casa com tons pastéis à minha frente, onde vários carros já estão estacionados e uma pessoas agitadas espalhadas por todo lado. Ajusto minha jaqueta enquanto caminho em direção à entrada, com as mãos nos bolsos, procurando apenas uma pessoa no meio de tantos rostos.

Jeremias se aproxima de mim, me oferecendo uma bebida.

— Que bom que você veio — fala enquanto eu aceito a bebida, torcendo para que aquele “projeto de loira” tenha cumprido com o combinado.

Começo a beber, sentindo o álcool descer queimando tudo. Ok, eu realmente estava precisando disso.

— Uau, olha só quem veio! — Jeremias exclama, e rapidamente olho em direção à porta, no momento exato em que vejo Ana entrando.

Ela está deslumbrante, em um vestido azul-escuro de uma manga só, justo, que realça ainda mais sua bela silhueta e seus seios fartos. Seu cabelo encontra-se liso, em um rabo de cavalo apertado, e os lábios dela ostentam um batom rosa-claro. Sua maquiagem é elegantemente elaborada, nem muito escura nem muito clara.

*Ela está linda pra caralho.*

Ana está sozinha, parecendo procurar alguém na multidão de pessoas dançando. Seus olhos varrem o ambiente em busca da pessoa que imagino que seja Vanessa. Ana aperta sua bolsa branca forte nas mãos, como se buscasse algum conforto, como se não devesse estar aqui.

É quando nossos olhos se encontram por um breve instante. Meu coração dá um salto, e Ana tem que segurar na escada à sua frente, pois sem querer esbarra em alguém.

Observo-a respirando um pouco com dificuldade. Eu amo como ela reage quando me vê, o que significa que, mesmo que seja lá no fundo, ela não esqueceu o que vivemos naquela ilha.

Ana parece nervosa e desvia os olhos de mim rapidamente, caminhando em direção ao sofá. Ela pega o celular e senta-se lá, fingindo mexer no aparelho. Decido esperar um pouco; preciso que ela se acalme e não comece a me xingar antes da hora.

Continuo observando-a. Na verdade, está sendo um pouco difícil parar de olhá-la. Ela está muito apetitosa, e só a imaginação de tirar aquele maldito vestido me faz sentir um desconforto dentro da minha calça.

Minha atenção é desviada dela quando Nicole passa por mim, claramente irritada, murmurando algumas palavras de frustração.

— Que droga, inferno!!!

— O que ela tem? — Jeremias pergunta ao meu lado, com uma garrafa de cerveja na

mão.

— Não faço ideia. — Dou outro gole na minha bebida, observando Nicole sentar-se de uma vez ao lado de Ana, fazendo a garota levar um pequeno susto.

Ana faz uma pergunta à Nicole de maneira gentil, e Nicole reluta em respondê-la, mas logo olha para Ana, e ambas começam a conversar. Ana olha de relance para mim e desvia rapidamente o olhar, continuando a papear. Ela sussurra algo, segurando o braço de Nic, direcionando seus olhos negros para mim novamente. Nicole sorri para Ana nesse momento, e eu só queria ser a porra daquele sofá agora, para saber sobre o que estão conversando.

E então, de repente, Nicole grita:

— Alguém pode trazer um violão para mim?

Pisco, confuso, quando ela olha para Jeremias.

— Eu? — ele pergunta, e Nicole arqueia a sobrancelha de modo duro. — Certo... Estou indo.

Imediatamente, Jeremias corre até o outro canto do cômodo, onde há vários instrumentos. E por incrível que pareça, tem um violão ali, que ele pega e entrega à Nicole, que o passa para Ana, que o segura um pouco envergonhada.

Esmago o copo em minha mão e me ajeito melhor na parede quando Ana dá a primeira nota para testar as cordas.

O silêncio se espalha pela sala, com todos os olhares fixos nela. Ela fecha os olhos por um momento e começa a cantar suavemente. Depois, os abre e olha intensamente para mim, continuando a cantar:

*“Feeling used  
But I’m still missing you  
And I can’t  
See the end of this  
Just wanna feel your kiss  
Against my lips  
And now all this time  
Is passing by  
But I still can’t seem to tell you why  
It hurts me every time I see you  
how much I need you”<sup>[17]</sup>*

Cada nota que ela toca e cada palavra que ela canta parecem sufocar minha garganta. A porra da música soa como uma mensagem direcionada a mim.

*“Hate you, I love you  
I hate that I love you  
Don’t want to, but I can’t put  
Nobody else above you...”<sup>[18]</sup>*

Com os olhos marejados, Ana finaliza a canção, respirando rapidamente, ainda me



encarando enquanto todos na sala aplaudem.

Observo quando ela deixa o violão de lado e se levanta para sair. Decido segui-la, mas meu celular toca, e vejo que é Leonel. Irritado, observo Ana ir ao banheiro e, relutante, me movo para um dos cômodos mais silenciosos, para atender o maldito telefone.

— *Por que não me surpreende que o segurança da Ana esteja com uma loira em um bar na esquina da universidade?* — Leonel diz ao telefone, de forma calma.

— Rullios parecia cansado, o pobrezinho precisava de um descanso, coitado — respondo com uma pitada de sarcasmo.

— *Não me teste, Herris. Falei para ficar por perto, mas não perto dela!* — Leonel retruca com firmeza.

— Eu só vou conversar com ela, nada mais do que isso.

Há um breve silêncio antes de Leonel falar novamente:

— *Vou te dar um voto de confiança apenas por esta noite, e torça para o pai dela não descobrir o que fez com o segurança, ou serão vocês dois a conhecer os olhos de Deus... Ou do Diabo.*

Suas ameaças não me afetam e, impaciente, estou prestes a desligar, quando Leonel acrescenta:

— *E não esqueça, quero te ver amanhã. Já sei como vamos pegar Matteu.*

Então a ligação é encerrada.

Quando volto para a sala, me deparo com Ana em um canto, conversando com o filho da puta do Brad. Meu sangue ferve em minhas veias quando o vejo passar as mãos novamente em seus ombros, de maneira íntima. Sem pensar duas vezes, avanço até lá, furioso.

Aproximo-me por trás de Ana, e sei que ela sabe que é eu quando agarro sua cintura e a puxo para junto de mim de maneira possessiva.

— Deve ser um assunto muito interessante que está se desenrolando aqui, já que você não consegue manter essas mãos longe do corpo das pessoas, não é, Brad? — questiono com um leve tom de irritação na voz, e Ana quase engasga. Seu corpo fica tão tenso e rígido, que tenho que segurá-la firmemente.

Brad olha para minhas mãos em volta de Ana e depois para a coitada, que parece ter engolido a própria língua.

— A-ah, por que você não me contou que estava junto com... É um...

— Um ex-presidiário? — Arqueio a sobrancelha, concluindo a frase de Brad. — Ela prefere os caras maus, sabe? Os que possam arrancar as mãos de bobos que insistem em tocar o que não é deles. Não é, bonequinha?

O rosto de Brad se transforma, e vejo ele quase adquirir uma nova cor pela minha ameaça.

— Jason, o que pensa que está fazendo? — Ana rosna, tentando se soltar do meu aperto, mas não permito.

— Desculpa aí, cara, eu não sabia que ela era sua garota — Brad diz, colocando as mãos nos bolsos.

— Nunca é tarde para saber, amigo. Agora dê o fora daqui! — falo firmemente, vendo-o sair para outro cômodo. — Imbecil... — murmuro, e o movimento brusco, de um corpo pequeno se afastando, me faz encará-la.

— Qual é a dificuldade de me deixar em paz, caralho?! — Tiana vocifera com os dentes cerrados.

— Aquele idiota queria tudo, menos ser seu amiguinho, e você sabe muito bem disso! — rujo com raiva, conhecendo o tipo daquele desgraçado.

— E daí? Talvez eu também não o quisesse apenas como amigo! — Ana quase grita, atraindo os olhares de algumas pessoas ao nosso redor.

Me aproximo dela, e ela recua até suas costas baterem na parede. Encurralo-a com meu corpo e Ana tenta me afastar novamente, batendo no meu peito, mas seguro suas mãos e rosno baixinho perto de sua boca:

— E daí que você é minha! E eu odeio ver pessoas olhando ou tocando o que é meu!

Ana dá um sorriso amargo e retruca:

— Eu não sou sua e nunca serei!

— Não foi isso que aquela música quis dizer — solto, e ela respira com dificuldade.

Uma tensão paira no ar enquanto nos encaramos de maneira intensa, quando alguém, graças a Deus, coloca uma música.

Rapidamente, a abraço, não querendo soltá-la. Estava com tanta saudade, não aguentava mais ela ficar me evitando.

— O que está fazendo? — Ana sussurra nervosamente.

— Dance comigo, só essa música, que eu juro te deixar em paz esta noite — peço, fazendo minha última tentativa de tê-la perto de mim, nem que seja por apenas dois minutos.

Por um momento, ela hesita, mas, por alguma razão, não se afasta.

— Você promete? — Sua voz ainda é baixa.

— Sim, eu prometo. — Não é exatamente verdade, já que não a deixarei em paz. Mas, foda-se! Ela está cedendo, e tirarei proveito disso.

Sinto suas mãos tímidas me abraçarem de volta e começamos a balançar. Ela se afasta apenas o suficiente para olhar em meu rosto.

— Você sabe dançar? — Ana pergunta, e balanço a cabeça negativamente.

Ela arqueia a sobrancelha e morde os lábios de maneira sexy pra caralho.

Lentamente, Ana pega uma das minhas mãos e a guia para sua cintura, a outra para seu ombro, sem desviar os olhos dos meus, quando a música *Sway – sped up* começa a tocar.

— Apenas me acompanhe — pede, permitindo que a guie do meu jeito, e a tensão no ar é eletrizante quando rodopio Ana na pequena sala, seguindo o ritmo da música.

Mesmo com algumas pessoas nos olhando, parece que só existe eu e ela aqui, como naquele dia debaixo da chuva.

— Foi apenas uma música, Herris — Ana diz de repente, diminuindo o ritmo conforme a música termina, e eu fico confuso por um instante. — A música... que eu cantei...

Ela se afasta, mas seguro seu queixo, forçando-a a olhar nos meus olhos mais uma vez.

— Nós dois sabemos que não foi apenas uma música, Ana.

— Não estou apenas magoada por ter me enganado, mas por ter brincado com meus sentimentos. Me fazer odiá-lo e depois me apaixonar por você foi divertido? Foi? Anda, me responda! — indaga com uma mistura de tristeza e raiva.

— Ana, eu só... Eu só achei que tratando você mal, você nunca desconfiaria que eu era alguém enviado por seu avô. Eu pensava que você nunca descobriria, que depois de concluir minha vingança contra meu tio, eu iria embora para sempre... e nunca mais iríamos nos ver.

— EU NÃO SOU UMA MOEDA DE TROCA, PORRA! — ela grita, furiosa.

— Eu sei, Ana. Eu sei, droga!

— Não, você não sabe. — Ela percebe que estamos tendo plateia e se afasta. — Eu prefiro continuar te odiando...

Ana se vira e se dirige para os fundos da casa, me deixando parado igual um idiota no meio da sala, com todos olhando para mim.

— *Eu iria atrás dela...* — alguém comenta baixinho.

— Eu também — Jeremias fala, e olho para ele de modo assassino, que apenas sorri amigavelmente e acena com a cabeça na direção em que Ana foi.

Respiro fundo e fecho os punhos.

*Foda-se!*

Decidido, começo a andar pelo corredor que leva aos fundos.

— Hrris! — Viro-me para a voz de alguém que me atira algo, e pego no ar, percebendo que é uma camisinha.

Dou um sorriso de agradecimento e corro atrás dela até os fundos.

Ana está caminhando rapidamente, mas a alcanço quando ela encontra-se perto da lavanderia. Não hesito em puxá-la e empurrá-la para dentro. Ela fica claramente surpresa e confusa, piscando algumas vezes ao me ver novamente ali.

— Jason? Mas que drog... — Cubro sua boca com minha mão, pressionando-a contra a máquina de lavar.

— Shhh... A gente briga por isso depois, baby! — falo com firmeza, afastando minhas mãos lentamente de sua boca e não perdendo mais tempo.

Avanço contra seus lábios, roubando-os para mim. Não demora muito para Ana corresponder, e, desesperadamente, a seguro pela cintura, a sento na máquina e entro no meio das suas pernas, beijando-a de modo selvagem e cheio de abstinência. Ela pode continuar me odiando depois disso, mas, agora, irei mostrar toda a minha obsessão por ela.

## Capítulo 38

*Tiana Walton*

### MINUTOS ANTES

Eu não deveria ter vindo para essa droga. Quando Vanessa me chamou para uma festa e prometeu que daria um jeito de se livrar do meu segurança, eu pensei que seria em qualquer lugar, menos na casa de uma das amigas de Jason.

Para piorar, ela não está aqui como prometeu, e ao ver Jason me encarando, tudo o que eu quero é ir embora. Caminho até o sofá e envio uma mensagem para Vanessa.

*“Onde você está?”*

Eu poderia ter mandado uma mensagem para Erick também, se ele não tivesse ido para outro compromisso. Depois de quase implorar desculpas, por ter me deixado sozinha naquele bar, o perdoei, afinal, eu havia pedido para ele ir na frente, e ninguém imaginaria que um maníaco estaria me seguindo.

Sem nenhuma resposta de Vanessa, bloqueio o celular e o coloco na minha pequena bolsa. No entanto, levo um susto com a garota de cabelos coloridos se sentando ao meu lado de maneira rude.

— Está tudo bem? — pergunto, e ela hesita antes de me responder.

— A banda que eu contratei não veio...

— Ah, eu sinto muito! — falo, e só agora ela olha para mim. — Sou a Ana... Bem, você deve me conhecer, não é?

— A garota que dançou com um maluco até Jason aparecer e socar a cara dele. — Ela sorri amigável. — Sou a Nicole.

— Ele fez o quê? — Olho surpresa para ela.

— O cara que te drogou naquela noite na boate... Jason quase acabou com ele e depois te levou de volta para a universidade.

Mordo os lábios, lembrando do remédio e da água na minha penteadeira.

— Então foi ele... — sussurro.

— Já se perguntou como foram parar naquela ilha? — Encaro-a de forma mais intensa. — Ele pode parecer um filho da puta, mas ultimamente vejo que só é alguém que está aprendendo o que de fato é a vida.

Fico calada, digerindo essas revelações, e depois de um tempo lhe dou outro sorriso.

— Bem, Nicole... — Seguro em seu braço e encaro Jason do outro lado, que toma sua bebida enquanto não desvia os olhos de mim. — Me arrume um violão, e eu posso resolver parte do seu problema.

— Você jura? — Assinto, e ela berra para outra pessoa trazer o instrumento.

Em um piscar de olhos, um violão está nas minhas mãos. Eu poderia cantar qualquer música, mas é como se *I hate u, i love u*<sup>[19]</sup> estivesse na ponta da minha língua.

Quando termino, só quero sair daqui. Ainda sentindo os olhos de Jason em mim, pego minha bolsa, levanto e vou em direção ao banheiro, tentando respirar devagar. Eu tentei evitá-lo, tentei esquecê-lo, mas está sendo muito difícil com ele por todo lado, observando-me. É sufocante, e querendo ou não, meu coração ainda o quer.

Ao sair do banheiro, vejo Brad, que acena para que me junte a ele. Vanessa o apresentou a mim dois dias atrás. Ele é engraçado e legal, mas só quero ser sua amiga. O que aconteceu no refeitório foi apenas para provocar o idiota do Jason.

— Você está muito bonita, Ana — diz, galanteador, passando as mãos no meu ombro de maneira maliciosa, e dou um sorriso sem graça.

— Obrigá... — As palavras ficam presas na minha garganta com uma proximidade conhecida, e sei que é Jason antes mesmo dele agarrar minha cintura e dizer aquelas barbaridades para o Brad, que sai daqui quase correndo.

Eu quero gritar e mandar ele me soltar e ir à merda, dizer que eu não quero falar com ele, mas quando ele diz aquelas coisas e me promete que se eu dançar com ele me deixará em paz por essa noite, aceito. Eu preciso dele longe de mim, porque, só assim terei controle sobre os meus sentimentos.

Deixo-o me guiar, mesmo desengonçado. Não posso culpá-lo por não saber dançar. Por um momento, quero esquecer tudo, quero apenas fingir que ele está sendo sincero comigo esse tempo todo. Mas ainda estou magoada e ferida por ter sido enganada, por ele ter mentido, por ter brincado comigo. Isso ainda dói muito.



Vendo que somos o centro da atenção, saio da sala com passos raivosos, xingando o idiota baixinho, quando sinto alguém agarrar meu braço e me empurrar para o cômodo ao lado.

Por um momento, me assusto, até ver que é Jason, e não consigo formar nem uma frase. Deixo minha bolsa cair no chão e percebo que ele já está no meio das minhas pernas, tomando todo o meu ar.

— J-Jason... — Solto um gemido entre seus lábios, perdida em toda a sensação, querendo empurrá-lo, mas meu corpo simplesmente não me obedece.

— Você não sabe como eu estava me controlando para não ir atrás de você e reivindicar o que é meu esse tempo todo! — diz com a voz grave, mordiscando meu queixo, e meu coração começa a martelar forte no meu peito.

— Eu... Eu não sou... — tento falar, mas ele rapidamente abaixa a manga do meu vestido, levando junto o sutiã tomara que caia.



— Você é! Desde o dia em que me deixou tê-la pela primeira vez naquele maldito chão, a declarei minha e só minha!

— Ahhh... — Engasgo com sua boca molhada cobrindo todo meu mamilo e começando a

chupá-lo como se de fato ele fosse um bebê faminto.

— Lindos e meus! — grunhe, me deitando sobre a máquina e subindo lentamente meu vestido.

Sua mão passeia entre minhas coxas e segue até minha calcinha, completamente encharcada.

— Isso aqui... — Ele afasta o fino tecido e introduz dois dedos de uma vez, e eu inclino a cabeça para trás, mordendo meus lábios para abafar um gemido. — Também é meu!

Jason volta a selar nossos lábios de maneira urgente, e involuntariamente prendo-o com minhas pernas.

— Eu preciso... Preciso sentir você! — Jason continua o movimento rápido com os dedos, e eu rapidamente me sento, encarando-o, sentindo meu peito gritar por ar.

Eu poderia simplesmente sair daqui, dizer que não o quero, mas os olhos bonitos me hipnotizam, o seu perfume me envolve de um jeito embriagante, e meu corpo grita por seu contato.

Seguro os dois lados de sua jaqueta e sussurro com a voz cheia de luxúria:

— Prove que se arrepende de tudo, prove que também sente algo por mim... Prove que me deseja, mate-me de prazer... — Jason rosna, me empurrando novamente para trás.

— Eu nunca desejei tanto alguém como desejo você, baby, e vou deixar isso bem claro para você! — Vejo-o rapidamente abrir a calça e pegar uma camisinha do bolso, rasgando-a com os dentes de maneira sexy.

Franzo a testa.

— Onde conseguiu isso? — pergunto, ofegante, observando-o vestir o seu longo pau.

— Ajuda divina — fala com ironia.

— O quê?

— Não importa de onde veio, porra. Só abra mais essas pernas para mim! — Jason puxa minha coxa para sua cintura e afasta novamente minha calcinha para o lado.

— Além de tudo, é grosso! — Abro mais as pernas, deixando-o se acomodar entre elas.

Minha respiração falha e a ansiedade envolve meu corpo, sentindo a cabeça do seu pau em minha entrada molhada.

— Oh, sim, vou te mostrar isso agora mesmo, bonequinha! — Jason inclina-se para a frente, segurando firmemente minha cintura, e desliza para dentro de mim de uma vez.

Gemo alto com a sensação prazerosa de tê-lo novamente ali.

— Oh, porra! Que saudade de você, garota!

Jason agarra minha bunda e me puxa para a beirada, deixando apenas minhas costas na máquina, e começa um movimento de vai e vem rápido e bruto.

— Veja como meu pau desliza perfeitamente dentro dessa boceta apertadinha... Como ela já está pronta para mim! — ele diz, intensificando mais suas estocadas, enquanto tento segurar na própria máquina para não cair.

— Oh... Deus! — choramingo, por ele estar entrando todo em mim, duro e preciso.

Jason sorri, com seus olhos percorrendo o contorno dos meus seios, que oscilam em sintonia com seus movimentos, até seu olhar ardente encontrar o meu.

— Oh, baby, que pecado... Está chamando o nome de Deus enquanto meu pau está dentro de você? — ele provoca.

O som da música mistura-se aos nossos gemidos, e o suor começa a se formar em nossos corpos. Jason se afasta de mim, me tira de cima da máquina e me gira rapidamente, fazendo-me ficar de costas para ele.

Traciono para frente, sentindo um tapa ardido em minha bunda.

— Empina esse rabo gostoso para mim, baby! — Segura meu pescoço com firmeza e me guia para que eu fique de bruços sobre a máquina. — Vamos!

Com minha vagina pulsando e ardendo de tesão, levo meu quadril para trás. Mas, para minha surpresa, Herris segura uma das minhas pernas e a posiciona acima da máquina, mantendo a outra no chão, me deixando mais aberta para ele. Eu tento me equilibrar com um salto só quando ele volta a me penetrar, e mordo meus dedos para conter outro grito.

Jason não tem piedade, e essa posição faz eu senti-lo ainda mais profundamente, me fazendo contorcer embaixo dele.

— Tão gostosa, porra! — Jason geme, com suas palavras acompanhadas do som alto de suas coxas batendo na minha pele.

Lágrimas começam a embaçar meus olhos, e um soluço escapa quando deixo-as caírem, fazendo com que os movimentos dele parem.

— Merda, estou te machucando? — Jason solta meu pescoço, puxando gentilmente o meu rabo de cavalo, virando meu rosto de lado.

— Ana...

— Por favor, não pare... — peço com a voz embaraçada, sentindo seus lábios beijarem minhas costas.

— Eu não quero machucar você...

— Mas eu quero que me machuque, quero lembrar que você esteve aqui. Quero lembrar disso por longos dias, que isso foi real, que o que tivemos foi real... Mesmo que por um breve momento, foi verdadeiro... Então, por favor, não pare! — sussurro, fungando.

Jason hesita por um momento antes de retomar seus movimentos. Seu quadril bate contra minha bunda, enquanto ele me preenche com todo seu pau de uma maneira dolorosamente prazerosa.

— Mais forte! — peço entre lágrimas, segurando a máquina mais firme enquanto Jason faz o seu melhor. — Oh, sim, por favor, eu... Eu...

— Isso, venha junto comigo, baby... — Jason sussurra em meu ouvido com sua voz extremamente rouca.

— Ahhh!!! — Sinto meu corpo arder, meu ventre contrair e todo o meu ser estremecer quando alcanço meu orgasmo de forma única e deliciosa junto com ele, que grunhe xingamentos profanos antes de sair de dentro de mim.

Sinto-me fraca, com meu corpo pesado, mas Jason me segura com firmeza e me abraça mais forte.



— Me desculpe por ter mentido... Sinto muito. Mas não consigo te deixar em paz, talvez eu precise de você mais do que imaginava.

Fico tensa por alguns segundos, mas um sorriso bobo escapa dos meus lábios.

— Então você admite que não consegue viver sem mim? — Jason me vira e gentilmente enxuga meu rosto, que deve estar manchado pelas lágrimas e rímel.

— Nunca neguei isso, baby — ele diz com um sorriso idiota.

— Claro que não... — murmuro, arqueando uma sobrancelha, e Jason empurra os cabelos do meu ombro.

— Eu gosto deles cacheados...

Mordo os lábios e, só então, olho em volta e percebo onde estamos. Rapidamente ajeito minhas roupas, enquanto Jason se livra da camisinha e fecha as calças.

— Espero que ninguém tenha ouvido nada... — falo, pegando minha bolsa do chão e indo até a porta para verificar se há alguém por perto.

— Ah, com certeza ouviram! Do jeito que você estava gritando, seria estranho se ninguém tivesse ouvido — Jason responde tranquilamente, e o encaro com os olhos arregalados, sentindo todo meu rosto arder. — O quê? — Ele sorri de modo convencido.

— Não vou sair por aquela porta, nem a pau...

Eu me recuso a isso, não preciso nem de um espelho para saber que estou com a maior cara de quem acabou de ser fodida em cima de uma máquina.

— Pare de ri! — Cruzo os braços enquanto vejo Jason se divertir com a situação.

— Tudo bem, foi mal. Mas adoro como suas bochechas ficam vermelhas quando está envergonhada ou com raiva.

Continuo séria, e se ele não tivesse me proporcionado um orgasmo tão maravilhoso, eu teria enfiado o salto do meu sapato na garganta dele.

— Certo, tem uma porta dos fundos por aqui. Vem comigo! — Jason diz, e eu respiro aliviada, o seguindo até o lado de fora.

Ele me conduz até sua moto e, sem que eu diga nada, me joga o capacete, retirando as chaves do bolso.

— Já andou de moto alguma vez, bonequinha? — questiona, curioso.

Dou um sorriso travesso, levantando uma sobrancelha, e caminho até ele, me inclinando para beijá-lo suavemente. Ele corresponde, e isso é a distração perfeita para eu tirar as chaves de suas mãos.

— A pergunta correta seria: você gostaria de pilotar minha moto, bonequinha?

Ele pisca, confuso, quando tiro meus saltos e entrego-os para ele junto com minha bolsa. Puxo meu vestido até as coxas e subo na moto.

— Você tá zoando? — Jason parece perplexo.

— O que foi? Surpreso que uma garota *mimada* como eu saiba pilotar uma moto? — provoco, e ele apenas balança a cabeça de um lado para o outro, vindo até mim e montando na garupa da moto.

— Garota, você é realmente de outro mundo! — diz, segurando minha cintura, e umedeço meus lábios.

— Ser filha de um bad boy tem lá suas vantagens... — falo com orgulho. — E, então, para onde você quer ir?

## Capítulo 39

*Tiana Walton*

Estaciono a moto em frente a uma casa intrigante, com uma estrutura sombria e completamente envidraçada.

— Onde estamos? — pergunto curiosamente assim que desço da moto e entrego o capacete para Jason.

Ele havia me feito vir até aqui, mas não estou entendendo nada.

— Em minha casa — responde simplesmente, arrumando o seu cabelo que está notavelmente bagunçado.

— Ah... — falo, um pouco confusa. Esperava qualquer lugar, menos a casa dele.

— Venha! — Jason me chama, subindo as escadas e ainda segurando meus sapatos e minha bolsa em sua mão.

Um pouco apreensiva, subo os degraus devagar, me igualando a ele. Quando ele abre a porta, o som alegre de Luci gritando por ver o irmão enche o ambiente.

— Jhai! — Dou um sorriso bobo ao vê-la correndo em direção a Jason, que se abaixa para abraçá-la.

Observo a cena e não posso deixar de pensar em todos os anos que ele perdeu longe dela... Deve ter sido um inferno de tão horrível. Eu acho que não suportaria, amo muito meus irmãos, e só a ideia de nunca mais vê-los faz meu coração doer.

— Oi, baixinha. — Ele afasta alguns fios de cabelo do rosto dela, e a garota dá um largo sorriso.

No entanto, seu sorriso diminui um pouco quando entro em seu campo de visão. Jason segue o olhar dela e se levanta para ficar ao meu lado.

— Lembra da Ana, Luci? — questiona, e a garota assente.

— Olá, Luci. — Sorrio de forma amigável, inclinando-me ligeiramente para frente.

No entanto, ela me analisa de um jeito estranho.

— O que você fez com o seu cabelo? — Faz uma careta e seguro o rabo de cavalo enquanto Jason arqueia a sobrancelha para mim.

— Oh, ah... Bem, apenas o escovei — explico.

— Hum... — Luci vira-se para o irmão e morde o lábio. — Você vai ficar para o jantar?

— Você gostaria? — Ele toca a ponta do dedo no nariz dela.

— Claro que sim! — A garotinha bate palmas e corre para a cozinha. — Carla! Ele vai ficar!

Encaro Jason, ainda segurando meu cabelo.

— O que há de errado com o meu cabelo?

Jason puxa minha cintura e me abraça por trás, cheirando meu pescoço.

— Não há nada de errado com o seu cabelo, bonequinha. Acho que Luci também só os prefere cacheados... — Ele segura gentilmente meu cabelo, inclinando minha cabeça para o lado, para ter melhor acesso.

Meu corpo entra em alerta quando a ponta do seu nariz desliza pela minha nuca, e eu me derreto toda por dentro. Tenho vontade de fechar os olhos para prolongar isso, mas a voz de Luci voltando para a sala me faz rapidamente me afastar dele, de maneira desajeitada, embora ele continue me segurando junto ao seu corpo.

— Pare de fazer isso! — sussurro, tentando me recompor.

— Fazer o quê, exatamente, baby? — Morde minha orelha lentamente, e quase solto um gemido.

— Jhai! — Dou-lhe uma cotovelada, e ele solta um “ai” fingido. Tento me manter um pouco longe de sua boca saliente, e Luci para diante de nós. — Podemos cozinhar? — Ela parece um pouco sem jeito e ansiosa pela resposta do irmão.

Jason se afasta de mim e hesita um pouco antes de responder:

— Eu não sei cozinhar, Luci.

— Realmente... — Deixo escapar, torcendo o nariz ao me lembrar da sopa de algas horrível que ele preparou para nós no primeiro dia em que passamos na ilha.

Luci me olha com um rostinho desanimado, e Jason cruza os braços, me encarando.

— Oh, desculpa... — digo, percebendo só agora que pensei alto.

— Tá bom... Então, eu posso pedir para a Carla fazer algo... — A garota soa desapontada, é evidente que ela apenas queria passar mais tempo com o irmão.

— Bem, eu realmente não sei... — Jason finalmente deixa minhas coisas em um canto, segurando meus ombros na sequência. — Mas a Ana sabe. Talvez ela possa nos ensinar! — Sorri de maneira provocativa.

— Eba! E depois podemos fazer uma sobremesa de frutas! — Luci volta a ficar animada.

— O quê? Não... Eu... — Tento escapar, mas Jason me empurra, guiando-me para a cozinha.

— Ah, qual é?! Não vamos desperdiçar seus talentos culinários, baby — diz por cima do meu ombro, então paro e me viro para ele.

— Só se prometer que não haverá mamão na sobremesa de frutas.

— Nem um pedacinho? — questiona com sarcasmo.

Eu aboli essa fruta do meu cardápio, pelo menos por um bom tempo. Apenas o cheiro do mamão me faz querer vomitar.

O fito com firmeza, e ele sorri de maneira bonita, e, Deus do céu, como ele é lindo!

— Ok, nada de mamão — concorda, e devolvo o sorriso, finalmente entrando na grande cozinha.



O delicioso aroma do frango assado começa a encher a cozinha. Jason está sentado à mesa, e eu posso sentir o olhar dele sobre mim, acompanhando cada movimento meu na cozinha.

— Está bom assim, Ana? — Luci, que está em cima de uma cadeira, pergunta ao terminar de mexer o molho branco.

Abaixo o fogo do forno e me aproximo dela.

— Deixe-me ver... — Me aproximo e percebo que ainda estou um pouco mole, o que me faz sorrir. — Está quase... Tem que ser assim. — Fico atrás dela e seguro sua mão, fazendo um movimento um pouco exagerado, o que a faz sorrir. — Consegue?

— Sim. — Me afasto, e ela repete o mesmo movimento.

— Isso, muito bem, agora acho que está perfeito! — Pego a tigela e a coloco perto da salada que Jason cortou, de um jeito engraçado, mas não comento nada.

— Por que está rindo? — Jason pergunta, já de pé atrás de mim, e só então percebo o sorriso idiota em meu rosto.

— Não é nada. — Viro-me para ele, que me encurrala sobre a mesa.

Sinto meu coração acelerar. É como se estar perto dele trouxesse de volta toda a enxurrada de sentimentos e um turbilhão de emoção se apossa do meu corpo.

— Você fica muito bem de avental. — Ele segura a alça do avental.

— Espero que isso tenha sido um elogio. — Sorri.

— Acho que está faltando algo... — diz, e franzo a testa.

— Faltando o qu... — Mas antes que eu possa terminar a frase, ele pega um pouco do molho ao lado e passa no meu nariz.

— Oh, não, você não fez isso! Filho de uma mãe!

Não hesito em revidar, pegando bastante molho e passando no nariz dele também. Mas então, ele pega mais e suja toda a minha bochecha. Saio da mesa quando ele começa a correr, e vou atrás dele, que chega até Luci e suja o rosto dela também, fazendo-a rir.

— Segure ele, Luci! — peço quando o idiota passa por ela, mas Jason é mais rápido.

Corremos como três loucos pela cozinha, e os olhos de Luci brilham vendo o irmão aqui com ela. Por um momento, paro e observo-o. Ele não é uma pessoa má... É apenas alguém que não teve infância e precisava de amor e de pessoas para mostrar a ele que a vida também pode ter momentos bons.



Depois de passar quase meia hora tentando tirar o cheiro de tempero de mim com uma toalha que Carla nos trouxe, finalmente o frango ficou pronto.

Jason e Luci comeram duas vezes, e a pequena ainda comeu a salada de frutas.

Após o jantar, ela insiste que precisamos assistir um filme, e não querendo desapontá-la, vamos para a sala. Ela escolhe um desenho animado de pôneis voadores bastante bizarro, mas não reclamo, e sento no sofá. Luci se senta entre mim e Jason, que passa quase todo o filme mexendo no celular, com o olhar distante.

Luci deixa a cabeça cair para o lado e ajeita-a para que fique em meu colo. Ela me olha com aqueles grandes olhos verdes sonolentos, piscando-os devagar.

— Você pode ser a namorada do meu irmão, se quiser, Ana... — Luci diz de repente, com a voz de sono.

Engasgo com o refrigerante, vendo Jason bloquear o celular e voltar sua atenção para nós duas.

— Você é legal... Sabe cozinhar... E é tão bonita — ela continua baixinho.

Nesse momento, olho para Jason, e nossos olhares se encontram intensamente por alguns segundos, antes que os desvie dele, sentindo meu rosto ficar levemente quente. Com um sorriso nervoso, respondo à Luci:

— Obrigada, querida. Você também é muito bonita. — Finjo ignorar a outra fala dela, observando-a fechar lentamente os olhos e cair em um sono cansado, e solto minha respiração.

Jason se aproxima, passa carinhosamente a mão pelos cabelos de Luci e acrescenta:

— Luci está certa.

— O quê? — Sinto sua outra mão acariciar minha bochecha.

— Você é incrível, Ana, em todos os sentidos.

Ergo meus olhos para encará-lo novamente, e seus dedos deslizam por meus lábios quando um movimento em meu colo nos tira do transe.

— Melhor eu levá-la para a cama — Jason fala, pegando Luci nos braços.

Assisto enquanto ele sobe as escadas, e mordo o lábio. Ainda o olhando, me sinto perdida. Por um lado, quero mantê-lo afastado, continuar a odiá-lo por ter mentido para mim; mas, por outro, tenho que admitir que se meu avô não o tivesse tirado da prisão, Jason ainda estaria preso injustamente, e eu nunca o teria conhecido.

E o pior... *Jason nunca deixaria de odiar a chuva.*

## Capítulo 40



Com cuidado, coloco Luci na cama e dou um beijo suave em sua testa. Observo-a pegar o urso de unicórnio que está ao lado e abraçá-lo.

— Você gosta dela? — Luci pergunta baixinho, ainda de olhos fechados.

Fico em silêncio por um momento, mas logo confesso:

— Sim, eu gosto, gosto muito dela.

Ela sorri com ternura.

— Ela também gosta de você...

Encaro minha irmã, com toda sua inocência e ingenuidade, e lhe dou um sorriso, querendo acreditar em suas palavras. Mesmo sabendo que Ana já disse isso, ainda é difícil de acreditar.

— Eu amo você, Jhai — Luci murmura enquanto se vira para o outro lado e abraça com mais força seu bicho de pelúcia.

Ergo-me e me dirijo à porta, mas antes de fechá-la, observo a pequena garotinha agora dormindo na cama.

— Eu... — Como se tivesse um arame na garganta, respiro fundo, tentando formular a frase que só disse uma vez a Tomas, minutos antes de meu pai entrar naquele quarto e arrancá-lo de mim. — Eu também... amo você, Luci — sussurro ao fechar a porta.

Desço as escadas, indo de encontro com a mulher que tem tirado toda a porra do meu juízo.



Ana encara com uma careta feia um dos retratos do outro lado da sala. Deveria ter pedido à Carla para retirá-los antes de trazê-la aqui. Luci já havia se acostumado com eles; eu disse a ela que as fotos estavam danificadas, embora a pequena tenha questionado por que apenas o rosto de seu pai estava rasgado. Fiz aquilo em um momento de surto.

— Era isso que eu deveria ter feito com ele — murmuro com a voz amarga e Ana se vira para mim.

— Sua mãe... Ela era muito bonita.

Observo minha mãe na foto, com seus longos cabelos negros e seu lindo sorriso. Sim, ela era bonita, mas também... uma desgraçada mentirosa.

— Melhor eu voltar, está tarde. — Ana passa as mãos pelo vestido, notando que eu não

quero falar sobre minha mãe, nem sobre nada relacionado aos meus pais.

— Você deveria tomar um banho antes, está cheirando a tempero — digo, e ela puxa a gola do vestido para conferir.

— Droga... Tudo por sua culpa! — Ana resmunga, visivelmente revoltada, e dou um sorriso.

— Venha, vou lhe mostrar o banheiro. — Antes que ela possa protestar, seguro seu braço e a conduzo escada acima, em direção ao meu quarto.

O único lugar para onde ela irá esta noite é minha cama. *Claro, ela não precisa saber disso agora.*



— Jason! — Ana grita do banheiro. — Aqui não tem toalha!

Eu passo a língua em meus lábios e, sendo o maior filho da puta que eu sou, pego a toalha e a jogo debaixo da minha cama. Caminho até o banheiro e dou duas batidas na porta. Ana abre, expondo apenas parte da cabeça pela fresta.

— Cadê a toalha?

— Está aqui, mas só vou entregá-la se me deixar entrar.

— O quê? Não mesmo! — Ana tenta fechar a porta, mas coloco o pé entre ela, impedindo-a de fazê-lo.

— Vamos lá, baby. Estou todo sujo e grudento também, preciso de um banho — digo com a maior cara de cachorro sem dono.

— Eu não vou deixar você entrar aq...

Antes que ela termine, empurro a porta, e ela se afasta, segurando-se no boxe. A visão dela toda molhada e nua quase me tira o fôlego. Meu pau lateja em excitação e desejo.

— Parece que o Lobo Mau encontrou a Chapeuzinho em apuros — falo com um sorriso maldoso.

Dou um passo em sua direção, esperando que ela grite comigo por ter entrado aqui, mas Ana não faz nada. Ela simplesmente respira rapidamente, e percebo seu peito subir e descer mais depressa à medida que me aproximo, como um felino em busca de seu alimento.

Paro diante dela, segurando cada lado de sua bochecha enquanto ela mantém seu olhar em mim.

— Não vai fugir do Lobo Mau, bonequinha? — pergunto com a voz rouca.

Ela sorri e levanta os pés para alcançar meu rosto.

— Estou cansada de correr... Acho que quero que o Lobo Mau me pegue — Ana diz, roçando seus lábios nos meus. — E me devore... — conclui antes de me beijar.

E tudo acontece rapidamente. Ana me ajuda a me livrar das minhas roupas e a empurro gentilmente em direção ao chuveiro, ligando-o.

Puxo o elástico que prendia seu cabelo, deixando as mechas caírem sobre suas costas, e



então a levanto, fazendo-a entrelaçar as pernas em minha cintura. Pressiono-a contra o boxe, mordendo seus lábios e ouvindo seus maravilhosos gemidos.

Sem querer perder mais tempo, me enterro nela, sentindo seu interior quentinho engolir meu pau, e Ana arfa alto.

Movo meu quadril devagar, desejando que isso não acabe. Enquanto ela me beija entregue, meu corpo todo inflama com o prazer gostoso que só ela me proporciona. E nesse momento, me vejo totalmente rendido e apaixonado.



Estou quase terminando de vestir uma camisa quando os dois últimos malditos botões se recusam a fechar.

— Mas que caralho de botão! — resmungo, impaciente.

— Deixe-me ajudá-lo. — Ana se aproxima, usando um roupão branco, com os cabelos ainda molhados.

Ela afasta minhas mãos e fecha os botões com facilidade.

— Tem mais alguma coisa que você faz que eu não saiba? — pergunto, arqueando uma sobrancelha, lembrando de como ela pilotou minha moto quase melhor do que eu. — Além de ter um estranho hábito de falar sozinha, é claro.

Não foi apenas uma vez que peguei ela falando sozinha, e aquilo era engraçado.

— Se me beijar, posso lhe mostrar o que sei fazer de melhor... — ela diz com a voz sedutora, e me empurra para cama.

Caio sentado, prendendo a respiração quando a garota com cara de santa senta de pernas abertas sobre mim.

— Porra! Você está tentando me matar?

Ana abre o zíper da minha calça e sorri de maneira travessa ao encontrar meu pau duro como pedra.

— Talvez... — Jogo a cabeça para trás enquanto sinto-a guiar meu cacete em direção à sua entrada e sentar-se lentamente, soltando gemidos baixinhos.

Fecho os olhos, sentindo-me no céu, mas ela para antes da metade e retorna ao topo, e faz isso de novo, numa tortura interminável.

Eu sei que ela está dolorida pelo simples fato de estar indo muito devagar e não ter ido até o final. No entanto, irritado com aquilo e querendo entrar mais fundo, seguro sua cintura com firmeza. Ana olha para mim quando rosno impaciente e a puxo para baixo, fazendo-a se jogar contra o meu peito para abafar um grito.

— Se não dá conta das consequências, não provoque, bonequinha! — digo, penetrando-a mais profundamente, e Ana morde meu peito. — Oh, inferno, você é viciante pra porra!

— Jason... Oh... meu Deus... Você está no fundo! — ela soluça, e eu giro nossos corpos, ficando por cima, fazendo-a olhar para mim.

— Diga que gosta de mim... Diga, que faço você gozar como naquele dia... Por favor,

Ana, preciso ouvir isso! — suplico enquanto bombardeio com força dentro dela, e a cama acompanha nossos movimentos.

Eu preciso saber se Luci está certa. Eu sei que seu corpo anseia pelo meu, mas e o coração dela?

Levo meus dedos até o seu clitóris, movendo-os rapidamente e com agilidade, circulando freneticamente ao redor de seu ponto inchado.

— E-eu não gosto de v-você! — Ana murmura entre gemidos, e por um momento quase paro de me mover, mas seus olhos ficam úmidos quando ela continua: — Eu... a-acho que t-te amo, Jason.

Meu peito arde com sua confissão. Meus movimentos aceleram mais quando Ana atinge o ápice, explodindo em seu orgasmo, agarrando os lençóis com força, ao passo que seus olhos rolam para cima de um jeito único. E a visão maravilhosa é o bastante para me levar a me perder também, e pela primeira vez não consigo sair a tempo, gozando feito um louco dentro dela, sentindo todo o meu corpo em completo êxtase. Deixo-me cair sobre ela, ainda respirando com dificuldade.

Rolo para o lado e fico olhando o teto por longos minutos, sem saber o que fazer ou dizer.

Dizer “eu te amo” para Luci é fácil; ela é minha irmã. Mas amo a Ana? Eu sei o que é a porra do amor? Ou será que apenas conheço o que os outros queriam que eu conhecesse? Passei tanto tempo sem sentir ou pronunciar essas palavras que, para mim, o amor é algo que não existe.

Pronto para encará-la, viro-me na cama, mas Ana está de olhos fechados, com a respiração tranquila. Seus cabelos ainda úmidos cobrem seu lindo rosto. Os tiro dali, admirando-a por um longo tempo, e, então, me lembro de algo.

*PUTA MERDA!*

*Eu gozei dentro dela.*

Sento-me na cama. Coloco as mãos sobre minha testa e respiro fundo. A ideia de engravidá-la parece tão boa, assim não teria desculpa para ela se livrar de mim. No entanto, eu não chegaria nem a conhecer meu próprio filho, pois o pai dela com certeza me mataria.

Amanhã darei um jeito de conseguir uma pílula do dia seguinte, pois, agora, só quero ficar mais um pouco com ela.

Rapidamente, deito-me ao seu lado, sentindo-me bem aqui.

Porque, sim, a amo e a quero desesperadamente. Direi isso a ela quando acordar; ela precisa saber que também a amo.

Meu celular começa a vibrar sem parar, mas o ignoro, fechando os olhos. Que se foda Matteu, que se foda Leonel e Calebe! Hoje, Ana é minha.

*Só minha.*

## Capítulo 41

*Tiana Walton*

Acordo com um estrondo vindo da porta do quarto. Abro os olhos sonolentos e vejo Jason saindo da cama, resmungando e soltando alguns palavrões não muito agradáveis enquanto se dirige à porta.

Eu confessei que o amo... Droga, onde eu estava com a cabeça?

Merda, eu não deveria ter dormido aqui! Se meu pai sequer descobrir o que deixei Vanessa fazer com Rullios, o coitado não apenas será demitido, como provavelmente papai arrumará mais guarda-costas para mim.

Tento me levantar, mas meu corpo dói intensamente. Ok, talvez eu tenha abusado um pouco dos meus próprios limites. Tenho que admitir que Jason desperta um lado safado em mim que eu nem sabia que existia.

Coloco o pé no chão novamente quando Jason grita, e levanto rapidamente, apertando o roupão contra o corpo.

— PORRA, COMO VOCÊ NÃO VIU NADA? — Saio do quarto, e, confusa, vou atrás dele.

Jason corre até o outro quarto, que presumo ser de Luci, e abre a porta de forma brusca.

— Luci? Onde está você? LUCI? PORRA, cadê ela? — Ele vasculha o quarto, e olho para Carla, que parece aflita, esfregando as mãos nervosamente.

— O que está acontecendo? — pergunto, confusa, para a governanta.

— Luci... Luci desapareceu... — ela responde, e cubro a boca, em choque.

Jason passa por mim como um furacão, descendo as escadas em desespero, pegando o celular e ligando para alguém.

— Carla, reúna todos os funcionários, quero saber o que caralhos eles estavam fazendo que não viram ninguém entrando! — diz de maneira firme, e Carla parece um pouco perdida. — AGORA, PORRA! — grita, virando para ela.

Nunca o vi desse jeito; parece prestes a realmente matar alguém.

— Sim, senhor. — Carla o segue, e eu corro para o quarto, procurando meu vestido e calcinha, vestindo-os rapidamente para poder ajudar Jason.

Meu celular toca, e achando que seria meu pai, nem olho o número quando atendo rapidamente.

— Papai... Eu posso explicar... — começo a dizer.

— *Oh, você pode fazer isso mais tarde, “bonequinha”!* — Uma sensação de frio percorre todo o meu corpo com uma voz grave e grossa do outro lado da linha.

— Quem é... Quem está falando? — pergunto, respirando rapidamente. Ele usou o apelido que Jason costuma me chamar. Isso só pode significar uma coisa.

— *Ouvi muito sobre você, querida. Você sabia que seu namoradinho também trabalhava para mim? Que para limpar o nome dele, ele teria que me entregar você?*

*Matteu...*

Engulo em seco, e minhas mãos começam a tremer.

— *Mas ele me traiu, e eu odeio traições! Estou cansado de esperar, sabe...*

— Você está com a Luci... — sussurro, e ele solta uma risada seca.

— *Não sei... Talvez sim... Talvez não...*

— O-o que você quer? — pergunto em um sopro, sentindo minha pulsação aumentar.

— *Você sabe o que eu quero* — diz com firmeza. — *Pense bem, uma troca justa. Você vem, e eu devolvo a garotinha. Seria uma pena se Jason perdesse outro irmão, não acha?*

Meu coração acelera, e uma sensação de pavor toma conta de mim. Lembranças de Jason chorando em meu peito fazem minha alma doer, e cerro os punhos. Eu sei que esse homem pode me fazer mal, mas, nesse momento, não quero pensar em mim, e sim em Luci. Ela é apenas uma criança.

— Tudo bem... Me diga onde.

— *Gostei de você. Assim que se fala. Me encontre a três quarteirões. Deixe o celular e tire qualquer joia que estiver usando. Se ligar para alguém, não hesitarei em matar a garota! Sem gracinhas, Walton.*

Ele desliga o telefone. Com as mãos suadas, retiro meus brincos de brilhantes e as pulseiras, e coloco na cama, ao lado do celular.

Abro minha bolsa, pego o chaveiro que meu pai me deu e coloco entre meus seios. Talvez... Talvez eu consiga... Eu tenho que tentar. Jason não aguentaria perder Luci... Ela é a única pessoa que ainda consegue trazer à tona um pingo de bondade nele.

Abro a porta e desço as escadas, procurando por Jason. Encontro-o na cozinha, gritando com o telefone. Aproveito sua distração e vou rapidamente até a sala, pegando a chave da moto que está sobre a mesinha.

Saio correndo para fora, montando em sua moto e colocando o capacete. Meu coração bate descontrolado, mas a determinação de encontrar Luci é mais forte. Eu tenho um plano, pode ser fraco, mas preciso tentar.



Quando chego lá, percebo que é um beco escuro. Desço da moto com os pés descalços e me deparo com um carro preto estacionado no outro canto.

Dois homens altos saem dele, e um deles tem olhos verdes e cabelos levemente grisalhos. Cada passo que ele dá me faz notar a semelhança absurda com Jason. Mas o homem ao seu lado, com uma cicatriz enorme no rosto, faz todos os meus pelos se arrepiarem.

— V-você... — sussurro com a voz vacilante, vendo o mesmo homem que havia me

encurralado no banheiro do bar em Alcatraz em minha frente.

— Olá de novo, gatinha. É bom te ver novamente — fala, com um sorriso amarelo no rosto.

Sinto meu peito latejar, e, com a voz trêmula, olho para o homem de olhos verdes, que posso jurar ser Matteu.

— Onde está Luci?

— Para uma Walton, você é muito burra, garota... Eu nunca estive com a Luci, sua idiota, mas... que bom que você veio, querida — Matteu responde de maneira gélida.

Confusa e apreensiva, mal tenho tempo de processar a informação quando algo cobre meu rosto abruptamente. Sinto-me sendo movida, e tento me debater, mas alguém amarra minhas mãos e me joga em algo duro, que eu tenho certeza ser o porta-malas do carro.

Grito em pânico por alguns minutos, mas logo me calo, sabendo que será em vão. Eu só queria ajudá-lo, não queria vê-lo sofrer mais... Talvez eu tenha deixado a razão de lado e pensado apenas com o coração.

Nesse momento aterrorizante, enquanto sou levada para um lugar desconhecido, meus pensamentos giram em torno de todos que amo.

Eu sei que Matteu quer me matar como vingança ao seu filho aliciador nojento, mas tento me manter calma, por mais que esteja sendo impossível. Sei que meus pais sofrerão por um tempo... mas terão as gêmeas e Leo, que suprirão a minha falta. Vovô chorará, mas logo superará e seguirá em frente, assim como fez quando sua prima favorita morreu. Tio Caion terá Nando para treinar, e tia Karen e Beto podem viver muito bem sem mim. Eu não verei Nandinho crescer, mas sei que ele se tornará um grande homem.

*E Jason...* Se esse for realmente o meu fim, pelo menos consegui dizer que o amo.

## Capítulo 42



Porra!

Atende... Atende...

Há várias ligações perdidas de Matteu e Leonel, e, nesse momento, nenhum dos dois atende. Eu estou desesperado. Matteu levou Luci... Só Deus sabe o que aquele pedófilo de merda fará com ela!

— Senhor... — Uma das funcionárias se aproxima com o rosto amedrontado, enquanto continuo ligando, querendo desesperadamente que Matteu atenda. No entanto, isso não acontece.

— Diga de uma vez! Alguma notícia? — pergunto, agora discando o número de Leonel.

— Encontramos a menina... — ela diz quando Leonel finalmente atende.

— *Herris?* — ele fala, e rapidamente abaixo o telefone, olhando para o rosto da funcionária que acaba de falar.

Ela se vira e sigo-a, mas hesito, parando no único cômodo que não havia procurado.

*O quarto dos meus pais...*

A porta está entreaberta quando entro e deparo-me com Luci deitada na grande cama de casal. Com meu peito martelando forte, me aproximo lentamente dela, e um suspiro de alívio percorre meu corpo ao vê-la respirando tranquilamente.

O que ela faz aqui? Eu não a deixei em seu quarto na noite passada?

— *Herris?* — A voz alta no telefone me traz de volta à realidade, e, entendendo tudo, saio às pressas, subindo as escadas em direção ao meu quarto.

*Merda!*

— Ana?! — grito, não a vendo em lugar nenhum.

O som insistente de seu celular tocando chama minha atenção, e, ao me aproximar, observo seus pertences espalhados pela cama e o nome “Papai” piscando na tela de chamada.

Tudo não passou de uma distração... Um contratempo para levar Ana...

Inferno! Tudo isso aconteceu embaixo do meu nariz.

Isso significa apenas uma coisa: há um espião aqui, alguém que colocou Luci no quarto de baixo, que sabia que Ana estava aqui.

Levo o celular para o ouvido novamente, e sentindo todo meu corpo tenso, sussurro para Leonel:

— Levaram ela...



— Há quanto tempo trabalha para ele? — pergunto, passando meu canivete pelo seu braço e pressionando-o levemente, causando um pequeno corte.

— Eu não trabalho para ele... Por favor, me escute. Ele ameaçou levar minha menina caso eu não fizesse isso. Ana não é importante para mim, mas Luci... Luci é! — Carla soluça, no chão.

Amarrei seus pés e seus braços, trancando a porta do seu quarto, que graças a Deus fica nos fundos.

— Você poderia ter me contado, porra! — Chuto a mesinha ao lado, derrubando tudo no chão.

— Isso teria colocado Luci em perigo do mesmo jeito. Matteu sabe que ela também é filha dele! — a mulher quase grita.

Rapidamente, avanço em direção a ela, agarrando com firmeza seu pescoço, vendo-a ficar sem ar.

— Nunca mais repita isso, nunca mais! — rosno, praticamente cuspiendo em seu rosto.

— J-Julius... Julius não podia ter filhos... Sua mãe... Sua mãe mantinha um caso secreto com Matteu... — Carla diz com dificuldade quando a solto, empurrando-a para trás, o que a faz cair. — Todos vocês são filhos dele... Até mesmo To...

— Chega! Cale essa boca! — Soco a parede, sentindo minha mão latejar.

Nesse momento, um ódio puro cresce em meu peito, e odeio minha mãe como nunca antes.

Abro a porta, deixando Carla caída no chão, chorando, enquanto um dos meus funcionários se aproxima.

— Senhor, eles chegaram.

— Leve Luci para o quarto dela e peça à babá que fique lá até que eu mande sair! — ordeno, e ele confirma com a cabeça enquanto me dirijo à porta da sala.

Quando abro a porta, sinto o primeiro impacto em meu rosto e dou um passo para trás, conhecendo muito bem esses dedos.

— Eu disse para ficar longe dela, caralho! Eu falei que iria te matar se sequer chegasse perto dela de novo! Você só pode ser surdo! — Calebe Walton berra, ao passo que Leonel entra com Caion ao seu lado e mais alguns homens.

— É bom te ver também, senhor Walton... — resmungo com sarcasmo, segurando meu queixo para verificar se ele não o quebrou.

Seu rosto cheio de ódio só piora e dá mais um passo em minha direção, pronto para me dar outro golpe, quando a voz impaciente de Leonel soa firme:

— Não temos tempo para isso, porra! Se recomponham. A essa hora, Ana está longe. Então parem com essa merda!

É a primeira vez que vejo Leonel tão tenso e nervoso desde que o conheci.

Calebe ajeita seu terno, e eu passo as mãos no cabelo, desejando apenas encontrá-la bem e viva.

— Minha moto foi encontrada em um beco a três quarteirões daqui. Ela a usou para ir até ele... Provavelmente, achou que ele estaria com Luci... — digo, vendo Calebe me fitar com seu olhar assassino. — Eu juro que não sabia... Não deveria tê-la trazido para cá... — Sou sincero, pois só queria que ela passasse mais tempo comigo.

— Como vamos encontrá-la? — Caion pergunta, olhando para o tio. — Você não havia dado aquele anel a ela?

— Sim, mas perdi a localização dele quando ela desapareceu na ilha. Tentei rastreá-la através dele, mas tanto o sinal dela quanto o de Herris desapareceram — Leonel fala, passando as mãos nas têmporas.

— Ele deve ter sido danificado pela água... — murmuro. — E meu celular estava molhado, por isso demorou para nos encontrar.

Calebe pega seu celular no bolso e começa a mexer em algo.

— Não é hora de ligar para a Lilly, Calebe. É melhor esperar para contar a ela quando tivermos certeza de onde Ana está — Caion sugere, mas Calebe continua focado no aparelho.

— Ela levou... — Calebe diz, levantando a mão e olhando para nós três. — Preciso de um notebook urgentemente! — continua, e eu rapidamente corro até o armário, pegando o meu e entregando a ele, que tira um cabo do bolso e o conecta ali.

— O que está fazendo? — Leonel pergunta.

— Não é só você que dá rastreadores de presente de aniversário não, querido pai... — Sorri, olhando para Leonel, e um bipe soa no notebook.

Inclino minha cabeça, vendo um ponto vermelho enorme piscar quando Calebe grita, batendo nas teclas do notebook:

— Achei ela!

— Certo, vamos! — digo, pegando minha jaqueta, mas Calebe fica na minha frente e segura meu ombro.

— Você fica!

— O quê? Porra nenhuma! — rosno, afastando rudemente sua mão do meu ombro.

Ana está com Matteu por minha culpa, e é claro que não ficarei aqui.

— Calebe, deixe o garoto ir... — o pai dele fala, ajeitando sua gravata. — Você também não ficaria.

Calebe mostra os dentes para mim, claramente tentando não me matar, e segura a gola da minha camisa, esbravejando com os dentes cerrados:

— Eu não gosto de você, então, se não quiser que eu te atropele com meu carro, fará as coisas do meu jeito, estamos entendidos?

Dou um sorriso ladino, irritado com essa birra dele comigo, e me afasto do seu aperto, dando dois tapinhas em suas bochechas, vendo-o engolir o ar.

— Entendido, sogrinho. Agora, podemos ir? — Passo por ele, deixando-o perplexo, enquanto Caion solta uma gargalhada.



— Ok, você acabou de ganhar um ponto comigo!

Abro a porta e paro ao lado de Caion e Leonel, vendo dezenas de carros pretos parados em frente à minha casa. Quando Calebe sai, se junta a nós.

— Como nos velhos tempos — Caion comenta, colocando os óculos escuros.

Calebe é o primeiro a se mover, mas antes de entrar no carro, ele para um momento, me olha por cima do ombro, joga a chave de um carro para mim e diz:

— Mostre que merece minha filha.

— Isso vai ser divertido — Caion comenta, batendo levemente no meu ombro.

Dou um sorriso, sentindo a adrenalina correr pelo meu corpo quando vejo o Hennessey Venom F5 – 499 km/h à minha espera.

Só torço para que Matteu não tenha machucado Ana... Por que ela não me contou? Nunca a teria deixado ir.

Eu nunca deixaria ninguém a machucar, e se Matteu tiver feito algo com ela, hoje ele conhecerá a pessoa que ele me tornou:

*Um assassino.*



Quando chegamos ao local, logo percebemos que se trata de uma fábrica antiga. Matteu pode ser esperto, mas é evidente que não tem muitas pessoas trabalhando para ele.

Conseguimos entrar pelos fundos, em um corredor escuro com um cheiro forte de mofo.

— Estou velho demais para isso — Leonel fala, tossindo.

— Eu também acho. Você não deveria ter vindo, pai. — Calebe parece realmente preocupado.

— Eu viria por qualquer um dos meus netos, Calebe. Você sabe que enquanto eu estiver vivo, ninguém toca na minha família! — o homem profere com firmeza.

— Deveríamos nos separar — Caion comenta baixo, espiando um dos corredores.

— Certo — Leonel para e confirma, olhando para mim.

Ele me estende sua arma e pergunta:

— Você sabe usar uma dessas, Herris?

Pego a arma de sua mão e respondo com um sorriso:

— Eu aprendo rápido.

— Tome cuidado. — Ele sai, e sem esperar mais nada, avanço por um dos corredores escuros, enquanto Calebe e os outros seguem por outro caminho.

O cheiro de mofo é forte, e as luzes piscam, com goteiras pingando em minha cabeça, tornando o lugar ainda mais sombrio.

Ouço o barulho de tiros e corro, agachando-me perto de uma lata de lixo tóxico. Inclino a cabeça para o lado e escuto grunhidos, quando vejo uma figura familiar.

*Ana!*

Meu coração dispara em uma mistura de ódio e raiva com essa cena. Ela está amordaçada, com seus pulsos amarrados acima da cabeça, seu corpo estendido, coberto pelo fino vestido azul de ontem à noite.

Ao ver seu rosto machucado, escorrendo sangue, e um desgraçado subindo as mãos por suas pernas, enquanto ela chora em silêncio, meu sangue ferve. Rapidamente, levanto-me de onde estou e me aproximo devagar por trás do filho da puta, que sussurra coisas para Ana.

Ela vira o rosto para o lado, e seus olhos, cheios de lágrimas, encontram os meus. Coloco um dedo sobre os lábios e faço um gesto silencioso de “shhh”, para ela não gritar.

Ana chora ainda mais, como se estivesse aliviada, e fecha os olhos com força ao ver minha arma apontada para a cabeça do maldito que eu sei quem é: o mesmo desgraçado de Alcatraz.

— Fique quietinha... Isso não vai demorar — murmura para Ana, e quando sua mão alcança a parte superior da coxa dela, solta um grito, já que direciono a arma para sua perna e disparo.

Ele cai no chão, berrando, e me aproximo dele apenas para dizer:

— Você não deveria ter tocado nela. — Miro em seu rosto e atiro sem hesitar.

Coloco a arma dentro da minha calça e vou até Ana, removendo o pano que cobre sua boca. Ela me observa com alívio.

— Jason...

Desamarro as cordas e seguro seu corpo trêmulo, ajoelhando-me ao lado dela, sentindo meu coração se apertar ao vê-la nesse estado.

— Me perdoa... Me perdoa por ter demorado! — sussurro enquanto a abraço com força, e ela chora baixinho. Nesse momento, desejo poder trazer aquele desgraçado de volta à vida para matá-lo novamente.

— O importante é que você veio... — Ana dá um sorriso fraco, mas só consigo reparar em como seus lábios delicados estão cortados e inchados.

Eles estavam torturando-a... Malditos desgraçados dos infernos!

— Ninguém nunca mais vai te machucar. Nunca! — Isso é uma promessa.

— Ora, ora, veja quem veio atrás da sua bonequinha! — Meu estômago revira com a voz familiar atrás de mim, e meu corpo se enrijece ao sentir o cano frio em minha cabeça.

— Matteu... — A simples menção de seu nome faz meu coração acelerar, e como um vento forte, todas as lembranças do que ele fez comigo naquele maldito carro vêm à tona, fazendo meu corpo vacilar por um momento.

— Tire a arma da calça e jogue ao lado — ordena, e hesito por um instante, quando ele berra mais alto: — Anda logo, merda!

Tiro a arma e a coloco devagar ao lado, enquanto Matteu a chuta para longe.

— Pequeno, como você cresceu... — debocha. — Está tão bonito, não como antes, mas confesso que se tornou um homem tão bonito quanto eu, filho — Matteu zomba, e os olhos surpresos de Ana encontram os meus, piscando confusos.

— Não me chame assim, seu pedófilo de merda! — Cerro os dentes com amargura, não suportando ele me chamar dessa forma.

Matteu ri sombriamente e pressiona a arma com mais força contra minha cabeça, enquanto abraço Ana mais forte.

— Você parece bem... Parece que te trataram bem na prisão — ele continua com a voz irônica, e eu só quero enfiar uma bala em seu crânio.

Mas apenas dou um sorriso amargo e finalmente viro meu rosto, sentindo o cano gelado da arma agora em minha testa, enquanto Ana continua tremendo.

— Isso tudo foi por ela ter apenas te usado? Ficou com raiva porque ela não queria ficar com você e alimentar essa paixão doentia? Você sabia das surras que ele me dava e não fez nada! Sabia que eu era seu filho e mesmo assim me machucou de maneira nojenta... Você sabia que eu não os havia matado! Mas, como vingança, me culpou. Como vingança ao filho de um incesto, me jogou feito lixo na cadeia!

Ana geme de dor e percebo que estou apertando-a forte, então a solto, não querendo machucá-la mais.

— Sua mãe me amava! Eu sei que ela me amava... Se Grace não tivesse engravidado de você, ela não teria me deixado para casar com aquele desgraçado, não teria me feito esperar por tanto tempo, não teria me dado apenas migalhas dela por anos... Meus filhos não teriam sido criados por aquele cuzão!

— Você merecia ficar com seus filhos? — Dou um sorriso seco. — Olhe o que você fez comigo! Você passou toda a minha infância me machucando! — rosno, mas parece que ele não se importa, como se o que ele fez comigo durante anos nunca tivesse acontecido.

— Se você não tivesse existido... — ele sussurra essa parte, mas logo grita novamente. — Tomas não teria morrido! Ele estaria aqui ainda! Mas, como sempre, a culpa foi sua! Então, cada sofrimento que te proporcionei foi pouco! — Minha respiração acelera e pisco algumas vezes.

Matteu levanta a arma para cima e faz movimentos frenéticos com ela, como se estivesse louco e prestes a explodir.

— Você acha que eu não tentei refazer minha vida sem ela? Eu tentei, porra! Quando ela me abandonou para ir morar com aquele desgraçado do Julius, eu me casei também, tentei ser feliz, minha ex-mulher até me deu um filho. Gabriel... Ele era o oposto de você, um garoto bom! Mas, por causa de uma pirralha vagabunda, o mataram! — Ele olha para Ana, que se encolhe. — Estou cansado de perder. Grace se foi, Tomas se foi, Gabriel se foi! E estou cansado!

Ele se afasta e agora aponta a arma para a cabeça de Ana, e todos os meus músculos se contraem.

— Já que veio, será um prazer matá-la na sua frente, assim você também terá que sobreviver com a perda!

— Jason... Jason, eu não quero morrer... — Ana soluça baixinho, colocando a cabeça em meu peito.

— Eu sobrevivi... — digo, quase sussurrando, aproveitando que meu corpo está perto de Ana e colocando minha mão discretamente no bolso, onde está meu canivete. — Não graças a você, mas a mim! Sobrevivi por sete anos. Sobrevivi quando Tomas partiu e quando minha mãe se foi. Eu também perdi, perdi metade da minha vida quando, sem culpa nenhuma, você me

incriminou... Eu era apenas a porra de uma criança! Não tinha culpa se minha mãe não te queria, se ela te fez um idiota! Eu não tive culpa, porra! — explodo, sentindo meus olhos úmidos.

Ergo a cabeça para encará-lo, no entanto, um movimento ali atrás chama minha atenção. Vejo Calebe e Caion escondidos atrás de um dos grandes tambores de lixo tóxico. Os olhos de Calebe estão fixos em Matteu quando ele aponta sua arma na direção dele.

— Eu não me importo com a sua dor, para mim, você pode morrer junto com ela! — Matteu destrava a arma, e Calebe acena para mim.

— Sabe, que bom que aquele idiota está morto! — Dou um sorriso, ainda sentindo as lágrimas descerem. — Assim, é menos um monstro como você na Terra.

Matteu está prestes a apertar o gatilho, e Ana chora, mas Calebe mira em uma das pernas do meu tio, que grita de dor ao ser baleado. A atmosfera fica eletricamente carregada quando avanço rapidamente sobre Matteu, segurando sua mão para cima, e um tiro ecoa, atingindo o teto. Ele tenta se afastar de mim, mas consigo tirar a arma de sua posse e jogá-la no chão.

— Ana! — Calebe grita, correndo até a filha.

— P-papai? — Ela tosse e me viro um pouco, vendo Calebe chegar até ela e abraçá-la.

Matteu grunhe enquanto rola de dor pelo chão sujo. Caminho até ele, sentindo meu coração acelerado em puro ódio.

— Não sabe o quanto esperei por isso... Tantos anos imaginando como seria esse dia. Como seria olhar para seu rosto de merda... Eu vou fazer isso doer... Como doeu em mim.

Sem hesitar, chuto o abdômen dele com toda a minha força várias vezes, vendo-o se contorcer de dor. A sede de vingança impulsiona cada golpe que desfiro, como se a dor que ele está sentindo não fosse o suficiente.

Ofegando, e vendo-o tossir sangue, me afasto um pouco.

A escuridão ao meu redor é quase sufocante quando puxo meu canivete do bolso da jaqueta e o seguro nas mãos. Meus sentidos estão em alerta, a adrenalina bombeia forte em minhas veias.

— Jason... — Ele tosse. — E-espere... Podemos começar de n-novo — diz com dificuldade enquanto me agacho perto dele e sorrio.

— Não é irônico isso, querido padrinho... Veja só... Não é que você estava certo o tempo todo? — Inclino-me até seu ouvido e sussurro: — Você me tornou mesmo em um assassino... *O seu assassino!* Diga olá à mamãe por mim.

Ergo a lâmina cortante, e Matteu tenta rolar para o lado, porém sou mais rápido.

— Jason, por favor, não faça iss... — Com fúria, cravo o canivete em direção ao seu rosto. O metal encontra sua carne com um estalo úmido. Matteu solta um grito de dor, e o sangue começa a fluir. — NÃO!! NÃO, AHH... — Os gritos agonizantes dele ecoam por todo o salão, e sinto o respingo de sangue em meu próprio rosto.

Torço para que Calebe já tenha levado Ana daqui. Não quero que ela me veja desse jeito. Não quero que ela veja do que sou realmente capaz.

O som da voz de Matteu já não é mais audível quando continuo a perfurar seu rosto sem parar, de maneira brutal, enquanto vejo sua carne se rasgar. A angústia e o ressentimento finalmente encontram uma saída física. Cada golpe é uma liberação de anos de dor e mágoa. O

chão metálico está tingido de vermelho, assim como minhas roupas, enquanto continuo sem pausa, até que alguém segura meu ombro e meus braços finalmente param.

— Ele já está morto... Vamos sair daqui — Leonel diz calmamente, e, com as mãos trêmulas, solto o canivete. — Está tudo bem... Já passou. Tudo passou.

Deixo que ele me guie para fora de modo automático, sentindo meus ombros leves.

*Ele se foi...*

*Ele se foi...*

Um sorriso maquiavélico se forma em meus lábios quando a claridade atinge meus cabelos.

*Ele finalmente se foi.*

## Capítulo 43

*Tiana Walton*

— Ai! — resmungo com a agulha entrando em meu braço.

— Isso vai aliviar um pouco a dor — a enfermeira diz com um sorriso amigável, colocando um curativo.

— Obrigada — respondo, cabisbaixa.

Encosto-me na cama e olho para a grande janela de vidro do quarto do hospital, vendo alguns band-aids e gases no meu rosto. O hematoma roxo toma conta do meu olho esquerdo junto com uma enorme mancha de sangue dentro dele. Mesmo com os curativos, o estrago ainda é bem visível.

— Vai passar, logo vai estar tudo cicatrizado. — A voz esperançosa de Vick soa no quarto, fazendo-me olhar em sua direção.

Ela está estalando os dedos nervosamente, enquanto Luna e Leo me olham com pena. Meus pais estão conversando com os médicos. Eu só queria ver uma pessoa...

Onde ele está? Será que conseguiu sair bem de lá? Não o vi mais desde que papai me pegou nos braços, me colocou no carro e me trouxe para cá. Mas sei que Jason está vivo... Então, por que ele não está aqui comigo?

Já estou aqui há bastante tempo, aflita, tentando esquecer as últimas horas. Foi tão horrível... Nunca senti tanta dor na minha vida. As mãos daquele homem em mim... Era como se eu tivesse voltado seis anos atrás... Como se aquele garoto ruivo estivesse olhando em meus olhos novamente...

— Olha o que seu namorado fez em mim! — ele diz com raiva, puxando meu cabelo para mostrar sua enorme cicatriz na testa, que vai de encontro com um corte profundo em sua bochecha. — Que bom que Matteu deixou eu acabar com você. Vou fazer o mesmo nesse seu rostinho bonito e depois vou adorar me enfiar em você com força. Deve ser uma vagabunda deliciosa! — O homem cospe em mim, me dando o primeiro soco.

Sinto as lágrimas querendo descer, mas as empurro novamente. Se Jason não tivesse aparecido, ele teria me estuprado sem dó nem piedade e depois me matado.

O som da sua voz nojenta não sai da minha cabeça... Seu toque não sai de mim... Seu cheiro forte de suor com gordura velha continua impregnado em mim, mesmo depois de tomar dois banhos...

Cansada de segurar, deixo as lágrimas caírem, chorando alto, e soluços brotam da minha garganta. Sinto a cama afundar e logo um abraço coletivo dos meus irmãos me envolve.

— Por favor, não chore... — Leo sussurra com a voz trêmula.

Sinto-o fazer carinho em meus cabelos, então respiro fundo e começo a me acalmar da

minha crise.

— Podem sair, por favor? Eu quero ficar um pouco sozinha — peço com um sorriso fraco.

Leo se levanta e passa os dedos gentilmente em meus olhos, para enxugar minhas lágrimas; e Luna beija minha mão antes de seguir Leo até a porta.

— Você vai ficar mesmo bem? — Vick pergunta, olhando para mim.

— Eu vou, pode ir... — Ela hesita e respira fundo, finalmente saindo do quarto.

Eu só quero ficar sozinha um pouco, antes dos meus pais voltarem e começarem a me olhar com pena novamente.

Sentindo todo o meu corpo dolorido, coloco as pantufas e vou até o banheiro para fazer xixi, irritada porque me deram uma bata ridícula para vestir. Estou apenas com uma calcinha de algodão por baixo.

*Eu quero minhas roupas!*

Ao entrar no banheiro, evito olhar no espelho, chega de me lamentar por isso. Quando termino, lavo as mãos e abro a porta para voltar para a cama, mas quando vejo quem está na porta, meu coração erra uma batida.

— Jason... — Minha voz sai num sopro.

Seus cabelos estão úmidos e lindamente bagunçados, e sua roupa também está um pouco molhada, como se ele tivesse pegado chuva. Jason, por um momento, não diz nada, apenas me olha de uma forma estranha.

Lentamente, ele se afasta da porta e caminha em minha direção. Meu peito bate descompassado quando ele para a centímetros de mim, e ergo minha cabeça para encarar seus olhos que tanto amo.

— Ana... Não sabe o quanto tive medo de te perder! — Jason suspira, me envolvendo em um abraço apertado de repente, e contraio meus músculos, com um grunhido involuntário saindo dos meus lábios.

— Desculpa... — Ele tenta se afastar, mas não deixo e o agarro mais forte.

— Por favor, não me solte... — Mesmo sentindo tudo dolorido, seu corpo me traz paz. — Eu fiquei com medo... Com medo dele te machucar de novo... Você não deveria ter ido até lá.

Eu conheço seus gatilhos, eu vi como ele tremeu apenas com a voz daquele homem.

— Eu nunca deixaria você, Ana! Estou com ódio de mim mesmo por não ter chegado a tempo — Jason rosna, passando os dedos gentilmente pelos curativos em meu rosto, e seus olhos faíscam de ódio. — Só de pensar no que aquele filho da puta iria fazer com você, tenho vontade de...

— Shhh... — Cubro sua boca com minha mão, lembrando dos seus olhos quando apontou a arma para ele. Mesmo querendo ver aquele desgraçado morto, eu não queria que Jason tivesse sujado suas mãos.

Ele nunca vai me contar, mas não sou idiota. Se ele está bem, isso significa que Matteu está morto, e mesmo não conseguindo ver Jason sendo, de fato, um assassino, sei que ele o matou.

Desço meus dedos pelo seu pescoço e pego sua mão, trazendo-a para o meu peito por cima da roupa, e ele me olha confuso.

— Eu preciso de você, aqui e agora... — sussurro. Jason se afasta, e sinto um vazio quando ele tira as mãos de mim.

— Ana, não... Você está machucada e vulnerável. Eu adoro foder com você... Mas...

Balanço minha cabeça negativamente, não deixando-o terminar.

— Eu... Eu preciso esquecê-los... Você precisa tirá-los da minha cabeça. — Meus olhos ardem novamente, e olho para o chão.

Estou cansada de chorar.

— Baby... — Jason ergue meu queixo. — Se eu entrar em você, eu não vou querer sair, eu vou querer ir até o fundo... Posso não conseguir me controlar, e não quero machucá-la.

Desvio meus olhos dele e dou um passo para trás.

*Ele está me rejeitando?*

— Está com nojo de mim?

— O quê? Porra! Claro que não! — diz alto, e me encolho ao ver a irritação e a indecisão em seu rosto. — Vá para a cama! — ele fala com raiva, e vejo-o voltar para a porta.

*Ele irá embora...*

Cabisbaixa, vou até a cama, tentando não chorar. Retiro as pantufas, e com cuidado me sento na cama, olhando para meus dedos. No entanto, um barulho de “clique” repentino me faz erguer a cabeça rapidamente.

Confusa, vejo Jason trancar a porta e colocar uma cadeira na frente. Ele caminha até as janelas e fecha as cortinas, deixando apenas a claridade da luz do quarto.

— O que você está fazendo? — pergunto, franzindo a testa.

Ele ainda mantém o olhar irritado enquanto se aproxima da cama, e minha respiração começa a acelerar. Jason para ao lado e tira a camisa, revelando seu corpo esculpido e suas bonitas tatuagens.

Sobe na cama pequena, e meu coração começa a bater mais rápido quando suas mãos deslizam por baixo da minha bata. Solto um gritinho de surpresa quando ele puxa minha calcinha, fazendo-me deitar na cama ao mesmo tempo em que joga a calcinha no chão e se posiciona em cima de mim.

— Se seu pai me matar, espero que não leve flores falsas para o meu funeral, quero flores frescas todos os dias, ou voltarei para puxar seu pé — diz, como se estivesse realmente falando sério, e antes que eu possa rir, seus lábios tocam os meus em um beijo suave.

Jason afasta minhas pernas com o joelho enquanto o beijo começa a ficar mais rápido e intenso. Sua mão percorre gentilmente meu corpo, e ele desliza minha bata até o pescoço, fazendo meus mamilos enrijecerem com o calor de seu hálito, antes de capturar um deles com os lábios.

— Hum... — Solto um gemido, entregando-me à sensação boa.

Está tão gostoso, que mal percebo quando Jason abre sua calça e roça seu pau rijo e duro contra minha entrada úmida, pronta para recebê-lo.



— Tem certeza? — Fita meus olhos, e balanço a cabeça em positivo.

Eu preciso desesperadamente dele.

— Você trouxe camisinha? — pergunto, lembrando que não havíamos usado uma ontem.

Jason ergue uma sobrancelha, com um sorriso irônico se formando nos lábios.

— A ideia de te engravidar é tão tentadora que nunca nem pensei em comprar... — Continua com o sorriso idiota, e eu arregalo meus olhos.

— Jason... — tento dizer algo, mas a ardência boa do seu pau me invadindo me faz perder o ar.

Involuntariamente, tento fechar as pernas, mas Jason sussurra rouco contra meus lábios:

— Não feche as pernas para mim, bonequinha... Eu prometo que o Junior será tão lindo quanto eu!

Engasgo com sua ameaça, abrindo mais as pernas para ele, que tenta não soltar o peso do seu corpo em cima de mim. Um movimento de vai e vem deliciosamente torturante começa, e seguro seus ombros, dando um sorriso travesso.

— E... — tento formar uma frase, e os movimentos aumentam um pouco. — E se for uma menina...

Jason para de se mexer imediatamente e me encara.

— Ok, eu prometo comprar camisinhas... Muitas! — diz com seriedade, e continuo com um sorriso no rosto.

— Eu te amo — falo, sincera, sem medo desta vez, e não me importo se ele não disser o mesmo.

— Ana...

— Tudo bem, você não precisa dizer se não quiser. — Lhe dou um sorriso triste e viro o rosto para o lado, mas sinto sua mão firme segurar minhas bochechas e virar-me novamente em sua direção.

— Tiana Walton, eu te amei desde o dia em que ameaçou arrancar minha cabeça. Eu te amei quando, mesmo em meio à chuva e com a água cobrindo meus pulmões, rezava silenciosamente para que você estivesse viva. Eu amei você quando me fez gostar novamente da chuva. Eu te amei porque você me salvou, Ana. Você me trouxe de volta à vida quando acreditou em mim no momento que mais ninguém o fez. Eu te amei porque você me ensinou a amar... — fala com a voz densa, com seus olhos apaixonados e repletos de luxúria.

Lágrimas escorrem incessantemente pelo meu rosto, e ele volta a se mover dentro de mim com cuidado, ainda tentando não me machucar.

— Promete nunca mais me deixar? — choramingo, trazendo-o para mais perto.

— Nunca mais... Nunca mais, minha bonequinha.

Os movimentos se tornam mais rápidos, e nesse momento esqueço tudo de ruim que aconteceu. Somos apenas ele e eu nesse quarto com o cheiro de remédios. Fecho os olhos e mordo os lábios quando gozo, sentindo meus músculos se contraírem deliciosamente.

Jason desvia o olhar por um momento, procurando algo, e então volta a me encarar.

— Merda! Vou ter que gozar dentro! — ruge, enquanto agarro os lençóis, sentindo-o

inchando dentro de mim. — Que boceta apertada gostosa da porra! — ele rosna quando sinto seu jato quente me preencher completamente.

Respira ofegante, tirando um fio de cabelo do meu rosto.

— Está tudo bem? — Parece preocupado ao observar-me respirar pesadamente.

Dou um sorriso apaixonado para ele e digo:

— Se for uma menina, o nome será Catarina. Se for um menino, o nome será Tomas...

Jason fica tenso, e, por um momento, me arrependo por ter pronunciado o nome do irmão dele. No entanto, logo ele relaxa o corpo e sai de cima de mim, deitando-se ao meu lado e me puxando para ele.

— Ainda acho que você não é real, Ana Walton — comenta, beijando o topo da minha cabeça.

— Eu sou real... Nós somos reais, Jason Herris...

— Eu descobri algo — Jason diz, mudando de assunto, e o encaro. — Descobri quem morava na ilha.

Pisco, curiosa, me sentando ao seu lado.

— Quem? — pergunto.

— De acordo com minhas pesquisas, o nome dele era Bruno Lost, dono de uma empresa de milhas.

— Por que alguém moraria isolado, sem ninguém, daquele jeito? — questiono.

— Ele perdeu toda a família em um acidente de carro... — Jason acaricia meu cabelo.

— Nossa, que triste... Como você conseguiu encontrar informações sobre ele?

— A foto no baú... Eu a trouxe comigo.

— E onde ele está agora?

— Morto também... As pessoas nunca mais o viram depois da morte da esposa e da filha... Bem, ele pode ter tentado voltar com o barco que provavelmente tinha, pelas coisas que havia na cabana, e pode ter morrido afogado ou algo assim, porque não encontramos o barco, e isso já faz anos...

— Uau...

— Sim, e graças a ele, amei passar a temporada de férias no lindo *resort* de barro que ele construiu. Me proporcionou dias maravilhosos. — Jason beija minha bochecha, e eu lhe dou um pequeno soco no peito.

— Idiota! — falo, rindo.

Mas, no fundo, eu sei que, por mais que tenha sido por acaso termos parado naquela ilha, gostei que tenha sido com o Herris. No começo, desejei sinceramente que ele tivesse morrido afogado, mas, agora, é se como tudo tivesse destinado a acontecer, e não me vejo mais sem ele por perto.

— Melhor eu ir, tive que entrar escondido do seu pai aqui, aquele homem deve ser meu fã — comenta, um pouco irritado.

— Ah, não, não vá... — Faço um beicinho.

— Porra, pare de fazer essa cara!

Aumento o bico, e ele me dá um selinho. Resmungo quando ele sai da cama.

— Descanse um pouco, você passou por muita coisa. Eu volto mais tarde, eu prometo, bonequinha.

— Tudo bem...

Ele beija minha testa e sai. Recosto-me na cama com um sorriso nos lábios e fecho os olhos, me sentindo feliz.

## Capítulo 44



### ALGUMAS HORAS ANTES

Caminho pelas lápides, segurando a pequena mãozinha da garotinha, que quase corre para acompanhar meus passos. Estou com pressa, pois depois que saí daquela fábrica, tudo que penso é em ver Ana. No entanto, há algo que preciso fazer primeiro.

— Já chegamos? — Luci pergunta impaciente, agarrada ao unicórnio que lhe dei, mas não respondo. Só paro quando chegamos a um túmulo bonito, repleto de flores. — É aqui?

Concordo com a cabeça, e ela solta minha mão, aproximando-se da grande lápide com formato de casinha. Desde que saí da prisão, não vim aqui, apenas paguei para mantê-lo sempre limpo.

— Oi, irmãozinho Tomas. Eu sou a Luci. E esse é o Bili. — Ela mostra o unicórnio, e sinto minha garganta ficar um pouco seca.

Luci não sabia da existência dele até esta tarde. Tomas ficaria feliz em saber que Luci agora o conhece.

— Bem, Jhai disse que agora você é um anjo e que não precisa de nada, mas o Bili pode fazer companhia a você. Você precisa dele mais do que eu. Eu tenho o Jhai, ele cuida de mim, é o melhor irmão do mundo! — fala, e meu coração se aquece ao ver a pureza da minha irmã.

Luci se ajoelha e coloca a pelúcia ali, me oferecendo um sorriso. Ela havia me perguntado sobre Carla, mas a deixei um pouco de castigo no quarto, trancada, sem água e comida, nada de mais. Eu sei que o que ela fez foi para proteger Luci, mas colocar a vida de Ana em perigo não foi certo, ela deveria ter me contado sobre as ameaças de Matteu.

Luci tagarela como se Tomas estivesse mesmo a ouvindo, e eu me afasto, deixando-a ali. Caminho em direção a dois túmulos um pouco ao lado. Pego um punhado de terra na mão e encaro as lápides.

*“Aqui jaz,  
Grace Herris.  
Esposa honrada e boa mãe, que descanse em paz.”*

Reviro os olhos para a outra lápide.

*“Aqui jaz,  
Julius Herris.  
Um bom homem, um bom pai e um fiel companheiro.”*

Dou um sorriso amargo, sem emitir som, e jogo a terra vagarosamente entre os dois

túmulos.

— Espero que os dois estejam queimando nas profundezas do Inferno.

Gotas de chuva começam a cair em meu ombro, e olho para cima, abrindo minha mão e olhando para o céu, desta vez com um sorriso.

— Luci! — chamo minha irmã, que vem correndo até mim. — Você já tomou banho de chuva...

Ela dá um sorriso radiante quando seguro sua mão e a levo para o grande jardim, sentindo a chuva engrossar sobre nossas cabeças.

# Epílogo



## TRÊS MESES DEPOIS

### Gainesville, Flórida

Estamos parados na porta da casa dos pais de Ana e ajeito minha gravata.

— Como estou? — pergunto, olhando para Ana, que usa um lindo vestido vermelho, com os cabelos soltos e os cachos bem definidos, exatamente como gosto. As cicatrizes em seu rosto estão quase cicatrizadas, e encontram-se cobertas por uma fina camada de base.

Ela se aproxima com um sorriso adorável, ajustando minha gravata, e minha ansiedade diminui um pouco apenas com seu toque.

— Está ótimo — ela responde com a voz suave. — Não está, Luci?

Ela se vira para Luci, que ainda está sorridente e em êxtase por ter andado de avião pela primeira vez.

— Está lindo, Jhai!

— Eu sei... Só perguntei para ouvir o quanto eu sou realmente lindo! — digo, e Ana me dá uma cotovelada.

Agora, viro-me para ela rapidamente e ajeito seus óculos.

— Está pronto? — indaga.

— Vamos nessa!

— Relaxa, não é como se você fosse anunciar que será pai! — Ela dá um sorriso e aperta a campainha.

— Eu preferiria isso.

Outra cotovelada.

— Jason! — Ana me repreende. Ela havia feito um teste mês passado, e deu negativo. Uma parte de mim ficou chateada com isso.

— Vou ter um sobrinho? — Luci entra na conversa.

Eu estou prestes a dizer que em breve, mas Ana se inclina até ela e fala antes de mim:

— Claro que sim, princesa... Daqui a uns cinco anos!

*Tudo isso?*

— O quê? Porra nenhuma! — falo quando a porta se abre, e damos um passo para trás, vendo uma linda mulher negra, com um sorriso radiante, na porta.

— Que bom que chegaram! — Ela abraça Ana e Luci, e logo sinto o calor do seu corpo

me abraçando também, o que ainda é estranho.

— Olá, sra. Walton. — Entrego o vinho que trouxe para ela.

— Você deveria ter trazido um com mais álcool — ela diz com um sorriso bonito.

Não pude reparar melhor nela quando a vi pela primeira vez no terraço, quando voltamos da ilha, pois estava atordoado por Luci estar ali, mas agora entendo de onde Ana puxou tanta beleza. Lilly parece jovem, uma irmã mais velha de Ana.

— O quê? Como assim? — Abre mais a porta, e entramos. Meu corpo fica tenso por um momento com a cena que encontro.

Não só Calebe está ali, sentado em uma poltrona no interior da sala, mas também Leonel e Caion, que tem uma criança em seu colo, que presumo ser o filho dele. O irmão mais novo de Ana me olha com desdém, e até mesmo um menino negro, que eu sequer havia conhecido até agora, está na sala.

*Ai, caralho!*

Engulo em seco, e Ana bate no meu ombro, dizendo antes de seguir a mãe dela, segurando a mão de Luci:

— Boa sorte, você irá precisar!

— Espera aí, combinamos que você iria comigo... — Ela nem sequer se vira, e vejo suas irmãs na porta da cozinha, rindo. — Ana... Ana, porra! Vem cá!

— Herris. — A voz de Calebe me faz respirar fundo, então coloco as mãos nos bolsos e caminho até lá, sentindo o olhar de todos sobre mim, como se eu fosse uma nova variante de câncer. — Ana disse que queria falar comigo. — Vejo o homem emanar superioridade, e isso me irrita.

— Você consegue, eu e o Nandinho estamos torcendo por você — Caion diz, segurando a mão do menino, que sorri.

Calebe cruza as pernas e acende um cigarro. Olho para Leonel, que acena com a cabeça, me encorajando. Viro o rosto para a porta da cozinha, e Ana reprime um sorriso.

Filha da mãe! Por mim não teria que fazer essa porra, mas ela disse que só aceitaria se eu fizesse à moda antiga! Ah, ela vai me pagar por isso mais tarde! Darei uma surra na cara dela com meu pau.

Reúno coragem e falo de uma vez:

— Eu quero sua bênção.

Calebe se inclina para a frente.

— Para o quê, exatamente?

Ah, que desgraçado!

— Eu quero a Ana! — respondo, encarando-o desafiadoramente.

— Porra! — Caion coloca o filho ao lado e cruza as pernas. — Laysa, amor, traz a pipoca!

Calebe finge não ouvir o primo e continua me fitando.

— Simples assim? “Eu quero a Ana”?

— Eu deveria falar o quê, senhor Walton? — pergunto, e ele fica de pé em minha frente.

— Eu não sei... Me diga você, Herris.

— Eu já falei... Quero sua filha! — digo, dando um passo para igualar-me a ele, percebendo que somos quase do mesmo tamanho. — Achei que o problema de audição só chegasse na velhice, mas veja só... me enganei.

Calebe avança, e suas duas mãos seguram minha gola.

— E se eu disser que não? — rosna em meu rosto.

— Calebe, solte ele! — A voz da mulher dele se faz, e, milagrosamente, seu rosto suaviza, com o homem me soltando.

— Qual é o seu problema comigo? — Fixo meus olhos nele.

— Tudo, eu não gosto de você!

— Quem tem que gostar de mim não é você, caralho! — quase grito.

— Papai... — A voz de Ana soa quando ela se aproxima, e ergo uma mão para acalmá-la.

— Responda, Herris! E se eu disser que não darei a minha bênção? — Calebe insiste.

Levanto uma sobrançelha e dou um pequeno sorriso, me afastando e mantendo uma distância segura dele. Olho para Ana, que parece tensa.

— Eu vou namorar com ela do mesmo jeito... E, futuramente, vou fazê-la minha mulher e mãe dos meus filhos, quer você queira ou não! É com ela que quero passar todos os dias da minha vida e... não será o seu “não” que fará eu deixar de amá-la... Quer você queira ou não, essa garota será minha!

Ana sorri lindamente, e inspiro, ofegante, esperando um tiro na minha testa.

— Que filho da puta desgraçado... Eu sou seu maior fã! — Caion diz, levantando-se e batendo palmas sozinho.

Viro-me para Calebe, que me olha intensamente, e continuo:

— Eu sei que ela é sua filha e que você a ama. Eu não tenho uma ficha das melhores, mas se um dia eu magoá-la, você terá livre acesso para vender meus órgãos.

Alguém reprime uma risada, e vejo a senhora Walton chegar por trás dele, sussurrando algo em seu ouvido. Seu rosto se ilumina e ele vem até mim. Mantenho-me firme quando Calebe fica à minha frente, ainda sério. Parece que eu realmente morri, pois ele estende a mão para mim, e por um momento apenas encaro o gesto. Um tempo depois, mesmo receoso, a aperto.

— Bem-vindo à família Walton, Jason... Espero que faça minha filha feliz. — Ele me puxa para um abraço forte e sussurra para que só eu ouça: — Se eu sequer sonhar que você a machucou, eu arranco seu pau com as minhas próprias mãos, cozinho ele e faço você comê-lo enquanto corto sua cabeça.

Ok, isso foi bizarro... *Bizarro até pra mim.*

— Claro, meu querido sogrinho. — Pisco para ele, sabendo que ele odeia quando o chamo assim.

Ele se afasta, forçando um sorriso falso enquanto ainda segura minha mão. Eu faço o mesmo, e ficamos balançando as mãos por um momento, até ele apertar a minha com mais força. Tento puxar minha mão dele, mas o idiota não me larga.



— Ok... Obrigada, papai... — Ana segura o braço do pai dela e o meu, e, com dificuldade, nos separa. Discretamente, balanço minha mão, sentindo-a dolorida. — Vamos, Jason...

Ana me puxa e sinto o olhar ameaçador do pai dela me seguir até eu sumir.

— Depois dessa, se você não deixar eu comer seu rabo, terei que me jogar em frente ao um carro — sussurro em seu ouvido, vendo-a ficar vermelha.

Chegamos ao seu quarto, e ela tranca a porta rapidamente.

— Agora, somos oficialmente namorados! — Ana fala com um lindo sorriso, e eu agarro sua cintura, a puxando para perto de mim.

— Sim, e o namorado aqui merece um rabo gostoso da namorada... — Mordisco seu lábio inferior, mas ela empurra meu peito e se afasta. — Qual é?! Não temos que comemorar?

— Não vou te dar isso, Jason!

Olho para ela, revoltado.

— Ah, mas você vai! Você não me fez quase ser fuzilado por cinco caras e meio para me negar o que é meu!

— Você quer o que é seu, meu amor? — Ana tira os sapatos e sobe na cama.

Umedecendo meus lábios, desfaço a porra da gravata e começo a desabotoar a camisa.

— E como eu quero...

— Então venha pegar!

Avanço, mas Ana sai da cama e corre pelo quarto como daquela vez em que fugiu de mim no lago na ilha. Sem demora, corro atrás dela, e quando ela sobe na cama outra vez e tenta pular para descer, a alcanço, segurando-a pelo braço e jogando-a com força de volta na cama.

Ana sorri lindamente enquanto prendo suas mãos acima de sua cabeça.

— Parece que te peguei, bonequinha, como sempre! — Minha voz sai grave.

— E o que fará comigo? — Sua voz está rouca, e ela morde os lábios, fazendo meu pau latejar dentro da calça.

— Tudo o que eu quiser — falo, selando nossos lábios com urgência. — Eu amo você, namorada — sussurro entre seus lábios.

— Eu também amo você, namorado — diz, voltando a me beijar.

Meu coração nunca esteve tão feliz. Ana será uma excelente advogada, e eu serei um arquiteto de sucesso. Seremos uma boa dupla. O sexo com ela é maravilhoso, Ana é incrível e nunca me cansarei dela.

*Nunca.*

Mesmo depois de tudo que passamos, ainda acho que Ana não pode ser real. Como uma garota como ela pode ter se rendido a um assassino?

Bem, eu não sei...

Talvez ela seja mesmo louca.

Mas é uma louca rendida apenas a mim.

E eu gosto, porque também sou um louco *rendido* a ela.

**Fim!**

## Agradecimentos

O que falar desse livro? Foi uma avalanche de sensações escrevê-lo, e confesso que o jovem Jason me cativou de uma maneira única. E a Ana... Que mulher maravilhosa!

Obrigada ao meu esposo por me apoiar e me incentivar.

Obrigada a você, caro leitor, por ler *Renda-se Ao Killer Boy*.

*Beijos!*

---

[1] Que atinge nossos olhos  
Caramba, caramba, como é linda  
Oh, minha linda mãe  
Ela me disse: Filho, você irá longe na vida  
Se fizer isso certo, vai amar qualquer lugar que for  
Apenas saiba, onde quer que você vá  
Você pode sempre voltar para casa  
240 mil milhas da Lua  
Percorremos um longo caminho para pertencer a esse lugar  
Para partilhar esta vista da noite  
Uma noite gloriosa  
Além do horizonte há outro céu brilhante  
Caramba, caramba, como é lindo  
Oh, meu pai irrefutável  
Ele me disse: Filho, às vezes, pode parecer escuro  
Mas a ausência da luz é uma parte necessária  
Apenas saiba, que você nunca está sozinho  
Você sempre pode voltar para casa  
Oh, oh, oh, oh  
Oh, oh, oh, oh  
Você pode sempre voltar, voltar.

[2] Localizada na baía de São Francisco, Alcatraz foi uma ilha solitária durante milhares de anos, até ser transformada em um forte. Durante a Guerra Civil, foram instalados mais de 100 canhões e 400 soldados, e assim a ilha passou a fazer parte do plano de defesa dos Estados Unidos.

[3] Único romance escrito por Emily Brontë, *O morro dos ventos uivantes* é uma obra-prima da literatura, um livro sobre transgressões, desejos impossíveis e perda da inocência.

[4] Como você encontrou meu número? Não, não precisa responder, tem até gente que limpa seu rabo, não é? Encontrar meu número deve ter sido fácil.

[5] Eu estou longe, não estou? Mas saiba que é só questão de tempo para eu poder voltar.

[6] Eu vou conseguir tirá-lo de você!

[7] Cala a boca! Ele também é meu filho!

[8] Não volte a me ligar, se não for para me falar dele! Adeus.

[9] *West coast*, canção de Lana Del Rey.

[10] É uma ilha fictícia!

[11] Essas ervas são de origem brasileira, mas foi utilizada a licença poética para colocar que existem nos EUA.

[12] Squirt, traduzido como esguicho, também conhecido como ejaculação feminina, é um fenômeno em que algumas mulheres liberam um líquido durante o orgasmo que pode ser confundido com a urina.

[13] Quando a noite chegar

E a terra estiver escura

E a Lua for a única luz que veremos

Não, eu não terei medo

Oh, eu não terei medo

Contanto que você fique, fique ao meu lado.

[14] Pequenino.

[15] 44º presidente dos Estados Unidos (ex-presidente).

[16] MIB – Homens de Preto (filme).

[17] Me sentindo usada

Mas eu ainda sinto sua falta

E eu não consigo

Ver o final disto

Só quero sentir seu beijo

Nos meus lábios

E agora todo esse tempo

Está passando

Mas eu não consigo dizer-lhe por que

Dói toda vez que eu te vejo

Percebo o quanto eu preciso de você.

[18] Eu te odeio, eu te amo

Eu odeio te amar

Não queria, mas não consigo colocar

Mais ninguém no seu lugar.

[19] “Eu te odeio, eu te amo”.